



**HUGH  
LAURIE**

**O VENDEDOR  
DE ARMAS**

2ª edição

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

O Vendedor de Armas

Hugh Laurie

# O Vendedor de Armas

Tradução  
Cassius Medauar

 Planeta

Copyright © Hugh Laurie, 1996

Título original: *The gun seller*

Revisão: Marta Almeida de Sá

Capa: Departamento de Arte da Editora Planeta

Conversão em epub: {kolekto}

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Laurie, Hugh

O vendedor de armas / Hugh Laurie ; tradução  
Cassius Medauar. – São Paulo : Editora Planeta  
do Brasil, 2014.

Título original: *The gun seller*.

ISBN 978-85-422-0357-8.

Ficção inglesa I. Título.

09-12122

CDD-823

2014

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Avenida Francisco Matarazzo, 1500 – 3º andar – conj. 32B

Edifício New York

05001-100 – São Paulo-SP

[www.editoraplaneta.com.br](http://www.editoraplaneta.com.br)

[atendimento@editoraplaneta.com.br](mailto:atendimento@editoraplaneta.com.br)

# Sumário

## Introdução

### PARTE I

um

dois

três

quatro

cinco

seis

sete

oito

nove

dez

onze

doze

treze

catorze

quinze

dezesseis

### PARTE II

dezessete

dezoito

dezenove

vinte

vinte e um

vinte e dois

vinte e três

vinte e quatro

vinte e cinco

vinte e seis

*Para o meu pai*

Estou em débito com o escritor e ator Stephen Fry por seus comentários; com Kim Harris e Sarah Williams pelo incrível bom gosto e pela inteligência delas; com meu agente literário, Anthony Goff, por seu incansável apoio e encorajamento; com minha agente teatral, Lorraine Hamilton, por não se importar de eu também ter um agente literário; e com minha mulher Jo, por coisas que encheriam um livro maior do que este.

# P A R T E I

um

*Vi um homem esta manhã  
Que não queria morrer;*  
P. S. STEWART

**Imagine** que você precisa quebrar o braço de alguém.

Não interessa se é o direito ou o esquerdo. O ponto é que você precisa quebrá-lo, porque se não o fizer... bom, isso não importa também. Vamos dizer que coisas ruins vão acontecer se você não fizer isso.

O que quero perguntar é o seguinte: você quebraria o braço da pessoa rapidinho – tipo crack, oops, desculpe, deixa eu ajudar você com esta tala improvisada – ou prefere fazer aquele serviço completo que dura uns bons oito minutos, aumentando a pressão aos poucos, até que a dor fique rosa e verde e quente e fria e tudo isso junto, o que a torna dolorosamente insuportável?

Exatamente. É claro. O certo a fazer, a *única* coisa a se fazer, é resolver a coisa logo, o mais rápido possível. Quebre o braço, ofereça um conhaque e seja um bom cidadão. Não pode haver qualquer outra resposta.

A menos que.

A menos que, a menos que, a menos que...

E se você odiasse a pessoa do braço? Quero dizer, se odiasse muito, mas *muito* mesmo.

Isso era algo que eu tinha que considerar agora.

Quando digo agora, quero dizer naquela hora, naquele momento em que eu estava querendo descrever; o momento em câmera lenta, ah, maldita câmera lenta, antes de o meu punho alcançar a parte de trás do meu pescoço e meu úmero esquerdo se quebrar em pelo menos dois, ou muito possivelmente mais, pedaços moloides presos um ao outro.

O BRAÇO DO qual estávamos falando, como pode ver, era o meu. Não é um braço abstrato, filosófico. O osso, a pele, os pelos, a pequena cicatriz branca

no cotovelo, obtida da quina de um armário na Escola Primária de Gates-hill – tudo isso pertence a mim. E agora é o momento no qual devo considerar a possibilidade de que o homem atrás de mim, prendendo meu braço e o levantando pelas minhas costas com um cuidado quase sexual, me odeia. Quero dizer, me odeia muito, *muito* mesmo.

Ele está fazendo isso há uma eternidade.

O SOBRENOME DELE era Rayner. Primeiro nome, desconhecido. Por mim, na verdade, e por causa disso, presumivelmente, pra você também.

Imagino que alguém, em algum lugar, sabia o primeiro nome dele – deve tê-lo batizado com esse nome, chamado ele para o café da manhã, ensinado como soletrá-lo – e alguém deve tê-lo gritado do outro lado do bar oferecendo uma bebida, ou murmurado durante o sexo, ou escrito no campo de um formulário de seguro de vida. Sei que devem ter feito todas essas coisas. É apenas difícil imaginar, só isso.

Estimo que Rayner era uns dez anos mais velho do que eu. E tudo bem. Nada errado com isso. Tenho relações ótimas e sem braços quebrados com várias pessoas que têm dez anos a mais do que eu. Em geral, pessoas dez anos mais velhas do que eu são admiráveis. Mas Rayner também era uns oito centímetros mais alto do que eu, 30 quilos mais pesado e pelo menos uns oito qualquer -que -seja -a -medida -para -a -violência mais violento. Ele era mais feio do que não sei o quê, com uma cabeça enorme e careca; seu nariz, amassado de lutador, parecia ter sido desenhado na cara dele por alguém usando a mão esquerda, ou talvez até mesmo o pé esquerdo, saía do rosto em um sinuoso e assimétrico triângulo abaixo de sua testa áspera e grossa.

Aliás, benza Deus, que testa! Tijolos, facas, garrafas e argumentos que faziam sentido, cada um a seu tempo, bateram e voltaram naquela massiva superfície frontal, deixando apenas pequenas marcas entre seus poros profundos e espaçadamente gigantes. Acho que eram os poros mais profundos e espaçados que já vi em uma pele humana, por isso me vi pensando no conselho do verde de Dalbeattie, no fim do longo e seco verão de 1976.

Mudando agora para a parte lateral, descobrimos que as orelhas de Rayner foram, há muito tempo, arrancadas com mordidas e depois colocadas de volta, porque a esquerda só podia estar de cabeça para baixo,

ou talvez do avesso, ou algo que fizesse você olhar para ela um longo tempo até pensar “ah, é uma orelha”.

E além de tudo isso, se você ainda não entendeu, Rayner usava uma jaqueta de couro preta por cima de uma camiseta preta de gola alta, tipo cacharel.

Mas é claro que você tinha entendido. Rayner podia ter se enrolado em seda brilhante, colocado uma orquídea atrás de cada orelha e, ainda assim, pedestres nervosos dariam dinheiro primeiro e depois iam pensar se deviam algo a ele ou não.

Com tudo que aconteceu, eu não devia dinheiro a ele. Rayner pertencia àquele seletto grupo de pessoas às quais eu não devia nada, e se as coisas tivessem ido um pouco melhor entre nós, eu teria sugerido que seus colegas tivessem um cumprimento especial, que representasse uma sociedade. Um tema dos caminhos que se cruzavam, talvez.

Mas, como disse antes, as coisas não iam bem entre nós dois.

UM INSTRUTOR DE combate de um braço só, chamado Cliff (sim, eu sei, ele ensinava combate sem armas e só tinha um braço – muito raramente a vida é assim mesmo), me disse uma vez que a dor é algo que você inflige a você mesmo. Outras pessoas fazem coisas com você – batem, esfaqueiam ou tentam quebrar seu braço –, mas quem produz a dor é você. Portanto, dizia Cliff que tinha passado duas semanas no Japão e que por isso se sentia no direito de descarregar esse tipo de merda em seus alunos – está sempre em seu poder parar a sua própria dor. Cliff foi morto em uma briga de *pub* três meses depois por uma viúva de 55 anos, por isso não terei a chance de dizer a ele que isso não era verdade.

A dor é um evento. Ela acontece com você, e você lida com ela da melhor maneira possível.

A ÚNICA COISA a meu favor era que, até agora, eu não tinha emitido nenhum som.

E quero que entenda que não tinha nada a ver com bravura, eu simplesmente não tinha tido a oportunidade. Até esse momento, Rayner e eu tínhamos nos debatido em paredes e mobílias em um másculo e suado silêncio, com um ou outro grunhido para mostrar que ambos ainda estávamos concentrados. Mas agora, apenas alguns segundos antes de eu

desmaiar ou do meu osso ceder e se quebrar, era o momento ideal para introduzir um novo elemento. E um som foi tudo o que consegui pensar.

Então, respirei fundo pelo nariz, me endireitei para ficar o mais perto possível do rosto dele, segurei a respiração por um momento e soltei o que os japoneses lutadores de artes marciais chamam de *kiai* – você provavelmente chamaria de barulho muito alto, e isso seria uma boa descrição – um grito tão cegante, chocante e de uma intensidade do tipo que -porra -de -barulho -alto -foi -esse que eu mesmo fiquei assustado com ele.

Em Rayner, o efeito foi o que eu esperava, porque ele involuntariamente foi um pouco para o lado, soltando aos poucos o meu braço por um vigésimo de segundo. Joguei minha cabeça para trás o mais rápido que pude para acertar a cara dele, sentindo a cartilagem de seu nariz se ajustando ao contorno do meu crânio e um líquido sedoso se espalhando pela minha cabeça, então levantei meu calcanhar e bati no saco dele, arranhando a parte interna de suas coxas antes de alcançar sua impressionante genitália. Quando o vigésimo de segundo acabou, Rayner não estava mais tentando quebrar meu braço, e percebi de repente que eu estava encharcado de suor.

Saí de perto dele dançando na ponta dos pés como um velho cão São Bernardo, procurando por alguma arma.

O local desse campeonato de luta -livre de amadores que teve um *round* de quinze minutos era uma sala de estar pequena e deselegantemente decorada no bairro de Belgravia. O decorador tinha feito um trabalho perfeitamente horrível, como todos os decoradores de interiores em geral fazem, todas às vezes, sem exceções – mas, bem naquela hora, o gosto dele ou dela por *objetos* portáteis e pesados coincidiu com o meu. Escolhi um Buda de 40 centímetros que estava na lareira e o peguei com meu braço bom, descobrindo que as orelhas do gordinho eram perfeitas para uma boa pegada da minha única mão que funcionava bem.

Rayner estava agora ajoelhado e vomitando em um tapete chinês, o que melhorava a falta de cor dele. Escolhi uma boa posição, me preparei e o acertei com tudo, batendo a parte de baixo do Buda logo atrás da orelha esquerda dele. Ouve um barulho surdo e seco, daqueles que apenas a pele humana faz ao ser atacada, e então ele rolou para o lado.

Não me preocupei em ver se ele ainda estava vivo. Insensível? Talvez, mas a vida é assim.

Limpei um pouco do suor do rosto e fui até o corredor. Tentei ouvir algo, mas, se havia algum som vindo da casa ou da rua, eu nunca teria ouvido, porque meu coração batia como uma britadeira. Ou talvez tivesse mesmo uma britadeira lá fora. Eu estava preocupado demais em respirar grandes quantidades de ar para notar qualquer coisa.

Abri a porta da frente e logo senti uma garoa fria no rosto. Ela se misturou com o suor, se diluindo, diluindo a dor no meu braço, diluindo tudo, por isso fechei os olhos e a deixei cair. Foi uma das melhores coisas que já experimentei. Você pode dizer que a vida que eu levo deve ser bem pobre. Perceba, então, que o contexto é tudo na vida.

Fechei a porta, saí para a calçada e acendi um cigarro. Gradualmente e meio irritado, meu coração foi entrando em seu ritmo normal, e minha respiração o seguiu a distância. A dor em meu braço era terrível, e eu sabia que me acompanharia por dias, ou talvez semanas, mas pelo menos não era no braço da minha mão de fumar.

Voltei para dentro da casa e vi que Rayner estava exatamente onde eu o havia deixado, deitado em uma poça de vômito. Ou ele estava morto, ou seriamente ferido, o que significava no mínimo cinco anos de prisão em qualquer dos casos. Dez, com o tempo sendo aumentado por mau comportamento. E isso, do meu ponto de vista, era muito mau.

Eu já estive na prisão, entende? Apenas três semanas, e era só uma prisão preventiva, mas quando você precisa jogar xadrez duas vezes por dia com um torcedor monossilábico do West Ham que tem a palavra ÓDIO tatuada em uma mão e ÓDIO tatuada na outra também – usando um jogo sem seis peões, as torres e dois bispos –, você começa a agradecer pelas pequenas coisas da vida. Como não estar na prisão.

Estava eu contemplando esse e outros assuntos relacionados e começando a pensar em todos os países tropicais que eu ainda não conhecia quando percebi que um barulho – algo leve, meio rangendo e arranhando – definitivamente não vinha do meu coração batendo. Nem dos meus pulmões ou de qualquer parte do meu corpo, ele vinha de fora, com certeza.

Alguém, ou algo, tentava com muita vontade, mas sem sucesso, descer as escadas em silêncio.

Deixei o Buda onde estava e peguei um acendedor de lareira de alabastro horroroso, seguindo em direção à porta, que por sinal também era horrorosa. “Como alguém pode fazer uma porta horrorosa?”, você poderia perguntar. Bem, dá um certo trabalho, claro, mas pode acreditar no que digo, os decoradores de interiores conseguem fazer algo assim antes de tomar café da manhã.

Tentei segurar a respiração, mas não consegui, então esperei, fazendo um pequeno barulho. Um interruptor acendeu uma luz em algum lugar, e logo depois apagou. Uma porta se abriu, houve uma pausa, nada ali também, e a porta foi fechada. Fique parado. Pense. Tente a sala de estar.

Houve um farfalhar de roupa, um passo leve e então eu estava relaxando o aperto da minha mão em torno do grande isqueiro de alabastro e me recostando na parede com algo parecido com um alívio. Mesmo em meu estado de pavor e dor, tinha certeza absoluta de que o Fleur de Fleurs da Nina Ricci não era o perfume de um lutador.

Ela parou no batente da porta e olhou em volta. A luz estava apagada, mas as cortinas estavam bem abertas e havia muita luz entrando pela janela.

Esperei até o olhar dela recair sobre Rayner, e então tapei a boca dela com minha mão.

PASSAMOS POR TODAS aquelas fases ditadas por Hollywood e pela sociedade. Ela tentou gritar e mordeu a palma da minha mão, e eu falei que só a machucaria se ela gritasse, por isso era melhor que ficasse quieta. Ela gritou e eu a machuquei. Os movimentos básicos de sempre, como falei.

Depois disso tudo, ela estava sentada no horroroso sofá com meio copo do que achei ser conhaque, mas que na verdade era Calvados, enquanto eu ficava em pé ao lado da porta usando minha melhor e mais esperta expressão “Não sou louco, mas sim, muito inteligente”.

Rolei o Rayner de lado para uma posição de recuperação, impedindo que ele engasgasse com o próprio vômito. Ou com o vômito de alguma outra pessoa, se por acaso caísse sobre ele. Ela queria ajudá-lo a se levantar, ver se ele estava bem – e pegar travesseiros, roupas, primeiros socorros, tudo aquilo que faz a pessoa que está de fora se sentir melhor – mas

mandei que ficasse onde estava porque já tinha chamado a ambulância, e o melhor era não mexer nele.

Ela tinha começado a tremer um pouquinho. Começou com as mãos, enquanto apertavam o copo, depois subiu até os cotovelos e depois para os ombros, e ficava pior a cada vez que ela olhava para o Rayner. Claro que tremer provavelmente é uma reação bem normal para quem descobre um homem morto e vômito em seu carpete no meio da noite, mas eu não queria que ficasse pior. Enquanto acendia um cigarro no isqueiro de alabastro – e, sim, até a chama era horrorosa –, tentei conseguir o máximo de informações possível antes de o Calvados bater e ela começar a fazer perguntas.

Eu podia ver o rosto dela em três lugares daquela sala: primeiro em um porta-retratos de metal em cima da lareira, usando um ray-ban e pendurada em um daqueles teleféricos de esqui. O outro era em uma grande e horrível pintura a óleo, feita por alguém que não devia gostar tanto assim dela, pendurada perto da janela, e por último, e com certeza o melhor deles, no sofá à minha frente.

Ela não devia ter mais do que 19 anos, e tinha ombros quadrados e um longo cabelo marrom que ondulava e se animava enquanto desaparecia por trás de seu pescoço. As bochechas altas e arredondadas diziam que ela era oriental, mas essa impressão desaparecia assim que você via seus olhos, também redondos, grandes e cinzentos. Se é que isso faz sentido. Ela usava um robe de seda vermelha e um chinelo elegante com um filete dourado na parte dos dedos. Olhei à minha volta e não achei o outro chinelo, talvez ela só tivesse dinheiro para um.

Ela limpou a garganta.

“Quem é ele?”, ela perguntou.

Acho que eu sabia que ela era americana antes que abrisse a boca. Era saudável demais para ser qualquer outra coisa. E como eles conseguem ter dentes assim?

“O nome dele era Rayner”, respondi e percebi que era uma resposta muito fraca, então pensei em acrescentar algo. “Ele era um homem muito perigoso.”

“Perigoso?”

Ela pareceu preocupada com aquilo, e com toda razão. Deve ter passado pela mente dela, ao mesmo tempo em que na minha, que se Rayner era perigoso e eu tinha matado ele, então, hierarquicamente falando, eu era ainda mais perigoso.

“Perigoso”, repeti e a encarei enquanto ela desviava o olhar. Ela parecia estar tremendo menos, o que era bom. Ou talvez os tremores dela tenham ficado sincronizados com os meus, fazendo com que eu percebesse menos.

“Bem, e o que ele estava fazendo aqui?”, finalmente perguntou. “O que ele queria?”

“É difícil dizer.” Bem difícil para mim, na verdade. “Talvez ele quisesse dinheiro, ou a prataria...”

“Quer dizer que... ele não te falou?” A voz dela ficou alta de repente. “Você acertou este cara sem saber quem ele era ou o que fazia aqui?”

Apesar do choque, o cérebro dela parecia estar funcionando muito bem.

“Eu o acertei porque ele estava tentando me matar”, respondi. “Eu sou assim.”

Tentei dar um sorriso malicioso, mas vi meu reflexo no espelho acima da lareira e percebi que não tinha funcionado.

“Você é assim”, ela repetiu, demonstrando não gostar de mim. “E quem é você?”

E agora? Eu precisava tomar cuidado ao andar sobre esse gelo tão fino. As coisas poderiam ficar muito piores do que já eram, rapidamente.

Tentei fazer cara de surpreso e até um pouco magoado.

“Está dizendo que não me reconheceu?”

“Não.”

“Ah. Estranho. Fincham. James Fincham.” E estiquei minha mão. Ela não esticou a dela, por isso transformei o movimento em uma desinteressante pincelada no ar.

“É um nome”, ela falou. “Mas não diz quem é você.”

“Sou amigo do seu pai.”

Ela pensou nisso por um instante.

“Amigo do trabalho?”

“Mais ou menos isso.”

“Mais ou menos”, ela repetiu. “Você é James Fincham, é mais ou menos amigo do meu pai e acabou de matar um homem em nossa casa.”

Coloquei minha cabeça de lado e tentei mostrar que o sim, às vezes, é apenas uma palavra bem idiota.

Ela mostrou os dentes de novo.

“E isso é tudo? Esse é o seu CV?”

Reprisei meu sorriso malicioso, mas não funcionou de novo.

“Espere aí”, disse ela.

Então olhou de novo pro Rayner, depois se sentou mais ereta, como se um pensamento tivesse acertado ela.

“Você não ligou pra ninguém, né?”

Pensando bem, considerando as coisas agora, ela devia ter uns 24 anos.

“Quer dizer...” – eu estava com problemas agora.

“Quero dizer...”, ela falou, “não tem nenhuma ambulância vindo pra cá, Jesus Cristo?”

Ela colocou o copo no tapete ao lado de seus pés, ficou em pé e foi até o telefone.

“Olha”, falei, “antes de fazer algo estúpido...”

Comecei a me mover em direção a ela, mas o jeito que girou me fez perceber que ficar parado provavelmente era o melhor plano. Eu não queria ficar tirando pedacinhos do telefone da minha cara nas próximas semanas.

“Fique onde está, senhor James Fincham”, sibilou para mim. “Não tem nada de estúpido nisto. Vou chamar uma ambulância e depois vou chamar a polícia. Esse é um procedimento aprovado internacionalmente. Os homens vêm com suas armas e levam você embora. Nada de estúpido mesmo.”

“Olha”, eu disse, “não fui totalmente sincero com você.”

Ela se virou para mim e estreitou seus olhos. Se é que você entende o que quero dizer com isso. Estreitou horizontalmente, não verticalmente. Imagino que eu poderia dizer que ela encurtou seus olhos, mas ninguém diz isso.

Ela estreitou os olhos.

“Mas que diabos você quer dizer com ‘não fui totalmente sincero’? Você só me disse duas coisas. Está dizendo que uma delas é mentira?”

Ela tinha me levado para as cordas, não havia dúvida. Eu estava com problemas. Mas, de outro lado, ela só tinha discado o primeiro número.

“Meu nome é Fincham”, respondi, “e conheço mesmo seu pai.”

“Ah, tá, e que marca de cigarro ele fuma?”

“Dunhill.”

“Ele nunca fumou um cigarro na vida.”

Era possível que ela tivesse quase 30 anos. Ou talvez tivesse 30. Respirei fundo enquanto ela discava o segundo número.

“Tá bom, não conheço ele, mas estou tentando ajudar.”

“Claro. Você veio consertar o chuveiro.”

Talvez 39. Hora de usar o ás na manga.

“Alguém quer matar o seu pai”, falei.

Houve um click leve e pude ouvir alguém, em algum lugar, perguntando o que queríamos. Ela se virou bem devagar para mim, segurando o telefone bem longe da boca.

“O que você disse?”

“Alguém está tentando matar o seu pai”, repeti. “Não sei quem e não sei por quê. Mas estou tentando detê-los. É isso que sou e é isso que estou fazendo aqui.”

Ela olhou para mim longa e duramente. Um relógio fazia seu tique-taque de algum lugar, horrorosamente.

“Este homem”, apontei para Rayner, “tinha algo a ver com isso.”

Pude perceber que ela achou aquilo meio injusto, afinal, o Rayner não estava em posição de me contradizer, por isso suavizei meu tom e olhei em volta ansioso, como se estivesse tão mistificado e assustado quanto ela.

“Não posso dizer se ele veio aqui para matar ou não”, falei, “pois não tivemos muita chance de conversar. Mas é uma possibilidade.” Ela continuou olhando para mim. A telefonista continuava falando “alô” e provavelmente tentando rastrear a chamada.

Ela esperou. Pelo quê eu não sei.

“Ambulância”, ela disse finalmente, ainda olhando para mim, e depois se virou um pouco e passou o endereço. Ela concordou com a cabeça e depois, bem devagar, colocou o fone no gancho e se virou para mim. Foi uma daquelas pausas que você sabe que será longa assim que ela começa, por isso peguei outro cigarro e ofereci o maço a ela.

Ela veio em minha direção, mas depois parou. Ela era mais baixa do que parecia do outro lado da sala. Sorri, e ela pegou um cigarro do maço, mas

não acendeu. Apenas ficou brincando com ele e apontou um par de olhos cinzentos em minha direção.

Eu disse *um* par, mas quis dizer o par dela. Ela não pegou um outro par de olhos em uma gaveta e apontou para mim. Ela apontou seus grandes, pálidos, cinzentos e enormes olhos para mim. O tipo de olhos que pode fazer um homem barbado falar coisas sem sentido. Concentração, homem, pelo amor de Deus.

“Você é um mentiroso”, ela falou.

Não estava brava. Nem assustada. Apenas com aquele jeito de que sabia que eu era um mentiroso.

“Bem, sou sim”, falei, “em geral eu sou mesmo. Mas neste momento, em particular, estou mesmo falando a verdade.”

Ela continuou me encarando, do jeito que eu faço às vezes quando termino de me barbear, mas ela não parecia conseguir mais respostas do que eu. Então ela piscou uma vez, e essa piscada pareceu mudar as coisas de alguma forma. Algo saiu, ou um botão foi desligado, ou no mínimo foi diminuído. Comecei a relaxar.

“Por que alguém iria querer matar o meu pai?”

A voz dela era mais calma agora.

“Sinceramente, eu não sei”, respondi. “Acabei de descobrir que ele não fuma.”

Ela continuou como se nem tivesse me ouvido.

“Me diga uma coisa, senhor Fincham”, ela começou, “como se meteu neste assunto?”

Este era o problema! O grande problema. Ao quadrado.

“Porque ofereceram o serviço para mim primeiro”, falei.

Ela parou de respirar. Quero dizer, de verdade, ela parou mesmo de respirar. E não parecia que tinha planos de recomeçar num futuro próximo.

Continuei, o mais calmo que consegui.

“Alguém me ofereceu muito dinheiro para matar seu pai”, afirmei, enquanto ela franzia a testa como que não acreditando. “Mas eu recusei.”

Eu não devia ter dito aquela última frase. Não mesmo.

A Terceira Lei das Conversações de Newton, se existisse, diria que qualquer declaração implica outra igual, mas de sentido oposto. Falar que

não aceitei a oferta levantava a possibilidade de eu talvez ter aceitado a proposta. O que era algo que eu não queria que estivesse no ar naquele momento. Mas ela começou a respirar de novo, então, talvez não tenha percebido.

“Por quê?”

“Por que o quê?”

O olho esquerdo dela tinha uma pequena linha verde que saía da pupila e ia em direção nordeste. Fiquei ali parado, olhando para os olhos dela, mas tentando não olhar, afinal, eu estava com sérios problemas naquela hora. E em vários sentidos.

“Por que não aceitou?”

“Porque...”, comecei, mas parei, porque tinha de falar a coisa mais certa.

“Sim?”

“Porque eu não mato pessoas.”

Houve uma pausa enquanto ela engolia e digerida o que eu disse. E então ela deu uma olhada para o corpo de Rayner.

“Eu já te falei, foi ele quem começou”, afirmei.

Ela me encarou por mais 300 anos e depois, ainda girando o cigarro lentamente entre os dedos, andou até o sofá, aparentemente perdida em pensamentos.

“Falando sério”, continuei, tentando tomar conta da situação e de mim mesmo. “Sou uma boa pessoa, dou dinheiro para a Oxfam,<sup>\*</sup> reciclo meus jornais e tudo mais.”

Ela chegou aonde estava o corpo de Rayner e parou.

“E quando tudo isso aconteceu?”

“Bem... agora mesmo”, gaguejei como um idiota.

Ela fechou os olhos por um momento. “Quis dizer: quando ofereceram o serviço a você?”

“Certo”, respondi. “Há dez dias.”

“Onde?”

“Amsterdã.”

“Na Holanda, né?”

Isso foi um alívio. Fez-me sentir bem melhor. É legal ser encarado por gente jovem, de vez em quando. O tempo todo é ruim, mas de vez em quando é bom.

“Isso”, respondi.

“E quem foi que ofereceu o serviço a você?”

“Nunca tinha visto antes e não vi mais depois.”

Ela pegou o copo, tomou um gole do Calvados e fez uma careta com o gosto dele.

“E eu devo acreditar em tudo isso?”

“Bem...”

“Quero dizer, que tal uma ajuda?”, ela falou, começando a levantar a voz novamente. Ela apontou o Rayner com a cabeça. “Temos um cara aqui que não pode corroborar a sua história, acho eu, então, por que devo acreditar em você? Porque é bonitinho?”

Não me aguentei. Devia ter me segurado, sei disso, mas não consegui.

“E por que não?” falei, tentando parecer encantador. “Eu acreditei em tudo que você falou.”

Mas que grande besteira! Grande mesmo. Uma das mais crassas e ridículas observações que fiz em uma vida cheia de observações ridículas.

Ela se virou para mim, e de repente estava muito brava.

“Não me venha falar uma merda dessas agora.”

“O que quis dizer...”, comecei, mas fiquei feliz por ela me cortar, porque realmente não sabia o que eu tinha querido dizer.

“Já disse pra parar com isso. Temos um cara morrendo aqui.”

Concordei com a cabeça, de forma culpada, e nós dois nos viramos para o Rayner e o olhamos de forma respeitosa. E então ela pareceu ter acabado uma coisa e seguido em frente. Seus ombros relaxaram e ela levou o copo em minha direção.

“Meu nome é Sarah”, ela falou. “Veja se consegue uma Coca-Cola para mim.”

ELA ACABOU LIGANDO também para a polícia, e eles apareceram quando as pessoas da ambulância estavam carregando o Rayner, aparentemente ainda respirando, em uma maca. Eles andaram e olharam e pegaram coisas de cima da lareira e examinaram dentro dela, sempre com aquele ar de quem quer estar em qualquer outro lugar.

Policiais, em geral, não gostam de ouvir falar em novos casos. Não porque são preguiçosos, mas porque gostam, como todos nós, de achar um significado ou uma ligação no meio da grande massa de infelicidade na

qual têm de trabalhar. Se, bem no meio de uma tentativa de prender um adolescente que vem roubando calotas, os policiais são chamados ao local de um assassinato de várias pessoas, eles não conseguirão evitar de procurar embaixo do sofá para ver se há alguma calota lá. Eles querem achar algo que os conecte com o que já viram antes, que trará um sentido no meio do caos. Assim poderiam dizer a si mesmos que isto aconteceu porque aquilo tinha acontecido. Quando não acham o que queriam – acham apenas mais coisas sobre as quais terão que escrever relatório a respeito, depois arquivar, depois perder, depois esse relatório ser achado no fundo da gaveta de alguém, depois ser perdido de novo e no fim ser registrado como caso sem solução –, bem, eles acabam ficando meio desapontados.

E eles ficaram particularmente desapontados com nossa história. Sarah e eu ensaiamos o que achamos ser um cenário razoável e fizemos três apresentações para os oficiais em ordem de importância, terminando com um espantosamente jovem inspetor que disse se chamar Brock.

Ele se sentou no sofá, olhando de vez em quando para suas unhas, e acenava com a cabeça jovialmente durante a história do intrépido James Fincham, amigo da família que estava no quarto de hóspedes no primeiro andar. Ele ouviu uns barulhos, desceu as escadas para investigar, viu um vilão de jaqueta de couro e camisa preta – nunca o havia visto antes –, lutaram, caíram, oh, meus Deus, ele bateu a cabeça. Sarah Woolf, nascida em 29 de agosto de 1964, ouviu sons de luta, desceu e viu tudo. Bebida, inspetor? Chá? Refrigerante?

Mas é claro que a região ajudou bastante. Se tentássemos a mesma história em um conjunto habitacional lá de Deptford, estaríamos no chiqueirinho da viatura em segundos, pedindo para jovens em forma e com cabelos curtos para que saíssem de cima de nossas cabeças um momento para que pudéssemos nos ajeitar melhor. Mas no arborizado e chique bairro de Belgravia, a polícia sempre estava mais inclinada a acreditar em você. Acho que isso já estava incluído no tanto de imposto que as pessoas de lá pagam.

Depois que assinamos os nossos depoimentos, nos pediram para que não fizéssemos nada estúpido, como sair do país sem avisar a delegacia mais próxima, e nos encorajaram a permanecer por lá qualquer que fosse a situação.

Duas horas depois de tentar quebrar meu braço, tudo que restou do Rayner, cujo primeiro nome ainda era desconhecido, foi o cheiro.

SAÍ DA CASA e senti a dor voltar com tudo quando comecei a andar. Acendi um cigarro e fumei até chegar à esquina, onde virei à esquerda e entrei em uma garagem que já tinha sido um estábulo de cavalos. Apenas um cavalo muito rico conseguiria morar aqui hoje, mas o local mantinha as características de um estábulo, por isso me pareceu certo guardar a moto aqui. Junto de umas madeiras e um monte de feno perto da roda traseira.

A moto estava onde a deixei, o que pode parecer um comentário idiota, mas que não é, nos dias de hoje. Entre os motociclistas, deixar sua máquina em um local escuro por mais de uma hora, mesmo que ela tenha trava e alarme, e achá-la no mesmo lugar quando voltar é algo que gera discussões. Especialmente quando a moto é uma Kawasaki ZZR 1100.

Não vou negar aqui que os japoneses estavam bem sem razão em Pearl Harbor e que as ideias deles de como preparar peixes para servir à mesa são bem pobres – mas, caramba, os caras sabem muito a respeito de como fazer motocicletas. Aperte o acelerador no talo em qualquer marcha e isso fará seus olhos irem parar na parte de trás da sua cabeça. Tudo bem, sei que essa não é a sensação que a maioria das pessoas quer ter ao escolher o seu meio de transporte, mas, como ganhei minha moto em um jogo de gamão, eu estava aproveitando bastante. Era preta, grande e permitia que mesmo um motorista razoável pudesse visitar outras galáxias.

Liguei o motor, acelerei o suficiente para acordar alguns gorduchos do mercado financeiro que moravam em Belgravia e fui embora por Notting Hill. Eu tinha de ir devagar por causa da chuva, e isso me deu muito tempo para refletir a respeito dos acontecimentos da noite.

A única coisa que não saía da minha cabeça enquanto conduzia a moto pelas ruas escorregadias e amareladas pela iluminação era Sarah me dizendo pra parar de falar merda. E que a razão para que eu parasse com aquilo era que havia um homem morrendo na sala.

Era uma Conversação Newtoniana, pensei comigo mesmo. A implicação daquilo era a de que eu poderia continuar falando merda se não houvesse um homem morrendo na sala.

Aquilo me animou. Comecei a pensar que, se eu não conseguisse fazer com que um dia nós dois ficássemos juntos em uma sala sem um homem

morrendo nela, meu nome não era James Fincham.

Que, é claro, não era mesmo.

\* Organização internacional voltada ao combate à pobreza e à defesa das minorias. (N. E.)

# dois

*Durante muito tempo, costumava me deitar cedo.*

MARCEL PROUST

**Voltei ao** meu apartamento e passei pela rotina normal de ouvir as mensagens na secretária e responder às ligações. Dois bipes sem importância, um engano, uma mensagem de um amigo interrompida na primeira frase e por fim três pessoas com quem eu não queria falar e que agora teria de retornar suas chamadas.

Odeio essa máquina, meu Deus!

Sentei à minha escrivaninha e comecei a abrir minhas cartas. Peguei umas contas e joguei no escaninho, mas então lembrei que tinha posto o escaninho na cozinha – por isso perdi a paciência, joguei o resto da correspondência em uma gaveta e desisti da ideia de que fazer minhas tarefas ajudaria a fazer minha cabeça pensar melhor.

Era muito tarde para pôr música alta, por isso, a única diversão que achei no apartamento foi o uísque. Peguei um copo e a garrafa de The Famous Grouse, coloquei alguns dedos de bebida e fui para a cozinha. Adicionei um pouco de água para que ficasse levemente *famous* e sentei à mesa com um ditafone portátil, porque alguém me disse que falar em voz alta ajuda a clarear as ideias. Perguntei se funcionava com coisas boas, e a resposta foi não, mas que ajudaria com coisas que estavam perturbando o seu espírito.

Coloquei uma fita no aparelho e apertei o botão de gravar.

“*Dramatis personae*”, comecei a dizer. “Alexander Woolf. Pai de Sarah Woolf, dono de uma elegante casa de estilo georgiana na rua Lyall, no bairro de Belgravia, empregador de decoradores de interiores cegos e vingativos e presidente do conselho e diretor executivo da Gaine Parker. Desconhecido caucasiano, norte-americano ou canadense, por volta de 50 anos. Rayner. Grande, violento e hospitalizado. Thomas Lang, 36 anos,

apartamento 42 D em Westbourne Close, ex-membro da tropa de elite do exército britânico chamada Scots Guards, da qual recebeu baixa com honras quando era capitão. Os fatos conhecidos até agora são esses.”

Não sei por que gravadores me fazem falar desse jeito, mas isso sempre acontece.

“O desconhecido oferece a T. Lang um serviço que consistia em cometer o ilegal ato de matar A. Woolf. Lang não aceita, pois é um bom sujeito. Com princípios. Decente. Um cavalheiro.”

Tomei um bom gole de uísque e olhei para o ditafone, imaginando se eu mostraria esse solilóquio a alguém um dia. Um contador me disse que esse aparelho era uma coisa sensata de se comprar, pois eu poderia receber o imposto dele de volta. Mas como não paguei impostos, não tinha uso para o ditafone e não acreditava no contador a ponto de querer cuspir nele, olhei para o ditafone como uma das compras mais insensatas que eu já tinha feito.

Continuando.

“Lang vai à casa de Woolf com a intenção de alertá-lo sobre a possibilidade de ser assassinado. Ele não está lá. Lang decide colher informações.”

Faço uma pausa curta, que começa a se tornar uma longa pausa, por isso me sirvo de mais uísque e fico ao lado do ditafone, pensando.

Mas a única coisa que fiz na minha busca foi dizer as palavras “o quê?”, e, ainda assim, elas quase não saíram da minha boca antes de Rayner me acertar com uma cadeira. Fora isso, tudo que fiz foi quase matar um homem e ir embora, desejando, com todas as forças, que tivesse matado ele por inteiro. E ninguém quer colocar esse tipo de informação em uma fita a menos que saiba exatamente o que está fazendo. O que, por incrível que pareça, não era o meu caso.

Mas eu sabia o suficiente para reconhecer o Rayner, mesmo antes de saber o nome dele. Eu não posso dizer que sabia com certeza que ele estava me seguindo, mas tenho uma ótima memória para rostos – o que faz com que eu seja pateticamente péssimo com nomes –, e o de Rayner não era um rosto difícil. O aeroporto de Heathrow, o bar em King’s Road e a entrada do metrô em Leicester Square foram avisos suficientes, mesmo para um cara burro como eu.

Eu tinha uma sensação de que acabaríamos nos encontrando alguma hora, por isso me preparei para o dia D visitando a Blitz Eletronics na Tottenham Road, onde gastei duas libras e oitenta centavos em um pedaço de cabo elétrico comprido. Flexíveis e pesados, cabos elétricos são ótimos para bater em bandidos e ladrões, funcionando bem mais do que seu propósito original em uma construção. A única ocasião em que ele não funciona como arma é quando você o esquece na gaveta da cozinha, ainda embrulhado. Realmente, fica impossível de servir assim.

Quanto ao desconhecido caucasiano que me ofereceu o serviço de assassinato, bem, não tinha muita esperança de achá-lo. Estive em Amsterdã há duas semanas, escoltando um escritor de Manchester que queria acreditar a qualquer custo que tinha inimigos violentos. E me contratou para alimentar sua fantasia. Por isso eu abri as portas dos carros para ele, checava se havia atiradores nos prédios, mesmo sabendo que não, e passei cansativas 48 horas com ele em boates adultas, vendo-o jogar em todas as direções, menos na minha. Quando ele finalmente cansou, acabei ficando no meu quarto de hotel vendo filmes tristes na TV. O telefone tocou – em uma momento particularmente bom, se bem me lembro – e uma voz de homem me convidou a tomar um drinque no bar.

Chequei para ver se o escritor estava a salvo em sua cama, ao lado de uma prostituta legal e acolhedora, e desci as escadas esperando economizar meu dinheiro tomando umas bebidas por conta de algum velho amigo do exército.

Mas acabei descobrindo que a voz ao telefone pertencia a um gordinho baixinho, usando um terno caro, que eu nunca tinha visto antes. E também não tinha vontade de conhecer, até ele botar a mão no bolso e pegar um bolo de notas de dinheiro quase tão grosso quanto eu.

E era dinheiro norte-americano, que podia ser trocado por mercadorias ou serviços em milhares de lojas ao redor do mundo. Ele empurrou uma nota de 100 dólares para mim, por isso passei uns cinco segundos gostando do baixinho, mas, então, quase que imediatamente, o amor morreu.

Ele me falou de um homem chamado Woolf, onde morava, o que fazia, por que fazia, o quanto fazia. E depois me disse que a nota em cima da mesa tinha mil amiguinhos que seriam meus se a vida de Woolf chegasse ao fim discretamente.

Tive de esperar a sala do bar ficar vazia, o que eu sabia que não iria demorar. Pelos preços que eles cobravam as bebidas, apenas algumas pessoas no mundo teriam dinheiro para pedir uma segunda rodada.

Quando o bar esvaziou, me inclinei para o gordinho e fiz um discurso. Era um discurso idiota, mas, mesmo assim, prestou muita atenção, pois eu segurava o saco dele por baixo da mesa. Falei pra ele que tipo de homem eu era, que tipo de erro ele tinha cometido e onde podia enfiar o dinheiro dele. E depois nos separamos.

E foi isso. Era tudo que eu sabia, e o meu braço estava doendo.

Fui dormir.

SONHEI COM MUITAS coisas que não vou envergonhar você contando, mas, no final, terminei pensando que precisava passar aspirador no tapete. Eu aspirava e aspirava, mas o que quer que estivesse marcando o tapete não saía de jeito nenhum.

Então percebi que estava acordado, e que a marca no tapete era a luz do sol, porque alguém tinha aberto as cortinas. Em um piscar de olhos, me coloquei em uma posição de defesa, encolhido e pronto pra briga, com o cabo elétrico no punho e sangue de luta no coração.

Então percebi que tinha sonhado aquilo também, e que na verdade estava deitado na cama vendo uma mão enorme e peluda bem perto da minha cara. A mão desapareceu deixando uma caneca com vapor saindo dela, além de um cheiro de um chá bem popular chamado PG Tips. Talvez em outro piscar de olhos tenha imaginado que intrusos que quisessem cortar minha garganta não iriam fazer chá e abrir as cortinas.

“Que horas são?”

“São 8h35. É hora do seu cereal matinal, senhor Bond.”

Pulei da cama e olhei para o Solomon. Ele estava baixinho e animado como sempre e usava a horrível capa marrom que comprou nos classificados do *Sunday Express*.

“Imagino que tenha vindo investigar um roubo”, falei, esfregando meus olhos até começar a ver pontinhos vermelhos.

“E que roubo seria esse, cavalheiro?”

Solomon chamava todo mundo de “cavalheiro”, menos os seus superiores.

“O roubo da campanha da minha casa”, respondi.

“Se está usando seu sarcasmo habitual para se referir à minha entrada silenciosa, devo lembrar a você que sou praticante de magia negra. E praticantes, para poderem usar esse termo, devem praticar. Agora, seja uma boa pessoa e se vista, pode ser? Já estamos atrasados.”

Ele desapareceu em direção à cozinha e pude ouvir os barulhos da minha torradeira do século XIV.

Me levantei da cama e me retraí quando meu braço esquerdo pareceu mais pesado, coloquei uma camisa, uma calça e levei o barbeador elétrico para a cozinha.

Solomon tinha arrumado um lugar para mim na mesa da cozinha e colocou torradas em um prato que eu nem sabia que tinha. A menos que tenha trazido com ele, o que parece algo improvável.

“Mais chá?”

“Estamos atrasados pra quê?”, perguntei.

“Uma reunião, chefe, uma reunião. Por acaso, você tem uma gravata?”

Seus grandes olhos marrons piscaram esperançosos para mim.

“Tenho duas”, falei. “Uma é do Clube Garrick, ao qual eu não pertencço, e a outra está prendendo a privada do banheiro na parede.”

Me sentei à mesa e vi que ele achou até um pote de geleia de laranja *Keiller's Dundee* em algum lugar. Nunca soube como ele fazia essas coisas, mas Solomon poderia estar em uma grande lata de lixo e tirar um carro de lá se precisasse. Uma ótima companhia para alguém que vai ao deserto.

“Então, chefe, o que paga suas contas atualmente?”

Ele encostou na mesa e ficou assistindo, enquanto eu comia.

“Espero que você me ajude com isso.”

A geleia estava deliciosa, e eu queria comer mais um pouco, mas dava para perceber que Solomon estava ansioso para sair. Ele olhou o relógio e foi até o quarto, de onde eu conseguia ouvir o farfalhar dele procurando um paletó no meu guarda-roupa.

Peguei o ditafone da mesa. A fita ainda estava lá dentro.

“Debaixo da cama”, falei em um tom mais alto.

Enquanto tomava o chá de uma só golada, Solomon apareceu trazendo um *blazer* com dois botões faltando. Ele segurou como um empregado. Fiquei onde estava.

“Ah, chefe”, ele disse. “Não se faça de difícil, por favor. Não antes de terminarmos a colheita e de dar descanso para as mulas.”

“Me diga apenas aonde vamos.”

“Vamos pegar a estrada em um carro grande e brilhante. Você vai adorar. E pode tomar sorvete na volta.”

Devagar, fiquei de pé e botei os braços pelas mangas do *blazer*.

“David”, falei.

“Sim, chefe.”

“O que está acontecendo?”

Ele encolheu e franziu os lábios de leve. Não é bom fazer perguntas desse jeito. Mas quis saber onde pisava.

“Estou com problemas?”, perguntei.

Ele franziu mais os lábios e depois olhou para mim com seus olhos calmos e firmes.

“Parece que sim.”

“Parece que sim?”

“Tem um pedaço de cabo pesado naquela gaveta. A arma preferida pelo jovem chefe.”

“E daí?”

Ele me deu um sorriso pequeno e educado.

“É um problema para alguém.”

“Ah, pare com isso, David”, falei. “Tenho esse cabo faz tempo. Quero fazer uma ligação entre duas coisas que estão bem próximas uma da outra.”

“Claro. E os recibos são de dois dias atrás. E ainda estão na sacola.”

Nos encaramos por um tempo.

“Desculpe, chefe”, ele disse. “Magia negra. Vamos embora.”

O CARRO ERA um Rover, o que quer dizer que ele era oficial. Ninguém dirige esses carros idiotas e esnobes, com seus absurdos acessórios de madeira e couro, mal colados em cada canto do interior dele, a menos que seja absolutamente necessário. E apenas para pessoas do governo e da própria Rover é necessário.

Eu não queria interromper Solomon enquanto ele dirigia, porque ele tinha uma relação nervosa com os carros e não gostava nem que você trocasse a estação do rádio. Ele usava luvas de dirigir, chapéu de dirigir, óculos de dirigir e expressão de dirigir, além de segurar a direção da

maneira como todos seguram até uns quatro segundos antes de passar no teste de direção. Mas quando passamos devagar por Horseguards Parade, a mais ou menos uns 40 km/h, achei que podia arriscar.

“Imagino que não há nenhuma chance de eu saber o que supostamente fiz?”

Solomon cerrou os dentes e apertou mais ainda as mãos na direção, se concentrando furiosamente, enquanto cobríamos um complicado espaço enorme de uma rua vazia. Depois de checar a velocidade, os retrovisores, a gasolina, a pressão do óleo, a temperatura, as horas e o cinto de segurança duas vezes, decidi que poderia responder.

“O que você supostamente deveria ter feito”, ele respondeu com seus dentes cerrados, “era permanecer bom e nobre, chefe. Como sempre foi.”

Chegamos a um pátio atrás do Ministério da Defesa.

“E não foi o que fiz?”

“Bingo! Uma vaga. Morremos e fomos para o céu.”

APESAR DE UM grande cartaz proclamando que todas as instalações do Ministério da Defesa se encontravam em alerta Biquíni Âmbar, os guardas da porta nos deixaram entrar tranquilamente, apenas com um passar de olhos.

Reparei que os guardas de segurança britânicos sempre fazem isso; a menos que você trabalhe no prédio que estão protegendo, porque, nesse caso, eles vão revistar dos buracos dos seus dentes até o avesso da sua calça para verificar se você é a mesma pessoa que saiu para comprar um sanduíche há quinze minutos. Mas, se for um estranho, deixam você passar direto, porque, falando francamente, seria embaraçoso demais causar algum problema a um estranho.

Se quiser que um lugar seja bem guardado, contrate alemães.

Solomon e eu subimos três lances de escada, passamos por uma dúzia de corredores e por dois elevadores, com ele liberando minha passagem em vários pontos de checagem, até chegarmos a uma porta verde-escuro onde se lia C188. Solomon bateu e ouvimos uma voz de mulher gritar “espere”, e depois “entre”.

Lá dentro havia uma parede a um metro. E entre a parede e a porta, nesse inacreditavelmente minúsculo espaço, uma garota usando uma camisa cor de limão estava sentada em uma escrivaninha que tinha um

processador de textos, um vaso de planta, uma caneca com lápis, um bichinho de pelúcia e vários maços de papel laranja. Era impressionante que algo ou alguém pudesse funcionar em um espaço daqueles. É como se de repente você encontrasse uma família de lontras em um dos seus sapatos.

Se isso fosse possível.

“Ele está à sua espera”, disse ela, segurando nervosamente as coisas sobre sua mesa para o caso de esbarrarmos em algo.

“Obrigado, senhorita”, disse Solomon, se espremendo para passar pela mesa.

“Agorafóbica?”, perguntei, enquanto seguia ele, e teria me chutado, se houvesse espaço, porque ela devia ouvir aquilo umas 50 vezes por dia.

Solomon bateu na porta que havia do outro lado da sala e entramos direto.

CADA PEDACINHO DE espaço que a secretária perdeu podia ser encontrado nesse escritório.

Ele tinha um teto alto, janelas dos dois lados com cortinas que tinham a estampa do governo e, entre as janelas, uma escrivaninha do tamanho de uma quadra de *squash*. Atrás da mesa, uma cabeça careca estava curvada e concentrada.

Solomon se dirigiu para o centro do tapete persa e eu me coloquei bem ao lado de seu ombro esquerdo.

“Senhor O’Neal?”, disse Solomon. “Este é Lang.”

Ele esperou.

O’Neal, se é que esse era mesmo o nome dele, coisa que eu duvidava, era igual a todos os homens que se sentam atrás de grandes escrivaninhas. As pessoas dizem que os donos de cachorro se parecem com seus animais, mas eu sempre pensei que isso também é verdade, se não mais ainda, com os homens e suas escrivaninhas. Era grande, lisa, com cantos grandes e lisos, como a cara dele e suas orelhas. Até o fato de não ter nenhum vestígio de barba correspondia ao deslumbrante polimento francês da mesa. Ele usava uma camisa cara, e não vi um paletó em qualquer lugar.

“Achei que tínhamos combinado 9h30”, disse O’Neal, sem levantar os olhos e nem olhar no relógio.

A voz dele não era nem um pouco crível. Ela tentava ser a voz de um aristocrata ou nobre, mas falhava feio. Era firme e débil, e em outras circunstâncias eu teria ficado com pena do senhor O'Neal. Se é que esse era mesmo o nome dele. Coisa que eu duvidava.

“Pegamos muito trânsito, desculpe”, respondeu Solomon. “Vim o mais rápido que pude.”

Solomon olhou em direção à janela, como que dizendo que tinha feito a parte dele. O'Neal o encarou, deu uma passada de olhos em mim e depois voltou à sua atuação de fingir “ler algo importante”.

Agora que Solomon havia me entregue são e salvo e não tinha mais como eu causar qualquer problema para ele, decidi que era hora de chamar um pouco a atenção.

“Bom dia, senhor O'Neal”, falei em uma voz estupidamente alta. O som fez eco nas paredes lá de trás. “Desculpe se este não é um momento conveniente. Também não era uma boa hora para mim. Por que não deixamos a minha secretária marcar um outro dia com a sua secretária? Ou melhor, as duas poderiam almoçar juntas, que tal? Assim acertavam bem os ponteiros.”

O'Neal cerrou os dentes por um momento e depois olhou pra mim com o que achou que seria um olhar penetrante.

Quando terminou, colocou os papéis na escrivaninha e descansou as mãos na ponta dela. Depois tirou de lá e as colocou em seu colo. E depois ficou bravo comigo porque prestei atenção nesse desajeitado procedimento.

“Senhor Lang”, ele falou, “Sabe onde está?”, franzindo depois os lábios de forma hábil.

“Sei, sim, senhor O'Neal. Estou na sala C188.”

“Você está no Ministério da Defesa.”

“Humm. Bem legal também. E quais são as novas por aqui?”

Ele olhou para mim novamente e depois para Solomon, que foi até a porta e trouxe uma cadeira antiga até o meio do tapete. Fiquei onde estava.

“Sente-se, senhor Lang.”

“Obrigado, mas prefiro ficar em pé”, respondi.

Agora ele tinha ficado bravo de verdade. Fazíamos esse tipo de coisa com um professor de geografia. Ele abandonou a escola depois de dois

semestres e virou um padre na Escócia.

“Por favor, o que sabe a respeito de Alexander Woolf?”, disse ele, se inclinando para a frente e apoiando os antebraços na mesa, o que me fez ter a visão de um relógio bem dourado. Dourado demais para ser de ouro.

“Qual deles?”

Ele fechou a cara.

“O que quer dizer com ‘qual deles’? Quantos Alexander Woolfes você conhece?”

Movi meus lábios de leve, como que contando na minha cabeça.

“Cinco.”

Ele suspirou irritado. Vamos lá, 4B, sossegue.

“O Alexander Woolf a quem estou me referindo”, ele disse, em um tom pedante e sarcástico que todo inglês que senta atrás de uma escrivaninha acaba usando mais cedo ou mais tarde, “mora na Lyall Street, em Belgravia.”

“Lyall Street. É mesmo”, falei comigo mesmo. “São seis, então.”

O’Neal fuzilou Solomon com os olhos, mas não recebeu nenhuma ajuda dali. Então, se voltou para mim com um sorriso medroso.

“O que estou perguntando, senhor Lang, é o que sabe sobre ele.”

“Sei que ele tem uma casa em Lyall Street, em Belgravia”, falei. “Isso ajuda?”

Dessa vez, O’Neal tentou uma tática diferente. Ele respirou fundo e soltou o ar bem devagar, querendo me mostrar que por baixo daquela aparência gorducha se escondia uma azeitada máquina de matar e que em dois segundos ele poderia passar por cima daquela mesa e acabar com minha vida. Mas foi uma atuação patética. Ele abriu uma gaveta, pegou uma pasta de couro e começou a mexer nervosamente no conteúdo dela.

“Onde estava ontem à noite, às 22h30?”

“Fazendo windsurfe na Costa do Marfim”, respondi, quase antes de ele acabar a pergunta.

“Estou fazendo uma pergunta séria, senhor Lang”, ele falou. “Eu o aconselho sinceramente a responder com seriedade.”

“E eu respondo que isso não é da sua conta.”

“Minha conta...”, ele começou.

“A segurança é da sua conta.” De repente, eu estava gritando, gritando mesmo, e pelo canto do olho vi que Solomon tinha se virado para nós. “E você é pago para assegurar o meu direito do que eu quiser sem ter que responder um monte de perguntas do caralho.” Voltei ao tom normal. “Algo mais?”

Ele não respondeu, por isso me virei e caminhei em direção à porta.

“Tchau, David”, falei.

Solomon também não respondeu. Estava com a mão na maçaneta quando O’Neal falou.

“Lang, quero que saiba que posso mandar prendê-lo no segundo que sair deste prédio.”

Me virei e olhei para ele.

“Por qual motivo?”

De repente, percebi que tinha algo errado. Isso porque, pela primeira vez, desde que entrei na sala, O’Neal pareceu relaxado.

“Conspiração para assassinar alguém.”

A sala estava em silêncio.

“Conspiração?”, perguntei.

VOCÊ SABE COMO é quando se é pego no meio de algo. Normalmente, as palavras são mandadas pelo cérebro até a boca e, em algum lugar no meio do caminho, você para e dá uma checada, para ver se são mesmo as palavras que você pediu e se estão bem embrulhadas, antes de mandá-las boca afora para o ar fresco.

Mas quando você é pego no meio de algo, a parte do seu cérebro que checa as coisas pode não cumprir o trabalho direitinho.

O’Neal tinha dito quatro palavras: “Conspiração para assassinar alguém.”

A palavra que eu deveria ter repetido em um tom de voz incrédulo era “assassinar”; uma pequena e perturbada parte da população teria escolhido o “para”; mas a única palavra de todas elas que eu não deveria ter repetido era “conspiração”.

Claro que, se voltássemos atrás e tivéssemos essa mesma conversa, eu teria feito várias coisas diferentes. Mas isso não aconteceu.

SOLOMON ESTAVA OLHANDO para mim, e O’Neal estava olhando para Solomon. Eu me mantive ocupado com uma verdadeira verborragia.

“Que diabos você está falando? Não tem nada melhor pra fazer? Se está falando da ocorrência de ontem a noite, então deve saber, se leu o meu depoimento, que nunca vi aquele homem antes em minha vida, que estava me defendendo de uma invasão e que no meio da luta ele... bateu a cabeça.”

Logo percebi que o final saiu meio hesitante.

“A polícia”, continuei, “ficou totalmente satisfeita com as declarações, e...”.

Parei de falar.

O’Neal se reclinou na cadeira e pôs as duas mãos atrás da cabeça. Manchas de suor do tamanho de moedas de 10 pences apareceram embaixo das axilas dele.

“Bem, é claro que a polícia iria se declarar satisfeita, não?”, ele disse, parecendo terrivelmente confiante. Ele esperou que eu dissesse algo, mas não passou nada pela minha cabeça, por isso deixei ele continuar. “Isso porque eles ainda não sabiam o que nós sabemos agora.”

Suspirei.

“Meus Deus, estou tão fascinado por esta conversa que pode ser que meu nariz sangre já, já. O que sabe agora que é tão foddidamente importante a ponto de me arrastar aqui nesta hora absurda?”

“Arrastar?”, ele falou, levantando as sobrancelhas. Ele se virou para Solomon e perguntou: “Você arrastou o senhor Lang até aqui?”

O’Neal tinha ficado calmo e bem-humorado e isso era um péssimo sinal. Solomon deve ter ficado tão preocupado quanto eu, pois não respondeu à pergunta.

“Minha vida está sendo complicada nesta sala”, falei irritado. “Vamos direto ao ponto, por favor.”

“Muito bem”, disse O’Neal. “O que sabemos agora, que a polícia não sabia antes, é que há uma semana você se encontrou com um traficante de armas canadense chamado McCluskey. Ele ofereceu a você 100 mil dólares para que... matasse Woolf. Sabemos agora que você foi à casa de Woolf em Londres e que foi confrontado por um homem chamado Rayner – ou Wyatt, ou Miller –, contratado legitimamente por Woolf como guarda-costas. Sabemos que ele foi ferido gravemente como resultado do confronto.”

Meu estômago parecia ter se reduzido ao tamanho e à densidade de uma bola de golfe.

O'Neal continuou. “Sabemos que apesar da sua versão para a polícia, apenas dois telefonemas foram feitos aquela noite: um pedindo uma ambulância e o outro para a polícia. Os telefonemas foram feitos com um hiato de quinze minutos entre eles. Sabemos que você deu um nome falso à polícia, por razões que não descobrimos ainda. E finalmente...”, ele olhou para mim como um mágico ruim que vai tirar um coelho da cartola, “sabemos que a quantia de 29.400 libras, que equivalem a 50 mil dólares, foi transferida para a sua conta no Swiss Cotage há quatro dias.” Ele fechou o arquivo e sorriu. “Que tal isso para começar?”

EU ESTAVA SENTADO na cadeira no meio da sala de O'Neal. Solomon tinha ido buscar café para mim e chá de camomila para ele, e o mundo estava girando um pouco mais devagar.

“Olha”, falei, “é bem óbvio que, por alguma razão, alguém está armando pra mim.”

“Me explique então, por favor, senhor Lang”, ele falou, “por que é óbvio?”

Ele jogou o problema para mim de novo. Respirei fundo.

“Bem, pra começar, posso dizer que não tinha a menor ideia a respeito do dinheiro. Qualquer um pode ter feito isso, de qualquer banco do mundo. É algo bem fácil.”

O'Neal fez um grande estardalhaço para tirar a tampa de sua caneta Parker Duofold e anotar qualquer coisa em um pedaço de papel.

“E tem a filha dele”, falei. “Ela viu a luta. E testemunhou a meu favor ontem à noite. Por que não a trouxe aqui também?”

A porta se abriu e Solomon voltou trazendo três xícaras. Ele tinha se livrado da capa de chuva marrom e agora mostrava sua jaqueta de lã da mesma cor. O'Neal ficou obviamente aborrecido com aquilo e até eu percebi que ele não estava combinando com o resto da sala.

“Posso assegurar a você que pretendemos falar com a senhorita Woolf quando for conveniente”, ele falou, enquanto bebericava seu café. “Mas, por enquanto, a maior preocupação deste departamento é você, senhor Lang, que recebeu um pedido para assassinar alguém. Tendo aceitado ou

não, um dinheiro foi transferido para a sua conta. Você apareceu na casa do alvo e quase matou o guarda-costas dele. E depois...”

“Espere um pouco”, falei. “Pode parar por aí. Que porra é essa de guarda-costas? Woolf nem estava lá.”

O’Neal me encarou com uma calma chocante.

“Quero dizer, como um guarda-costas guarda alguém que nem está na mesma casa? Por telefone? É uma segurança digital?”

“Você revistou a casa então, Lang?”, disse O’Neal. “Entrou na casa e revistou, procurando Alexander Woolf?”

Um sorriso idiota apareceu em seus lábios.

“A filha dele me disse que ele não estava lá”, respondi, puto da vida com o prazer dele nisso. “E quer saber? Vai se foder.”

Ele recuou um pouco.

“De qualquer forma”, ele acabou dizendo, “pelas circunstâncias, sua presença na casa fez com que valesse a pena perdermos um pouco do nosso tempo valioso e dos nossos esforços.”

Eu ainda não estava entendendo o que acontecia aqui.

“Por quê?”, perguntei. “Por que você e não a polícia? O que o Woolf tem de tão especial?” Olhei de O’Neal para Solomon. “Ou, se for o caso, o que eu tenho de tão especial?”

O telefone na mesa de O’Neal tocou, e ele pegou com um movimento ensaiado, enrolando o fio no cotovelo e colocando o fone no ouvido. Ele olhava para mim enquanto falava.

“Sim? Sim... Entendido. Obrigado.”

O telefone foi posto no gancho e dormiu instantaneamente. Olhando essa performance, pude perceber que o telefone era a grande e única habilidade de O’Neal.

Ele escreveu algo no papel e chamou Solomon até sua mesa. Ele olhou o papel, e os dois olharam para mim.

“Você possui uma arma, senhor Lang?”

O’Neal perguntou isso com um sorriso eficiente e satisfeito. “Você prefere sentar no corredor ou na janela?”

Comecei a me sentir mal.

“Não, não tenho.”

“Tem acesso a algum tipo de arma de fogo?”

“Não desde que saí do exército.”

“Entendo”, disse O’Neal, acenando com a cabeça para si mesmo. Ele fez uma longa pausa, checando as anotações para ver se tinha pego todos os detalhes corretamente. “Então, o fato de uma pistola Browning 9 milímetros com 15 cartuchos de munição terem sido encontrados em seu apartamento é uma surpresa para você?”

Pensei a respeito.

“Fico mais surpreso pelo fato de o meu apartamento ter sido revistado.”

“Deixe isso pra lá.”

Suspirei.

“Certo, então... Não, não fiquei surpreso com isso.”

“Como assim?”

“Quero dizer que já estou percebendo como será o meu dia hoje.” O’Neal e Solomon olharam sem entender. “Ah, vamos lá”, falei. “Qualquer um que pode gastar 30 mil libras para fazer com que eu me pareça com um matador contratado, provavelmente, não vai se importar de gastar mais 300 libras para fazer parecer que sou um matador que tem uma arma e que ele pode contratar.”

O’Neal brincou com seu lábio inferior por um momento, apertando ele entre dois dedos.

“Tenho um problema nas mãos, não, senhor Lang?”

“Tem?”

“Sim, eu acho que sim”, ele falou. Ele soltou o lábio, que continuou um pouco inchado, como se não quisesse voltar ao seu tamanho original. “Ou você é um assassino ou alguém está querendo fazer parecer que é. O problema é que cada pedaço de evidência que tenho serve bem para as duas hipóteses. É realmente bem difícil.”

Eu me encolhi.

“Deve ser por isso que deram a você uma mesa tão grande”, falei.

EVENTUALMENTE, TIVERAM DE me deixar ir. Por alguma razão, não queriam envolver a polícia com uma acusação de porte ilegal de arma, e o Ministério da Defesa, até onde sei, não é equipado com uma cadeia.

O’Neal pediu o meu passaporte e, antes que eu pudesse sacar uma resposta dizendo que ele estava perdido em alguma das minhas bagunçadas gavetas, Solomon sacou-o de seu bolso. Me disseram para ficar onde

pudesse ser encontrado e para avisá-los se recebesse outro contato de algum estranho. Não havia nada que eu pudesse fazer a não ser concordar.

Quando saí do prédio e caminhei pelo Parque St. James sob um raro sol de abril, tentei perceber se me sentia diferente sabendo que Rayner estava apenas procurando fazer o trabalho dele. E também por que eu não sabia que ele era o guarda-costas de Woolf. E nem que Woolf tinha um guarda-costas.

Mas muito, muito mais importante: como a filha de Woolf não sabia de tudo isso?

# três

*God and the doctor we like adore  
But only when in danger, not before.\**  
JOHN OWEN

**A verdade** é que eu estava com pena de mim mesmo.

Estou acostumado a não ter grana, e o desemprego já é um companheiro antigo. A mulher que eu amava me deixou, e já tive dores de dente horríveis. Mas, por alguma razão, nenhuma dessas sensações se compara ao sentimento de que o mundo todo está contra você.

Comecei a pensar em amigos a quem poderia pedir ajuda, mas, como sempre acontecia quando eu tentava pensar no meu círculo de amizades, muitos estavam fora do país, mortos, casados com alguém que não gostava de mim ou não eram tão meus amigos assim, agora que eu pensava no assunto.

Por isso que naquele momento eu me encontrava em um telefone público em Picadilly, perguntando por Paulie.

“Desculpe, mas ele está em audiência no momento”, disse uma voz. “Quer deixar um recado?”

“Diga que Thomas Lang ligou e que, se ele não estiver às 13 horas em ponto no Simpson’s da Strange para me pagar o almoço, a carreira dele no direito está acabada.”

“A carreira no direito... acabada”, repetiu o escrevente. “Darei o recado a ele quando acabar a audiência, senhor Lang. Tenha um bom dia.”

PAULIE, QUE SE chama Paul Lee, tem uma relação bem singular comigo.

É singular porque nos encontramos a cada dois meses de modo totalmente social – *pubs*, jantares, teatro, ópera, que Paulie adora – e mesmo assim nós dois admitimos que não gostamos nem um pouquinho um do outro. Nem um fio de cabelo de gostar. Se nossos sentimentos fossem tão fortes quanto o ódio, você até poderia interpretar isso como um

sinal de expressão de afeição de um pelo outro meio distorcida. Mas não nos odiávamos. Apenas não gostávamos um do outro, só isso.

Eu achava Paulie uma pessoa pretensiosa, ambiciosa e gananciosa, e ele me achava preguiçoso, sujo e não confiável. A única coisa que se podia dizer de positivo da nossa “amizade” é que ela era mútua. Nos encontrávamos, passávamos uma hora ou mais juntos e nos separávamos com aquela sensação de graças a Deus. E em troca de me pagar um almoço de 50 libras, Paulie admitiu que sentiu uma sensação de superioridade no valor de 50 libras ao pagar o meu almoço.

Tive de pedir uma gravata emprestada ao *maitre d’hotel* e ele me puniu deixando que escolhesse entre uma roxa e uma outra roxa, mas, às 12h45, eu estava sentado em uma mesa no Simpson’s, afogando um pouco dos desprazeres matinais em um grande copo de vodca com tônica. Muitos dos fregueses nesse dia eram americanos, e isso explicava os muitos pratos com carne de vaca e poucos com cordeiro. Os norte-americanos nunca compraram a ideia de comer carne de cordeiro. Acho que eles pensam que isso é coisa de mulherzinha.

Paulie chegou exatamente às 13 horas, mas eu sabia que iria se desculpar por estar atrasado.

“Desculpe pelo atraso”, disse ele. “O que está tomando? Vodca? Quero um desses também.”

O garçom estava longe e Paulie olhou em volta, puxando sua gravata para baixo e mexendo o pescoço de quando em quando para aliviar a pressão do nó em seu pescoço. Seu cabelo estava arrumado e limpo, como sempre. Ele dizia que isso era bom no tribunal, mas, desde que conheço Paulie, o amor ao cabelo sempre foi sua fraqueza. Ele não era uma cara abençoado por Deus, mas como prêmio de consolação, por ser baixinho, gordinho e fraco, recebeu uma bela cabeleira que manteria, com mudanças de tonalidade, até uns 80 anos.

“Oi, Paulie”, falei e tomei um gole de vodca.

“E aí? Como vão as coisas?”

Ele nunca olhava para você quando falava. Mesmo que você estivesse encostado em um muro de tijolos, ele olharia por cima do seu ombro.

“Bem, bem”, respondi. “E você?”

“Consegui livrar o sodomita, no fim das contas.” Ele chacoalhou a cabeça, pensando no que tinha dito. Ele era um homem que sempre se impressionava com as próprias habilidades.

“Não sabia que pegava casos de sodomia, Paulie.”

Ele não sorriu. Paulie só sorria de verdade nos finais de semana.

“Não”, ele disse. “Aquele cara que te falei. Bateu no sobrinho com uma pá até ele morrer. Livrei ele.”

“Mas você me disse que ele era mesmo culpado.”

“E era.”

“Como conseguiu livrar ele, então?”

“Menti pra caralho”, ele respondeu. “O que você vai comer?”

FALAMOS DE PROGRESSOS das carreiras enquanto esperávamos pela sopa, com cada uma das vitórias de Paulie me cansando bastante, e cada um dos meus fracassos deixando ele extasiado. Ele perguntou se eu estava bem de grana, apesar de nós dois sabermos que ele não tinha a menor intenção de fazer nada a respeito se eu não estivesse bem. E perguntei a ele a respeito de suas férias, passadas e futuras. Paulie contou várias histórias.

“Estávamos em uma turma, alugando um barco no Mediterrâneo. Mergulho, windsurfe e o que mais possa imaginar. A comida era no estilo *Cordon Bleu*. Era o esquema.”

“Barco a vela ou com motor?”

“Vela.” Ele pensou por um momento, e de repente parecia vinte anos mais velho. “Pensando bem, devia ter um motor também. Mas tinha uma tripulação que fazia tudo. Você vai tirar férias?”

“Não pensei nisso ainda”, respondi.

“Bem, você está sempre de férias, né? Não dá para tirar férias de não fazer nada.”

“Bem colocado, Paulie.”

“Ué, não é verdade? O que tem feito desde que saiu do exército?”

“Trabalhos de consultoria.”

“Consultoria o caralho.”

“Acho que isso eu não poderia consultar.”

“Não mesmo. Vamos consultar nosso garçom sobre a droga da sopa que não veio.”

Olhando em volta à procura do garçom, vi as pessoas que me seguiam.

Dois homens sentados em uma mesa perto da porta, tomando água mineral, se viraram assim que olhei na direção deles. O mais velho parecia feito pelo mesmo arquiteto que criou Solomon, e o mais novo estava tentando ficar parecido com eles. Os dois pareciam bem sólidos e, naquele momento, eu estava bem feliz em tê-los por perto.

Depois de a sopa ter chegado, Paulie provado e achado que era aceitável, botei minha cadeira do outro lado da mesa e me aproximei dele. Não tinha pensado em usar a inteligência dele porque, sendo bem honesto, ele ainda não estava no ponto certo para esse tipo de coisa. Mas como não tinha nada a perder, resolvi tentar.

“O nome Woolf quer dizer algo para você, Paulie?”

“É uma pessoa ou uma empresa?”

“Uma pessoa”, respondi. “Acho que é norte-americano. Homem de negócios.”

“O que ele fez? Dirigiu embriagado? Porque não pego esse tipo de caso mais. A menos que seja por muito dinheiro.”

“Pelo que sei, ele não fez nada”, falei. “Só queria saber se já ouviu falar. Ele trabalha para a Gaine Parker.”

Ele pegou um pedaço de pão e partiu com a mão.

“Posso descobrir pra você. Do que se trata?”

“É por causa de um trabalho”, respondi. “Não aceitei, mas estou curioso a respeito.”

Ele acenou concordando e empurrou um pedaço de pão boca adentro.

“Indiquei você para um trabalho há uns dois meses.”

Parei a colher de sopa no meio do caminho entre a tigela e a minha boca. Não era do feitio de Paulie se meter na minha vida, muito menos para me ajudar.

“Que tipo de trabalho?”

“Era um canadense. Procurava alguém para um trabalho de força. Algo como um guarda-costas.”

“Como era o nome dele?”

“Não me lembro. Acho que começava com J.”

“McCluskey?”

“Por acaso, McCluskey começa com J? Não, era tipo Joseph, Jacob ou algo assim.” Ele logo desistiu de tentar lembrar. “Ele entrou em contato

com você?”

“Não.”

“Pena. Achei que tinha convencido ele a seu respeito.”

“Você deu o meu nome a ele?”

“Não, apenas a porra do número que você calça. Claro que dei seu nome. Mas não logo de cara. Indiquei umas agências particulares que usamos. Eles têm uns armários que fazem o serviço de proteção e tal, mas o cara não gostou deles. Queria alguém mais *top*. Alguém saído das forças armadas. A única pessoa de quem me lembrei foi você. Fora Andy Hick, mas ele já ganha uma bolada por ano em um banco de comércio.”

“Fiquei emocionado, Paulie.”

“De nada.”

“Como conheceu o cara?”

“Ele veio visitar o Toffee e eu acabei presente no encontro.”

“Toffee é uma pessoa?”

“Spencer. O governador. Ele se chama de Toffee. Não sei por quê. Tem algo a ver com golfe, eu acho.”

Pensei durante um tempo.

“E você não sabe o porquê de ele visitar o Spencer?”

“Quem disse que não sei?”

“Você sabe?”

“Não.”

Paulie estava com um olhar fixo em algum lugar atrás da minha cabeça, por isso me virei para olhar. Os dois homens próximos da porta estavam de pé agora. O mais velho falou algo para o *maître*, que mandou um garçom em direção à nossa mesa. Algumas pessoas de outras mesas também assistiam à cena.

“Senhor Lang?”

“Sou eu.”

“Telefone para o senhor.”

Dei de ombros para Paulie, que lambia seu dedo e pegava migalhas da mesa.

Na hora em que cheguei à porta, o homem mais novo tinha desaparecido. Tentei olhar nos olhos do outro, mas ele estudava um quadro na parede. Peguei o telefone.

“Chefe”, disse Solomon, “as coisas não vão bem no reino da Dinamarca.”

“Ah, mas que chato”, comecei. “As coisas estavam indo tão bem até agora.”

Solomon começou a responder, mas houve um click e um bang, e então a voz esganiçada de O’Neal apareceu na linha.

“É você, Lang?”

“Sim.”

“É a garota, Lang. Ou a jovem, se preferir. Tem alguma ideia de onde ela possa estar neste momento?”

Soltei uma gargalhada.

“Está perguntando para *mim* onde ela está?”

“Estou. Estamos tendo problemas para localizá-la.”

Dei uma olhada para o homem que me seguia, e ele continuava olhando o quadro.

“Infelizmente, senhor O’Neal, não tenho como ajudá-lo”, respondi. “Veja, não tenho uma equipe de 900 pessoas, nem um orçamento de 20 milhões de libras com os quais poderia encontrar pessoas e mantê-las à vista. Mas tenho uma sugestão: por que não tenta o pessoal da segurança do Ministério da Defesa? Parece que eles são muito bons nesse tipo de coisa.”

Mas ele já tinha desligado na hora em que falei a palavra “defesa.”  
DEIXEI PAULIE PAGAR a conta e peguei um ônibus para Holland Park.

Queria ver o tamanho da bagunça que a equipe de O’Neal tinha feito em meu apartamento e se tinha recebido mais algum contato de canadenses negociantes de armas que tinham nomes do Velho Testamento.

Os homens de Solomon entraram no ônibus comigo e ficaram olhando pela janela como se fosse a primeira visita deles a Londres.

Quando chegamos a Notting Hill, me inclinei em direção a eles.

“Se quiserem, podem descer comigo”, falei. “Assim não precisam descer no ponto seguinte e correr.” O mais velho olhou em outra direção, mas o mais novo sorriu maliciosamente. Acabamos descendo todos juntos, mas eles ficaram do outro lado da rua enquanto eu entrava em meu apartamento.

Eu teria sabido de cara que o lugar tinha sido revistado, mesmo se não tivessem me contado. Claro que não esperava que tivessem trocado os lençóis e passado o aspirador, mas esperava que tivessem deixado um pouco mais arrumado do que isso. Nenhum dos móveis estava no lugar, os poucos quadros que eu tinha estavam bem tortos e os livros das prateleiras estavam pateticamente fora de ordem. Eles mudaram até o CD que estava no tocador. Ou talvez tenham achado que *Professor Longhair* era uma música mais apropriada para se revistar um apartamento.

Nem me preocupei em colocar as coisas no lugar. Em vez disso, fui até a cozinha, botei a chaleira no fogo e falei em voz alta: “chá ou café?”

Houve um barulho surdo vindo do quarto.

“Ou talvez prefira uma Coca?”

Continuei de costas para a porta enquanto a chaleira assobiava prestes a ferver a água, mas ainda podia ouvi-la se movendo em direção à porta da cozinha. Joguei um pouco de café instantâneo em uma caneca e me virei.

No lugar do belo robe de seda, Sarah Woolf usa uma calça jeans gasta e uma camiseta de gola alta cinza-escuro. O cabelo estava preso para trás daquele jeito que algumas mulheres levam cinco segundos para fazer e outras, cinco dias. E para combinar com a blusa, ela segurava uma pistola automática Walther TPH .22 na mão direita.

A TPH é uma graça de arma. Ela tem um disparo direto, seis balas e um cilindro de quase três polegadas. E também é bem inútil como arma, porque se você não acertar exatamente o coração ou o cérebro no primeiro disparo, vai apenas deixar mais brava a pessoa na qual atirou. Para a maioria das pessoas, um martelo é uma arma melhor.

“Muito bem, senhor Fincham”, ela falou, “como sabia que eu estava aqui?”, soando exatamente do jeito que seu rosto transparecia.

“Fleur de Fleurs”, respondi. “Dei esse perfume de Natal para minha diarista, mas como sei que ela não usa, só podia ser você.”

“Você tem uma empregada?”

“É, sei o que quer dizer. Mas que Deus a abençoe, ela não está bem. É artrite. Ela não limpa nada abaixo dos joelhos ou acima dos ombros. Tento manter toda minha sujeira na linha da cintura, mas, às vezes...”, e sorri. Ela não sorriu. “Agora, uma pergunta, como entrou aqui?”

“Não estava trancado”, ela respondeu.

Balancei minha cabeça em desaprovação.

“Isso é realmente inaceitável. Vou ter de escrever ao meu MP.”

“Quê?”

“Este lugar”, comecei, “foi revistado esta manhã por membros do Serviço de Segurança Britânico. Profissionais treinados com o dinheiro dos nossos impostos, que nem se dão ao trabalho de trancar a porta quando saem? Que tipo de serviço você diria que foi feito? Só tenho Coca *diet*, tudo bem pra você?”

A arma ainda estava apontada na minha direção, mas não me seguiu até a geladeira.

“O que eles estavam procurando?”, disse, enquanto olhava pela janela. Ela parecia mesmo ter tido uma manhã terrível.

“Quem sabe?”, respondi. “Tenho uma camiseta de algodão grosseira no fundo da gaveta. Talvez isso seja uma ofensa à realeza agora.”

“Eles acharam uma arma?”, ela perguntou, ainda sem olhar para mim. A chaleira ferveu e eu coloquei um pouco de água quente na caneca.

“Sim, acharam.”

“A arma que você iria usar para matar o meu pai.”

Não me virei. Apenas continuei fazendo o meu café.

“Eu não tinha uma arma”, falei. “A que eles acharam foi colocada aqui para parecer que eu iria usá-la pra matar o seu pai.”

“Bem, então funcionou.” Ela agora olhava diretamente para mim. E a .22 também. Mas sempre me orgulhei do meu sangue frio, por isso apenas adicionei um pouco de leite ao meu café e acendi um cigarro. Isso a fez ficar brava.

“Você é um filho da puta confiante, né?”

“Eu não sei de nada. Mas minha mãe me ama.”

“Ah é? E isso é uma razão para eu não atirar em você?”

Eu esperava que ela não falasse de armas ou de atirar, pois mesmo o Ministério da Defesa tem condição de grampear uma sala, mas já que ela tocou no assunto, eu não tinha como ignorar.

“Posso dizer uma coisa antes que você use essa coisa?”

“Pode.”

“Se eu pretendia atirar no seu pai, por que não levei a arma comigo ontem à noite, quando fui à sua casa?”

“Talvez você tenha levado.”

Fiz uma pausa e tomei um gole de café.

“Boa resposta”, falei. “Certo, se tivesse levado ela comigo na noite passada, porque não atirei no Rayner quando ele estava quebrando meu braço?”

“Talvez você tenha tentado. E talvez fosse por isso que ele estava tentando quebrar o seu braço.”

Pelo amor de Deus, essa mulher estava me tirando do sério.

“Outra boa resposta. Bem, então me responda o seguinte. Quem disse a você que acharam uma arma aqui?”

“A polícia.”

“Não foi, não”, respondi. “Podem ter dito a você que eram da polícia, mas não eram.”

Eu tinha pensando em pular sobre ela, talvez jogando o café primeiro, mas agora não havia razão para isso. Por cima do ombro dela, podia ver os dois homens de Solomon se esgueirando pela sala, o mais velho segurando um grande revólver com as duas mãos e o mais novo apenas sorrindo. Resolvi deixar o longo braço da lei fazer algo, pra variar um pouco.

“Não interessa quem me contou”, disse Sarah.

“Ao contrário. Acho que importa e muito. Um vendedor dizer a você que uma lava-roupas é ótima é uma coisa. Mas se o arcebispo de Canterbury diz que ela é ótima e que remove a sujeira mesmo com água fria, já é algo bem diferente.”

“O que você...”

Ela os ouviu quando estavam a meio metro, e quando se virou, o mais novo segurou o pulso dela e o girou para baixo e para fora de um jeito muito competente. Ela deu um gritinho e soltou a arma.

Peguei a arma e a entreguei, sem pestanejar, ao homem mais velho. Tentando mostrar que eu era um bom cidadão, apenas incompreendido pelo mundo.

QUANDO O'NEAL E Solomon chegaram, eu e Sarah estávamos no sofá, enquanto os dois homens guardavam a porta. Ninguém conversava. Quando O'Neal entrou, parecia que havia gente demais no pequeno apartamento. Me ofereci para sair pra comprar bolo, mas O'Neal me ofereceu sua dura expressão “a proteção do mundo ocidental está em

minha mãos”, por isso ficamos todos quietos, olhando para nossas próprias mãos.

Depois de trocar sussurros com seus homens, que saíram em silêncio, O’Neal andou por ali pegando algumas coisas e curvando seus lábios para elas. Claro que ele estava esperando encontrar algo que não estava naquela sala e nem iria entrar pela porta a qualquer momento, por isso me levantei e fui até o telefone. Ele tocou assim que o alcancei. Raramente as coisas funcionam assim.

Atendi.

“Pós-Graduação”, disse uma voz dura e com sotaque norte-americano.

“Quem está falando?”

“O’Neal?” Tinha uma ponta de raiva na voz. Não era um homem a quem você podia pedir uma xícara de açúcar.

“Não, mas o senhor O’Neal está aqui”, respondi. “Quem fala?”

“Ponha o O’Neal na porcaria da linha, sim?”, ele falou. Me virei e vi que O’Neal andava em minha direção, esticando a mão.

“Veja se aprende a ter boas maneiras”, respondi, e desliguei o telefone.

Houve um breve silêncio, e então várias coisas aconteceram ao mesmo tempo. Solomon apareceu e me levou ao sofá, não estava sendo duro comigo, mas também não foi gentil, O’Neal gritava com os outros dois homens e eles gritavam entre si, além de o telefone começar a tocar novamente.

O’Neal atendeu e logo começou a brincar com o fio, o que não combinava com suas tentativas anteriores de mostrar uma compostura de nobre. Era óbvio que, no mundo de O’Neal, havia problemas mais sérios do que o duro norte-americano do outro lado da linha.

Solomon me colocou novamente no sofá ao lado de Sarah, que se afastou enojada. É mesmo incrível ser odiado por tanta gente dentro de sua própria casa.

O’Neal acenou com a cabeça e disse alguns “sins” durante um minuto mais ou menos e então desligou o telefone gentilmente. Ele olhou para Sarah.

“Senhorita Woolf”, ele começou, o mais educadamente que conseguiu, “deve se apresentar ao senhor Russell Barnes na Embaixada Norte-Americana assim que puder. Um destes cavalheiros a levará de carro.”

O'Neal olhou em outra direção, esperando que ela pulasse do sofá e desaparecesse. Mas Sarah permaneceu onde estava.

“Vai tomar no meio do cu bem tomado”, ela respondeu.

Eu ri.

Mas fui o único a fazer isso, e O'Neal disparou um de seus cada vez mais famosos olhares em minha direção. Mas Sarah continuava encarando ele.

“Quero saber o que vão fazer com este homem”, ela falou. Depois, apontou a cabeça em minha direção de forma desdenhosa, por isso achei melhor parar de rir.

“O senhor Lang é problema nosso, senhorita Woolf”, disse O'Neal. “Você tem uma responsabilidade com o Departamento de Estado do seu...”

“Você não é da polícia, é?”, ela perguntou. O'Neal se sentiu incomodado.

“Não, não somos da polícia”, disse com cuidado.

“Bem, pois eu quero a polícia aqui, e quero que este cara seja preso por tentativa de homicídio. Ele tentou matar meu pai e, pelo que sei, vai tentar de novo.”

O'Neal olhou para ela, depois para mim e então para Solomon. Parecia querer ajuda de um de nós, mas não conseguiu nada.

“Senhorita Woolf, fui autorizado a informá-la que...”

Ele parou como quem não consegue se lembrar se tinha sido mesmo autorizado e, se tinha, quem autorizou realmente estava autorizando? Ele franziu o nariz por um momento e decidiu falar de uma vez.

“Fui autorizado a lhe informar que seu pai é, até este momento, objeto de investigação de agências do governo dos Estados Unidos, auxiliadas pelo meu departamento em nosso Ministério da Defesa.” Essa informação caiu como uma bomba, e ficamos todos em silêncio. O'Neal deu uma olhadela em minha direção. “É da nossa alçada decidir se acusamos o senhor Lang e também se tomaremos algum tipo de atitude em relação ao seu pai e às atividades dele.”

Não sou um grande leitor das expressões humanas, mas pude perceber claramente que isso tinha sido um choque para Sarah. Seu rosto ficou pálido rapidamente.

“Que atividades?”, ela perguntou. “Investigando ele por quê?” A voz dela ficou esganiçada. O’Neal pareceu desconfortável, e eu sabia que estava morrendo de medo de que ela fosse chorar.

“Suspeitamos que seu pai”, acabou dizendo, “tem importado substâncias de proibição Classe A para a Europa e a América do Norte.”

A sala ficou em silêncio, e todos olhavam para Sarah. O’Neal limpou a garganta.

“Seu pai é um traficante de drogas, senhorita Woolf.”

Foi a vez de ela gargalhar.

---

\* Tradução livre: Gostamos de adorar Deus e o médico/Mas apenas quando estamos em perigo, não antes disso.

# quatro

*Há uma cobra escondida na grama.*

VIRGÍLIO

Como todas as coisas boas da vida, e as más também, a reunião terminou. O clone do Solomon levou Sarah em um dos Rovers e O'Neal pediu um táxi que demorou demais para chegar, dando tempo a ele de ficar xeretando as minhas coisas. O verdadeiro Solomon ficou para lavar minhas canecas e depois sugeriu que nós dois saíssemos para tomar umas nutritivas e acolhedoras cervejas.

Ainda eram 17h30 da tarde, mas os *pubs* já estavam cheios de jovens de terno e bigodes precoces que pareciam os donos do mundo. Conseguimos uma mesa no bar O Cisne com Dois Pescoços, e lá Solomon começou uma grande busca por trocados em seus bolsos. Eu falei pra ele cobrar como despesa de trabalho, e ele respondeu para eu pagar usando parte das minhas 30 mil libras. Decidimos na moeda, e eu perdi.

“Muito agradecido pela gentileza, chefe.”

“Um brinde, David”. Nós dois bebemos um grande gole, e então acendi um cigarro.

Esperava que Solomon começasse o papo com alguma observação a respeito dos eventos das últimas 24 horas, mas ele parecia feliz em ficar sentado em silêncio, ouvindo uma turma de corretores de imóveis que conversava sobre sistemas de alarme. Ele deu um jeito de eu achar que estarmos ali tinha sido ideia minha, mas eu não estava engolindo aquilo.

“David.”

“Senhor.”

“Isto aqui é um passeio?”

“Passeio?”

“Mandaram você sair comigo, não é? Me dar uns tapinhas nas costas, me deixar bêbado e descobrir se estou transando com a princesa

Margaret?”

Solomon ficou um pouco irritado pelo nome da família real ser usado em vão, é claro o motivo de eu ter feito isso.

“Preciso ficar por perto, senhor”, ele começou. “Pensei que seria mais divertido se sentássemos juntos, só isso.” Ele pensou que aquilo respondia à minha pergunta.

“Então, o que está acontecendo?”, perguntei.

“Acontecendo?”

“David, se você vai ficar aí parado, com os olhos arregalados e repetindo o que eu falo como se tivesse vivido toda a sua vida na casa da Wendy, teremos uma noite bem idiota.”

Houve uma pausa.

“Uma noite bem idiota?”

“Ah, cale a boca! Você me conhece, David.”

“Sim, tenho mesmo esse privilégio.”

“Posso ser muitas coisas, mas com certeza não sou um assassino.”

“Minha grande experiência nesses assuntos”, ele parou e tomou outro grande gole de cerveja e limpou os lábios, “me leva a pensar, chefe, que todo mundo não é um assassino com certeza, até que se torne um.”

Olhei pra ele um momento.

“Vou jurar pra você, David.”

“Como quiser, senhor.”

“O que quer dizer com isso, caralho?”

Os corretores de imóveis agora falavam dos peitos das mulheres, e esse assunto estava rendendo boas risadas. Ouvi-los fez com que eu me sentisse com 104 anos.

“É como as pessoas quem têm cachorro”, Solomon falou. “Meu cão não machucaria uma mosca’, eles dizem. Até que, um dia, são obrigados a dizer ‘mas ele nunca fez isso antes’.” Ele me olhou e viu que eu estava fazendo uma careta. “O que quero dizer é que ninguém conhece os outros totalmente. Ou os cachorros. Não 100%.”

Bati meu copo com força na mesa.

“Ninguém conhece os outros totalmente? Que inspirador. Quer dizer que, apesar de termos passado dois anos praticamente dentro do bolso um do outro, não sabe se sou capaz ou não de matar alguém por dinheiro?”

Tenho de admitir que estava ficando meio irritado com aquilo. E é bem difícil eu ficar irritado.

“Você acha que eu sou capaz?”, disse Solomon com um sorriso malicioso ainda nos lábios.

“Se eu acho que você é capaz de matar alguém por dinheiro? Não, não acho.”

“Tem certeza?”

“Tenho.”

“Pois então o senhor é um tolo. Matei um homem e duas mulheres.”

Eu já sabia disso. E também sabia o quanto aquilo pesava nos ombros dele.

“Mas não era por dinheiro”, falei. “Não era um assassinato.”

“Sou um servo da Coroa, chefe. O governo paga o meu salário. De qualquer ângulo que se olhe para a coisa, e pode acreditar que já olhei de todos, a morte dos três punha comida em casa. Quer mais um pint de cerveja?”

Antes que eu pudesse dizer algo, ele pegou meu copo e foi até o bar.

Enquanto olhava ele caminhar por entre os corretores de imóveis, me lembrei de quando brincávamos juntos de mocinho e bandido em Belfast.

Dias felizes no meio de meses miseráveis.

Era 1986 e Solomon havia sido escolhido, junto com outros doze membros da equipe antiterrorista da Polícia Metropolitana, para suprir a falta temporária de homens na Royal Ulster Constabulary, a polícia da Irlanda do Norte. Ele logo provou ser o único de seu grupo que valia a passagem aérea, por isso, ao final de seu contrato temporário, alguns fodões bem difíceis de agradar da RUC perguntaram se ele não queria ficar e lutar contra alvos paramilitares nacionalistas, e ele aceitou.

Bem perto dali, eu servia o último dos meus oito anos no exército, ligado ao GR24, uma das muitas unidades de inteligência militar que competiam por serviços na Irlanda do Norte, e imagino que ainda façam isso até hoje. Os outros oficiais que serviam comigo em geral tinham estudado na mesma escola, usavam gravatas no escritório e voavam para campos de caça escoceses nos finais de semana. Comecei a passar cada vez mais tempo com Solomon, em geral esperando por algo em um carro que não tinha aquecimento.

Mas de vez enquanto saíamos e fazíamos algo divertido, e nos nove meses que estivemos juntos, vi Solomon fazer muitas coisas valentes e extraordinárias. Ele tomou três vidas, mas salvou dezenas de outras, inclusive a minha.

Os corretores de imóveis ficaram rindo da capa marrom dele.

“O WOOLF NÃO é boa companhia, chefe”, ele começou.

Estávamos no terceiro copo e Solomon soltou o botão de seu colarinho. Eu teria feito o mesmo se tivesse um botão para soltar. O *pub* estava mais vazio agora, pois algumas pessoas voltavam para casa ou iam ao cinema. Acendi mais um de uma série de cigarros.

“Por causa das drogas?”

“Sim, por causa das drogas.”

“Mais alguma coisa?”

“E precisa ter mais alguma coisa?”

“Bem, claro.” Olhei para ele. “É preciso ter algo mais para que tudo isso não esteja a cargo do Esquadrão das Drogas. O que ele tem a ver com o seu setor? Ou vocês estavam sem nada pra fazer e resolveram se ocupar do caso?”

“Nunca falei uma palavra sobre isso, certo?”

“Claro que não falou.”

Solomon fez uma pausa, pensando o que ia dizer e aparentemente achando algumas palavras pesadas demais.

“Um homem muito rico, um industrial, vem a este país e diz que quer investir aqui. Nosso Ministério das Indústrias e Serviços dá a ele um copo de vinho e várias brochuras bem feitas e ele está pronto para negociar. O homem diz a eles que vai produzir uma série de componentes de metal e plástico e pergunta se teria algum problema em construir meia dúzia de fábricas na Escócia e no nordeste da Inglaterra. Um ou dois membros da diretoria do Ministério não conseguem esconder a excitação e oferecem a ele 200 milhões de libras como apoio governamental e uma permissão para estacionar o carro em Chelsea. Nem sei dizer qual das duas coisas vale mais.”

Solomon deu outro gole e secou a boca com a parte de trás da mão. Ele estava bem nervoso agora.

“O tempo passa. O dinheiro cai na conta dele, as fábricas são construídas e um dia o telefone toca em Whitehall. É uma chamada internacional de Washington, DC: ‘Vocês sabiam que um rico industrial que produz coisas plásticas também negocia grandes quantidades de ópio vindas da Ásia?’ ‘Por Deus, não, claro que não, muito obrigado por nos avisar, abraço grande à sua família toda.’ Pânico. O rico industrial está agora com um monte de dinheiro nosso e empregando 3 mil dos nossos cidadãos.”

Depois disso, Solomon pareceu ficar sem energia, como se o esforço para controlar sua fúria tivesse sido demais. Mas eu não consegui esperar.

“E depois?”

“Depois, um comitê formado por pessoas não muito brilhantes colocou suas cabeças gordas para pensar e decidir o que poderia ser feito. A lista incluía não fazer nada, não fazer nada, não fazer nada ou ligar para o telefone de emergência, o 999, e chamar a polícia. A única coisa que tinham certeza é de que não gostaram da última ideia.”

“E O’Neal...?”

“O’Neal pega o trabalho. Vigilância. Restrição. Controle de danos. Pode dar a porcaria de nome que quiser.” Para Solomon, porcaria era uma palavra forte. “Nada disso, é claro, tem a ver com Alexander Woolf.”

“Claro que não”, respondi. “Onde está ele agora?”

Solomon olhou para o relógio.

“Neste momento, ele está sentado no assento 6C de um British Airways 747 que saiu de Washington e vem para Londres. Se tem um pouquinho de cabeça, escolheu comer o Bife Wellington. Pode ser que ele goste mais de peixe, mas duvido muito.”

“Qual o filme?”

“Enquanto Você Dormia.”

“Estou impressionado”, falei.

“Deus está nos detalhes, chefe. Não é porque o trabalho é ruim que eu devo executá-lo mal.”

Tomamos mais um pouco de cerveja em um confortável silêncio. Mas eu tinha de perguntar algo.

“Outra coisa, David.”

“O que quiser, chefe.”

“Se importa em explicar onde eu entro nisso tudo?” Ele olhou para mim com uma expressão “você que me diz”, por isso me apressei em explicar. “Quero dizer, quem quer ele morto e por que fazer com que pareça que eu sou o assassino?”

“Solomon tomou tudo em um gole.”

“O porquê eu não sei”, ele começou. “Já sobre o quem, estamos achando que pode ser a CIA.”

DURANTE A NOITE fiquei um pouco agitado, me virei na cama e levantei duas vezes para gravar uns monólogos idiotas sobre a situação toda no meu ditafone. Havia coisas nisso tudo que me incomodavam e outras que me assustavam, mas era Sarah Woolf que continuava aparecendo na minha cabeça e se recusando a ir embora.

Eu não estava apaixonado por ela, entende? Como poderia? Só passei algumas horas ao lado dela, e nenhuma foi em circunstâncias tranquilas e calmas. Não, claro que eu não estava apaixonado. É preciso mais do que um par de olhos acinzentados brilhantes e belos cabelos marrom-escuro esvoaçantes para me pegar.

Meu Deus do céu.

NA MANHÃ SEGUINTE, às 9 horas, eu já estava colocando uma gravata do Clube Garrick e um *blazer*, e às 9h30 eu já tocava a campainha do Banco Nacional Westminster na Swiss Cotage. Eu ainda não sabia bem o que ia fazer, mas achei que faria bem pra minha moral olhar nos olhos do meu gerente pela primeira vez em dez anos, mesmo o dinheiro na conta não sendo meu.

Me levaram a uma sala de espera do lado de fora da sala do gerente e me deram um copo de plástico com café que estava quente demais para ser tomado até que, em um milionésimo de segundo, ele ficou frio demais. Estava tentando me livrar daquilo atrás de uma seringueira quando um moleque de uns 9 anos com cabelo ruivo pôs a cabeça na porta, me convidou a entrar e se apresentou como Graham Halkerston, o gerente.

“O que posso fazer por você, senhor Lang?” começou, sentado atrás de uma mesa jovem e ruiva.

Me sentei em uma posição que achei ser de um grande homem de negócios, na cadeira oposta a ele, e ajeitei a gravata.

“Bom, senhor Halkerston, estou preocupado com uma certa quantia que foi depositada recentemente na minha conta.”

Ele deu uma olhada para uma folha impressa sobre a mesa.

“Seria um depósito feito no dia 7 de abril?”

“Dia 7 de abril”, repeti com cuidado, tentando não misturar com outros depósitos de 30 mil libras que recebi naquele mês. “Sim”, falei. “Acho que é esse mesmo.”

Ele acenou com a cabeça.

“Vinte e nove mil, quatrocentas e onze libras e setenta e sete centavos. Está pensando em transferir o dinheiro, senhor Lang? Porque temos uma variedade de investimentos de bom rendimento que serviriam bem aos seus interesses.”

“Meus interesses?”

“Isso. Acesso imediato, bom rendimento, bônus em 60 dias, é só decidir qual prefere.”

Era estranho ouvir um ser humano falando aquelas frases. Até aquele ponto da minha vida, só tinha visto essas frases em placas publicitárias.

“Ótimo”, falei. “Ótimo, mas, por enquanto, meu interesse é de que você mantenha meu dinheiro em uma sala muito bem trancada.” Ele me olhou sem entender. “Estou mais interessado em saber a origem do dinheiro.” A cara dele foi de sem entender para não entendendo nada. “Quem me deu esse dinheiro, senhor Halkerston?”

Dava para ver que doações não solicitadas não faziam parte do dia a dia bancário, e levou mais uns momentos de não entendimento, seguidos de uma mexida em alguns papéis, para que Halkerston voltasse ao ar.

“O depósito foi feito em dinheiro, por isso não tenho como saber a origem. Se aguardar um momento, posso conseguir uma cópia do papel do depósito.” Ele apertou um botão e chamou uma tal de Ginny, que veio rapidamente trazendo uma pasta. Enquanto Halkerston procurava algo dentro dela, fiquei imaginando como Ginny conseguia manter a cabeça erguida com a quantidade de maquiagem que tinha no rosto. Embaixo de tudo aquilo, é capaz de ela ter sido bonita. Ou talvez ela seja o Dirk Bogarde. Mas nunca saberei.

“Aqui está”, disse ele. “Não colocaram nome, mas tem uma assinatura. Offer. Ou talvez Offee. É T Offee, sim, acho que sim.”

O ESCRITÓRIO DE Paulie era em Middle Temple, pois me lembro de ele ter dito que era perto de Fleet Street, e acabei conseguindo chegar lá com a ajuda de um táxi. Não é como me locomovo normalmente, mas, como já estava no banco mesmo, pensei que não faria mal tirar umas 200 libras do meu rico dinheirinho para as despesas.

Paulie estava em uma audiência, e o caso era um “atropelamento e fuga”. Ele fazia o seu papel de freio humano da roda da justiça, por isso não tive uma recepção especial no escritório de Milton Crowley Spencer.

Em vez disso, precisei me sujeitar às perguntas do escrevente sobre qual era o meu “problema” e quando ele acabou, eu me sentia pior do que me sentia em clínicas de doenças venéreas.

Não que eu tenha estado em muitas clínicas de doenças venéreas.

Tendo passado no primeiro teste, agora eu estava em uma sala cheia de edições antigas do *Expressions*, o jornal para quem tem cartão American Express, provavelmente para descansar das perguntas. Me sentei e li a respeito de alfaiates sob encomenda em Jermyn Street, costureiras de meias em Northampton e fabricantes de chapéu do Panamá, além de saber da grande possibilidade de Kerry Packer vencer o Campeonato de Polo Veuve Cliquot em Smith’s Lawn e outras grandes histórias que aconteciam por trás das notícias, até que o escrevente voltou e levantou um hábil par de sobancelhas para mim.

Fui levado a uma sala grande, com painéis de carvalho, prateleiras em três paredes e um armário de madeira encostado na quarta parede. Havia uma foto sobre a mesa mostrando três adolescentes que pareciam ter sido escolhidos em um catálogo, e ao lado, uma foto autografada de Denis Thatcher. Estava imaginando por que as duas fotos apontavam para o lado de fora da mesa quando uma pequena porta lateral se abriu e então eu estava na presença de Spencer.

E que presença! Ele era uma versão mais alta de Rex Harrison, com cabelos acinzentados, óculos meia-lua e uma camisa que era absurdamente branca. Não vi ele ligar o cronômetro enquanto se sentava.

“Desculpe-me por fazê-lo esperar, senhor Fincham, sente-se, por favor.”

Ele gesticulou para a sala como se eu pudesse escolher, mas na verdade só havia uma cadeira. Sentei e imediatamente pulei de pé, ao ouvir um estalido feito pela cadeira, como se a madeira estivesse se partindo. Foi tão

alto e agonizante que, pela janela, vi gente parando, olhando através da janela e pensando em chamar a polícia. Spencer pareceu nem notar.

“Acho que nunca vi você no clube”, ele falou, sorrindo expansivamente.

Sentei-me de novo, ouvindo outro estalido da cadeira, e tentei achar uma posição que permitisse a nossa conversa sem termos de gritar mais alto que o barulho da madeira.

“Clube?”, perguntei e então o vi gesticulando para a minha gravata. “Ah, está falando do Garrick?”

Ele acenou com a cabeça, ainda sorrindo.

“Não, sabe como é”, falei, “não venho a cidade tanto quanto gostaria.” Balancei a mão fazendo um gesto de quem tinha muitos acres de terra em Wiltshire e muitos labradores. Ele acenou novamente com a cabeça, como se imaginasse exatamente a mesma cena, e pensou que seria um bom lugar para almoçar da próxima vez em que estivesse lá perto.

“Bem”, ele falou, “como posso ajudá-lo?”

“Isso é um pouco... complicado”, comecei.

“Senhor Fincham”, ele interrompeu suavemente, “no dia em que chegar um cliente e me disser que o assunto para o qual ele ou ela quer o meu conselho não é delicado, será hora de me aposentar.” Pela cara dele, eu devia interpretar isso como algo engraçado. Tudo que consegui pensar é que aquilo provavelmente me custaria 30 libras.

“Bem, isso é reconfortante”, respondi, apreciando a piada. Sorrimos confortavelmente um para o outro. “A verdade é que um amigo me disse, recentemente, que você foi de muita ajuda ao apresentar para ele pessoas com talentos incomuns.”

Houve uma pausa, como eu já suspeitava que aconteceria.

“Entendo”, disse ele. Seu sorriso foi morrendo aos poucos, tirou os óculos e levantou o queixo uns cinco graus. “Será que eu poderia saber o nome desse seu amigo?”

“Prefiro não dizer por enquanto. Ele precisava de um tipo de guarda-costas, alguém preparado para cumprir algumas tarefas não muito ortodoxas, e foi quando você deu a ele alguns nomes.”

Spencer se reclinou na cadeira e me examinou. Da cabeça aos pés. Dava para ver que a entrevista tinha acabado, e agora ele estava decidindo

o jeito mais elegante de me dizer. Depois de um tempo, ele respirou fundo pelo nariz.

“É possível que não tenha compreendido direito que tipo de serviços oferecemos aqui, senhor Fincham. Somos um escritório de advogados. Advogados. Defendemos as pessoas na justiça. Essa é a nossa função. Não somos, e é aqui que acho que houve a confusão, uma agência de empregos. Se o seu amigo ficou satisfeito conosco, fico feliz em ouvir. Mas espero e acredito que tenha sido mais pelos conselhos legais que pudemos oferecer do que qualquer recomendação para contratação de pessoal.” Saindo da boca dele, “pessoal” teve uma conotação estranha. “Não seria mais fácil você contatar o seu amigo para poder conseguir a informação que deseja?”

“Bem, esse é o problema”, respondi. “Meu amigo desapareceu.”

Houve uma pausa, e Spencer piscou lentamente. Tem algo estranhamente insultante em uma piscada curta. Eu sei porque já usei algumas vezes.

“Fique à vontade para usar o telefone da sala do escrevente.”

“Ele não deixou um número de telefone.”

“Então você tem um problema, senhor Fincham. Agora, se me der licença...” Ele colocou os óculos novamente e começou a ler alguns papéis que estavam sobre a mesa.

“Meu amigo precisava de alguém”, falei, “que estivesse preparado para matar uma pessoa.”

Óculos na mesa e queixo levantado.

“Entendi.”

Uma longa pausa.

“Entendi”, ele repetiu. “Além de ser um ato ilegal por si só, é altamente improvável que ele recebesse alguma ajuda de um funcionário desta firma, senhor Fincham...”

“Ele me assegurou de que você foi de grande ajuda...”

“Senhor Fincham, preciso ser sincero.” A voz dele se endureceu consideravelmente, e percebi que devia ser bem interessante assistir a uma audiência com o Spencer. “Se formou em minha mente a suspeita de que você pode estar aqui apenas como um *agent provocateur*.” O sotaque francês dele era confiante e imaculado. Ele tinha uma casa de campo em Provence, com certeza. “Não sei qual o motivo”, continuou. “Nem estou

interessado em saber. Mas me recuso a falar qualquer outra coisa para você.”

“A menos que seja na presença de um advogado?”

“Tenha um bom dia, senhor Fincham”. E botou os óculos.

“Meu amigo também me disse que você cuidou do pagamento do novo contratado dele.”

Sem resposta. Eu sabia que não receberia mais nenhuma resposta dele, mas achei que deveria pressionar do mesmo jeito.

“Meu amigo me disse que você mesmo assinou o comprovante de depósito”, falei. “Com a sua letra.”

“Estou me cansando dessas coisas que seu amigo falou, senhor Fincham. Já falei, tenha um bom dia.”

Me levantei e caminhei até a porta. A cadeira gritou de alívio.

“A oferta de usar o telefone ainda está em pé?”

Ele nem olhou para mim.

“O custo da ligação vai ser colocado na sua conta.”

“Que conta?”, falei. “Você não fez nada por mim.”

“Eu dei o meu tempo a você, senhor Fincham. Se não o usou de forma adequada, o problema é seu.”

Abri a porta.

“Bem, de qualquer forma, obrigado, senhor Spencer. Ah, outra coisa...” Esperei até que ele olhasse para mim. “Há um boato lá no Garrick que diz que você trapaceia nos jogos de *bridge*. Falei para meus camaradas que isso era uma grande inverdade, boataria, mas você sabe como são essas coisas. As pessoas ficam com isso na cabeça. Achei que gostaria de saber.”

Patético. Mas foi o que consegui pensar na hora.

O escrevente percebeu que eu não era muito bem-vindo e me avisou, com muito mau humor, que eu receberia a conta dos serviços nos próximos dias.

Agradei a ele pela gentileza e fui em direção à escada. No caminho, percebi que outra pessoa fazia o meu percurso da chegada, lendo números antigos do Expressions.

BAIXINHOS QUE USAM terno cinza: essa é uma categoria com muitos participantes.

Já baixinhos que usam terno cinza e que eu já segurei pelo saco em um bar de hotel de Amsterdã é uma categoria com muito pouca gente.

Apenas um, na verdade.

## cinco

*Pegue uma palha e jogue para o alto,  
você vai descobrir para onde o vento sopra.*

JOHN SELDEN

**Para seguir** alguém, sem que a pessoa saiba que está sendo seguida, não é aquela moleza que eles mostram nos filmes. Já tive muitas experiências profissionais de seguir alguém e muitas experiências de voltar ao escritório e relatar “perdemos ele”. A menos que seu alvo seja surdo, manco ou tenha problemas de visão, você vai precisar de umas doze pessoas e umas 15 mil libras em equipamentos de rádio para fazer um trabalho decente.

O problema com McCluskey é que ele era, usando o velho jargão, “um jogador” – alguém que sabe que é um possível alvo e tem uma boa ideia do que fazer por causa disso. Eu não podia me arriscar a ficar perto demais, e o único jeito de conseguir isso era correndo; ficando bem para trás nas ruas retas, dando um pique quando ele virava a esquina, parando rapidamente se ele resolvesse voltar. Claro que nada disso seria usado em um esquema profissional, pois esse esquema ignorava completamente a possibilidade de ter alguém protegendo o alvo e que começaria a suspeitar de um lunático correndo, se evadindo e olhando muitas vitrines.

A primeira parte foi fácil. McCluskey caminhou da Fleet Street até a Strand, mas quando chegou ao Savoy, ele atravessou a rua e foi para o norte, em direção a Covent Garden. Lá ele passeou com calma pela miríade de lojas inúteis e ficou cinco minutos olhando um ilusionista na frente da Actors Church. Descansado, partiu em um passo animado em direção a St. Martin’s Lane, cruzou até Leicester Square e então me enganou quando virou para o sul sem mais nem menos, entrando na Trafalgar Square.

Quando chegamos ao final de Haymarket eu já estava coberto de suor e rezando para que ele pegasse um táxi. Coisa que ele não fez até chegar em Lower Regent Street, quando peguei outro táxi apenas 20 agonizantes segundos depois.

Bem, claro que era outro táxi. Até os amadores sabem que não se deve pegar o mesmo táxi que a pessoa que se está seguindo.

Sentei no banco traseiro e gritei para o motorista “siga aquele táxi”, então percebi como é estranho falar essa frase na vida real. O motorista não pareceu achar estranho.

“Me diga uma coisa”, ele falou, “ele está transando com sua mulher ou você está transando com a dele?”

Soltei uma gargalhada como se essa fosse a coisa mais engraçada que eu tinha ouvido nos últimos tempos, que é o que você precisa fazer com os motoristas de táxi se quer que levem você ao lugar certo e pelo caminho certo.

McCluskey desceu no Ritz, mas provavelmente pediu ao taxista para esperá-lo ali. Esperei três minutos antes de pedir o mesmo ao meu motorista, mas, assim que abri a porta, ele voltou e partimos.

Andamos devagar pela Piccadilly durante um tempo e então viramos à direita em uma dessas ruazinhas desertas que eu não conhecia. Era o tipo de território que artesãos habilidosos costumavam roupas de baixo à mão para homens portadores de cartões American Express.

Me inclinei para a frente pra dizer ao motorista que não chegasse muito perto, mas ele já devia ter feito isso antes, ou visto em algum filme, pois ficou a uma boa distância.

O táxi de McCluskey parou na Cork Street. Vi que ele estava pagando e pedi ao meu motorista que passasse por ele e me deixasse a uns 200 metros.

O taxímetro marcava 6 libras, por isso dei uma nota de 10 e assisti ao curta de 15 segundos chamado “Não Sei se Tenho Troco Para Isso”, estrelado pelo motorista de táxi com a licença de número 99102, antes de sair e descer a rua.

Naqueles 15 segundos, McCluskey desapareceu. Tinha seguido ele durante 20 minutos e 8 quilômetros e o perdi nos últimos 200 metros. O que, imagino, foi merecido por eu ter sido sovina com a gorjeta.

Cork Street é uma rua que tem apenas galerias de arte, a maioria com grandes janelas de vidro na entrada, e uma das coisas que já percebi a respeito das janelas é que são tão boas para olhar para fora quanto para olhar para dentro. Não podia ir de janela em janela procurando por ele, por isso decidi arriscar. Estudei o lugar onde ele tinha descido e fui até a porta mais próxima.

Estava trancada.

Lá estava eu parado, olhando para o relógio e tentando entender qual seria o horário de abertura da galeria, já que era meio-dia e a porta estava fechada, quando uma loira usando um vestido preto justo apareceu do nada e destrancou a porta, abrindo-a em seguida com um sorriso de boas-vindas. Não tive escolha a não ser entrar, fazendo com que minhas chances de achar McCluskey diminuíssem a cada segundo.

Mantendo os olhos na janela da frente, fiquei meio escondido na escuridão da galeria. Fora a loira, não parecia haver mais ninguém por lá, o que não era uma surpresa depois que dei uma olhada nos quadros.

“Você conhece Terence Glass?”, ela perguntou, me entregando um cartão e a lista de preços. Ela era uma coisinha genuinamente jovem e assustadora.

“Sim, conheço”, falei. “Inclusive, já tenho três.”

Bem, você entende, não? Às vezes, é preciso dançar conforme a música.

“Três o quê?”, ela perguntou.

Claro que às vezes isso não funciona.

“Quadros.”

“Deus do céu”, disse. “Não sabia que ele pintava. Sarah”, ela gritou, “você sabia que Terence pintava?”

Do fundo da galeria veio uma voz norte-americana descolada: “Terry nunca pintou na vida. Ele mal sabe escrever o nome dele.”

Olhei a tempo de ver Sarah Woolf passar pela arcada, perfeita, usando uma saia executiva e um terninho, carregando aquele gentil perfume de *Fleur de Fleurs*. Mas ela não estava olhando para mim. Ela olhava para a entrada da galeria.

Me virei, seguindo o olhar dela, e vi McCluskey parado na porta que estava aberta.

“Mas este cavalheiro diz que tem três...”, disse a loira e riu.

McCluskey se movia rapidamente em direção a Sarah, com a mão direita subindo em direção ao seu peito por dentro do casaco. Empurrei a loira com minha mão direita, ouvi ela falar alguma coisa educada e no mesmo instante McCluskey virou a cabeça e olhou para mim.

Enquanto ele virava o corpo em minha direção, mandei um chute na barriga dele que, para bloquear, teve de tirar o braço de dentro do casaco. O chute o acertou mesmo assim e, por um momento, o pé dele saiu do chão. A cabeça dele veio para a frente como se ele tivesse tentando respirar, e fui por trás dele e passei meu braço esquerdo pelo seu pescoço. A loira gritava “Oh, meu Deus” com um sotaque bem descolado e tentava pegar o telefone que estava na mesa, mas Sarah ficou onde estava, com os braços rígidos ao lado de seu corpo. Gritei para ele correr, mas ou ela não me ouviu ou não queria me ouvir. Enquanto apertava minha pegada em volta do pescoço de McCluskey, ele lutava para colocar seus dedos entre a curva do meu cotovelo e sua garganta. Sem chance de acontecer.

Coloquei meu cotovelo direito no ombro de McCluskey e minha mão direita atrás de sua cabeça. Minha mão esquerda escorregou até a curva do meu cotovelo direito e pronto, lá estava o modelo do diagrama (c) do capítulo “Quebrando um pescoço: o básico”.

Enquanto McCluskey chutava e tentava resistir, eu soltei meu antebraço esquerdo um pouco para trás e movi minha mão direita para a frente – então ele parou rapidamente de chutar. E fez isso porque entendeu o que eu sabia e o que eu queria que ele soubesse – que, com um pouco mais de pressão, eu poderia acabar com a vida dele.

Não tenho certeza, mas acho que foi nessa hora que a arma disparou.

Não me lembro do que senti ao ser atingido. Apenas o baque do som surdo ecoando pela galeria e o cheiro de queimado do que quer que eles usem nas armas atualmente.

Primeiro, achei que ela tinha atirado em McCluskey, e comecei a xingá-la porque tinha tudo sob controle e, de qualquer forma, eu tinha falado pra ela fugir dali. Então pensei: caramba, devo estar suando horrores, porque tô sentindo escorrer pelo lado do meu corpo e gotejar pela cintura da minha calça. Olhei para cima e vi que Sarah ia atirar de novo. Ou talvez já tivesse atirado. McCluskey estava livre e eu parecia estar caindo para trás, batendo em um dos quadros.

“Sua vaca idiota”, acho que falei, “Estou... do seu lado.” É ele... o cara... o cara que... queria matar seu pai. Caralho.”

O caralho foi porque tudo começava a ficar estranho agora. A luz, o som, a ação.

Sarah estava parada bem em cima de mim, e eu acho que, se as circunstâncias fossem diferentes, estaria aproveitando a visão daquelas pernas. Mas não era uma situação diferente. E tudo que eu conseguia olhar agora era a arma.

“Isso seria bem estranho, senhor Lang”, disse ela. “Ele poderia ter feito isso em casa.” De repente, eu não entendia mais nada daquilo. Havia muita coisa errada, errada mesmo, e a dormência do lado esquerdo do meu corpo não era a menor delas. Sarah se ajoelhou ao meu lado e pôs o cano da arma embaixo do meu queixo.

“Este”, e ela apontou em direção a McCluskey, “é o meu pai.”

Como não me lembro de mais nada, imagino que tenha desmaiado.

“COMO ESTÁ SE SENTINDO?”

É a pergunta que você está fadado a ouvir quando está deitado em uma cama de hospital, mas que gostaria que não tivesse sido perguntada mesmo assim. Meu cérebro estava tão confuso a ponto de chamar um garçom e pedir para ele me pagar por comer ali, por isso faria sentido se eu perguntasse para ela como eu me sentia. Mas ela era uma enfermeira e, portanto, provavelmente não estava tentando me matar, por isso decidi gostar dela por enquanto.

Com grande esforço, descolei meus lábios e grasnei para ela: “Bem.”

“Que bom”, ela falou. “O doutor virá ver você em breve.” Deu um tapinha na minha mão e desapareceu.

Fechei os olhos por alguns segundos e quando abri estava escuro lá fora. Um jaleco branco estava sobre mim e fora o fato de a pessoa que o usava parecer jovem o bastante para ser o meu gerente de banco, só podia imaginar que era o médico. Ele devolveu meu pulso, apesar de eu nem ter percebido que ele o estava segurando, e anotou algo em uma prancheta.

“Como está se sentindo?”

“Bem.”

Ele continuou escrevendo.

“Bem, mas não deveria. Você levou um tiro, perdeu bastante sangue, mas tudo bem, porque teve sorte. A bala passou por baixo do seu braço.” Ele falou como se tudo aquilo tivesse sido culpa minha. Que, na verdade, foi mesmo.

“Onde estou?”, perguntei.

“No hospital.”

E foi embora.

Mais tarde, uma mulher bem gorda veio com um carrinho e colocou um prato com algo marrom e cheiro horrível em uma mesa ao meu lado. Não podia imaginar o que tinha feito a ela, mas o que quer que tenha sido, foi algo muito ruim.

Ela deve ter percebido que exagerou, pois, meia hora mais tarde, voltou e retirou o prato. Antes de sair, me disse onde eu estava. O Hospital William Hoyle Ward, em Middlesex.

MINHA PRIMEIRA VISITA de verdade foi Solomon. Ele entrou parecendo firme e imortal, sentou na cama e colocou um embrulho de papel com uvas na mesa.

“Como está se sentindo?”

Definitivamente, um padrão estava emergindo ali.

“Me sinto”, comecei, “quase exatamente como se tivesse tomado um tiro, e agora estou em um hospital tentando me recuperar e um policial judeu está sentado no meu pé.” Ele se mexeu um pouco para o lado da cama.

“Me disseram que teve sorte, chefe.”

Peguei uma uva.

“Sorte como?”

“Do tipo que a bala passou bem perto do seu coração.”

“Ou me acertou por pouco também. Depende do ponto de vista.”

Ele acenou com a cabeça, pensando no que eu tinha dito.

“Qual é o seu?”, perguntou depois de um tempo.

“O meu o quê?”

“Ponto de vista.”

Nos entreolhamos.

“Acho que a Inglaterra deveria jogar no 3-5-2 contra a Holanda”, falei.

Solomon levantou da cama e começou a tirar sua capa, e eu não podia culpá-lo por isso. Estava muito calor ali e parecia haver ar demais naquele quarto. Estava cheio e lotado de ar, passando pelo seu rosto e pelos seus olhos, fazendo você pensar no quarto como um vagão lotado de metrô e em um lote extra de ar que conseguiu entrar correndo quando as portas estavam se fechando.

Pedi a uma enfermeira que diminuísse um pouco a temperatura, mas ela respondeu que o aquecimento era controlado por computador. Se eu fosse o tipo de pessoa que escreve cartas ao *The Daily Telegraph*, estaria escrevendo uma carta ao *The Daily Telegraph*.

Solomon pendurou sua capa atrás da porta.

“Bem, agora, cavalheiro,” ele começou, “acredite ou não, as damas e os cavalheiros que pagam o meu salário pediram que eu conseguisse de você uma explicação de como apareceu no chão da famosa galeria de arte de West End com um tiro no peito.”

“No sovaco.”

“Certo, no sovaco, se você insiste. Agora, pode me explicar, chefe, ou vou precisar segurar um travesseiro na sua cara até que coopere?”

“Bem”, respondi, pensando que já era hora mesmo de falarmos de negócios, “presumo que você saiba que McCluskey é Woolf.” Claro que eu não presumia nada, queria apenas parecer eficiente. E era óbvio pela expressão de Solomon que ele não sabia, por isso continuei. “Segui McCluskey até a galeria, achando que ele estivesse lá para fazer algo ruim com Sarah. Agarrei-o, Sarah atirou em mim e depois me disse que o cara que eu tinha agarrado era o pai dela, Alexander Woolf.”

Solomon concordou calmamente com a cabeça, como sempre fazia ao ouvir coisas meio malucas.

“Então você”... ele falou eventualmente, “agarrou ele porque pensou que era o homem que tinha oferecido dinheiro para que matasse Alexander Woolf?”

“Isso.”

“E você imaginou, chefe, e tenho certeza que muita gente na sua posição imaginaria a mesma coisa, que quando um homem pede a você que mate alguém, esse alguém não vai ser o próprio homem que falou com você.”

“Com certeza não é como fazemos aqui no Planeta Terra.”

“Humm.” Solomon foi até a janela e pareceu hipnotizado pela torre do correio.

“É só isso?”, falei. “Humm? O relatório do Ministério da Defesa vai consistir apenas de um ‘humm’, em uma pasta de couro com o selo em ouro e assinado pelo ministro?”

Solomon não respondeu e continuou olhando para a torre do correio.

“Bem, me diga o seguinte, então, o que aconteceu com Woolf sênior e júnior? Como cheguei aqui? Quem chamou a ambulância? Eles ficaram comigo até ela chegar?”

“Já comeu naquele restaurante, o que sabe sobre o que fica lá no alto...?”

“Pelo amor de Deus, David...”

“A pessoa que ligou para a emergência foi o senhor Terence Glass, o dono da galeria na qual você foi alvejado, que também fez uma requisição para que o seu sangue seja limpo do chão à custa do Ministério.”

“Que tocante.”

“Apesar de que quem salvou mesmo sua vida foram o Green e o Baker.”

“Green e Baker?”

“Estão seguindo você direto. Baker ficou pressionando sua ferida com um lenço.”

Isso foi um choque. Achei que, depois das cervejas que tomei com Solomon, os dois não me seguiriam mais. Fui relaxado demais. Graças a Deus.

“Um viva pro Baker”, falei.

Parecia que Solomon estava prestes a me dizer algo quando foi interrompido pela porta se abrindo. Rapidamente, O’Neal estava entre nós. Ele veio direto para o lado da cama e pude notar, pela expressão dele, que eu ter levado um tiro era um ótimo desenrolar para a trama.

“Como está se sentindo?”, perguntou, se segurando para não sorrir.

“Muito bem, obrigado, senhor O’Neal.”

Houve uma pausa, e o rosto dele caiu um pouco.

“Tem sorte de estar vivo, foi o que ouvi”, ele disse. “Mas, a partir de agora, talvez comece a pensar que foi um azar ficar vivo.” O’Neal estava muito feliz com aquilo. Tive uma visão de ele ensaiando no elevador.

“Bem, é o fim da linha, senhor Lang. Não vejo como esconder mais isso da polícia. Com testemunhas e tudo, você claramente atentou contra a vida do senhor Woolf...”

O’Neal parou, e eu e ele olhamos em volta do quarto e para o chão, porque o som que ouvimos parecia muito com o de um cão vomitando. Então ouvimos de novo e percebemos que era Solomon limpando a garganta.

“Com todo o respeito, senhor O’Neal”, começou Solomon, agora que tinha nossa atenção, “Lang ficou com a impressão de que o homem que ele atacou era, na verdade, McCluskey.”

O’Neal fechou os olhos.

“McCluskey? Woolf foi identificado por...”

“Sim, absolutamente”, disse Solomon, gentilmente. “Mas Lang afirma que Woolf e McCluskey são a mesma pessoa.”

Houve um longo silêncio.

“Como assim?”, perguntou O’Neal.

O sorriso de superioridade havia desaparecido, e eu me sentia com vontade de pular daquela cama.

O’Neal bufou de leve. “Woolf e McCluskey são a mesma pessoa?”, repetiu, com o tom de voz ficando estridente. “Você ficou louco?”

Solomon olhou para mim buscando confirmação.

“A história é essa mesmo”, falei. “Woolf é o homem que me procurou em Amsterdã e me pediu para matar um homem chamado Woolf.”

A cor tinha desaparecido completamente do rosto de O’Neal. Ele parecia um homem que acabou de perceber que colocou uma carta de amor no envelope errado.

“Mas isso não é possível”, gaguejou. “Quero dizer, não faz nenhum sentido.”

“O que não quer dizer que seja impossível”, falei.

Mas O’Neal não estava ouvindo mais nada agora. Ele estava em um estado lastimável. Então resolvi continuar, dando uma força para Solomon.

“Sei que sou só a copeira aqui”, falei, “e não devia ficar falando e falando, mas tenho uma teoria. Woolf sabe que existem alguns grupos pelo mundo que gostariam de acabar com a vida dele. Ele então faz coisas normais como comprar um cachorro, contratar um guarda-costas, não diz

a ninguém aonde vai até já estar lá, mas”, e pude ver O’Neal tremendo de tão concentrado que estava, “ele sabe que não é o bastante. As pessoas que o querem morto são muito inteligentes, profissionais e, mais cedo ou mais tarde, vão envenenar o cachorro e subornar o guarda-costas. Ele tem uma escolha a fazer.”

O’Neal me encarava. De repente, percebeu que sua boca estava aberta, e a fechou rapidamente.

“Qual?”

“Ou ele pode levar a guerra até eles”, falei, “o que, até onde sabemos, pode ser algo impossível, ou ele pode tentar dirigir como será o ataque a ele.” Solomon mordida o lábio. E ele estava certo em fazê-lo, pois tudo isso soava terrível. Mas era melhor do que qualquer coisa que eles pudessem pensar por si mesmos agora. “Ele encontra alguém, sabe que não vai aceitar o serviço, e então oferece o serviço. Ele deixa vaziar a informação de que existe um matador atrás dele e torce para que seus verdadeiros inimigos relaxem um pouco, pensando que o trabalho já será feito de qualquer forma e sem que eles precisem correr riscos nem gastar dinheiro.”

Solomon tinha voltado ao trabalho de encarar a torre do correio e O’Neal estava carrancudo.

“Você acredita mesmo nisso?”, perguntou. “Quero dizer, acha que é possível?” Pude ver que ele estava desesperado por uma ajuda, qualquer ajuda, mesmo que acabasse com a teoria anterior.

“Sim, acho que é possível. Não, não acredito nisso. Mas estou me recuperando de um tiro, e foi o melhor que pude fazer.”

O’Neal começou a andar devagar, passando a mão pelo cabelo. O calor do quarto também o atacava, mas agora não dava tempo de tirar sua capa.

“Certo”, ele começou, “alguém quer Woolf morto. E não posso fingir que o governo de Vossa Majestade ficaria triste se ele fosse atropelado por um ônibus amanhã. E ele tem mesmo muitos inimigos, e as precauções normais seriam inúteis. Até aqui, tudo certo. Sim, ele não pode levar a guerra até eles.” O’Neal tinha gostado daquela frase, deu para perceber. “Então ele contrata alguém para matá-lo. Mas o serviço não funciona.” Ele parou de andar e olhou para mim. “Como ele podia ter certeza de que o serviço não seria feito? Como poderia saber que você não aceitaria?”

Olhei para Solomon e ele sabia que eu estava olhando para ele, mas não se virou.

“Já me ofereceram um serviço assim antes”, falei. “Muito mais dinheiro. E não aceitei. Talvez ele soubesse disso.”

O’Neal se lembrou do quanto não gostava de mim.

“Você sempre disse não?” Encarei ele da maneira mais descolada que consegui. “Quero dizer, você pode ter mudado”, ele falou. “Talvez estivesse precisando de dinheiro. É algo que acontece.”

Eu encolhi meus ombros e meu sovaco doeu.

“Não mudei, não”, respondi. “Ele tinha um guarda-costas e, comigo, ele saberia de onde viria o perigo. Rayner estava me seguindo havia dias até eu decidir ir àquela casa.”

“Mas você foi à casa, Lang. Você realmente foi...”

“Fui lá pra avisar ele. Achei que era o que um cidadão decente faria.”

“Tá bom, tá bom.” O’Neal se concentrou em mais uma pequena caminhada. “E como ele ‘deixa vazar a informação’ de que alguém quer matá-lo? Ele escreve na parede de um banheiro público, põe um anúncio no *Standart* ou o quê?”

“Bem, você ficou sabendo.” Eu estava começando a me sentir cansado. Queria dormir e talvez até comer um prato com algo marrom que cheirava mal.

“Não somos os inimigos dele, senhor Lang. Não no sentido que falamos, é claro.”

“Então como ficou sabendo que eu estava, supostamente, atrás dele?”

O’Neal parou, e eu pude ver que estava pensando que já tinha revelado demais para mim. Ele olhou de lado para Solomon, culpando-o por não ser um bom parceiro. Solomon era a imagem da calma.

“Não vejo por que não possamos contar isso a ele, senhor O’Neal. Ele levou um tiro no peito sem ter culpa nenhuma. Talvez ele se recupere mais rápido se souber por que isso aconteceu.”

O’Neal levou um momento para digerir isso e então se virou para mim.

“Muito bem”, começou. “Recebemos a informação do seu encontro com McCluskey, ou Woolf...” Ele estava odiando isso. “Recebemos a informação dos americanos.”

A porta se abriu e uma enfermeira entrou. Talvez fosse a mesma que deu uns tapinhas na minha mão quando acordei, não tenho certeza. Ela olhou para Solomon e O'Neal e então veio afofar meus travesseiros, puxando e apertando-os, fazendo com que ficassem muito menos confortáveis do que antes.

Olhei para O'Neal.

“Você quer dizer a CIA?”

Solomon sorriu, e O'Neal quase mijou nas calças.

A enfermeira nem ligou.

## seis

*A hora chegou, mas o homem não.*

WALTER SCOTT

**Fiquei** no hospital durante sete refeições, o que quer que isso signifique de tempo. Vi televisão, tomei remédios, tentei terminar todas as cruzadas não feitas de edições antigas da *Woman's Own* [*A Mulher Independente*]. E comecei a me fazer muitas perguntas.

Para começar, o que eu estava fazendo? Por que estava no meio do caminho de tiros, disparados por pessoas que eu não conhecia, por razões que não entendia? O que eu tinha a ganhar? O que Woolf tinha a ganhar? O que O'Neal e Solomon tinham a ganhar? Por que as palavras cruzadas estavam pela metade? Os pacientes que começaram a fazer tinham melhorado ou morrido antes de terminar? Eles tinham vindo ao hospital para remover metade do cérebro, e essa era a prova de como o cirurgião era habilidoso? Quem tinha arrancado as capas dessas revistas e por quê? Será que a resposta a 'Não é uma mulher' era mesmo 'homem'?

E por que, acima de tudo, havia uma foto de Sarah Woolf colada na parte de dentro da porta da minha mente, de modo que cada vez que eu a abria para pensar em algo – televisão à tarde, fumar um cigarro escondido no banheiro no fim do corredor ou coçar o meu dedão –, lá estava ela, sorrindo e brava comigo ao mesmo tempo? Bem, pela centésima vez, essa era a mulher pela qual eu definitivamente *não* estava apaixonado.

Imaginei que Rayner poderia responder a algumas dessas perguntas, por isso, quando achei que estava bem o suficiente para me levantar e andar por aí, peguei uma camisola emprestada e fui em direção ao Barrington Ward.

QUANDO SOLOMON ME contou que Rayner também estava no Hospital Middlesex, fiquei surpreso, pelo menos na hora. Me parecia irônico que nós dois acabássemos fazendo reparos na mesma oficina, depois de tudo

que tínhamos passado juntos. Mas então, como Solomon colocou bem, não há muitos hospitais em Londres atualmente, e se você tiver algum problema médico em qualquer lugar ao sul de Watford Gap, vai acabar no Middlesex mais cedo ou mais tarde.

Rayner tinha um quarto só dele, em frente ao balcão das enfermeiras, e estava ligado por fios a várias máquinas. Seus olhos estavam fechados, estava dormindo ou em coma, e a cabeça dele estava enrolada com aquelas bandagens de desenho animado, como se o Papa Léguas tivesse derrubado um cofre na cabeça dele. Usava pijama de flanela azul, o que provavelmente, pela primeira vez em muitos anos, fez com que parecesse uma criança. Fiquei ao lado da cama dele um tempo, sentindo pena, até que uma enfermeira apareceu e perguntou o que eu queria. Respondi que queria muitas coisas, mas que saber o primeiro nome do Rayner já estava bom.

“Bob”, ela falou.

Ela ficou parada ao lado do meu cotovelo, com a porta aberta e querendo que eu sáísse, mas respeitando minha camisola de paciente.

Desculpe-me, Bob, pensei.

Você estava lá, fazendo apenas o seu trabalho, o que foi pago pra fazer, e um cuzão aparece e te acerta com um Buda de mármore. Que dureza.

Claro que eu sabia que o Bob não era um coroinha. Nem mesmo o moleque que sacaneia o coroinha. No melhor cenário, era o irmão mais velho do moleque que sacaneia o coroinha. Solomon tinha investigado a ficha de Rayner e descobriu que ele era Fuzileiro da Royal Welch e tinha sido mandado embora por fazer negócios no mercado negro – de cadarços de botas do exército a armamentos de carros árabes, tudo saía dos muros do exército pelas mãos de Bob Rayner – mas, mesmo assim, eu tinha acertado o cara, e por isso sentia pena dele.

Deixei as uvas que sobraram do Solomon na mesinha do lado da cama e fui embora.

HOMENS E MULHERES de branco tentaram fazer com que eu ficasse no hospital por mais alguns dias, mas chacoalhei minha cabeça e disse que estava bem. Eles me reprovaram, me fizeram assinar algumas coisas, depois me ensinaram a trocar o curativo debaixo do meu braço e me disseram para voltar lá se o ferimento começasse a ficar quente ou a coçar.

Agradei a gentileza deles e recusei a oferta de uma cadeira de rodas. O que acabou funcionando bem, pois o elevador tinha acabado de parar de funcionar.

Então, entrei em um ônibus e fui para casa.

MEU APARTAMENTO ESTAVA onde eu o havia deixado, mas parecia menor do que eu me lembrava. Não havia qualquer mensagem na secretária eletrônica e nada na geladeira, a não ser meia garrafa de iogurte natural e um aipo que eu tinha herdado do morador anterior.

Meu peito doía, e eles disseram que iria doer, por isso deitei no sofá e assisti às corridas de cavalo em Doncaster com um copo grande do já não tão famoso *Famous Grouse* do meu lado.

Devo ter dado uma cochilada, porque fui acordado com o telefone tocando. Me sentei rapidamente, engasgando com a dor do meu ferimento, e procurei a garrafa de uísque. Vazia. Me senti muito mal. Olhei o relógio enquanto atendia ao telefone. Eram 8h10 ou vinte para as duas, não consegui entender.

“Senhor Lang?”

Homem. Norte-americano. Para. Rebobina. Vamos lá, já conheço essa piada.

“Sim.”

“Senhor Thomas Lang?” Já sei. Sim, Mike, vou lembrar do nome da pessoa em cinco segundos. Chacoalho a cabeça para acordar, e me sinto bem.

“Como vai você, senhor Woolf?”, respondo.

Silêncio do outro lado da linha. E então: “Bem melhor do que você, pelo que me falaram.”

“Não tanto”, falei.

“É mesmo?”

“A minha maior preocupação na vida é a de não ter histórias para contar aos meus netos. Meu tempo com a família Woolf vai preencher uns quinze anos de vida deles, eu acho.”

Achei que tinha ouvido ele rir, mas pode ter sido um estalo na linha. Ou podia ser alguém da equipe do O’Neal mexendo no grampo do telefone.

“Ouça aqui, Lang, gostaria de me encontrar com você em algum lugar”, ele falou.

“É claro que gostaria, senhor Woolf. Deixe-me ver... O que vai ser desta vez? Quer me oferecer dinheiro pra que eu faça uma vasectomia sem que você perceba. Acertei?”

“Gostaria de me explicar, se você me deixar. Gosta de comida italiana?”

Pensei no iogurte e no aipo e percebi que adorava comida italiana. Mas havia um pequeno problema.

“Senhor Woolf”, comecei, “antes de escolher o lugar, é bom garantir que tenha lugar para, pelo menos, umas dez pessoas. Estou achando que vamos ter uma festa.”

“Tudo bem”, ele respondeu alegremente. “Tem um guia turístico ao lado do seu telefone.” Olhei para baixo e vi um livro com capa vermelha. *Guia Ewan's de Londres*. Parecia novo e com certeza não tinha sido comprado por mim. “Ouça com atenção”, ele disse, “abra na página 26, no quinto restaurante. Vejo você lá em 30 minutos.”

Houve um barulho na linha e pensei que ele tinha desligado, mas então sua voz apareceu novamente na linha.

“Lang?”

“Sim?”

“Não deixe o guia no apartamento.”

Respirei profunda e exaustivamente.

“Senhor Woolf, posso ser um idiota, mas não sou idiota.”

“É o que espero.”

E desligou.

O QUINTO RESTAURANTE da página 26 do *Guia Ewan's* de como perder seus dólares na Grande Londres era o Giare, Roseland 216, Ital, 60 lug., Visa, Mast, Amex, seguido por três pares de colheres cruzadas. Uma olhada pelo guia mostrou que o Ewan não dava três colheres para qualquer um, então, pelo menos eu podia esperar um bom jantar.

O próximo problema era como chegar ao restaurante sem levar comigo uma dúzia de servidores do governo em suas capas marrons. Não tinha certeza de que Woolf conseguiria, mas se teve o trabalho de fazer o esquema do guia na minha casa, que tenho de admitir que achei bem legal, devia ter certeza de que conseguiria se locomover sem ser seguido.

Saí do apartamento e fui até a porta do prédio. Meu capacete estava lá, em cima do medidor do gás, junto do meu par de luvas de couro. Abri a porta e pus a cabeça na rua. Nenhum homem de capa encostado em um poste e fumando um cigarro estava por ali, mas claro que eu não esperava mesmo algo assim.

Uns 60 metros para a esquerda dava para ver um Leyland verde-escuro com uma antena de rádio no teto, e à direita, lá no fim da rua, uma tenda vermelha e branca dos homens da prefeitura que tapam os buracos das ruas. Os dois poderiam ser inocentes.

Voltei para dentro, coloquei o capacete e as luvas e procurei meu chaveiro. Abri minha caixa de cartas, peguei o controle remoto do alarme da moto e apertei o botão. A Kawasaki bipou em resposta para me dizer que o alarme estava desligado, por isso abri a porta e corri o mais rápido que meu ferimento permitiu.

A moto ligou de primeira, como em geral acontece com motos japonesas, então botei o afogador na metade, engatei a primeira e acelerei. Claro que eu já tinha subido nela, caso você esteja preocupado com isso. Quando passei pela van verde-escuro, já devia estar a uns 60km/h, e me diverti em imaginar vários caras de jaquetas com capuz batendo seus ombros em um espaço apertado e falando merda. Quando cheguei ao fim da rua, pude ver no retrovisor as luzes de um carro me seguindo. Era um Rover.

Virei à esquerda na Bayswater Road, já bem acima do limite de velocidade, mas parei no semáforo, que nunca esteve verde de cara em todas as vezes que passei por aqui nos últimos anos. Mas não me importei. Mexi nas minhas luvas e no visor do capacete até sentir o Rover se aproximando, então dei uma olhada para ver o rosto, que tinha um bigode e que dirigia o carro. Queria dizer a ele para ir pra casa, porque as coisas iam ficar embaraçosas a partir de agora.

Quando o farol ficou amarelo, abaixei o afogador e acelerei pesado, me inclinando à frente para que a roda dianteira não se levantasse. Assim que o farol abriu eu soltei o freio e senti a enorme roda traseira da Kawasaki derrapar de um lado para o outro como o rabo de um dinossauro, até grudar no chão e disparar à frente na rua.

Dois segundos e meio depois eu já estava a 70 e depois de mais dois segundos e meio as luzes da rua pareciam ser apenas uma e eu já tinha me esquecido da cara do motorista do Rover.

GIARE ERA UM lugar surpreendentemente alegre, com paredes brancas e um piso de ladrilho que ecoava, transformando os sussurros em um grito e os sorrisos em grandes gargalhadas de doer a barriga.

Uma loira Ralph Lauren com olhos enormes pegou meu capacete e me levou à mesa perto da janela, onde pedi uma água tônica para mim e uma vodca grande para a dor do meu machucado. Para passar o tempo até que Woolf chegasse eu tinha duas opções, o cardápio ou o guia Ewan's. O cardápio parecia um pouco mais longo, por isso comecei com ele.

O primeiro item aparecia com o nome “Crostiti de Mealed Tarroce, com Batatas Benatore, ao salgado preço de 12 libras e 65 centavos. A loira Rauph Lauren veio até a mesa e perguntou se eu precisava de ajuda com o cardápio, e eu perguntei o que eram batatas. Ela não riu.

Quando comecei a tentar entender a descrição do segundo prato, que podia bem ser Irmãos Marx com a gema mole, já que não dava pra entender nada, vi Woolf na porta, segurando com vontade uma pasta enquanto o garçom pegava o casaco dele.

Então, exatamente na mesma hora em que percebi que nossa mesa estava arrumada para três pessoas, vi Sarah aparecer de trás dele.

Ela estava – e odeio dizer isso – sensacional. Absolutamente sensacional. Sei que é clichê, mas existem ocasiões em que você percebe por que os clichês viram clichês. Ela vestia um vestido curto de seda verde que vestia nela como todos os vestidos gostariam de vestir as mulheres se pudessem escolher – ficando certo nos lugares que precisa ficar certo e se movendo nos lugares onde movimento é exatamente o que você quer. Quase todo mundo a assistiu desfilando até a mesa, e ouvi um silêncio no salão enquanto Woolf empurrava a cadeira para que ela se sentasse.

“Senhor Lang”, disse o Woolf mais velho, “que bom que veio.” Acenei com a cabeça. “Conhece a minha filha?”

Dei uma olhada para Sarah, que encarava seu guardanapo com ar carrancudo. Até o guardanapo dela parecia mais bonito do que o de todo mundo.

“Sim, claro”, respondi. “De onde mesmo? Wimbledon? Henley? Do casamento de Dick Cavendish? Não, não, já lembrei. Lados opostos do cano de uma arma, foi a última vez em que nos vimos. Bom ver você de novo.”

Era para ser algo amistoso, uma piada, mas quando ela continuou sem olhar para mim, a linha virou pro lado de algo meio agressivo, e desejei ter ficado quieto e apenas sorrido. Sarah arrumou os talheres em uma posição que devia achar que era melhor.

“Senhor Lang”, ela falou, “vim até aqui por sugestão do meu pai para pedir desculpas. Não porque eu ache que tenha feito algo errado, mas você se machucou e não deveria. E peço desculpas por isso.”

Woolf e eu esperamos que ela continuasse, mas parecia que aquilo era tudo que ouviríamos por enquanto. Ela ficou ali parada, procurando algo na bolsa – uma desculpa para não olhar pra mim. E aparentemente achou várias, apesar de ser um bolsa bem pequena.

Woolf chamou o garçom e se virou para mim.

“Já deu uma boa olhada no cardápio?”

“Apenas passei os olhos”, respondi. “Ouvi dizer que todas as coisas aqui são ótimas.”

O garçom chegou e Woolf soltou um pouco o nó de sua gravata.

“Dois martinis, bem secos, e...”

Ele olhou pra mim e concordei com a cabeça.

“Vodca Martini”, falei. “Incrivelmente seca. Em pó, se é que me entende.”

O garçom se foi e Sarah começou a olhar em volta, como se já estivesse cansada dali. Os tendões no pescoço dela eram lindos.

“Bem, Thomas”, começou Woolf, “tudo bem se eu te chamar de Thomas?”

“Tudo bem por mim”, respondi, “afinal, é o meu nome mesmo.”

“Ótimo. Thomas. Em primeiro lugar, como vai seu ombro?”

“Bem”, respondi, e ele pareceu aliviado. “Muito melhor do que meu sovaco, que foi onde levei o tiro.”

Finalmente, ela virou a cabeça e olhou pra mim. Os olhos dela eram bem mais leves do que o resto dela fingia ser. Ela curvou a cabeça de leve e sua voz saiu baixa e estridente.

“Já disse que sinto muito.”

Queria desesperadamente responder alguma coisa, algo amável, gentil, mas me deu um branco. Houve uma pausa, que poderia ter sido terrível se ela não tivesse sorrido. Mas ela sorriu, e um monte de sangue parecia ter corrido para minhas orelhas, deixado algo lá e ido embora. Sorri de volta e continuamos olhando um pro outro.

“Acho que dá pra dizer que poderia ter sido muito pior”, ela falou.

“Claro que podia”, respondi. “Se eu fosse um modelo internacional de sovaco, ficaria sem trabalhar durante meses.”

Dessa vez, ela riu, aliás, gargalhou, e me senti como se tivesse ganho todas as medalhas olímpicas já disputadas.

COMEÇAMOS COM UMA sopa, que veio em uma tigela que era mais ou menos do tamanho do meu apartamento, mas estava deliciosa. Falamos pouco. Descobri que Woolf também era fã de turfe e, como eu, tinha assistido às corridas da tarde, de Doncaster –, conversamos um pouco sobre isso. Quando o prato seguinte chegou, estávamos terminando um delicioso papo de três minutos sobre a imprevisibilidade do clima na Inglaterra. Woolf levou à boca algo com aparência de carne coberta com um molho, e então cobriu a boca com a mão.

“Bem, Thomas”, ele começou, “imagino que tenha uma ou duas coisas que você queira me perguntar.”

“Sim, tenho.” E cobri minha boca também. “Desculpe ser previsível, mas o que você pensa que está fazendo, caralho?”

Houve uma respiração mais forte de uma das mesas próximas, mas Woolf e Sarah não se mexeram.

“Certo”, ele disse. “É uma pergunta justa. Em primeiro lugar, apesar do que as pessoas do Ministério devem ter falado a você, eu não tenho nada a ver com drogas. Nada mesmo. Já tomei penicilina na juventude, mas só isso. Ponto final.”

Claro que não era o suficiente. Aliás, nem perto do suficiente. Dizer “ponto final” depois de algo não quer dizer que aquilo seja uma verdade absoluta.

“Sim, bem, me desculpe pelo meu velho e cansado cinismo inglês, mas este não é o caso clássico de ‘é claro que você iria dizer isso?’”

Sarah me olhou atravessado, e então pensei que podia ter exagerado. Mas depois pensei: azar, com tendões bonitos ou não, tem coisas importantes que precisam ser esclarecidas aqui.

“Desculpe trazer isso a tona antes mesmo de você começar a falar”, eu disse, “mas imagino que estamos aqui para esclarecer as coisas, por isso estou abrindo o jogo.”

Woolf deu mais uma garfada na comida e manteve os olhos no prato, e demorei um momento para perceber que ele ia deixar que Sarah respondesse.

“Thomas”, era Sarah falando, por isso me virei e olhei para ela. Seus olhos eram grandes e redondos e iam de um lado para o outro do universo. “Eu tinha um irmão. Michael. Quatro anos mais velho do que eu.”

Ah, droga. Tinha.

“Michael morreu na metade de seu primeiro ano da Universidade de Bates. Anfetaminas, heroína e outras drogas. Ele tinha 20 anos.”

Ela fez uma pausa e eu tinha de falar algo. Qualquer coisa.

“Sinto muito.”

Pô, que mais eu podia dizer? Que dureza? Passa o sal? Percebi que estava me curvando sobre a mesa, tentando ser solidário à dor deles, mas não estava dando certo. Em um assunto como esse, você sempre será um estranho.

“Contei isso a você por uma única razão. Mostrar que meu pai”, e se virou para ele, que continuava com a cabeça curvada, “não poderia estar envolvido com tráfico de drogas do mesmo jeito que não poderia voar até a lua. Simples assim. E aposto minha vida nisso.”

Ponto final.

Durante um tempo, nenhum deles olhou para o outro ou para mim.

“Bem, sinto muito”, repeti. “Sinto muito mesmo.”

Ficamos assim mais um tempo, um pequeno quiosque de silêncio no meio do grande burburinho do restaurante, e então Woolf botou um sorriso no rosto e pareceu ficar todo animado.

“Obrigado, Thomas. Mas o que aconteceu, aconteceu. Para mim e para Sarah, isso é passado, e já lidamos com o acontecido há muito tempo. Agora, imagino que queira saber por que pedi a você para me matar, não?”

Uma mulher da mesa ao lado olhou assustada para Woolf. Ele não falou aquilo. Falou? Ela chacoalhou a cabeça e voltou a comer sua lagosta.

“Basicamente é o que quero saber”, respondi.

“Bom, é bem simples, na verdade. Queria saber que tipo de pessoa você era.”

Ele olhou para mim com a boca fechada em uma bela linha reta.

“Entendo”, disse, não entendendo nada. Mas imagino que isso é o que acontece quando se usa a palavra “basicamente”. Pisquei algumas vezes e depois me recostei na cadeira e tentei olhar meio atravessado.

“Qual o problema em ligar para o diretor da escola onde estudei? Ou uma ex-namorada? Porque, convenhamos, tudo isso me parece meio estúpido, não?”

Woolf chacoalhou a cabeça.

“Não, claro que não. Fiz tudo isso também.”

Aquilo foi chocante. De verdade. Ainda fico envergonhado de ter colado em Química I e ter tirado A, quando professores experientes diziam que eu tiraria F. Sabia que um dia seria desmascarado. Eu simplesmente sabia disso.

“Sério? E como me saí?”

Woolf sorriu.

“Se saiu bem. Algumas de suas namoradas disseram que você é um mala sem alça, mas fora isso você foi bem.”

“Bom saber.”

Woolf continuou, como se estivesse lendo uma lista. “Você é inteligente. Durão. Honesto. Uma bela carreira na Guarda Escocesa.”

Corrigi a pronúncia, mas ele me ignorou e continuou.

“E o melhor de tudo, no meu ponto de vista, é que você está totalmente sem grana.”

Ele sorriu de novo, o que me irritou.

“Você se esqueceu de falar dos meus trabalhos com aquarela”, falei.

“Jura? Você é mesmo foda. Mas o que eu precisava mesmo saber é se você poderia ser comprado.”

“Certo, daí vieram os 50 mil.”

Woolf concordou com a cabeça.

Isso estava saindo de controle. Eu sabia que alguma hora teria de fazer um discurso durão sobre quem eu era e quem eles pensavam que eram, remexendo no meu passado, e assim que tivesse batido o pau na mesa, voltaria a falar de quem eu era – mas o momento certo para isso não apareceu. Apesar do jeito que me trataram e de todas as investigações sobre o meu passado, não conseguia não gostar de Woolf. Tinha algo nele que eu gostava. E Sarah, bem, ela tinha aqueles belos tendões.

Mesmo assim, uma apertada não faria mal a ninguém.

“Vamos ver se eu adivinho”, falei, lançando um olhar duro para Woolf. “Agora que descobriu que não estou à venda, você vai tentar me comprar.”

Ele nem hesitou.

“Exatamente”, respondeu.

Pronto. Era isso, o momento certo que eu estava esperando. Um cavalheiro tem seu limite, e eu também tinha o meu. Limpei a boca com o guardanapo e pus ele na mesa.

“Mas isto é fascinante, e imagino que se eu fosse um tipo diferente de pessoa, podia achar até lisonjeiro. Mas, neste momento, preciso mesmo saber do que se trata tudo isso. Se não me falar agora mesmo, vou embora desta mesa, das suas vidas e provavelmente deste país.”

Eu podia ver que Sarah me encarava, mas mantive meus olhos fixos em Woolf. Ele caçou a última batata de seu prato e a mergulhou em uma piscina de molho. Mas então baixou o garfo e começou a falar bem rápido.

“Você sabe a respeito da Guerra do Golfo, senhor Lang?” ele disse. Não sei o que aconteceu com Thomas, mas dava pra saber que o humor da mesa tinha mudado bastante.

“Sim, senhor Woolf, conheço a Guerra do Golfo.”

“Não sabe, não. Aposto tudo que tenho que não sabe porcaria nenhuma sobre a Guerra do Golfo. Conhece o termo complexo militar-industrial?”

Ele falava como um vendedor, tentando me intimidar de algum jeito, enquanto eu tentava acalmar as coisas. Tomei um longo gole de vinho.

“Dwight Eisenhower”, acabei respondendo. “Sim, conheço o termo. Fiz parte dele, lembra?”

“Com todo respeito, senhor Lang, você foi uma parte muito pequena da coisa. Um grão – pequeno demais para saber do que fazia parte.”

“Como quiser”, respondi.

“Agora tente adivinhar qual é a *commoditie* mais importante do mundo. Tão importante que a produção e a venda das outras depende dela. Petróleo, ouro, comida... E aí, o que me diz?”

“Tenho a impressão de que você vai me dizer que são as armas.”

Woolf se inclinou em direção à mesa rápido e perto demais de mim pro meu gosto.

“Correto, senhor Lang. É a maior indústria do mundo, e todos os governos do mundo sabem disso. Se você é um político, é contra a indústria das armas e faz qualquer coisa a respeito disso, você vai acordar no dia seguinte e não será mais um político. Em alguns casos, talvez você nem acorde no dia seguinte. Não interessa se está tentando uma nova lei de registro de armas em Idaho ou tentando impedir a venda de aviões F16 para a força aérea iraquiana. Se pisar no calo deles, eles vão pisar na sua cabeça. E ponto final.”

Woolf encostou em sua cadeira e limpou o suor da testa.

“Senhor Woolf”, falei, “imagino que seja estranho para você estar aqui na Inglaterra. Sei que para vocês nós somos uma nação de caipiras, que só conseguimos água quente uns dias antes de sua chegada aqui, mas, mesmo assim, preciso dizer que já tinha ouvido isso tudo antes.”

“Escute até o fim, pode ser?”, disse Sarah, e estremei um pouco com a raiva em sua voz. Quando olhei para ela, Sarah me encarou de volta, com os lábios pressionados um no outro.

“Já ouviu falar do Blefe Stoltoi?”

“Stoltoi? Não, acho que não.”

“Não faz mal. Anatoly Stoltoi era um general do Exército Vermelho. Chefe de tropas, abaixo do Khrushchev. Passou a vida convencendo os Estados Unidos de que os russos tinham 30 vezes mais foguetes do que eles. Este era o trabalho da vida dele.”

“Bem, e funcionou, né?”

“Funcionou para nós, é claro.”

“Quando diz nós, quer dizer...”

“O Pentágono sabia que era mentira desde o começo. Sabia mesmo. Mas isso não os impediu de usar a informação para criar a maior corrida armamentista de todos os tempos.

Talvez fosse o vinho, mas senti que não estava conseguindo ver qual era o objetivo dessa conversa.

“Certo”, respondi. “Então vamos fazer algo a respeito disso, não? Onde foi que eu deixei minha máquina do tempo? Ah, já sei, na próxima quarta-feira.”

Sarah fez um som de desaprovação e olhou para o outro lado, e talvez tivesse razão – talvez eu estivesse sendo petulante – mas, pelo amor de Deus, onde essa papo queria chegar?

Woolf fechou os olhos por um momento, reunindo paciência de algum lugar dentro dele.

“O que você diria”, falou lentamente, “que a indústria de armas precisa, mais do que tudo?”

Cocei minha cabeça em dúvida.

“Clientes?”

“Guerra. Conflito. Confusão.”

Bom, finalmente, pensei. Lá vem a teoria.

“Entendi”, falei. “Está tentando me dizer que a Guerra do Golfo teve início por causa dos fabricantes de armas?” Juro que tentei ser o mais educado que consegui.

Woolf não respondeu. Ele só ficou ali sentado, com a cabeça levemente tombada para um lado, olhando pra mim e pensando se tinha escolhido o homem errado no fim das contas. Eu nem precisava pensar a respeito disso.

“Sério”, insisti. “É o que queria me dizer? Porque quero mesmo saber o que está pensando. E saber o que é tudo isso.”

“Você viu as imagens que passaram na TV?”, disse Sarah, enquanto Woolf continuava me olhando. “Bombas inteligentes, sistemas de mísseis Patriot e tudo o mais?”

“Vi”, respondi.

“Os fabricantes dessas armas estão usando essas matérias em vídeos promocionais em feiras ao redor do mundo, Thomas. As pessoas morrendo e eles usando as imagens em comerciais. É obsceno.”

“Tá bom, concordo. O mundo é um lugar terrível, e o melhor seria se todos fôssemos morar em Saturno. O que isso tudo tem a ver comigo, especificamente?”

Enquanto os Woolfs trocavam olhares cheios de significados, tentei de todas as formas esquecer a enorme pena que sentia por eles. Era óbvio que tinham embarcado em uma assustadora teoria da conspiração que, muito provavelmente, consumiria os melhores anos de suas vidas, recortando artigos de jornais, indo a palestras, e nada do que eu dissesse poderia fazer com que mudassem do rumo que tinham decidido tomar. O melhor que eu poderia fazer era dar uns trocados para que pagassem o jantar e ir embora.

Eu estava pensando com vontade, tentando criar uma desculpa boa para ir embora, quando percebi que Woolf tinha começado a pegar sua pasta – que agora estava aberta – e ele tirava de dentro um punhado de fotografias.

Ele passou a primeira para mim, e eu a peguei. ERA A IMAGEM de um helicóptero voando. Não dava para saber o tamanho dele, mas não era nada que eu já tivesse visto ou ouvido falar. Tinha dois rotores principais que funcionavam a menos de um metro um do outro em seu único mastro, e não tinha um rotor de cauda. A fuselagem parecia curta se comparada com a parte principal, e não havia qualquer letra de identificação. Ele era todo preto.

Olhei para Woolf em busca de uma explicação, mas ele apenas me passou a próxima foto. Essa tinha sido tirada de cima e dava para ver o fundo, o que foi uma surpresa para mim, já que a paisagem era urbana. A mesma aeronave, ou uma igual a outra, voava em duas torres, e pude ver que a máquina era pequena, possivelmente para uma pessoa.

A terceira foto foi tirada de perto e mostrava o helicóptero no chão. O que quer que fosse, com certeza era militar, pois tinha um monte de armamentos pesados saindo do compartimento atrás da fuselagem da cabine. Foguetes Hydra 70 mm, mísseis ar-terra Hellfire, metralhadoras calibre .50 e várias outras coisas. Era um brinquedo de gente grande para grandes homens.

“Onde conseguiu estas fotos?”, perguntei.

Woolf chacoalhou a cabeça.

“Isso não importa.”

“Mas eu acho importante. Tenho a impressão de que estas fotos não deveriam estar com você, senhor Woolf.”

Ele balançou a cabeça para trás, como se finalmente estivesse perdendo a paciência comigo.

“Não interessa de onde elas vêm. O importante é o objeto. Esta é uma aeronave muito importante, senhor Lang. Acredite em mim. Muito importante mesmo.”

Eu acreditava nele. Por que não acreditaria?

“O programa HL do Pentágono”, continuou Woolf, “já funciona há doze anos, tentando achar substitutos para os Cobras e os Supercobras que a FAEUA e a Marinha vêm usando desde a Guerra do Vietnã.”

“HL?”, perguntei.

“Helicóptero leve”, Sarah respondeu, com uma expressão “como pode não saber isso”. O pai dela continuou.

“Esta aeronave é uma resposta do programa. É um produto da Corporação Americana Mackie e foi criado para operações de contenção de insurgentes. Terrorismo. O mercado para eles, fora da área de atuação do Pentágono, são a polícia e as milícias ao redor do mundo. Mas ao preço de 2 milhões e meio de dólares cada, vai ser difícil de vender.”

“Certo”, falei. “Realmente bem difícil.” Olhei as fotos novamente e tentei pensar em algo inteligente para dizer. “Por que os dois rotores? Parece algo meio complicado.” Vi que os dois se entreolharam, mas não sei dizer o que queriam dizer os olhares.

“Você não entende nada de helicópteros, não é?”, me perguntou Woolf. Me encolhi.

“Eles são barulhentos. Eles caem bastante. Acho que é isso que sei.”

“Eles são lentos”, disse Sarah. “E por causa dessa lentidão, são vulneráveis em campos de batalha. Um helicóptero moderno de ataque viaja a aproximadamente 400 km/h.”

Eu estava para dizer que me parecia bem rápido, quando ela continuou:

“Um moderno avião de combate faz três quilômetros em oito segundos.”

Sem chamar o garçom e pedir papel e caneta, não havia a menor chance de eu fazer essa conta de cabeça e saber se aquilo era muito mais rápido do que os 400 km/h, por isso apenas acenei com a cabeça concordando e deixei que ela continuasse.

“O que limita a velocidade de um helicóptero”, ela falou bem devagar, sentindo o meu desconforto, “é o uso de apenas um rotor.”

“É claro”, respondi, e me recostei na cadeira para ouvir o impressionante discurso especializado de Sarah. Muito do que ela tinha a dizer entrou por um ouvido e saiu pelo outro, mas o básico da coisa, se entendi direito, era mais ou menos o seguinte:

As hélices de um helicóptero são mais ou menos iguais às de um avião, segundo Sarah. O formato delas cria uma diferença de pressão entre o ar que passa em suas diferentes superfícies, o que produz a força de elevação da aeronave. Mas é diferente da hélice do avião porque, quando o helicóptero se move para a frente, o ar passa mais rápido pela lâmina que está vindo do que pela lâmina que está indo. Isso produz uma força de elevação diferente nos dois lados do helicóptero, e quanto mais rápido ele for, maior será a diferença. Eventualmente, isso pode fazer com que não haja mais força de elevação nenhuma, e com isso o helicóptero vai girar para trás e cair. E isso, de acordo com Sarah, era um aspecto bem negativo.

“O que o pessoal da Mackie fez foi colocar dois rotores em um mastro coaxial que giram em sentidos opostos. Força de elevação igual em cada lado e possibilidade de quase dobrar a velocidade. Além disso, nenhum torque, portanto, sem necessidade de um rotor na calda. Menor, mais rápido e mais manobrável. É provável que esta máquina consiga voar a mais de 650km/h.”

Concordei com a cabeça, tentando parecer impressionado, apesar de não estar impressionado.

“Tá bom, mas um míssil Javelin chega quase a 1.600 km/h.” Sarah me encarou. Como eu ousava desafiá-la em seu discurso técnico? “O que eu quero dizer é que a mudança não foi tão grande, ainda é um helicóptero e pode ser derrubado. Ele não é invencível.”

Sarah fechou os olhos por um segundo, imaginando como formular isso de modo que um idiota pudesse entender.

“Se o lançador for bom, bem treinado e estiver preparado na hora, então ele terá uma chance. Apenas uma chance. Mas o negócio com essa máquina é que o alvo nunca terá tempo de se preparar. Ela vai direto na garganta enquanto a pessoa ainda está se espreguiçando pra acordar.” Ela me encarou mais ainda, tipo “entendeu agora”? “Acredite em mim, senhor

Lang, esta é a nova geração de helicópteros militares.” E apontou as fotos com a cabeça.

“Certo”, falei. “Bem, então eles devem estar muito felizes com isso.”

“E estão mesmo, Thomas”, disse Woolf. “Ficarão muitíssimo satisfeitos com esta máquina. Agora, lá na Mackie, eles têm apenas um problema.”

Alguém precisava perguntar “qual problema?”.

“Qual problema?”, perguntei.

“Ninguém no Pentágono acredita que vai funcionar.”

Pensei um pouco a respeito.

“Eles não podem pedir um *test-drive* e dar algumas voltas no quarteirão com ele?”

Woolf respirou fundo, e senti que finalmente estávamos chegando ao assunto principal da noite.

“O que vai vender essa máquina de guerra ao Pentágono”, começou ele bem devagar, “e outros 50 países ao redor do mundo, é a visão dela em ação contra uma grande operação terrorista.”

“Certo”, falei. “Quer dizer que eles têm de esperar por uma Olimpíada de Munique para poderem agir?”

Woolf não respondeu de cara, mas pensou bem no que iria dizer a seguir.

“Não, não quis dizer isso, senhor Lang. Quis dizer que eles vão criar uma Olimpíada de Munique.”

“POR QUE ESTÃO me contando tudo isso?”

Já estávamos tomando café, e as fotos tinham voltado para a pasta.

“Quero dizer, se você estiver certo, e pessoalmente estou bem no meio deste ‘se’ com um pneu furado e sem estepe – mas, se estiver certo, o que pretende fazer a respeito? Escrever para o *Washington Post*? Esther Rantzen?”

Os dois Woolfs ficaram em silêncio, e eu não sabia exatamente por quê. Talvez achassem que me contar a teoria deles seria o suficiente – que assim que eu a ouvisse, ficaria em pé, levantaria meu prato e declararia guerra aos fabricantes de armas – mas para mim aquilo não era o suficiente. Aliás, como poderia ser?

“Você se considera uma boa pessoa, Thomas?”

Era Woolf falando, mas ainda sem olhar para mim.

“Não, acho que não”, respondi.

Sarah levantou a cabeça.

“Se acha o quê então?”

“Penso em mim como um homem alto. Um homem pobre. Um homem de barriga cheia. Um homem que tem uma moto.” Fiz uma pausa e senti que os olhos dela estavam em mim. “Não sei qual a definição de vocês de boa pessoa.”

“Acho que nós queremos dizer o lado dos anjos”, respondeu Woolf.

“Os anjos não existem”, retruquei rapidamente. “Desculpem-me, mas é a verdade.”

Houve uma calmaria, enquanto Woolf concordava com a cabeça, como que admitindo que era um ponto de vista válido, mas bastante desanimador, e então Sarah suspirou e ficou em pé.

“Com licença”, ela falou.

Eu e Woolf estávamos arrastando nossas cadeiras para tentarmos nos levantar por educação, mas Sarah já estava no meio do restaurante. Ela encostou em um garçom, sussurrou algo, concordou com a resposta e seguiu para a arcada do outro lado do salão.

“Thomas, vou explicar de outro jeito. Pessoas más estão se preparando para fazer umas coisas bem ruins. Temos uma chance de detê-las. Você vai nos ajudar?” Ele fez uma pausa. E continuou nela.

“Veja bem, a pergunta continua sem resposta, o que vocês pretendem fazer? Conte-me de uma vez. Qual é o problema em acionar a imprensa? Ou a polícia? Ou a CIA? O que quero dizer é que, com um telefone e umas moedas, podemos resolver isso.”

Woolf fez que não com a cabeça, irritado, e bateu a mão na mesa.

“Você não está prestando atenção no que falei, Thomas. Estou falando em interesses. Os maiores interesses do mundo. Dinheiro. Você não cuida disso com um telefonema e cartas aos seus congressistas.”

Levantei-me, balançando um pouco por causa do vinho. Ou da conversa.

“Está indo embora?”, perguntou Woolf sem levantar a cabeça.

“Talvez”, respondi. “Talvez.” Na verdade eu não sabia o que iria fazer. “Mas primeiro vou ao banheiro.” E isso eu quis mesmo dizer, porque estava confuso, e acredito que porcelana me ajuda a pensar melhor.

Andei devagar pelo salão em direção à arcada enquanto meu cérebro gritava sobre todos os tipos de coisas mal arrumadas em um avião que podem cair e machucar um passageiro – e como eu ainda estava pensando em decolagens, perseguições e começos de longas jornadas? Eu tinha de escapar disso tudo, e tinha de fazer isso rápido. Manusear aquelas fotos já tinha sido burrice suficiente.

Entrei pela arcada e vi que Sarah estava em pé numa cabine, falando ao telefone, de costas para mim. A cabeça dela estava curvada para a frente, quase como se estivesse descansando encostada na parede. Fiquei ali parado um pouco, olhando o pescoço dela, seus cabelos, ombros e, sim, tá bom, talvez tenha olhado rapidamente para a bunda dela.

“Oi”, falei estupidamente.

Ela se virou e, por um instante mínimo, imaginei ter visto medo de verdade em seu rosto – do quê, eu não faço ideia –, e então ela sorriu e desligou o telefone.

“Então”, ela começou a falar e deu um passo em direção a mim. “Vai nos ajudar?”

Nos olhamos durante um tempo, então sorri para ela, encolhi os ombros e comecei a falar a palavra “bom”, que é o que sempre faço quando não sei bem o que vou dizer. Sabe quando você não sabe o que dizer e faz um beijo e a palavra “bom” já sai naturalmente por causa do beijo? Um beijo parecido com o que se faz quando se beija alguém.

E ela me beijou.

*Ela me beijou.*

O que quis dizer com tudo isso é que, bom, lá estava eu, beijo nos lábios, cérebro empacado e então ela deu mais um passo e enfiou a língua na minha boca. Por um momento, pensei que ela tinha tropeçado e posto a língua pra fora por reflexo – mas isso não parecia muito possível, além do que, depois de recuperar o equilíbrio, ela teria recolhido a língua dela, não?

Não, definitivamente ela estava me beijando. Igual nos filmes. Não como na vida real. Durante uns dois segundos eu estava surpreso demais e enferrujado demais pra saber o que fazer, pois fazia muito tempo desde que algo daquele tipo tinha me acontecido. Na verdade, se me lembro

corretamente, eu era um colhedor de azeitonas no reinado de Ramsés III quando aconteceu, e não lembro mais como lidei com aquilo na época.

Ela tinha gosto de pasta de dente, vinho, perfume e do paraíso em um bom dia.

“Vai nos ajudar?”, ela repetiu, e percebi pela clareza de suas palavras que, em algum momento, ela tinha pego sua língua de volta, apesar de eu ainda poder senti-la em minha boca, nos meus lábios, e sabia que sempre seria capaz de senti-la. Abri meus olhos.

Ela estava ali, parada, olhando para mim, e, sim, com certeza era ela. Não era um garçom ou um louco.

“Bom”, falei.

VOLTAMOS PARA A mesa e Woolf estava assinando o papel do cartão de crédito. Talvez outras coisas estivessem acontecendo no mundo, mas não tenho certeza.

“Obrigado pela refeição”, falei, como se fosse um robô.

“Foi um prazer, Tom.”

Ele estava satisfeito de eu ter dito sim. Um sim no sentido de “sim, vou pensar”.

Exatamente em quê eu ia pensar ninguém parecia saber exatamente, mas era o suficiente para deixar Woolf satisfeito, e naquela hora, todos tínhamos nossas razões para estarmos nos sentindo bem. Peguei a pasta e comecei a olhar novamente as fotos da máquina mortífera, uma por uma.

Pequena, rápida e violenta.

Sarah também estava satisfeita, acho eu, apesar de agora estar se comportando como se nada tivesse acontecido além de uma boa refeição e um papo interessante sobre o futuro.

Violenta, rápida e pequena.

Talvez, por baixo de toda aquela compostura houvesse um redemoinho de emoções em ebulição, que ela estava controlando apenas porque seu pai estava ali presente.

Pequena, rápida e violenta.

Parei de pensar em Sarah.

Enquanto cada uma das imagens dessa máquina de visual estranho passava diante dos meus olhos, sentia que, aos poucos, eu ia acordando de algo ou de algum lugar. Para algo ou para um outro lugar. Parece uma

fantasia, eu sei, mas a rigidez dessa máquina – sua feiúra, sua eficiência crua, suas curvas impiedosas – parecia saltar do papel para as minhas mãos, gelando meu sangue. Talvez Woolf tenha sentido o mesmo que eu.

“Ainda não tem um nome oficial”, ele gesticulou em direção às fotos. “Mas foi temporariamente designado como Aeronave de Controle Urbano e Mantenedor da Ordem.”

“ACUMO”, falei, apenas por falar.

“Nossa, você sabe soletrar?”, disse Sarah, com um quase sorriso no rosto.

“Tem também o nome dado quando estavam trabalhando nele”, Woolf continuou.

“Que nome?”

Nenhum deles respondeu, então, olhei para cima, e vi que Woolf estava esperando que eu olhasse para ele.

“O Pós-Graduado”, falou.

# sete

*Um fio de cabelo de uma mulher atrai muito mais  
do que os fios de uma centena de touros.*

JAMES HOWELL

**Andava** com a minha Kawasaki pela Victoria Embankment, uma grande pista ao lado do rio Tâmis, apenas por diversão. Pra aliviar a pressão da moto e a minha.

Não contei aos Wolfs sobre o telefonema para a minha casa e da desagradável voz norte-americana do outro lado da linha. “Pós-Graduação” poderia significar qualquer coisa – até uma pós-graduação mesmo – e o cara que ligou poderia ser qualquer um. Quando se lida com teóricos da conspiração – e com beijar ou não beijar, que era exatamente com o que eu estava lidando –, não faz sentido alimentá-los com outras coincidências que os façam se animar ainda mais.

Fomos embora do restaurante em um agradável estado de trégua. Já na calçada, Woolf apertou meu braço e me disse para pensar com calma naquilo, o que me fez ter pensamentos indecentes, pois estava olhando a bunda de Sarah enquanto ele falava. Mas assim que entendi o que ele queria dizer, prometi que iria pensar, e educadamente perguntei como poderia entrar em contato se precisasse. Woolf piscou e disse que ele me encontraria, coisa que eu não fazia a mínima questão.

Havia, é claro, uma razão extremamente boa para eu ficar do lado de Woolf. Ele podia ser excêntrico e não confiável, e sua filha podia ser apenas um rostinho bonito, mas eu não podia negar que os dois tinham um certo charme.

O que eu quero dizer é que eles pegaram uma boa parte desse charme e colocaram na minha conta bancária.

Não me entenda mal, por favor. Em geral, não me importo com dinheiro. Claro que também não sou dessas pessoas que trabalham de

graça ou algo assim. Cobro pelos meus serviços, como todo mundo, e fico bravo quando acho que devo algo a alguém. Mas, ao mesmo tempo, acho que posso dizer com toda a sinceridade do mundo que nunca fui atrás de dinheiro. Nunca fiz algo que não gostei de fazer, pelo menos um pouco, apenas por fazer e ganhar dinheiro. Já alguém como o Paulie – e ele me falou disso muitas vezes – passa a maior parte do tempo que está acordado ganhando dinheiro, ou pensando em maneiras de ganhar dinheiro. Ele pode fazer coisas desagradáveis – imorais até, de vez em quando – e se tiver um extra no pagamento, no final das contas, ele não achará nem um pouco ruim. Manda bala, como Paulie diria.

Mas eu não fui criado dessa forma. Um molde totalmente diferente. A única coisa boa que vejo no dinheiro, o único aspecto positivo em uma *commoditie* bem vulgar, é que você pode comprar coisas com ele.

E coisas, por outro lado, me agradam bastante.

Os 50 mil dólares de Woolf não seriam nunca a chave da minha felicidade eterna, claro que eu sabia disso. Não poderia comprar uma casa em Antibes, nem mesmo alugar uma por mais do que um dia e meio. Mas era útil. Confortável. E punha cigarros na minha mesa.

E se, para poder manter aquele conforto, eu tivesse que passar mais algumas noites dentro de um livro de Robert Ludlum, sendo beijado periodicamente por uma bela mulher, bem, acho que poderia aguentar.

Já era mais de meia-noite e não havia trânsito nenhum. A rua estava vazia e a ZZR precisava galopar, então aumentei o giro e repassei as frases do Capitão Kirk para o senhor Chekhov em minha cabeça, enquanto o universo se rearranjava ao redor de minha roda traseira. Estava batendo nos 170 km/h quando pude ver a Ponte de Westminster, então toquei de leve no freio e mudei meu peso de lugar, pronto para fazer a moto conseguir tomar a direção certa. As luzes do semáforo de Parliament Square estavam ficando verdes, e um Ford azul-escuro começou a andar. Acelerei novamente e me preparei para ultrapassá-lo por fora na curva. Quando me aproximei, já de lado com meu joelho direito quase tocando o asfalto, o Ford começou a vir para a esquerda, por isso me endireitei para poder manobrar melhor.

Naquela hora, pensei apenas que ele não tinha me visto, que era apenas um motorista como a maioria.

O TEMPO É uma coisa engraçada.

Uma vez, conheci um piloto da RAF que me contou como ele e o seu navegador tiveram de ejetar do caríssimo Tornado GR1 a 3 mil pés acima dos vales de Yorkshire por causa do que ele chamou de um “avecídio”(aliás, termo que acho injusto, pois fica parecendo que a culpa foi do pássaro; como se o pequenino quisesse ir com tudo pra cima de 20 toneladas de metal que viajavam no sentido oposto e na velocidade do som, apenas por maldade).

Enfim, o que interessa na história é que, depois do acidente, o piloto e o navegador tiveram de sentar em uma sala com alguns investigadores para prestar contas da missão, durante uma hora e quinze minutos, sem parar, falando sobre o que tinham visto, ouvido, sentido e feito no momento do contato.

Uma hora e quinze minutos.

Isso porque depois, quando conseguiram achar a caixa-preta no meio dos destroços, ela mostrou que entre o pássaro entrar na turbina e ela parar e os dois ejetarem, se passaram menos de quatro segundos.

Quatro segundos. É bang, um, dois, três e ar fresco.

Na verdade, nem acreditei na história quando ouvi. Independentemente de qualquer coisa, o piloto era um baixinho magro e forte, com uns olhos azuis assustadores, típicos das pessoas fisicamente talentosas. Além disso, não consegui evitar de ficar do lado do pássaro.

Mas agora eu acredito na história.

E acredito porque o motorista do Ford não virou à direita. E eu vivi várias vidas, e nem todas elas foram boas e completas, enquanto ele me jogava pra fora da pista e sobre as grades que cerca a Câmara dos Comuns.\*\* Quando eu freava, ele freava. Quando eu acelerava, ele acelerava. Quando eu inclinava a moto para tentar ir para o lado, ele continuava reto, me levando diretamente para as grades, encostando no meu ombro com o vidro da janela do passageiro.

Sim, eu poderia ficar uma hora falando das grades. E mais tempo que isso sobre o momento em que percebi que o motorista do Ford não era um motorista como a maioria. Ele era muito bom, na verdade.

NÃO ERA UM Rover, o que já significava algo. Ele devia ter um rádio que o avisou a hora de se posicionar, porque ninguém me ultrapassou nessa

avenidona. O homem no banco do passageiro ficou me encarando enquanto eu passava ao lado do carro, e claramente não falou “cuidado com o motociclista” enquanto o carro vinha para cima de mim. Eles tinham dois espelhos retrovisores, o que não é algo básico em um Ford. E meu saco doeu muito. Foi o que me acordou.

Você já deve ter percebido ao dirigir por aí que motociclistas não têm cinto de segurança, o que é algo bom e ruim. Bom porque ninguém quer estar amarrado em 500 quilos de metal pelando quando isso escorrega e cai na rua. E ruim porque, quando se freia bruscamente, a moto para e o motociclista não. Ele continua em movimento até que seus genitais batam no tanque da moto e as lágrimas comecem a cair de seus olhos, evitando que ele enxergue a coisa a qual ele queria evitar ao frear.

As grades.

Aquelas grades fortes, bem acabadas e sem sentido. Grades encarregadas de circundar a mãe de todos os parlamentos. Grades que, na primavera de 1940, teriam sido usadas na fabricação de aviões Spitfires, Hurricanes, Wellingtons, Lancasters e daquele outro que tinha uma cauda dividida em duas, sabe? Seria um Blenheim?

Mas elas não estavam aqui em 1940. As grades foram postas em 1987 para evitar que líbios loucos interrompessem os trabalhos do parlamento com um monte de explosivos colocados em um carro de família, tipo um Peugeot.

Essas grades, as minhas grades, tinham uma razão de existir. Estavam ali para defender a democracia. Foram construídas a mão por um artesão de nome Ted, ou Ned, talvez até um Bill.

Eram grades à altura dos heróis.

E eu dormi.

UM ROSTO. UM ROSTO bem grande. Um rosto bem grande com pele suficiente para cobrir apenas um rosto pequeno, por isso tudo nele parecia muito esticado. Mandíbula esticada, nariz esticado, olhos esticados. Cada músculo e tendão do rosto aparecia ondulado e inchado. Parecia um elevador cheio. Pisquei, e o rosto desapareceu.

Ou talvez eu tenha dormido uma hora e depois tenha ficado me olhando apenas 59 minutos. Nunca vou saber. Em vez do rosto, havia apenas o teto. O que significava que eu estava em um quarto. Tinham me

levado para algum lugar. Comecei a pensar no Hospital de Middlesex, mas soube logo de cara que essa era uma outra confusão.

Tentei mover partes do meu corpo, com calma, gentilmente, sem arriscar mexer a cabeça, com medo de estar com o pescoço quebrado. Os pés pareciam bem, apesar de meio longe. Mas se não estivessem a mais de 1,90 m de distância, eu não ia reclamar. Meu joelho esquerdo respondeu a minha carta, mas o direito tinha algum problema. Inchado e quente. Depois volto a ele. As coxas. Esquerda boa, a direita, nem tanto. A cintura parecia bem, mas só teria certeza quando colocasse algo pesado nela. O saco. Ah, este era um outro assunto. Nem precisava pôr nada pesado nele pra saber que estava em um estado lastimável. Eram testículos demais que doíam demais. O peito e o abdômen ganharam B menos, e meu braço direito foi reprovado inteiro. Simplesmente não se mexia. O esquerdo também não, apesar de eu quase ter conseguido mexer a mão, e foi aí que percebi que não estava no Hospital Willian Hoyle Ward. As coisas podem ser duras nos hospitais hoje em dia, mas mesmo assim eles não amarram suas mãos à cama sem uma boa razão. Deixei o pescoço e a cabeça pra outro dia e caí no sono mais profundo que meus sete testículos deixaram.

O ROSTO VOLTOU, mais esticado do que nunca. Dessa vez estava mastigando algo, e os músculos da bochecha e do pescoço dele pulavam como um diagrama mostrado em *Grey's Anatomy*. Havia algumas migalhas em volta da boca dele, e de vez em quando, uma língua bem rosada aparecia e carregava uma migalha de volta à caverna que era a boca.

“Lang?” A língua estava funcionando dentro da boca agora, girando em torno de suas gengivas e pressionando os lábios por dentro, fazendo com que, por um momento, eu pensasse que ele iria me beijar. Deixei ele esperar pela resposta.

“Onde estou?”, perguntei, feliz por ouvir que minha voz parecia de alguém doente e morrendo.

“Ah, sim”, falou o rosto. Se tivesse pele suficiente, imagino que teria sorrido. Mas, em vez disso, se afastou de onde quer que eu estivesse, e ouvi o barulho de uma porta abrindo, mas não fechando.

“Ele acordou”, disse a mesma voz, dessa vez bem alto, e a porta ainda estava aberta. O que queria dizer que a pessoa que tomava conta do quarto tomava conta do corredor também. Se é que tinha um corredor. Pra mim,

podia ser até o portal de entrada de uma espaçonave. Ou de saída. Talvez eu estivesse em uma nave e fosse partir para bem longe.

Passos. Duas pessoas. Uma com sola de borracha e outra, de couro. Chão duro. Os passos de couro são mais lentos. Ele é o chefe. O borracha para e segura a porta aberta para o couro entrar. O rosto é o borracha. Rosto de borracha. Fácil de lembrar.

“Senhor Lang?” O couro tinha parado do lado da cama. Sé é que era uma cama. Mantive os olhos fechados, com uma pequena expressão de dor no rosto.

“Como está se sentindo?” Norte-americano. Tinha vários deles na minha vida atualmente. Deve ser o câmbio favorável.

Ele começou a andar em volta da cama, e pude ouvir o chiado de terra sob os pés dele. Senti o creme pós-barba. Muito forte. Se nos tornássemos amigos, eu falaria pra ele. Mas agora não.

“Sempre quis ter uma moto quando era criança”, disse a voz. “Uma Harley. Meu pai dizia que elas eram perigosas. Quando aprendi a dirigir, bati o carro quatro vezes em um ano só pra me vingar dele. Meu pai era um cuzão.”

O tempo passou. E eu não podia fazer nada a respeito.

“Acho que quebrei o pescoço”, falei. Continuei com os olhos fechados e a voz de doente continuava funcionando bem.

“É mesmo? Sinto muito. Agora, me fale de você, Lang. Quem é você? O que faz? Gosta de cinema? Livros? Já tomou chá com a rainha? Me conte tudo.”

Esperei os sapatos se virarem, daí abri meus olhos devagar. Ele não estava à vista, então fixei o olhar no teto.

“Você é médico?”

“Não sou médico, Lang. Com certeza, não sou médico. Sou mesmo um filho da puta.” Houve um riso silencioso, e imaginei que o Cara de Borracha ainda estava na porta.

“Como é que é?”

“Um filho da puta. É o que sou. É o meu trabalho, a minha vida. Mas vamos falar de você.”

“Preciso de um médico”, falei. “Meu pescoço...” Lágrimas surgiram no meu rosto, e deixei que elas rolassem. Funguei um pouco, engasguei de

leve e fiz uma belo show, se me permite falar de mim mesmo.

“Se quer saber a verdade”, disse a voz, “tô pouco me fodendo pro seu pescoço.”

Decidi que não iria falar para ele da loção pós-barba. Nunca.

“Quero saber outras coisas. Muitas outras coisas”, ele continuou.

As lágrimas continuaram vindo.

“Olha, não sei quem é você, ou onde estou...” E vacilei, me esforçando para tirar a cabeça do travesseiro.

“Sai fora, Richie”, disse a voz. “Vá tomar um ar.”

Houve um resmungo vindo da porta, e dois sapatos deixaram o quarto. Imagino que Richie era o dono deles.

“Olha, a coisa é mais ou menos assim, Lang: você não precisa saber quem sou eu, e também não precisa saber onde está. A ideia é você me contar coisas e eu não te contar nada.”

“Mas o que...”

“Não ouviu o que eu falei?” E de repente havia um outro rosto na minha frente. Pele limpa e lisa e o cabelo igual ao do Paulie. Maciamente limpo e penteado ridiculamente até a perfeição. Tinha uns 40 anos e provavelmente passava duas horas por dia em uma bicicleta ergométrica. Só havia uma palavra para descrevê-lo. Arrumadinho. Ele me examinou com cuidado e, pelo tempo que passou olhando o meu queixo, imaginei que havia um machucado espetacular nele, o que me deu uma animada. Cicatrizes são sempre boas para quebrar o gelo.

Finalmente, nossos olhos se encontraram, mas os quatro não se entenderam bem. “Bom”, ele falou, e saiu de perto.

Devia ser de manhã cedo. A única desculpa para aquele perfume tão forte é que ele tinha acabado de se barbear.

“Você se encontrou com Woolf”, disse o Arrumadinho. “E a filha cabeça de vento dele.”

“Sim.”

Houve uma pausa, mas eu tinha certeza de que tinha agradado ele, pois o sorriso alterou o jeito de ele respirar. Se tivesse negado, foi engano, *no hablo*, ele saberia que sou um jogador. Se falo a verdade, ele pode achar que sou um idiota. Tudo apontava nesse sentido, na verdade.

“Bom. Agora, se importa em dizer sobre o que conversaram?”

“Bem”, comecei, fazendo cara de concentração, “ele me perguntou sobre meu histórico no exército. Aliás, eu fui do exército.”

“Ah, jura? Ele já sabia ou você contou a ele?”

Outra concentração para pensar do grande idiota.

“Não tenho certeza. Agora que você falou, acho que ele já devia saber mesmo.”

“A filha sabia também?”

“Bem, não tenho como saber isso, né? Não prestei muita atenção nela.”  
Que bom que eu não estava preso a um detector de mentiras. A agulha teria ido até a sala ao lado. “Ele me perguntou sobre os meus planos, em que tipo de trabalho eu estava. A resposta é quase nada, pra falar a verdade.”

“Você é da inteligência?”

“Como?”

O jeito que respondi era para servir de resposta à pergunta, mas ele continuou.

“No exército. Você lutou contra terroristas na Irlanda. Estava envolvido com a inteligência?”

“Meu Deus, não.” Sorri, como se tivesse ficado lisonjeado com a ideia.

“Alguma coisa engraçada?”

Parei de rir.

“Nada. É só que... você sabe.”

“Não, não sei. É exatamente por isso que estou perguntando. Você era parte da inteligência do exército?”

Respirei fundo doloridamente antes de responder.

“Ulster era um sistema. E pronto. Tudo que acontece por lá já aconteceu igual umas cem vezes. O sistema é tudo. Pessoas como eu mantêm os números deles. Eu trabalhava um pouco. Jogava *squash*. Dava umas risadas. Foi bem divertido.” Achei que tinha passado do ponto com aquilo, mas ele não pareceu se importar. “Olha, o meu pescoço... tem algo errado com ele. Preciso mesmo de um médico.”

“Ele é um cara mau, Tom.”

“Quem?”, perguntei.

“Woolf. Realmente malvado. Não sei o que ele falou sobre si mesmo a você. Mas aposto que não contou sobre as 36 toneladas de cocaína que

trouxe para a Europa nos últimos quatro meses. Ele te contou isso?” Tentei sacudir a cabeça negativamente. “Não, imaginei que ele esqueceria de contar isso. Mas isso é ruim com R maiúsculo, não acha, Tom? Eu diria que é. O Diabo existe e vende crack e cocaína na terra do amor. Boa. Parece uma música. O que rima com amor?”

“Dor”, respondi.

“Isso.” Ele pareceu ter gostado. “Dor.” Os sapatos de couro resolveram dar uma volta. “Já percebeu como pessoas más se envolvem com outras pessoas más, Tom? Eu notei isso. Acontece toda hora. Não sei por que, parece que se sentem em casa, dividem os mesmos interesses, o mesmo signo, sei lá. Já vi acontecer milhões de vezes. Milhões.” Os passos pararam. “Então, quando um cara como você aparece de mãos dadas com alguém como Woolf, tenho de confessar que faz com que eu não goste muito de você.”

“Já chega”, falei em tom petulante. “Não direi mais nenhuma palavra até que um médico me examine. Não tenho a menor ideia do que você está falando. Sei tanto a respeito de Woolf quanto sei a seu respeito, que é nada, e acho que há uma grande chance de meu pescoço estar quebrado.” Sem resposta. “Exijo que um médico me examine”, falei, tentando o máximo possível parecer um turista britânico na alfândega da França.

“Não, Tom, acho que não precisamos fazer o médico perder o tempo dele.” A voz dele era calma, mas pude perceber que estava excitado. O couro andou e a porta se abriu. “Fique com ele. O tempo todo. Se precisar usar o banheiro, me chame.”

“Espere um pouco”, falei. “O que quer dizer com o médico perder tempo? Estou machucado. E com muita dor, pelo amor de Deus.”

Os sapatos se viraram para mim.

“Pode ser, Tom. Aliás, deve mesmo ser verdade. Mas você conhece alguém que lava pratos de papel?”

NÃO HAVIA MUITAS coisas boas que eu pudesse dizer ou sentir a respeito de minha situação. Não mesmo. Mas a regra de qualquer combate, ganhando ou perdendo, é a de repassar tudo na sua cabeça para ver o quanto se pode aprender. E foi o que eu fiz, enquanto Richie se encostava ruidosamente na parede ao lado da porta.

Em primeiro lugar, o Arrumadinho sabia muito e ficou sabendo bem rápido das coisas. Então ele devia ter muita mão de obra ou ótima comunicação. Ou os dois. Depois, ele não disse “chame o Igor ou um dos outros rapazes”. Ele disse “me chame”. O que provavelmente queria dizer que só o Arrumadinho e o Richie estavam nessa espaçonave.

E por último, e o mais importante naquele momento, eu era o único que tinha certeza de que meu pescoço não estava quebrado.

---

\* Nome dado no Reino Unido ao equivalente à Câmara dos Deputados do Brasil. (N. T.)

# oito

*Um soldado eu recruta, para crescer e ganhar fama.*

*E ser alvejado por seis centavos por dia.*

CHARLES DIBDIN

**Algum tempo** se passou. Pode ser que tenha sido muito tempo, e provavelmente foi mesmo, mas, depois do acidente com a moto, passei a suspeitar do tempo e do comportamento dele. Tipo me revistar depois de cada reunião e outras coisas do tipo.

Não havia como descobrir nada nesse quarto. A luz era artificial e ficava acesa direto. E não havia qualquer mudança nos sons. Ouvir umas garrafas de leite batendo umas nas outras ou alguém gritando “é o Standart, chegou a edição das cinco da tarde” teria ajudado um pouco. Mas não se pode ter tudo.

O único equipamento de cronometrar que tinha comigo era minha bexiga, que me dizia que tinham se passado umas quatro horas desde o restaurante. O que não combinava com a quantidade de perfume do pós-barba do Arrumadinho. Mas, novamente, também não dá pra confiar nessas bexigas novas e baratas, elas podem ser bem inconstantes.

Richie tinha saído do quarto apenas uma vez, para buscar uma cadeira. Quando ele saiu, tentei me soltar, fazer uma corda de lençóis e escapar fazendo rapel pela janela, mas tudo que consegui foi arranhar minhas coxas antes de ele voltar. Quando ficou confortável, não fez mais nenhum som, o que me fez pensar que ele pode ter trazido algo para ler também. Mas não havia sons de páginas virando, então, ou ele era um leitor bem vagaroso ou estava feliz de se sentar e ficar olhando pra parede. Ou pra mim.

“Preciso ir ao banheiro”, resmunguei.

Sem resposta.

“Disse que preciso...”

“Cala a boca, caralho.”

Isso foi bom. Fez eu me sentir melhor a respeito do que eu teria de fazer com Richie.

“Olha, será que não pode...”

“Não ouviu o que eu falei? Cala a boca, caralho. Se precisa mijar, pode mijar aí mesmo.”

“Richie...”

“Quem foi que falou pra você me chamar de Richie?”

“E como eu deveria te chamar?” Fechei meus olhos.

“Não me chame de nada. Não me chame. Fique aí e faça o que tem que fazer. Entendeu?”

“Não quero mijar.”

Quase deu para ouvir o cérebro dele se espremendo.

“Quê?”

“Preciso cagar, Richie. A velha tradição britânica. Se você quer ficar no mesmo quarto em que eu estou cagando, a escolha é sua. Achei que seria justo avisar você primeiro.”

Ele pensou naquilo um pouco, e tenho certeza de que pude ouvir o nariz dele se enrugando. A cadeira fez um barulho e então os sapatos de borracha vieram até mim.

“Você não vai ao banheiro, e também não pode cagar nas calças.” O rosto apareceu no meu campo de visão, mais esticado do que nunca. “Entendeu? Você fica aí quietinho e cala a porra da boca...”

“Você não tem filhos, né Richie?”

Ele fez uma careta, o que era um enorme esforço para o seu rosto. Sobrancelhas, músculos, tendões, tudo chamado a trabalhar por causa de uma única e estúpida expressão facial.

“Como?”

“Eu não tenho filho também, pra falar a verdade, mas tenho afilhados. E você não pode dizer a eles que não façam aquilo. Não funciona.”

A careta aumentou.

“Que merda é essa que você tá falando?”

“Quero dizer que já tentei isso. Você está no carro com a molecada, um deles precisa cagar, você fala pra ele segurar, colocar uma rolha, esperar

chegar em algum lugar, mas não funciona. Quando o corpo precisa cagar, ele precisa cagar.”

A careta se desfez um pouco, o que era bom, pois eu estava ficando cansado só de olhar pra ela. Ele se curvou para mim, ficando com o nariz alinhado com o meu.

“Escuta aqui, seu bosta...”

Ele só conseguiu falar isso porque, quando chegou no “bosta”, levantei meu joelho direito o mais forte que pude e acertei o lado da cara. Ele congelou por um segundo, meio surpreso, meio por causa da concussão, então levantei minha perna esquerda e passei ela por trás do pescoço dele. Enquanto puxava ela mais pra perto da cama, Richie botou sua mão esquerda para a frente, tentando ficar em pé. Mas ele não tinha ideia da força que as pernas têm. Elas são absurdamente fortes.

Muito mais fortes que uma garganta.

ELE RESISTIU BASTANTE, devo admitir. Tentou as coisas de sempre, apertar meu saco, chutar minha cara, mas, pra essas coisas funcionarem bem, você precisa de ar, e eu não estava disposto a deixar que ele respirasse quantidades suficientes de ar. A resistência dele se transformou em raiva, selvageria, pânico, palidez e então o longo caminho da inconsciência. Segurei ele uns bons cinco minutos depois do último chute, porque, se eu fosse ele, tentaria me fazer de morto quando percebesse que não tinha chance.

Mas Richie não estava se fazendo de morto.

MEUS PULSOS ESTAVAM presos com tiras de couro, e isso me deu um bom trabalho. As únicas ferramentas que eu tinha eram meus dentes, e quando terminei, parecia que tinha comido uns dois bois com couro e tudo. Também confirmei que meu queixo estava machucado, porque, a primeira vez que encostei ele em uma das fivelas, pensei que ia atravessar o teto. Em vez disso, olhei pra baixo e vi um monte de sangue na tira de couro, um pouco escuro e velho, um pouco vermelho e novo em folha.

Quando terminei, me deitei ofegante por causa do esforço e tentei esfregar um pouco de vida nos meus pulsos. Então, me sentei na cama e, com calma, girei minhas pernas para descer dali.

Foi a grande variedade de dores que evitou que eu chorasse. Vinha de tantos lugares, falava tantas línguas, usava uma diversidade tão grande de

roupas étnicas que, durante uns quinze segundos, fiquei de boca aberta de tão impressionado. Segurei na lateral da cama e fechei bem os olhos, até que o barulho virasse um sussurro, e então fui fazer um novo inventário. Onde quer que eu tenha batido primeiro, foi com o lado direito do meu corpo. O joelho, a coxa e o quadril gritavam comigo, e a causa dos gritos era a recente joelhada que eu tinha dado na cabeça do Richie. Minhas costelas pareciam ter sido arrancadas e colocadas de volta, mas na ordem errada, e meu pescoço, apesar de não estar quebrado, estava duro e difícil de mexer. E ainda havia os meus testículos.

Eles tinham mudado. Não tinha como serem os mesmos testículos de antes. Eu carreguei eles minha vida toda e sempre os tratei como amigos. Eles estavam maiores, bem maiores, e o formato estava completamente errado.

Só havia uma coisa a fazer.

Existe uma técnica, conhecida pelos praticantes de artes marciais, de alívio de desconforto escrotal. É bastante usada nos *dojos* japoneses, sempre que um parceiro de prática exagera e cai em cima de sua área genital.

Você deve fazer o seguinte: pula pra cima e pousa nos calcanhares, mantendo suas pernas o mais firme que puder, aumentando, assim, por um instante, o empuxo gravitacional sobre o saco. Não tenho ideia de por que isso deveria funcionar, mas funciona. Ou seria melhor que não funcionasse. Porque tive de tentar algumas vezes, pulando em volta do quarto o mais forte que minha perna direita deixou, até que gradualmente, bem aos poucos, a dor começou a diminuir.

Depois me abaixei e examinei o Richie.

A etiqueta de seu terno mostrava que era um Falkus, mas era só isso; ele tinha 6 libras e alguns centavos no bolso direito, e um canivete camuflado no esquerdo. A camisa era de *nylon* branco e o sapato era um Baxter de couro marrom. Era mais ou menos isso. Não havia mais nada que destacasse Richie da multidão e colocasse um detetive para procurar algo. Nenhuma passagem de ônibus, cartão de biblioteca ou página de classificados com um deles circundado com caneta vermelha.

A única coisa que encontrei que saía muito pouco do comum foi um coldre Bianchi que guardava uma pistola Glock 17 nove milímetros

novinha.

VOCÊ JÁ DEVE ter lido umas besteiras que já escreveram sobre a Glock. O fato de o corpo dela ser feito de um polímero chique fez com que os jornalistas ficassem excitados com a possibilidade de ela não aparecer nas máquinas de raios X dos aeroportos, o que é algo bem ridículo. O cano, o tambor e a maioria de suas partes internas eram de metal, e se isso não fosse o suficiente, seus cartuchos de munição Parabellum não poderiam ser disfarçados de refil de batom. O que ela tinha de bom era o fato de ser muito leve, muito precisa e totalmente confiável. Tudo isso fez com que a Glock 17 virasse a arma preferida das donas de casa do mundo todo.

Puxei a parte de cima dela para trás, colocando uma bala na câmara. Não há trava de segurança em uma Glock. Você aponta, atira e faz um belo estrago. É o meu tipo de arma.

ABRI A PORTA que dava para o corredor, e não havia uma nave espacial. Era um corredor reto e branco, com outras sete portas que davam para ele. Todas fechadas. No fim do corredor havia uma janela onde se via um céu que poderia ser de umas 50 cidades. Era de dia.

Qualquer que fosse o propósito para a construção desse prédio, ele já não estava sendo mais usado fazia tempo. O corredor estava sujo e cheio de caixas de papelão, montes de papel, e no meio dele havia uma *mountain-bike* sem rodas.

Agora, entrar e zerar a fase em um prédio inimigo é um jogo para pelo menos três ou mais jogadores. Seis é um bom número. O jogador mais à esquerda verifica as portas, com outros dois dando cobertura, enquanto os outros três vigiam o corredor. É assim que funciona. Mas se você precisa mesmo jogar sozinho, o esquema é completamente diferente. Você tem de abrir cada uma das portas bem devagar, prestando atenção às suas costas ao mesmo tempo, olhando pelas frestas e demorando uma hora pra andar alguns metros do corredor. É isso que dizem todos os manuais escritos sobre o assunto.

Mas o que sinto a respeito dos manuais é que os outros caras também leram eles.

Ziguezagueei pelo corredor o mais rápido que pude, com a arma preparada, abrindo todas as portas até chegar ao fim do corredor, me jogar

embaixo da janela e ficar pronto para descarregar a arma em qualquer um que botasse a cabeça pra fora. Ninguém apareceu.

Mas agora as portas estavam abertas, e a primeira à esquerda levava a uma escada. Eu conseguia ver um pedaço de corrimão e, acima dele, um espelho. Fiquei agachado e corri para a porta, balançando a arma pela escada como uma ameaça, da melhor maneira que consegui. Nada.

Com minha mão direita, usei a coronha da arma para quebrar o espelho. Peguei um pedaço que parecia forte e cortei minha mão esquerda nele. Foi um acidente, se por acaso você estiver imaginando porque cortei minha mão esquerda.

Segurei o espelho quebrado e olhei nele, me assustando com o reflexo do meu queixo. O machucado estava bem feio.

De volta ao corredor, voltei ao método de verificação lenta, me arrastando ao limite de cada porta, colocando o espelho na frente delas e dando uma olhada com calma no que tinha dentro. Era um método desajeitado, pois as paredes eram superfinais e provavelmente não aguentariam uma cereja jogada por uma criança cansada de três anos, e por isso era bem inútil também. Mas eu me sentia melhor do que se parasse na porta e dissesse “Oláááá?”.

Os dois primeiros quartos estavam iguais ao corredor. Sujos e cheios de pilhas de lixo. Máquinas de escrever velhas, telefones e cadeiras de três pernas. Eu estava pensando que não havia nos grandes museus do mundo algo que parecesse tão velho quanto uma fotocopadora de dez anos atrás, quando ouvi um barulho. Um barulho feito por um humano. Um suspiro.

Esperei. Ele não se repetiu, então repassei o barulho em minha cabeça. Era no próximo quarto do corredor. Era um homem. Ou era alguém fazendo sexo, ou que estava mal. Ou uma armadilha.

Deslizei até o corredor e fui em direção à próxima porta, e fiquei encostado ao lado dela. Peguei o espelho e o coloquei em posição. Sentado em uma cadeira, no meio do quarto, com a cabeça caída pra frente e encostada no peito, havia um homem. Pequeno, gordo, de meia-idade e amarrado à cadeira. Com tiras de couro.

Havia sangue na camisa dele. Muito sangue.

Se isso fosse uma armadilha, esse era o momento que o inimigo esperava que eu entrasse correndo e dissesse: “Meu Deus, posso ajudar em

algo?”, por isso fiquei onde estava e continuei olhando. O homem e o corredor.

Ele não fez mais nenhum barulho, e o corredor não fez nada que um corredor não faça normalmente. Depois de um minuto vigiando, deixei o espelho de lado e resolvi entrar no quarto.

ACHO QUE EU sabia que era o Woolf no momento em que ouvi o suspiro. Ou reconheci a voz, ou já estava pensando que, se o Arrumadinho tinha conseguido me pegar, ele não teria trabalho em pegar Woolf.

Ou Sarah, pensando bem.

Fechei a porta e coloquei uma cadeira segurando a maçaneta. Aquilo não pararia ninguém, mas me daria tempo de disparar três ou quatro vezes antes de a porta se abrir. Me ajoelhei na frente dele e imediatamente amaldiçoei uma nova dor no meu joelho. Fui para trás e olhei pra baixo. Vi oito ou nove porcas sem parafusos e meio oleosas nos pés de Woolf e me abaixei para tirá-las de lá.

Mas não eram porcas e não estavam oleosas. Tinha me ajoelhado nos dentes de Woolf.

SOLTEI AS AMARRAS e tentei levantar a cabeça dele. Os olhos estavam fechados, e não sabia dizer se era porque estava desmaiado ou porque seu rosto todo estava terrivelmente inchado. Bolhas de sangue e saliva apareciam em volta da boca dele, e sua respiração estava horrível.

“Você vai ficar bem”, falei, mas não acreditei em mim mesmo, e duvido que ele tenha acreditado. “Onde está Sarah?”

Ele não respondeu, mas vi que estava lutando para abrir o olho esquerdo. Ele jogou a cabeça para trás, e um grunhido arrancou algumas bolhas que estavam em volta de seus lábios. Me inclinei para a frente e segurei as mãos dele.

“Onde está Sarah?”, repeti, com uma pequeno fiapo de preocupação aparecendo em minha laringe. Ele não se mexeu durante um tempo, e comecei a pensar que tinha desmaiado, mas então seu peito se encheu e ele abriu a boca como se fosse bocejar.

“O que está dizendo, Thomas?” A voz dele era fina e sua respiração ficava pior a cada segundo. “Você é...” Ele parou para respirar.

Eu sabia que ele não deveria continuar falando. Sabia que devia falar pra ele parar de falar e guardar suas forças, mas não consegui. Queria que

ele falasse. Qualquer coisa. Sobre o quanto se sentia mal, quem tinha feito aquilo, sobre Sarah e sobre as corridas em Doncaster. Qualquer coisa que tivesse relação com a vida.

“O quê?”, falei.

“Você é uma boa pessoa?”

Acho que ele sorriu.

Fiquei ali um tempo, olhando para ele e pensando no que fazer. Se tentasse levá-lo a algum lugar, ele podia morrer. Se não o levasse a algum lugar, ele iria morrer. Acho até que uma parte de mim queria que ele morresse, assim eu estaria livre pra fazer alguma coisa. Me vingar. Fugir. Ficar puto.

E então, de repente, quase antes mesmo de perceber, eu estava soltando as mãos dele e pegando a Glock, indo para um lado do quarto, agachado, o mais rápido e silencioso que consegui.

Porque alguém estava tentando abrir a porta.

A CADEIRA AGUENTOU bem um empurrão ou dois e depois deslizou de lado quando um chute bateu na porta, que se abriu, e um homem apareceu no lugar dela, mais alto do que eu me lembrava. Por isso levei alguns segundos para perceber que era o Arrumadinho e que ele apontava sua arma pro meio da sala. Woolf começou a se levantar, ou talvez estivesse apenas caindo pra frente, e então houve um estampido alto e longo que levou a uma série de batidas secas, pois eu tinha disparado seis tiros no Arrumadinho. Ele caiu para trás no corredor e eu o segui, disparando mais três tiros no peito dele enquanto ele caía. Chutei a arma dele pra longe e apontei a minha pra sua cabeça. Cartuchos vazios se espalharam pelo chão do corredor.

Olhei a sala. Woolf estava a dois metros da posição que estava antes, deitado de costas em uma poça escura. Não consegui entender como o corpo dele podia ter ido parar longe, até que olhei para baixo e vi a arma do Arrumadinho.

Era uma MAC 10. Ela era uma submetralhadora de mão, fodona, que não se importava com o que iria acertar, capaz de esvaziar seus 30 cartuchos de munição em dois segundos. O Arrumadinho tinha acertado a maior parte deles em Woolf, que ficou detonado.

Me inclinei pra frente e atirei mais uma vez na boca do Arrumadinho.

LEVEI UMA HORA para revistar o prédio de cima a baixo. Quando terminei, já sabia que os fundos dele davam para a avenida High Holborn, tinha sido a sede de uma grande firma de seguros e agora estava mais vazio que um prédio consegue ficar. O que já tinha imaginado. Tiros sem o aparecimento de sirenes policiais em seguida normalmente indicam que não tem ninguém em casa.

Não tive escolha a não ser deixar a Glock lá. Arrastei o corpo de Richie para muito perto do de Woolf, deitei ele no chão, limpei a Glock com a minha camisa e a coloquei na mão dele. Peguei a MAC, disparei o que tinha sobrado de munição em Richie, depois a coloquei de volta ao lado do Arrumadinho.

O cenário que deixei não fazia muito sentido. Mas a vida real também não faz sentido, e uma cena confusa é mais fácil de as pessoas engolirem do que uma toda bem arrumadinha. Pelo menos, era o que eu esperava. E ENTÃO FUI até o The Sovereign, um hotelzinho em King's Cross, e fiquei lá durante dois dias e três noites enquanto meu queixo melhorava e os machucados do meu corpo ficavam mudando de uma bela cor para outra. Do lado de fora da minha janela, o povo britânico vendia crack, transavam uns com os outros por dinheiro e lutava batalhas bêbadas das quais não se lembraria mais pela manhã.

E enquanto estava lá, pensei a respeito de helicópteros, armas, Alexander Woolf, Sarah Woolf e um monte de outras coisas interessantes. SERÁ QUE SOU uma boa pessoa?

## nove

*Botas, sela, ao cavalo e avante!*

BROWNING

“Como?”

A garota era bonita, daquelas belezas realmente arrebatadoras, e fiquei imaginando quanto tempo ela ficaria naquele emprego. Ouso dizer que o cargo de recepcionista na Embaixada Americana na Governor Square deve pagar bem e você ainda pode comer todas as meias de *nylon* que quiser, mas deve ser mais chato que o discurso a respeito do orçamento da união do ano passado.

“Pós-Graduação”, falei. “Com o senhor Russell Barnes.”

“Ele está esperando você?”

Decidi que ela não ficaria mais do que seis meses. Ela estava entediada comigo, com o prédio e com o mundo.

“Sinceramente, espero que sim. Meu gabinete ligou mais cedo para confirmar. Me disseram que haveria alguém para me encontrar.”

“É Solomon, certo?”

“Isso.” Ela pesquisou em algumas listas. “Com um M só”, falei esperançoso.

“E qual é o seu gabinete?”

“É o que telefonou hoje de manhã para vocês. Me desculpe, achei que já tinha falado isso.”

Ela estava tão entediada que não repetiu a pergunta. Ela deu de ombros e começou a preencher a ficha de visitantes para mim.

“Carl?”

CARL NÃO ERA apenas um Carl. Ele era um CARL. Ele era uns cinco centímetros mais alto do que eu e com certeza fazia musculação nas horas vagas, que obviamente deviam ser muitas. Ele também era um fuzileiro naval da marinha americana e usava um uniforme tão novo que eu

esperava ver alguém atrás dele ainda terminando de fazer a bainha ou algo assim.

“Senhor Solomon”, disse a recepcionista. “Sala 5910. Para falar com Barnes, Russell.”

“Russell Barnes”, a corrigi, mas nenhum dos dois ligou para mim.

CARL ME LEVOU por uma série de checagens bem caras, onde outros Carls passaram detectores de metais em mim e deixaram minhas roupas bem amarrotadas. Estavam particularmente interessados na pasta que eu carregava, e se preocupavam porque dentro dela só havia uma edição do *Daily Mirror*.

“Só uso a pasta como um acessório”, expliquei alegremente, o que, por alguma razão, pareceu deixá-los satisfeitos. Talvez se eu tivesse dito que usava apenas para carregar documentos secretos para fora de embaixadas estrangeiras, eles me dariam tapinhas nas costas e se ofereceriam para carregá-la por mim.

Carl me levou até um elevador e esperou que eu entrasse. Uma música tocava em um volume enlouquecedoramente baixo, e se não fosse uma embaixada, poderia jurar que era Johnny Mathis cantando “Bat Out of Hell”. Carl entrou também e colocou um cartão de plástico no leitor e digitou alguns números no teclado abaixo com sua mão que usava uma luva imaculada.

Enquanto o elevador deslizava para cima, eu me preparava para o que parecia ser uma entrevista meio complicada. Ficava dizendo a mim mesmo que estava fazendo o que dizem para fazer quando você é levado para o fundo por uma corrente marinha forte. Nade com a corrente, é o que dizem, não contra ela. Eventualmente, você chegará à terra firme. Descemos no quinto andar e segui Carl por um corredor bem encerado até a sala 5910 – vice-diretor de Pesquisas Europeias, Barnes, Russell P.

Carl esperou enquanto eu batia na porta e, quando a porta se abriu, tive a ideia de colocar duas moedas de uma libra na mão enluvada dele e pedir que me reservasse uma mesa no L’Epicure. Por sorte, ele me impediu fazendo uma continência violenta, girando nos calcanhares e voltando pelo corredor a 110 passos por minuto.

RUSSELL P. BARNES tinha rodado o mundo. Posso não ser o melhor leitor de pessoas que existe, mas posso dizer que você não vai se parecer com Russell

P. Barnes apenas se sentando atrás de uma escrivaninha metade da vida e tomando uns drinques em festas da embaixada na outra metade. Ele tinha quase 50 anos, era alto e magro e tinha um grande número de cicatrizes e rugas brigando para ver quem controlaria seu rosto queimado de sol. Só consegui pensar que ele era tudo o que O'Neal estava tentando ser.

Ele me deu uma olha por trás de seus óculos em formato de meia-lua quando entrei, mas continuou lendo e escrevendo na margem com uma cara caneta-tinteiro. Cada fibra do corpo dele parecia dizer “Vietcongue morto”, “contras bem armados” e “o general Schwarzkopf me chama de Rusty”.

Ele virou uma página e rosou para mim: “Sim?”

“Senhor Barnes”, falei, colocando minha pasta na cadeira à frente da mesa dele e esticando a mão para cumprimentá-lo.

“É o que diz na placa da porta.”

Ele continuou lendo. Mantive minha mão esticada.

“Como vai, senhor?”

Uma pausa. Sabia que o “senhor” fisgaria ele. Ele soltou o ar, sentiu o cheiro de um colega oficial e levantou a cabeça devagar para me ver. Depois, ficou um bom tempo olhando para minha mão, antes de estender a dele. Seca como a areia do deserto.

Ele indicou a cadeira com os olhos e me sentei, e ao fazê-lo, reparei na fotografia na parede. Com certeza, era Storming' Norman,<sup>\*</sup> vestido com um pijama camuflado e com algo escrito à mão em cima da cara dele. O escrito era pequeno demais para que eu pudesse ler, mas apostaria tudo que eu tinha que o texto devia conter as palavras “detonar” e “foda”. Perto dela havia uma foto do Barnes usando um tipo de roupa de salto e com um capacete embaixo do braço.

“Britânico?” Ele tirou os óculos e colocou em cima da mesa.

“Até a alma, senhor Barnes”, respondi. “Até a alma.” Sabia que o que ele queria dizer era Exército Britânico. Trocamos sorrisos militares retorcidos que diziam que odiávamos aquelas filhas da puta que deixavam homens de bem de mãos atadas e que chamavam a si mesmos de políticos. Quando achei que era o suficiente, falei: “David Solomon.”

“O que posso fazer por você, senhor Solomon?”

“Como sua secretária deve tê-lo informado, venho da parte do Ministério do senhor O’Neal. Ele tem uma ou duas questões as quais espera que o senhor possa responder.”

“Manda bala.” As palavras saíram tão facilmente de seus lábios que fiquei imaginando quantas vezes e em quantos contextos diferentes elas foram ditas por ele.

“Tem a ver com Pós-Graduação, senhor Barnes.”

“Sim.”

E foi isso. Sim. Nada de “quer dizer o esquema em que um grupo de pessoas desconhecidas conspira para patrocinar uma ação terrorista com o objetivo de arrebanhar de vender um equipamento militar antiterrorismo?”. O que, tenho de admitir, era o que esperava que respondesse. Se não exatamente assim, pelo menos um começo com cara de culpa já seria suficiente. Mas o “sim” sem mais nada não me ajudava nem um pouco.

“O senhor O’Neal esperava que o senhor não se importasse em nos brindar com o que tem achado do assunto atualmente.”

“Ele esperava?”

“Sim, com certeza”, respondi. “E esperava também que pudesse nos iluminar com sua interpretação dos recentes acontecimentos.”

“E que eventos recentes seriam esses?”

“Prefiro não entrar em detalhes neste momento, senhor Barnes. Tenho certeza de que compreende.”

Ele sorriu, e eu vi um brilho dourado de algum lugar na parte de trás da boca dele.

“Você tem algo a ver com o setor de Aquisições, senhor Solomon?”

“Absolutamente nada a ver, senhor Barnes.” Tentei apelar para o lado sentimental. “Minha mulher não confia em mim nem para as compras do supermercado.”

Ele deu um sorriso murcho. Nos círculos que Russell P. Barnes frequentava, o casamento era uma batalha travada decentemente em particular. Se é que havia batalha.

Um telefone na mesa dele tocou calmamente e ele arrancou o fone e pôs no ouvido.

“Barnes.” Ele pegou a caneta-tinteiro e ficou apertando o topo dela algumas vezes enquanto ouvia. Ele concordou com a cabeça e disse alguns

“sins”, então desligou. Ele continuou olhando para a caneta, e parecia ser a minha vez de falar.

“Acho que posso dizer, pelo menos, que estamos preocupados com a segurança”, fez uma pausa para reforçar o eufemismo, “de dois cidadãos norte-americanos que residem atualmente em solo britânico. O sobrenome deles é Woolf. O senhor O’Neal gostaria de saber se o senhor teria alguma informação que ajudaria o nosso Ministério a continuar a garantir a proteção deles.”

Ele cruzou os braços e se recostou na cadeira.

“Mas que maldição.”

“Senhor?”

“As pessoas dizem que se ficarmos sentados tempo suficiente, o mudo inteiro passará por você.”

Tentei parecer confuso.

“Me desculpe, senhor Barnes, mas não estou entendendo nada.”

“Fazia muito tempo que eu não ouvia tanta merda sobre um assunto.”

Em algum lugar um relógio fazia seu tique-taque. Bem rápido. Aliás, me parecia rápido demais para contar os segundos. Mas esse era um prédio americano, e talvez os americanos tenham decidido que os malditos segundos eram lentos demais, então fizeram um relógio que passava um minuto em vinte segundos. Dessa forma, teríamos mais das malditas horas em um maldito dia do que esses bichas britânicos.

“Você tem alguma informação, senhor Barnes?”, perguntei obstinadamente.

Mas ele não iria ser apressado e nem levado a lugar algum.

“Como eu teria alguma informação, senhor Solomon? É você que tem mãos de obra à disposição. Eu só sei o que o O’Neal me conta.”

“Bom, eu fico imaginando se as coisas são exatamente assim mesmo”, falei.

“Fica?”

Tinha algo errado. Não tinha a menor ideia do que, mas havia algo muito errado por aqui.

“Deixando isso de lado, senhor Barnes, vamos supor que meu Ministério está meio sem mão de obra de campo no momento. Muita gente doente. Férias de verão. E vamos supor que os agentes que estão trabalhando, dada

a falta de pessoal, tenham perdido os dois indivíduos de vista, momentaneamente.

Barnes estralou os dedos e se curvou para a frente sobre a mesa.

“Bem, não vejo como isso poderia ter acontecido, senhor Solomon.”

“Não estou dizendo que aconteceu. Apenas ofereço como hipótese.”

“Dá na mesma. Não concordo com sua premissa. Na verdade, o que me parece é que vocês estão com gente sobrando no momento.”

“Desculpe, mas não entendi o que quis dizer.”

“Me parece que vocês têm gente por todos os lados, mas andando em círculos.”

O relógio andava.

“O que quer dizer exatamente?”

“O que quero dizer exatamente é que se o seu departamento pode contratar dois David Solomon para fazer o mesmo trabalho, então quer dizer que tem um orçamento que eu gostaria de ter.

Oops.

Ele ficou em pé e começou a circundar a mesa. Não ameaçando fazer nada, apenas esticando as pernas.

“Talvez tenham mais que isso. Quem sabe vocês não têm uma divisão inteira de Davids Solomon. É isto?” Ele fez uma pausa. “Liguei para o O’Neal. David Solomon está em um avião indo para Praga, e O’Neal acredita que é o único Solomon que trabalha para ele. Talvez todos vocês, Davids Solomon, dividam apenas um salário.” Ele chegou à porta e a abriu. “Mike, traga uma equipe E aqui. Agora.”

Ele se virou e encostou no batente da porta, com os braços cruzados, me encarando.

“Você tem uns 40 segundos.”

“TÁ BOM”, COMECEI. “Meu nome não é Solomon.”

A Equipe E consistia em dois Carls, um de cada lado da minha cadeira. Mike tinha ficado na porta e Barnes voltou à cadeira dele. Eu fazia o papel de perdedor deprimido.

“Meu nome é Glass. Terence Glass. Tentei fazer com que soasse o mais estúpido possível. Tão entendiante que ninguém pensaria em fazer algo assim. “Tenho uma galeria de arte em Cork Street.” Coloquei a mão no bolso de cima e achei o cartão que a *hostess* loira me deu. Passei para o

Barnes. “Toma. Meu último cartão. Enfim, Sarah trabalha para mim. Ou trabalhava para mim.” Suspirei e tentei parecer deprimido. Um homem que tinha apostado tudo e perdido. “Nas últimas semanas, ela tem se comportado meio... não sei bem. Parecia preocupada. Assustada, até. Começou a falar de coisas estranhas. Então, um dia, ela não apareceu. Dei alguns telefonemas, e nada. Tentei ligar para o pai dela, mas ele parece ter desaparecido também. Fui procurar alguma pista na mesa e nas coisas dela e achei uma pasta.”

Barnes se enrijeceu levemente com essa afirmação, então pensei em tentar enrijecê-lo um pouco mais.

“Pós-Graduação. Na capa. Claro que achei que era alguma coisa relacionada à História da Arte, mas não era. Pra falar a verdade, não entendi muito bem aquilo. Negócios. Manufadoras de algo. Ela fez algumas anotações. Um homem chamado Solomon. E o seu nome. Embaixada Americana. Eu... posso ser bem honesto com você?”

Barnes olhou para mim. Não havia nada em seu rosto além de cicatrizes e rugas.

“Não conte pra ela”, comecei, “quero dizer, ela não sabe, mas... estou apaixonado por ela. Há alguns meses. E foi por isso que a contratei. Não precisava de mais ninguém na galeria, mas queria ficar perto dela. Só consegui pensar nisso. Sei que isso parece meio ridículo, mas... Você conhece ela? Quero dizer, já viu como ela é?”

Barnes não respondeu. Apenas bateu os dedos no cartão que dei pra ele e olhou para o Mike com uma sobrancelha levantada. Não me virei nenhuma vez, mas Mike deve ter ficado bem preocupado.

“Glass”, disse uma voz. “Confere.”

Barnes brincou com seus dentes um pouco e depois olhou para a janela. Fora o relógio, um grande silêncio dominava a sala. Nenhum barulho de telefone, máquina de escrever ou trânsito. As janelas deviam ser de vidros quádruplos.

“O’Neal?”

Olhei para ele o mais derrotado que consegui.

“O que tem ele?”

“Onde conseguiu informações sobre ele?”

“Na pasta”, falei e dei de ombros. “Já te falei, li o conteúdo dela. Queria saber o que tinha acontecido com Sarah.”

“E qual a razão de não ter me falado isso tudo antes? Por que inventar essa merda toda?”

Dei uma risada e dei uma olhada para os Carls.

“Você não é um homem fácil de se ver pessoalmente, senhor Barnes. Estou tentando ligar para você há dias. Sempre acabam me passando para a seção dos vistos. Acho que pensaram que estou querendo um Green Card. Me casando com uma norte-americana, sabe?”

Houve uma longa pausa.

Era realmente uma das histórias mais estúpidas que já contei; mas eu estava apostando – pesado, tenho que admitir – no machismo de Barnes. Interpretei ele como um homem arrogante, preso num país estrangeiro, e torci para que acreditasse que a maioria das pessoas com as quais lidou era tão estúpida quanto a minha história. Se não fosse mais.

“Tentou tudo isso com o O’Neal?”

“De acordo com o Ministério da Defesa, não tem ninguém com esse nome trabalhando lá, e era melhor que eu fosse a uma delegacia e fizesse uma denúncia de desaparecimento de pessoa.”

“E fez isso?”

“Tentei fazer.”

“Em qual delegacia?”

“Bayswater.” Sabia que não iriam checar aquilo. Ele queria ver o quão rápido eu responderia à pergunta. “A polícia me disse para esperar algumas semanas. Eles deram a entender que achavam que ela podia ter arrumado um novo namorado.”

Fiquei contente com aquilo. Sabia que ele morderia a isca.

“Um ‘novo’ namorado?”

“Bem...”, tentei ficar vermelho. “Tá bom. Um namorado.”

Barnes mordeu seu lábio. Eu parecia tão patético que não teve alternativa senão acreditar em mim. Eu teria acreditado em mim, e olha que sou muito difícil de agradar.”

Ele finalmente se decidiu.

“Onde está a pasta?”

Levantei a cabeça, surpreso pelo fato de o arquivo ser do interesse de alguém.

“Na galeria. Por quê?”

“Descrição?”

“Bom, é só um tipo de... galeria mesmo. De arte.”

Barnes respirou fundo. Ele estava odiando ter de lidar comigo.

“Como a pasta se parece?”

“Com uma pasta mesmo. Papel-cartão...”

“Jesus amado”, falou Barnes. “De que cor?”

Pensei um pouco.

“Amarela, eu acho. Isso. Amarela.”

“Mike. A caminho.”

“Espere um pouco...” Comecei a me levantar, mas um dos Carls pôs a mão no meu ombro e eu decidi que era melhor ficar sentado. “O que está fazendo?”

Barnes já tinha voltado à papelada dele. E nem olhou pra mim.

“Você vai acompanhar o senhor Lucas até o seu local de trabalho e vai entregar a pasta para ele. Entendeu bem?”

“E por que diabos eu deveria fazer isso?” Não sei como os donos de galeria de arte falam, mas tentei a petulância. “Vim aqui pra tentar descobrir o que aconteceu com uma de minhas empregadas, não pra que você se meta nos assuntos particulares dela.”

Foi como se ele olhasse para baixo e visse que o último item na agenda era “mostrar para todo mundo como sou um cara durão” – mesmo com Mike já do lado de fora da porta e os dois Carls indo pelo mesmo caminho.

“Escute aqui, sua bichona do caralho”, ele disse. Sinceramente, achei que foi meio exagerado. Os Carls estancaram para admirar a testosterona. “Duas coisas. Primeiro. Não saberemos até ver se o assunto é particular dela ou se é nosso assunto. Segundo. Quanto mais rápido fizer as porras das coisas que falo pra fazer, mais chances vai ter de ver essa sua vagabunda de novo. Você entendeu o que eu falei?”

MIKE ERA UM jovem legal. Quase 30 anos, era da Ivy League<sup>\*\*</sup> e esperto como um chicote. Pude perceber que não ficou confortável com as coisas mais pesadas e gostei mais ainda dele por causa disso.

Estávamos indo para o sul pela Park Lane em um Lincoln Diplomata azul-claro, escolhido entre os 30 outros idênticos no estacionamento da embaixada. Me parece algo meio óbvio que um diplomata use um carro chamado Diplomata, mas talvez os americanos gostem dessas coisas. Pelo que sei, os americanos vendedores de seguros, em geral, dirigem algo que se chama Chevrolet Vendedor de Seguros. Imagino que seja uma decisão a menos que um homem precise tomar na vida.

Sentei atrás e fiquei brincando com os cinzeiros, enquanto um Carl com uniforme completo sentava ao lado do Mike. O Carl tinha um fone de ouvido com um fio que sumia por dentro da camisa dele. Deus sabe onde é que ia parar.

“Sujeito legal o senhor Barnes”, falei.

Mike olhou para mim pelo retrovisor. Carl virou a cabeça um nada e, a julgar pelo tamanho de seu pescoço, era o máximo que ele conseguia. Queria me desculpar por atrapalhar a musculação dele. “Muito bom no que faz também, imagino, o senhor Barnes. O Eficiente.”

Mike deu uma olhada para Carl, imaginando se deveria me responder ou não.

“O senhor Barnes é mesmo um homem extraordinário”, acabou falando.

Acho que Mike provavelmente odiava Barnes. Tenho certeza de que eu o odiaria se trabalhasse para ele. Mas Mike era um profissional correto e honrado que estava se esforçando para ser leal, e não achei que seria justo tirar mais dele na frente do Carl. Então desencanei e passei a brincar com os vidros elétricos.

Basicamente, o carro não estava equipado para o trabalho que deveria fazer – as portas traseiras tinham travas comuns, portanto, eu poderia sair de lá em qualquer semáforo que eu escolhesse. Mas não fiz isso, e nem queria fazer. Não sei por que, mas de uma hora para outra comecei a me sentir muito bem disposto.

“Extraordinário, sim”, repeti. “É a palavra que eu usaria. Quer dizer, você usou primeiro, mas imagino que não liga se eu usar também, né?”

Eu realmente estava aproveitando aquilo. E isso não acontece com muita frequência.

ENTRAMOS NA PICADILLY e seguimos em direção à Cork Street. Mike abaixou o quebra-sol, pois tinha guardado o cartão do Glass ali, e olhou o número. Fiquei aliviado por ele não ter perguntado pra mim.

Paramos na frente do número 48, então, Carl abriu a porta dele e saiu antes de o carro ser desligado. Ele abriu a porta de trás e depois olhou para cima e para baixo na rua enquanto eu saía. Me senti como o presidente.

“Quarenta e oito, certo?”, perguntou Mike.

“Isso”, respondi.

Toquei a campainha e nós três esperamos. Um pouco depois, um sujeito estilo mauricinho apareceu e se ocupou da fechadura e das travas.

“Bom dia, cavalheiros”, disse com uma voz meio pra dentro.

“Bom dia, Vince. Como vai a perna?”, falei e fui entrando na galeria.

O mauricinho era inglês demais para perguntar “quem é Vince, que perna e, falando nisso, de que diabos você tá falando?”. Em vez disso, ele ficou de lado, com um sorriso educado, deixando Mike e Carl entrarem atrás de mim.

Nós quatro fomos até o meio da galeria e olhamos as pinturas. Eram realmente terríveis. Se ele vendesse uma por ano já me impressionaria.

“Se vir algo que goste, posso conseguir um desconto de dez por cento”, falei pro Carl, que piscou bem devagar.

A bela loira, que usava vermelho dessa vez, veio dos fundos e parou do nosso lado. Então ela me viu e seu belo queixo caiu até os seus mais-belos-ainda seios.

“Quem é você?”, Mike perguntou pro mauricinho. Carl olhava as pinturas.

“Sou Terence Glass”, ele respondeu.

Foi um belo momento. Um que me lembrarei sempre. Éramos cinco pessoas, e apenas Glass e eu conseguimos manter nossas bocas fechadas. Mike foi o primeiro a falar.

“Espere um pouco. Você é o Glass.” E se virou pra mim com um olhar desesperado. Uma carreira de 40 anos com pensão e viagens às ilhas Seychelles começou a passar diante dos olhos dele.

“Desculpe”, falei. “Não era bem verdade.” Olhei para o chão tentando ver a mancha do meu sangue que deixei por lá, mas não havia nada. Glass

tinha sido muito esperto, ou em conseguir tirar a mancha de algum jeito, ou de pedir reembolso por algo fácil de fazer.

“Há algo errado, cavalheiros?” Glass tinha sentido um dissabor no ar. Já era ruim não sermos príncipes sauditas. E agora dava pra ver que não éramos compradores também.

“Você é o... assassino. O homem que...” A loira lutava com as palavras.

“Bom ver você também”, falei.

“Jesus Cristo”, disse Mike, se virando para Carl, que se virou pra mim.

Ele era um cara grande.

“Bem, me desculpem pelo pequeno mal-entendido. Mas, agora que vieram até aqui, que tal irem embora?” Carl começou a vir em minha direção. Mike segurou o braço dele, e olhou para mim nervosamente.

“Espere. Se você não é... quero dizer, já pensou no que fez?” Imagino que ele realmente não sabia o que dizer. “Jesus.”

Me virei para Glass e a loira.

“Apenas para suas cabeças poderem descansar, pois imagino que estejam pensando no que está acontecendo aqui. Não sou quem vocês pensam que sou. E não sou quem eles pensam que sou. Você”, e apontei o dedo pro Glass, “é quem eles pensam que eu sou, e você”, apontei para a loira, “é com quem eu gostaria de falar quando todos os outros forem embora. Entenderam?”

Ninguém levantou a mão. Fui em direção à porta com um ar de porteiro.

“Queremos a pasta”, disse Mike.

“Que pasta?”, perguntei.

“Pós-Graduação.” Ele ainda estava fora de sintonia. E eu não podia culpá-lo.

“Desculpe desapontar você, mas não existe nenhuma pasta chamada Pós-Graduação e nem com nenhum outro nome.” A cara dele caiu, e senti muita pena dele. “Olha”, falei, tentando facilitar as coisas. “Eu estava no quinto andar, as janelas eram blindadas, era território dos Estados Unidos e a única maneira que pensei de sair de lá foi falando da pasta. Imaginei que vocês se interessariam.”

Houve uma longa pausa. Glass começou a ranger os dentes, como que mostrando que coisas bizarras estavam acontecendo com muita frequência

por lá. Carl se virou para Mike.

“Pego ele?” A voz dele era surpreendentemente alta, quase um *falsetto*.

Mike mordeu o lábio.

“Na verdade, essa decisão não é do Mike”, falei. Os dois olharam pra mim. “O que quero dizer é que cabe a mim se vou ser pego ou não, entende?”

Carl me encarou e me estudou.

“Olha, vou ser bem honesto. Você é um cara grande, e tenho certeza de que consegue fazer muito mais flexões do que eu. E admiro você por isso. O mundo precisa de gente que consiga fazer flexões. É importante.” Ele levantou o queixo de forma ameaçadora. Continue falando, amigo. E continuei. “Mas lutar é algo diferente. Completamente diferente, e por acaso sou muito bom nisso. Não quer dizer que sou mais durão que você, ou mais viril ou algo assim. É apenas algo que faço muito bem.”

Dava pra perceber que Carl não ficou à vontade com essa conversa. Ele deve ter sido educado na escola do “vou arrancar seu coração fora” e outras coisas assim, e eu sabia bem como responder a isso, e apenas a isso.

“O que estou querendo dizer”, continuei, da maneira mais amável possível, “é que se quiserem se poupar de passar muita vergonha, seria melhor os dois irem dar uma volta e arranjam um bom lugar para almoçar.”

O que, depois de muitos sussurros e encaradas, eles acabaram fazendo. UMA HORA DEPOIS, estava sentado em um café italiano com a loira, que a partir de agora será chamada de Ronnie, porque é como os amigos a chamam, e aparentemente eu era um agora.

Mike tinha partido com o rabo entre as pernas, e Carl tinha me dado um olhar “um dia desses você vai ver”. Acenei alegremente para ele em resposta, mas sabia que não acharia nem um pouco ruim não me encontrar com ele nunca mais.

Ronnie ficou sentada de olhos arregalados enquanto eu contava a minha versão resumida dos eventos, obviamente deixando de fora as partes com pessoas mortas, e tinha mudado sua opinião a meu respeito completamente, a ponto de agora me achar um cara sensacional, o que achei uma bela troca. Ofereci mais uma rodada de café e me recostei para aproveitar um pouco mais da admiração dela.

Ela franziu a testa.

“Então você não sabe onde a Sarah está agora?”, perguntou.

“Não tenho a menor ideia. Ela pode estar bem, dormindo, ou pode estar com sérios problemas.”

Ela se recostou e olhou para a janela. Dava pra ver que gostava de Sarah, pois estava realmente preocupada. Então, ela deu de ombros e tomou um gole de café.

“Pelo menos você não entregou a pasta pra eles”, falou. “Já é um começo.”

Claro que isso é um dos grandes problemas para as pessoas mentirosas. Começam a se confundir e não sabem mais o que é verdade e o que é mentira. Imagino que isso nem seja uma grande surpresa.

“Não, você não entendeu”, comecei gentilmente. “Não há nenhuma pasta. Falei para eles que tinha porque sabia que teriam de checar antes de me prender, me jogar em um rio ou o que quer que façam com pessoas como eu. Pessoas que trabalham em escritórios acreditam em pastas, entende? As pastas são importantes pra elas. Se disser a elas que tem uma pasta, elas vão querer acreditar, pois elas adoram se abastecer com pastas e mais pastas.” Eu, o grande psicólogo. “Mas infelizmente essa pasta simplesmente não existe.”

Ronnie se endireitou e pude perceber que ela tinha ficado animada. Duas bolinhas vermelhas tinham aparecido em suas bochechas. E isto era um sinal bem agradável.

“Mas a pasta existe.”

Chacoalhei a cabeça para ver se minhas orelhas estavam no lugar onde eu havia deixado.

“Como é que é?”

“Pós-Graduação”, ela respondeu. “A pasta de Sarah. Eu já vi.”

---

\* General H. Norman Schwarzkopf Jr., comandante das forças dos EUA na primeira Guerra do Golfo.(N. T.)

\*\* Grupo de oito universidades privadas do Nordeste dos EUA. (N. T.)

# dez

*Yet in oure asshen olde is fyr weye.* \*

CHAUCER \*\*

**Combinei** de me encontrar com Ronnie as 16h30, quando a galeria fechava e a bagunça feita por tantos consumidores era deixada do lado de fora para que passassem a noite na calçada, com seus sacos de dormir e suas carteiras recheadas.

Eu não tinha pedido a ajuda dela, mas Ronnie era jovem e impetuosa e, por alguma razão, sentiu que aquilo levaria a muita ação e aventura, e ela não poderia resistir a isso. Eu não contei a ela que até agora só tinha levado a buracos de bala e testículos inchados, porque não podia ignorar que ela poderia ser muito útil. Pra começar, eu não tinha um bom transporte, e além disso, descobri que penso melhor quando tem mais alguém por perto pensando por mim.

PASSEI O TEMPO livre na Biblioteca Britânica, tentando descobrir o máximo que pudesse sobre a Corporação Americana Mackie. Gastei a maior parte do tempo aprendendo a mexer no sistema de indexadores da biblioteca, mas, nos dez minutos que tive antes de ir embora, consegui descobrir uma informação incrível: Mackie era um engenheiro escocês que tinha trabalhado com Robert Adams na produção de um novo revólver de percussão muito mais prático que o que existia na época, e que foi apresentado pelos dois na Grande Exibição de Londres em 1851. Nem me preocupei em anotar.

Faltando um minuto, cruzei a referência do que estava pesquisando com um livro de título besta, chamado *O Dente do Tigre*, \*\*\* escrito pelo major J. S. Hammond (aposentado), e descobri que Mackie tinha fundado uma companhia que tinha crescido muito e se tornado a quinta maior fornecedora de “equipamentos” para o Pentágono. O quartel-general da

empresa era em Vensom, na Califórnia, e o último lucro anual divulgado tinha mais zeros do que eu podia anotar na parte de trás da minha mão.

Estava a caminho de Cork Street, passando pelos vendedores de rua, quando ouvi o grito do jornaleiro, e acho que foi a primeira vez na vida que entendi o que um desses jornaleiros dizia. Os outros devem ter ouvido “Tremoço em Rodeio de Idade”, mas nem precisei olhar a capa para saber que era “Três mortos em Tiroteio na Cidade”. Comprei um exemplar e li enquanto andava.

Uma “grande investigação policial” estava acontecendo depois que os corpos de três homens foram encontrados, todos com ferimentos de tiros, em um prédio abandonado no coração do distrito financeiro de Londres. Os corpos, que não foram identificados ainda, foram encontrados pelo segurança, senhor Dennis Falkes, 51, pai de três filhos, que retornava ao seu posto depois de uma consulta no dentista. Uma fonte na polícia não quis especular a respeito do motivo por trás dos crimes, mas não pode descartar o envolvimento de drogas. Não havia fotos. Apenas um texto de apoio falando do aumento do número de mortes relacionadas a drogas na capital nos últimos dois anos. Joguei o jornal no lixo e continuei.

Dennis Falkes tinha recebido dinheiro de alguém, isso era óbvio. O mais provável é que o Arrumadinho tenha pago a ele, e quando Falkes voltou e viu seu benfeitor morto, não teve nenhum incentivo para não chamar a polícia. Eu esperava, para o bem dele, que a história do dentista fosse verdadeira. Se fosse falsa, a polícia ia fazer da vida dele um inferno.

RONNIE ME ESPERAVA em seu carro, na frente da galeria. Era um TVR Griffith, vermelho vivo, com um motor V8 de cinco litros e um ronco que podia ser ouvido em Pequim. Por alguma razão, senti que não era o carro ideal para se fazer uma operação de vigilância discreta, mas, (a) eu não estava em posição de reclamar, e (b) havia um inegável prazer em entrar em um carro esporte conversível dirigido por uma bela mulher. Era como se eu estivesse subindo em uma metáfora.

Ronnie estava de bom humor, o que não queria dizer que ela não tinha visto a matéria no jornal. Mesmo que ela tivesse visto e soubesse que Woolf estava morto, não tenho certeza de que teria feito alguma diferença. Ronnie tinha o que as pessoas costumavam chamar de determinação. Séculos de respiração, inspirando e expirando, deram a ela lindas

bochechas e um grande apetite por risco e aventura. Imaginei ela aos cinco anos, pulando cercas de dois metros em seu pônei chamado Winston, arriscando a vida umas 70 vezes antes do café da manhã.

Ela chacoalhou a cabeça quando perguntei o que tinha achado na mesa de Sarah e então me bombardeou com perguntas o caminho todo até Belgravia. Não ouvi qualquer delas graças ao barulhento ronco do carro, mas fiz que sim ou não com a cabeça sempre que parecia apropriado.

Quando chegamos a Lyall Street, gritei pra ela passar pela casa e olhar apenas para a frente e mais nada. Achei uma fita do AC/DC, coloquei no toca-fitas e botei no volume máximo. Eu partia do princípio de que quanto mais óbvio você for, menos óbvio será, entende? Normalmente eu acredito que quanto mais óbvio você for, mais óbvio você será, mas não havia nada de normal acontecendo ultimamente.

A necessidade é a mãe da autoilusão.

Quando passamos pela casa de Woolf, coloquei a mão sobre os olhos como se os esfregasse, o que me permitiu dar uma olhada o máximo que essa manobra, que podia ser a de alguém ajeitando uma lente, me permitiu. Parecia vazia. Mas é claro que eu não esperava mesmo ver homens com caixas de violino na entrada da casa.

Demos a volta no quarteirão e fiz sinal pra Ronnie parar a uns 300 metros da casa. Ela desligou o carro e, durante alguns segundos, meus ouvidos estranharam o silêncio repentino. Então, ela se virou para mim e pude ver que suas bochechas estavam vermelhas de novo.

“E agora, chefe?”

Ela estava empolgada mesmo com isso tudo.

“Vou dar uma volta, passar por lá e ver o que acontece.”

“Certo. E o que eu faço?”

“Seria ótimo se pudesse ficar bem aqui”, falei. Ela murchou. “Para o caso de eu precisar escapar rapidamente”, completei, e ela se animou de novo. Ela pegou a bolsa e procurou algo dentro, pegou um pequeno tubo de metal e colocou na minha mão.

“O que é isto?”

“Alarme de estupro. Aperte em cima.”

“Ronnie...”

“Leve. Se ouvir ele vou saber que precisa de carona.”

A RUA PARECIA o mais normal possível, visto que cada casa dela custava mais de 2 milhões de libras. O valor apenas dos carros, parados dos dois lados da rua, provavelmente ultrapassava a riqueza de muitos países pequenos. Uma dúzia de Mercedes, outra dúzia de Jaguars e Daimlers, cinco Bentleys normais, um conversível, três Aston Martins, três Ferraris, um Jensen e um Lamborguini.

E um Ford.

Azul-escuro, virado de costas para mim, na frente da casa, mas do outro lado da rua, que foi o motivo pelo qual não o vi quando passamos. Duas antenas. Dois retrovisores. Um amassado perto do para-lama da frente. Um tipo de amassado que podia ter sido feito por uma moto batendo nele.

Um homem no assento do passageiro.

Minha primeira sensação foi de alívio. Se estavam vigiando a casa de Sarah, havia uma boa chance de ser porque eles não estavam com ela, e Sarah poderia estar em casa. Mas claro que eles já podiam estar com Sarah e mandaram alguém apenas para buscar a escova de dentes dela. Isso se tivesse sobrado algum dente na boca de Sarah, claro.

Mas não adiantava me preocupar com isso. Continuei andando em direção ao Ford.

SE VOCÊ JÁ teve algum treino em teoria militar, é possível que tenha lido algo chamado Ciclo Boyd, ou Ciclo OODA. Boyd era um cara que passava muito tempo estudando combates aéreos durante a Guerra da Coreia, analisando “eventos sequenciais” típicos – ou, na linguagem leiga, uma sequência de eventos – para ver por que o piloto A foi capaz de derrubar o piloto B, como o piloto B se sentiu depois, e qual deles tinha comido kedgeree<sup>\*\*\*\*</sup> no café da manhã. A teoria de Boyd foi baseada na observação absolutamente simples de que quando A faz algo, B reage, A faz outra coisa, B reage de novo e assim por diante, formando um ciclo de ação e reação. O Ciclo Boyd. Bom trabalho se alguém conseguir entender, você deve estar pensando. Mas a revelação de Boyd, que faz com que seu nome seja declamado em todas as academias militares ao redor do mundo, apareceu quando ele percebeu que se o B conseguisse fazer duas coisas no espaço de tempo que em geral fazia só uma, ele conseguiria “entrar no ciclo do outro”, e assim as forças do bem iriam prevalecer.

A Teoria de Lang, que dá praticamente os mesmos resultados por um custo bem menor, diz pra você dar um soco na cara do seu inimigo antes que ele consiga se desviar dele.

Vim por trás do Ford, pela esquerda dele, e parei ao seu lado, olhando para a casa de Woolf. O homem dentro do carro não olhou para mim. Coisa que ele teria feito se fosse um civil comum, pois as pessoas olham para as outras se não estão fazendo nada. Me inclinei e bati no vidro. Ele se virou e olhou pra mim por um bom tempo antes de abrir o vidro, mas dava para ver que não tinha me reconhecido. Ele estava na casa dos 40 e com certeza gostava de um uísque.

“Você é o Roth”, mandei, com o melhor sotaque americano que consegui – que ficou muito bom, apesar de estar elogiando a mim mesmo.

Ele fez que não com a cabeça.

“Roth esteve aqui?”

“Quem é Roth, caralho?”

Esperava que fosse americano, mas ele soava extremamente londrino.

“Merda”, falei, ficando em pé e olhando para a casa.

“Quem é você?”

“Dalloway”, respondi carrancudo. “Avisaram você que eu estava vindo?” Mais uma negativa com a cabeça. “Você saiu do carro? Perdeu quando ligaram.” Eu estava pressionando forte, falando rápido e alto e o deixando confuso. Mas não suspeitando de nada. “Viu as notícias? Leu um jornal, pelo menos, meu Deus? Três mortos, e o Lang não era um deles.” Ele me encarou. “Merda”, falei de novo, para o caso de ele não ter ouvido da primeira vez.

“E agora?”

Um cigarro para o senhor Lang. Ganhei ele. Mastiguei o lábio um instante, então decidi me arriscar.

“Você está sozinho?”

Ele apontou a cabeça em direção à casa.

“Micky está lá dentro.” Ele olhou no relógio. “Vamos trocar em dez minutos.”

“É melhor trocarmos agora. Tenho de pegar ele. Alguém apareceu?”

“Ninguém.”

“Telefonemas?”

“Um. Voz de mulher, faz uma hora. Perguntando pela Sarah.”

“Certo. Vamos.”

Era óbvio que eu estava dentro do Ciclo Boyd dele. É incrível o que se pode fazer com as pessoas se você acertar a primeira nota. Ele pulou do carro, louco para mostrar o quão rápido ele conseguia sair de um carro, e me seguiu quando fui em direção à casa. Tirei a chave da minha casa do bolso e então parei.

“Vocês têm uma batida secreta?”, perguntei, quando chegamos à porta da frente.

“Como?”

Girei os olhos, impacientemente.

“Uma batida. Um sinal. Não quero que Micky faça um buraco no meu peito quando entrarmos pela maldita porta.”

“Não, nós só... Quero dizer, eu só grito ‘Micky’.”

“Nossa, essa é boa”, falei. “Quem pensou nisso?” Deixei ele pensar um pouco, tentando mexer com ele e fazer com que ficasse louco para mostrar que era muito eficiente. “Grite.”

Ele pôs a boca na entrada de cartas da porta.

“Micky”, gritou, depois olhou com cara de desculpa. “Sou eu.”

“Ah, entendi. Assim ele tem como saber que é você. Muito bom.”

Houve uma pausa, então a maçaneta girou e entrei rapidamente na casa.

Tentei não olhar muito para o Micky, para que ele soubesse que não era o objeto da minha atenção. Mas uma olhada rápida me disse que ele também estava na casa dos 40 e era magro como um graveto bem fino. Usava luvas de couro escuras e um revólver, e provavelmente roupas também, mas não prestei atenção nisso.

O revólver tinha um acabamento em níquel Smith & Wesson, um cilindro curto com um martelo incluso, fazendo com que fosse bom para disparar de dentro do bolso. Provavelmente era uma Bodyguard Airweight. Uma arma traiçoeira. Você poderia pedir para que eu citasse alguma arma honesta, decente e justa, e é claro que não posso. Todas as armas são usadas de forma a machucar as pessoas, mas, mesmo assim, elas tendem a ter características diferentes. E algumas são mais traiçoeiras do que outras.

“Você é o Micky?”, perguntei, parecendo ocupado com a sala.

“Sou.” Micky era escocês e estava freneticamente tentando conseguir um sinal do parceiro para saber quem diabos eu era. Ele ia ser um problema.

“Dave Carter mandou um abraço.” Eu tinha estudado com Dave Carter.

“Ah, sim”, ele falou. “Certo.”

Bingo. Dois Ciclos de Boyd em cinco minutos. Com um giro triunfal, fui até a mesa e peguei o telefone.

“Gwinevere”, falei de forma enigmática. “Estou dentro.”

Coloquei o fone no gancho e fui em direção à escada, me amaldiçoando por ter exagerado. Eles poderiam não ter caído nessa. Mas quando me virei, os dois ainda estavam lá, calmos como cordeiros, com aquela cara de “você é o chefe agora”.

“Qual é o quarto da garota?”, mandei. Os cordeiros trocaram olhares nervosos. “Vocês checaram os quartos, né?” Eles fizeram que sim com a cabeça. “Então, qual é o que tem travesseiros com rendinhas e um pôster do Stefan Edberg, meu Deus?”

“O segundo à esquerda”, disse Micky.

“Obrigado.”

“Mas...”

Parei novamente.

“Mas o quê?”

“Não tem nenhum pôster...”

Dei a eles um olhar de satisfação e continuei subindo as escadas.

MICKY TINHA RAZÃO, não havia nenhum pôster do Stefan Edberg. Nem muitos travesseiros com rendas. Só uns oito, eu acho. Mas o Fleur de Fleurs estava no ar, uma parte por bilhão, e senti uma súbita pontada de preocupação e saudade. Pela primeira vez percebi o quanto queria proteger Sarah do que quer que fosse, e de quem quer que eles fossem.

Talvez tudo isso seja um monte daquelas bobagens antigas de donzela em apuros, ou talvez em outros dias os meus hormônios estivessem preocupados com outras coisas. Mas naquele momento, parado no meio do quarto dela, eu queria salvar Sarah. Não só porque ela era boa e os caras maus eram maus, mas porque gostava dela. Eu gostava muito dela!

Chega de falar disso.

Fui até o lado da cama, peguei o fone e coloquei o bocal embaixo de um travesseiro. Se algum dos cordeiros começasse a ficar corajoso ou curioso e tentasse fazer uma ligação para pedir explicações, eu ouviria. E o travesseiro impediria que eles me ouvissem.

Tentei os armários primeiro e fiquei imaginando onde poderia ter ido o monte de roupas que estava faltando lá. Havia alguns cabides vazios, mas não o suficiente para indicar uma partida organizada para um lugar muito distante.

Em uma mesinha havia vários potes e tubos. Creme facial, creme para as mãos, creme para o nariz e para os olhos. Imagino o quão perigoso seria se você chegasse um dia bêbado em casa e passasse acidentalmente o creme de rosto nas mãos e o de mãos no seu rosto.

As gavetas da mesinha continham mais do mesmo. Todas as ferramentas e lubrificantes necessários para manter uma mulher fórmula 1 moderna correndo. Mas não havia nenhuma pasta.

Fechei tudo e fui até o banheiro conjugado. O robe de seda que Sarah usou no dia em que a conheci estava pendurado atrás da porta. Havia uma escova de dentes no armário em cima da pia.

Voltei para o quarto e olhei em volta, torcendo para achar alguma pista. Não algo claro, como um endereço escrito com batom no espelho, mas alguma coisa, algo que deveria estar ali, mas não estava, ou que não deveria estar, mas que estava. Entretanto, não havia nenhuma pista, porém, mesmo assim, algo estava errado. Tive de ficar parado no meio do quarto, ouvindo em silêncio para perceber o que era.

Eu não conseguia ouvir os dois cordeiros conversando. Isso estava errado. Eles deviam ter muitas coisas para conversar. Afinal, eu era o Dalloway, e o Dalloway era um elemento novo na vida deles; os dois deveriam estar falando de mim.

Fui até a janela e olhei para a rua. A porta do Ford estava aberta e a perna do cordeiro que gostava de uísque estava para fora. Ele estava falando no rádio. Peguei o fone da cama e o coloquei de volta no gancho, e enquanto fazia isso, automaticamente, abri a gaveta do criado-mudo ao lado da cama. Ele era pequeno, mas parecia conter mais coisas que o resto do quarto. Remexi por entre pacotes de lenços de papel, de algodão, lenços de papel, um par de tesouras de unha, uma barra meio comida de

chocolate Suchard, lenços de papel, canetas, pinças, lenços de papel, lenços de papel – será que as mulheres comem essas porras de lenços? – e então, no fundo da gaveta, aconchegado em uma cama de lenços de papel, estava um pacote pesado embrulhado com uma tira de camurça. O pequeno Walther TPH de Sarah. Abri a câmara dele e olhei o seu tambor. Carregado.

Coloquei a arma no bolso, respirei profundamente mais um pouco de Nina Ricci e saí.

AS COISAS TINHAM mudado entre os cordeiros desde que falei com eles pela última vez. E com certeza para pior. A porta da frente estava aberta, Micky estava encostado na parede ao lado dela com a mão direita no bolso, e eu podia ver o Uísque parado nos degraus de entrada, olhando para cima e para baixo da rua. Ele se virou quando me ouviu descendo a escada.

“Nada”, falei, e então me lembrei de que eu deveria ser americano. “Nem uma droga de coisa. Pode fechar a porta?”

“Duas perguntas”, disse Micky.

“Ah é?”, falei. “Seja rápido.”

“Quem é David Carter, caralho?”

Não tinha muito sentido eu dizer a ele que David Carter tinha sido campeão infante juvenil cinco vezes na escola, e que tinha ido trabalhar na companhia de engenharia elétrica do pai em Hove. Então, falei: “Qual a segunda pergunta?”

Micky deu uma olhada para o Uísque, que veio até a porta e ficou bem no caminho da minha saída.

“Quem é você, caralho?”

“Dalloway. Quer que eu desenhe? Que diabos aconteceu com vocês?” Coloquei minha mão direita no bolso e vi que Micky moveu a sua mão direita no seu. Se ele decidisse me matar, eu sabia que não ia nem ouvir o tiro. Mesmo assim, consegui botar a minha mão no meu bolso direito. Pena que eu tinha colocado a Walther no bolso esquerdo. Tirei a mão do bolso, devagar, com meu punho fechado. Micky me olhava como uma cobra.

“Goodwin falou que nunca ouviu falar de você. E não mandou ninguém. E nem falou a ninguém que estávamos aqui.”

“Goodwin é um folgado filho da puta que passou muito do limite”, falei irritado. “Que porra ele tem a ver com tudo isso?”

“Nada a ver”, disse Micky. “Quer saber por quê?”

Fiz que sim com a cabeça. “Sim, quero.”

Micky sorriu. Ele tinha dentes horríveis. “Porque ele não existe. Acabei de inventar.”

Bem, era isso. Ele entrou no meu ciclo. Um dia é da caça, outro do caçador.

“Vou perguntar mais uma vez”, ele começou, vindo em minha direção. “Quem é você?”

Larguei meus ombros. O jogo tinha começado. Estiquei meus pulsos fazendo o gesto “me prenda, seu guarda”.

“Quer saber meu nome?”

“Sim.”

Eles não chegaram a ouvir o que falei, pois fomos interrompidos por um barulho de furar o tímpano. O som bateu no teto e no chão e voltou duas vezes mais alto, confundindo nossos cérebros e enevoando nossa visão.

Micky estremeceu e recuou para a parede, enquanto Uísque começou a levantar as mãos para tapar os ouvidos. No meio segundo que me deram, corri em direção à porta aberta e acertei o Uísque no peito com meu ombro direito. Ele foi jogado para trás e caiu sobre a cerca, ao mesmo tempo em que eu virava para a esquerda e corria pela rua a uma velocidade que não atingia desde que tinha 16 anos. Se eu conseguisse ficar a uma distância de uns 20 metros da Airweight, poderia ter uma chance.

PARA SER BEM honesto, não sei se eles atiraram em mim. Depois do inacreditável som que saiu do aparelho que Ronnie me deu, meus ouvidos não estavam em condição de processar esse tipo de informação.

Tudo que sei é que eles não me estupraram.

---

\* Em tradução livre do inglês arcaico: O fogo das nossas velhas brasas ainda não se apagou. (N. T.)

\*\* George Chaucer (1343-1400) Escritor considerado o pai da literatura inglesa. (N. T.)

\*\*\* Em inglês é uma brincadeira por todas as palavras começarem com T: *The Teeth of The Tiger*. (N. T.)

\*\*\*\* Prato típico indiano feito com arroz, peixe e ovos. (N. T.)

## onze

*Não existe pecado a não ser a estupidez.*

OSCAR WILDE

**Ronnie** nos levou para o apartamento dela em King Road, e passamos em frente a ele umas doze vezes. Não, não estávamos vendo se alguém estava vigiando, apenas procurávamos um lugar para estacionar. Essa era a hora do dia em que os londrinos que possuíam um carro, que era a maioria, pagavam por sua indulgência – o tempo parava, ia para trás ou fazia alguma coisa fodida que não correspondia às regras normais do universo – e todos aqueles comerciais de carros esportivos voando por estradas desertas no campo começavam a irritar um pouco. Eles não me irritavam, claro, afinal eu tinha uma moto. Duas rodas é bom. Quatro rodas é mau.

Quando ela finalmente conseguiu espremer seu TVR em uma vaga, pensamos em pegar um táxi até o apartamento dela, mas acabamos decidindo que era uma noite agradável e que uma caminhada seria bom. Pessoas como Ronnie sempre gostam de caminhar, e pessoas como eu sempre gostam de pessoas como Ronnie, então nos preparamos e começamos a andar. No caminho, fiz um resumo do que tinha acontecido em Lyall Street, e ela me ouviu quase em silêncio. Ela prestou atenção em minhas palavras de um jeito que as pessoas – particularmente as mulheres – não fazem. Normalmente desencanam, torcem o tornozelo na queda e ainda me culpam por isso.

Mas Ronnie era diferente de algum jeito. Provavelmente porque ela parecia achar que eu era diferente.

Quando chegamos ao apartamento, ela destrancou a porta, ficou de lado e perguntou, em uma voz estranhamente feminina, se eu me importava em entrar primeiro. Olhei para ela por um momento. Acho que ela queria medir o quão sério era tudo isso, como se não tivesse bem

certeza ainda; então, coloquei uma expressão séria no rosto e entrei no apartamento da forma que eu esperava que fosse o jeito Clint Eastwoodiano de entrar – empurrando as portas com o pé, abrindo armários de surpresa – enquanto ela esperava no corredor com as bochechas bem vermelhas.

Na cozinha, soltei um “Oh, Deus.”

Ronnie ofegou e então correu e parou na porta aberta.

“Isto aqui é molho a bolonhesa?”, falei, segurando uma colher de pau cheia de algo velho e mal-feito.

Ela fez uma cara de reprovação e depois começou a rir de alívio. Eu ri também, e então parecia que éramos velhos amigos. Bons amigos até. Por isso mesmo que tive de perguntar.

“Quando ele volta?”

Ela olhou pra mim, corou um pouco e então voltou a raspar o bolonhesa da panela.

“Ele quem?”

“Ronnie”, falei, e andei até ficar mais ou menos na frente dela. “Você tem uma boa comissão de frente, mas não usa roupa 44 por causa do peito. E se usasse, não compraria vários ternos risca de giz idênticos.”

Ela olhou para o quarto, se lembrando dos armários, e então foi até a pia e começou a passar água quente na panela.

“Quer uma bebida?”, perguntou, sem se virar para mim.

ELA ABRIU A garrafa de vodka enquanto eu jogava cubos de gelo no chão da cozinha e ela acabou decidindo me contar que o namorado, como eu já teria adivinhado, vendia ações no centro financeiro de Londres, não ficava no apartamento todas as noites e, quando vinha, chegava só depois das dez. Juro que, se eu ganhasse uma libra em cada vez que ouvi uma mulher me contar essa história, teria pelo menos umas 3 libras agora. Da última vez, o namorado chegou às sete da noite – ele nunca tinha feito isso antes – e me acertou com uma cadeira.

Deduzi pelo tom de voz dela e pelas palavras que a relação não ia bem como deveria e, apesar da minha curiosidade, achei melhor mudar de assunto.

Já sentados no sofá e com os cubos de gelo fazendo uma bela música dentro dos copos, comecei a contar a ela uma versão um pouco mais

completa dos eventos – iniciando com Amsterdã e terminando com Lyall Street, mas deixando de fora coisas como helicópteros e Pós-Graduação. Mesmo assim, era uma baita história, com muitas cenas de heroísmo, e adicionei algumas coisas que não aconteceram, mas que caíam bem, apenas para manter a admiração dela por mim. Quando terminei, ela franziu a testa de leve.

“Mas você não conseguiu achar a pasta”, ela falou, parecendo desapontada.

“Não, mas isso não quer dizer que não esteja lá. Se ela quisesse mesmo esconder algo na casa, precisaria de uma equipe de pedreiros procurando durante uma semana para que fosse uma busca adequada.”

“Bem, eu procurei na galeria e com certeza não tem nada lá. Ela deixou uns papéis de trabalho, mas é só isso mesmo.” Ela foi até a mesa e abriu uma pasta. “Mas achei o diário dela, se é que isso ajuda em alguma coisa.”

Não sabia se ela estava falando sério ou não. Ela deve ter lido muitos livros da Agatha Christie, e com isso sabia que quase sempre é bom encontrar um diário.

Mas talvez esse não fosse o caso. Era um diário com capa de couro de tamanho A4, produzido para ajudar as pessoas que tinham fibrose cística, e não me contava muito de sua dona como eu esperava. Ela levava o trabalho muito a sério, almoçava pouco, não colocava círculos em vez de pingos nos “i”s, mas rabiscava gatos quando estava ao telefone. Não tinha feito muitos planos para os meses à frente, e a última coisa escrita era “CED OK 7.30”. Olhando em outras semanas, vi que CED também tinha estado OK outras três vezes, uma às 7.30 e outras duas às 12.15.

“Alguma ideia de quem seja?”, perguntei a Ronnie, mostrando o escrito. “Charlie? Colin? Carl, Clive, Clarissa, Carmen?” Fiquei sem mais nomes de mulher com a letra “C”.

Ronnie ficou pensativa.

“Por que ela escreveria a inicial do nome do meio?”

“Sei lá”, respondi.

“Tipo... se o nome for Charlie Dunce, por que não escrever apenas CD?”

Olhei para a página.

“Charlie Etherington-Dunce? Só Deus sabe. Mas isso é mais a sua praia.”

“O que quer dizer com isso?” Ela ficou rapidamente na defensiva, para minha surpresa.

“Desculpe, quis dizer que... Você sabe, imagino que passe o dia falando com esse tipo de homens...”, e parei porque vi que ela não estava gostando daquilo.

“Ah, sim, só porque tenho uma voz chique, um trabalho chique e um namorado que trabalha no centro.” Ela levantou e foi pegar mais uma dose de vodca. E não me ofereceu outra dose, o que me deu a sensação de que estava pagando pelo crime de outra pessoa.

“Olha, me desculpe. Não quis dizer nada disso.”

“Não posso evitar de falar desse jeito, Thomas. Ou de ter essa aparência.” Ela deu um gole na vodca, ainda de costas para mim.

“Evitar pra quê? Seu jeito de falar é ótimo e sua aparência é melhor ainda.”

“Ah, cale a boca.”

“Já vou calar, mas me diga por que está tão brava com esse assunto?”

Ela suspirou e sentou de novo.

“Porque me cansa, é por isso. Metade das pessoas que conheço não me leva a sério por causa do jeito que falo, e a outra metade só me leva a sério por causa do jeito que eu falo. Começa a dar nos nervos depois de um tempo.”

“Bem, sei que isso vai parecer meio bobo, mas eu levo você a sério.”

“Leva?”

“Claro que sim. Muito a sério.” Esperei um momento. “Não me importo que você seja uma vaca riquinha e arrogante.”

Ela olhou para mim durante um longo momento, durante o qual eu pensei que talvez tivesse errado, e que ela fosse jogar algo em mim. Então, de repente, ela começou a gargalhar, chacoalhando a cabeça e se sentindo bem melhor. Ou esperava que estivesse.

O TELEFONE TOCOU por volta das seis da tarde, e pelo jeito que Ronnie segurava o fone, dava pra ver que era o namorado dizendo a que horas iria chegar. Ela olhava para o chão e dizia vários “sins”, talvez porque eu estivesse lá ou talvez porque a relação deles tivesse chegado àquele estágio.

Peguei minha jaqueta e levei meu copo pra cozinha. Lavei-o e sequei, para o caso de ela se esquecer de fazer, e estava guardando no armário quando Ronnie apareceu.

“Você vai me ligar?” Ela parecia triste. Talvez eu parecesse também.

“Pode apostar que sim”, respondi.

Deixei ela cortando cebolas em preparação para a chegada do corretor de ações e fui embora. Ao que parece, o acordo era que ela fazia o jantar e ele preparava o café da manhã. Considerando que Ronnie era o tipo de pessoa que acharia uns dois pomelos um grande café da manhã, imagino que seja um bom arranjo para ele.

Falando sério.

UM TÁXI ME levou pela King’s Road até a West End, e às 18h30 eu estava na frente do Ministério da Defesa. Dois policiais assistiam enquanto eu olhava para cima e para baixo, mas eu tinha me armado com um mapa e uma câmera descartável, e tirava fotos de pombas de um jeito estúpido o suficiente para que as mentes deles ficassem tranquilas. O dono da loja desconfiou mais de mim quando pedi um mapa e disse que não ligava de que cidade fosse.

Não fiz nenhum outro preparativo para a viagem, e com certeza não queria minha voz gravada em uma ligação para o Ministério. Estava apostando que tinha feito uma boa leitura de O’Neal da primeira vez em que o vi, que ele era um trabalhador esforçado, e parecia que eu tinha mesmo acertado. Sétimo andar, escritório do canto, a luz continuava acesa. As cortinas especiais que estão nas janelas de todos os prédios oficiais de países “sensíveis” podiam defletir lentes fotográficas, mas não podiam impedir que a luz de dentro aparecesse para quem olhasse de fora.

Era uma vez, nos inebriantes tempos da Guerra Fria, um palerma de uma agência de supervisão de segurança que decretou que todos os escritórios-“alvo” deveriam deixar suas luzes acesas 24 horas por dia, evitando, assim, que agentes inimigos soubessem quem estava trabalhando e por quanto tempo. A ideia foi recebida com aplausos, tapinhas nas costas e frases como “esse tal de Carruthers vai longe, anote o que eu digo” – até que as contas de luz começaram a enlouquecer as pessoas dos departamentos financeiros, e, por causa disso, a ideia e os Carruthers foram mandados embora rapidamente.

O'Neal surgiu na porta da frente do Ministério da Defesa dez minutos depois das 19 horas. Fez um aceno de cabeça para o segurança da porta, que o ignorou, e então começou a andar no anoitecer da Whitehall. Ele carregava uma pasta executiva, o que era estranho – ninguém deixaria que ele saísse do prédio com nada mais importante do que papéis de secar as mãos do banheiro –, então, talvez fosse uma daquelas estranhas pessoas que usam uma pasta apenas como acessório. Não sei.

Deixei que ele andasse umas centenas de metros para longe do Ministério e comecei a segui-lo. Tive de me esforçar para diminuir meu ritmo, porque O'Neal andava curiosamente devagar. Ele poderia estar aproveitando o clima, se isso fosse uma opção em Londres.

Apenas quando ele passou pela avenida The Mall e começou a acelerar que percebi que O'Neal estava passeando; ele fazia o papel de um agente secreto na Whitehall, dominando completamente o que tinha de proteger, especialmente grandes segredos de estado que fariam qualquer turista fundir o cérebro se descobrisse algum deles. Assim que saiu do serviço secreto para o mundo de verdade, nem valia mais a pena brincar, por isso ele voltou a andar normalmente. O'Neal era o tipo de pessoa que você teria pena, se tivesse tempo para isso.

Não sei por que, mas esperava que ele fosse direto para casa. Imaginei uma casa com terraço em Putney, onde uma esposa sofredora serviria xerez e bacalhau assado e passaria a roupa enquanto ele resmungasse e chacoalhasse a cabeça assistindo o noticiário na TV, como se cada palavra tivesse, para ele, um significado a mais e sombrio. Em vez disso, ele subiu as escadas passando pelo ICA (Instituto de Artes Contemporâneas), entrou na Pall Mall e de lá foi até o Travellers Club.

Não havia razão para eu tentar nada lá. Fiquei olhando pela porta de vidro enquanto O'Neal pedia para o porteiro checar se havia mensagens. Nada. Quando vi que ele estava tirando o casaco e indo até o bar, achei que era seguro deixá-lo a sós um pouco.

Comprei um hambúrguer com fritas de uma barraca ali por perto e andei um pouco, comendo enquanto via pessoas em roupas brilhantes correndo para assistir a musicais que eu tinha a impressão de que estavam em cartaz desde que eu tinha nascido. Uma depressão começou a fazer meus ombros caírem enquanto eu andava, e percebi, chocada, que estava

fazendo exatamente a mesma coisa que O’Neal – olhando para outros homens com um sentimento cínico de “seus pobres coitados, se vocês soubessem”. Percebi isso e joguei o hambúrguer no lixo.

Ele saiu de lá perto das 20h30, e subiu a Haymarket até a Picadilly. De lá, seguiu até a avenida Shaftesbury e depois virou à esquerda e entrou no Soho, bairro no qual o burburinho dos amantes de teatro deu lugar ao animado e pulsante som de bares chiques e casas de *strip*. Enormes bigodes com homens pendurados neles ficavam parados ao lado de portas e murmuravam algo a respeito de “shows eróticos” quando eu passava.

O’Neal também estava sendo assediado pelos porteiros, mas ele parecia saber bem aonde ia e não virou a cabeça nenhuma vez diante das propostas. Em vez disso, ele virou à esquerda e à direita algumas vezes, nunca olhando para trás, até que chegou ao seu oásis, o The Shala. Ele entrou direto.

Continuei até o fim da rua, esperei um minuto e depois voltei para admirar a intrigante fachada do The Shala. As palavras “ao vivo”, “garotas”, “erótico”, “dança” e “sexy” estavam pintadas em volta das portas soltas e com muito estilo, como que convidando a pessoa a entrar e formar uma frase com elas, e havia também meia dúzia de fotos escuras com mulheres seminuas como se estivessem em uma caixa de copos. Uma garota usando uma saia de couro apertada estava parada na porta. Sorri pra ela com uma expressão que dizia que eu era um norueguês e, sim, o Shala parecia o lugar para um relaxamento depois de um dia inteiro sendo um norueguês. Eu podia ter gritado que iria entrar levando comigo meu lança-chamas e duvido que ela teria piscado. Ou talvez ela até piscasse, apesar do peso da máscara de maquiagem que ela usava.

Paguei 15 libras e preenchi uma ficha de associado no nome de Lars Petersen, novo na Scotland Yard e do setor de combate aos vícios, e descí as escadas até o porão para ver o quão ao vivo, sexy, dançante e garotas o The Shala era realmente.

Foi um mergulho meio deprimente. Bem deprimente mesmo, aliás. A gerência deve ter decidido, há muito tempo, que diminuir as luzes era uma alternativa barata para limpar o lugar, e eu tinha a sensação constante de que pedaços do carpete vinham junto com a sola dos meus sapatos enquanto eu andava. Umhas vinte mesas estavam arrumadas em volta de

um pequeno palco, onde três garotas com olhares vidrados pulavam ao som de uma música alta. O teto era tão baixo que a mais alta delas precisava dançar meio curvada; mas surpreendentemente, considerando que as três estavam nuas e a música era dos Bee Gees, elas conseguiam levar aquilo com uma boa dose de dignidade.

O'Neal tinha uma mesa na frente e parecia ter gostado da garota à esquerda, que tinha um rosto de pastel e que pra mim parecia precisar de uma bom bife com torta de rins e uma bela noite de sono. Ela mantinha os olhos virados para a parede do fundo e nunca sorria.

“Bebida?”

Um homem com furúnculos no pescoço estava no bar e se inclinava para mim.

“Uísque, por favor”, pedi, e me virei para o palco.

“Cinco libras.”

Olhei para ele.

“Como é que é?”

“O uísque custa cinco libras. Pagamento adiantado.”

“Não, acho que não. Você me dá o uísque. Daí eu te pago.”

“Você paga primeiro.”

“E você vai se foder primeiro com uma enxada.” Sorri pra mostrar que era uma piada. Ele trouxe o uísque, e eu paguei as cinco libras.

Depois de dez minutos no bar, decidi que O'Neal estava aqui apenas para aproveitar o show. Ele não tinha olhado para o relógio e nem para a porta, e estava tomando gim suficiente para me convencer de que não estava mais a trabalho. Terminei a minha bebida e fui até a mesa dele.

“Não me conte. Ela é sua sobrinha e só está fazendo isso para conseguir seu cartão de sócia da Associação dos Atores e assim poder se juntar à Royal Shakespeare Company.” O'Neal me encarou enquanto eu pegava uma cadeira e me sentava. “Olá”, falei.

“O que está fazendo aqui?”, disse irritado. Eu prefiro pensar que ele estava envergonhado.

“Espere aí, não é assim que se faz. Você deveria dizer ‘olá’, e eu diria ‘o que você está fazendo aqui?’.”

“Onde diabos você esteve, Lang?”

“Ah, aqui e ali”, respondi. “Você sabe que sou uma pétala solta nascida no outono. Deve ter isso escrito no arquivo sobre mim.”

“Você me seguiu até aqui?”

“Ah, não, seguir é uma palavra muito feia. Prefiro ‘chantagear’.”

“Como?”

“É claro que o significado é completamente diferente. Por isso vou concordar, segui mesmo você até aqui.”

Ele olhou em volta para ver se eu estava acompanhado de amigos brucutus. Ou talvez estivesse procurando pelos amigos brucutus dele. Ele se inclinou para mim e sibilou: “Você está metido em seríssimos problemas, Lang. E acho justo avisar você disso.”

“Sim, acho que você tem razão. Estou realmente metido em seríssimos problemas. E também estou metido em um clube de *striptease*. Com um funcionário público sênior que não deve ser nomeado durante pelo menos uma hora.”

Ele voltou a se recostar na cadeira, com um olhar malicioso aparecendo em seu rosto. As sobrancelhas levantadas e a boca encrespada para cima. Percebi que era o começo de um sorriso.

“Ah, meu caro. Está mesmo querendo me chantagear? Que coisa mais patética.”

“É mesmo? Não podemos continuar com isso, então.”

“Estou aqui para me encontrar com alguém. E o local da reunião não foi escolhido por mim.” Ele matou seu terceiro gim. “Agora, eu ficaria muito grato se fosse embora e me deixasse em paz, assim não precisarei chamar o porteiro pra expulsar você daqui.”

O som de fundo havia mudado para um alto, mas agradável, *cover* de “War, What Is Good For?” (Guerra, para que serve?), e a sobrinha de O’Neal tinha vindo para a frente do palco e começou a chacoalhar a vagina dela para nós, quase no ritmo da música.

“Ah, não sei não”, falei. “Estou gostando daqui.”

“Estou te avisando, Lang. Atualmente, a sua credibilidade está muito baixa. Tenho um encontro importante agora e, se você atrapalhar ou for inconveniente de alguma forma, eu vou te pegar. Você compreende o que estou dizendo?”

“Você está me lembrando o capitão Mainwaring, do seriado Dad’s Army.”

“Lang, pela última vez...”

Ele parou quando viu o Whalter de Sarah. Imagino que faria o mesmo se estivesse no lugar dele.

“Você não falou que não usava armas?”, perguntou, depois de um tempo. Estava nervoso, mas tentava não demonstrar.

“Sou uma vítima da moda. Me disseram que armas voltaram à moda este ano, por isso tive de arranjar uma.” Comecei a tirar minha jaqueta. A sobrinha estava bem perto de nós, mas continuava olhando para a parede dos fundos.”

“Você não vai atirar aqui dentro, Lang. Não acredito que seja totalmente louco.”

Enrolei a jaqueta como se fosse uma bola e botei a arma em uma das dobras.

“Ah, mas sou, sim. Completamente. Thomas ‘Cachorro Louco’ Lang é como me chamam.”

“Estou começando a...”

O copo vazio dele explodiu. Cacos se espalharam pela mesa e pelo chão. Ele ficou pálido.

“Meu Deus...”, ele desabafou.

Ritmo é tudo. Você tem ou não tem. Atirei na hora dos acordes mais altos de “War” e não fiz mais barulho do que se estivesse lambendo um envelope. Se fosse a sobrinha, ela atiraria em uma pausa da música e estragaria tudo.

“Quer outra bebida?”, falei, e acendi um cigarro para esconder o cheiro da pólvora queimada. “Eu pago.”

“War” terminou antes do Natal e as três garotas foram para o camarim, substituídas por um casal que usava chicotes em sua apresentação. Era óbvio que eram irmãos apesar de parecer que havia uns 100 anos de diferença entre os dois. O chicote dele devia ter no máximo 1 metro por causa do teto baixo, mas ele achava que tinha uns 30 metros, enquanto açoitava a irmã ao som de “We are the Champions”. O’Neal começou a tomar o novo gim-tônica em goles curtos.

“Agora”, comecei, ajustando a posição da jaqueta na mesa, “preciso de uma coisa de você, apenas uma coisa.”

“Vá pro inferno.”

“Eu vou, com certeza, e deixarei o seu quarto preparado. Mas antes preciso saber o que você fez com Sarah Woolf.”

Ele parou o copo entre um gole e outro e se virou para mim, genuinamente confuso.

“O que eu fiz com ela? O que faz você pensar que eu fiz algo com ela?”

“Ela desapareceu”, falei.

“Desapareceu. Sim. É um jeito melodramático de você dizer que não consegue encontrá-la, imagino?”

“O pai dela está morto”, falei. “Você sabia disso?”

Ele olhou para mim durante um bom tempo.

“Sim, sabia. Mas o que eu quero saber é como você sabia.”

“Diga você primeiro.”

Mas O’Neal estava começando a ficar corajoso, e quando coloquei minha jaqueta mais perto dele, ele nem se abalou.

“Você matou ele”, disse O’Neal, meio bravo e meio satisfeito. “Foi isso, não? Thomas Lang, soldado bravo e de boa sorte, acabou indo até o fim e matando um homem. Bem, caro amigo, vai ter muito trabalho pra conseguir se livrar desta, espero que saiba disso.”

“O que é Pós-Graduação?”

A raiva e a satisfação foram desaparecendo aos poucos do rosto dele. E não parecia que ele iria responder, por isso resolvi pressionar.

“Vou te falar o que acho que é Pós-Graduação e você me dá notas de um a dez para eu saber se estou quente ou frio.”

O’Neal ficou ali parado, sem reação.

“Para começar, Pós-Graduação tem significados diferentes para cada pessoa. Para um grupo significa o desenvolvimento e a publicidade de uma nova aeronave militar. Muito secreta, é claro. Muito desagradável também. Muito ilegal, provavelmente não. Para outro grupo, e é aqui que as coisas começam a ficar bem interessantes, Pós-Graduação se refere à montagem de uma operação terrorista que permitirá que os criadores da aeronave demonstrem todas as qualidades de seu brinquedinho. Matando pessoas. E conseguir uma quantia absurda de dinheiro com o grande número de

compradores entusiasmados que vai aparecer. Muito secreto, muito desagradável e muito, mas muito, muito mesmo e multiplicado por dez, ilegal. Alexander Woolf ficou sabendo desse segundo grupo, decidiu que não podia deixar que fizessem isso tudo e ficassem impunes e começou a se tornar um estorvo para eles. Então, esse segundo grupo, que deve ter membros em posições importantes na comunidade de inteligência, começa a comentar em algumas festas que Woolf é um traficante de drogas, sujando o nome dele e minando qualquer campanha que ele venha a fazer. Quando isso não funciona, eles o ameaçam de morte. E quando isto não funciona, eles o matam. E talvez tenham matado a filha dele também.”

O’Neal continuava sem se mexer.

“Mas as pessoas que sinto pena de verdade nisso tudo, fora os Woolfs, claro, são as que pensam que pertencem ao primeiro grupo, nada de ilegalidade, mas todo esse tempo estiveram ajudando, socorrendo e incentivando o segundo grupo sem nem saber disso. Eu diria que alguém nessa posição meteu os pés pelas mãos.”

Ele estava olhando por cima do meu ombro agora. Pela primeira vez desde que o conheci, não sabia dizer o que ele estava pensando.

“Bem, é isso. Pessoalmente, acho que foi uma bela descrição, mas agora é com você e a opinião dos jurados.”

Mas ele não respondeu. Então me virei e olhei para a entrada, que era onde o olhar dele estava. Um porteiro estava lá parado e apontava para a nossa mesa. Ele fez que sim com a cabeça, se afastou e então a figura curva e poderosa de Barnes, Russell P. entrou a passos largos no salão e veio em nossa direção.

Atirei e matei os dois ali mesmo, depois peguei um avião para o Canadá, onde me casei com uma moça chamada Mary-Beth e comecei um negócio com cerâmicas que fez muito sucesso.

PELO MENOS É o que eu deveria ter feito.

# doze

*Ele não tinha prazer algum na força de um cavalo:  
e também não se encantava pelas pernas dos homens.*  
BOOK OF PRAYER 1662

“Mas você é mesmo um bastardo escorregadio, Lang. Uma verdadeira obra de arte, se é que essa expressão significa algo para você.”

Barnes e eu estávamos sentados em outro Lincoln Diplomata – ou talvez fosse o mesmo, e nesse caso alguém tinha limpado os cinzeiros desde que eu estive nele –, parados embaixo da Ponte Waterloo. Um letreiro iluminado enorme mostrava o que estava em cartaz no Teatro Nacional ali perto, uma versão para os palcos do famoso seriado britânico *It Ain't Half Hot, Mum*, dirigido por sir Peter Hall. Ou algo assim.

O'Neal estava no banco do passageiro dessa vez, e Mike Lucas dirigia novamente. Fiquei surpreso por ele não estar em uma barraca de lona dentro de um avião voltando para Washington. Obviamente, Barnes tinha decidido dar outra chance a ele depois do fracasso na galeria de Cork Street. Não que tenha sido culpa dele, mas culpa tem muito pouco a ver com ser responsabilizado no tipo de círculo que ele frequenta.

Havia outro Diplomata parado atrás de nós, com qualquer que seja o nome dado a um coletivo de Carls dentro dele. Um pescoço de Carls, talvez? Dei o Whalter a eles, pois eles pareciam querer muito o revólver.

“Acho que entendo o que quer dizer, senhor Barnes”, falei, “e aceito como um cumprimento.”

“Estou pouco me lixando para como você aceita o que falo, senhor Lang. Me lixando.” Ele deu uma olhada pela janela do carro. “Jesus, temos uma montanha de problemas.”

O'Neal limpou a garganta e se virou no assento.

“O que o senhor Barnes quer dizer, Lang, é que você tropeçou em uma operação muito complexa. Ela tem ramificações das quais você não tem

ideia, mas mesmo assim você, com suas ações, tornou as coisas extremamente difíceis para nós.” Ele balançou o braço de leve quando disse “nós”, mas Barnes não ligou para isso. “Acho que posso dizer, com toda honestidade...”, ele ia continuando.

“Ah, vai se foder”, falei. O’Neal ficou meio rosado. “Eu tenho apenas uma preocupação, que é a segurança de Sarah Woolf. Todo o resto, pelo menos para mim, é apenas um monte de besteiras.”

Barnes olhou de novo pela janela.

“Vá pra casa, Dick.”

Houve uma pausa, e O’Neal parecia sentido. Ele tinha sido mandado para a cama sem jantar, e nem tinha feito nada de errado.

“Acho que eu...”

“Eu disse vá pra casa. Depois ligo pra você.”

Ninguém se mexeu até que Mike se curvou e abriu a porta de O’Neal. Nessas circunstâncias, ele teve de ir.

“Bom, até logo, Dick”, falei. “Foi um prazer inquantificável. Espero que tenha bons pensamentos sobre mim quando vir meu corpo ser resgatado do rio.”

O’Neal carregou a pasta dele ao sair, bateu a porta e seguiu para os degraus da Ponte Waterloo sem olhar para trás.

“Lang”, disse Barnes. “Vamos dar uma volta.” Ele já estava fora do carro e andando pela pista antes que eu pudesse responder. Olhei o espelho retrovisor central e vi que Lucas olhava para mim.

“Um homem extraordinário”, falei.

Lucas virou a cabeça para olhar Barnes voltando e então olhou no espelho de novo.

“Tome cuidado, está bem?”, ele disse.

Fiz uma pausa, com a mão sobre a maçaneta da porta. Mike Lucas não parecia feliz. Nem um pouco.

“Cuidado com o quê, especificamente?”

Ele curvou os ombros de leve e pôs a mão na frente da boca, escondendo o movimento dos lábios enquanto falava.

“Não sei. Juro por Deus que não sei. Mas tem alguma merda rolando...” Ele parou com o barulho de portas de carro se abrindo e fechando atrás de nós.

Botei a mão no ombro dele.

“Obrigado”, falei e saí do carro. Dois Carls andaram até o carro e viraram seus pescoços para mim. Barnes estava uns 20 metros à frente olhando e aparentemente esperando que eu me juntasse a ele.

“Acho que prefiro Londres à noite”, ele falou, quando começamos a caminhar juntos.

“Eu também. O rio fica lindo.”

“Fica o caralho. Prefiro Londres à noite porque assim não posso vê-la direito.”

Comecei a rir, depois parei, porque acho que ele estava falando sério. Ele ficou bravo, e então comecei a compreender que talvez ele tenha sido mandado para Londres por causa de alguma transgressão passada, e lá estava ele perturbado e sentido com a injustiça cometida contra ele e descontando na cidade.

Ele interrompeu meu pensamento.

“O’Neal me contou que você tem uma teorzinha, uma ideia que você vem trabalhando. Isso é verdade?”

“Certamente que sim”, respondi.

“Me conte tudo, pode ser?”

E então, não tendo razão alguma para não contar, fui em frente e repeti o discurso que fiz para O’Neal no Shala, adicionando um pouco aqui, tirando um pouco dali. Barnes ouviu sem demonstrar muito interesse e, quando terminei, suspirou. Um longo e cansado suspiro tipo “Jesus, o que vou fazer com você”.

“Falando de forma bem direta”, falei, para que não houvesse nenhum engano sobre como eu me sentia, “acho que você é um bosta perigoso, corrupto e mentiroso. Eu mataria você agora com um sorriso no rosto se não achasse que isso faria com que a posição de Sarah ficasse ainda pior.” Mesmo isso não pareceu incomodar ele.

“Ah, sim”, ele resmungou. “E quanto a tudo isso que me contou?”

“O que é que tem?”

“É claro que escreveu tudo, deu uma cópia para o seu advogado, botou uma no banco, mandou pra sua mãe, pra rainha e disse que devem ser abertas se você morrer. E todas essas merdas.”

“É claro. Também temos programas de televisão por aqui, você sabe?”

“Isso é algo discutível pra caralho. Cigarro?” Ele pegou um maço de Marlboro e ofereceu para mim. Fumamos juntos durante um tempo, e fiquei pensando em quão estranho era o fato de dois homens que se odiavam profundamente, ao tragarem um canudinho de papel que queimava, estarem juntos repartindo um ato bastante amigável.

Barnes parou e se inclinou contra o corrimão, olhando para baixo na escura e lisa água do Tâmis. Fiquei a alguns metros de distância, porque também não se pode levar essa coisa de amigável longe demais.

“Certo, Lang. Aqui vai”, ele começou. “Vou falar de uma vez, porque sei que você não é um idiota. Você está lutando contra o dinheiro.” Ele jogou fora o cigarro. “Grande coisa. Vamos fazer algum barulho, depois uns negócios. Buáá, buáá. O que há de tão terrível nisso?”

Decidi que iria tentar a abordagem calma. Se não funcionasse, tentaria a abordagem de derrubar ele no rio e correr o máximo que eu conseguisse.

“O que há de terrível”, falei devagar, “é o fato de nós dois termos nascido em países democráticos, nos quais a vontade do povo deveria valer alguma coisa. E imagino que, hoje em dia, seja vontade do povo que os governantes não saiam por aí matando seus próprios cidadãos, ou quaisquer outros cidadãos, apenas para encher os bolsos. Na próxima quarta-feira, o povo pode achar que é uma boa ideia. Mas hoje, é da vontade dele que usemos a palavra “mau” quando estivermos falando desse tipo de atividade.” Dei uma última tragada e joguei meu cigarro na água. Parece ter caído bem longe.

“Duas coisas me ocorrem agora, Lang”, disse Barnes depois de uma longa pausa. “depois de ouvir o seu discurso. Primeiro, nenhum de nós vive em uma democracia. Votar a cada quatro anos não é a sinônimo de democracia. Não mesmo. E segundo, quem falou que vamos encher nossos bolsos?”

“Ah, mas é claro.” Bati na minha testa. “Não tinha pensado nisso. Vão dar todo o dinheiro da venda das armas para o Fundo de Amparo às Crianças. É um grande ato de filantropia, e eu nem tinha percebido. Alexander Woolf ficaria tão emocionado.” Eu estava começando a me desviar da abordagem calma. “Ah, não, não dá, os intestinos dele estão sendo raspados da parede de um presídio no centro. Talvez ele não possa ficar tão agradecido como gostaria. Você, senhor Barnes,” e fui mais longe

ainda apontando um dedo, “precisa mandar examinar essa merda de cabeça.”

Saí de perto dele, andando de costas para o rio. Dois Carls com plugues na orelha estavam prontos para me algemar.

“Para onde você pensa que vai o dinheiro, Lang?” Ele não tinha se movido, apenas falava um pouco mais alto. Parei. “Quando alguns *playboys* árabes vão até o Vale San Martin e compram 50 tanques de guerra M1 Abrams e meia dúzia de F-16s e fazem um cheque de meio bilhão de dólares. Para onde você acha que vai o dinheiro? Acha que eu sei? Acha que o Bill Clinton sabe? O fodaço David Letterman? Pra onde vai?”

“Ah, me conte, por favor.”

“Vou te dizer. Mesmo que você já saiba. Vai para o povo americano, 250 milhões de pessoas se beneficiam desse dinheiro.”

Fiz umas contas não muito rápidas. Divide por dez, sobe o dois...

“Cada um ganha 2 mil dólares, é isso? Cada homem, mulher e criança?” Suguei meus dentes. “Porque isso não me parece verdade?”

“Cento e cinquenta mil pessoas têm empregos por causa desse dinheiro. Com isso, sustentam mais 300 mil pessoas. E com esse meio bilhão de dólares essas pessoas podem comprar muita gasolina, muito trigo e muitos Nissan Micras. E mais 500 mil pessoas vão vender os Nissan Micras, e outras 500 mil vão fazer reparos neles, lavar as janelas deles, calibrar os pneus. E outro meio milhão de pessoas vai construir estradas para as porras dos Nissan Micras andarem, e logo você chega nos tais 250 milhões de bons democratas precisando que a América continue fazendo a última coisa que ela faz bem. Construir armas.”

Fiquei olhando para o rio, pois ele estava fazendo minha cabeça nadar. Quero dizer, por onde começar?

“Então, pelo bem dos democratas, um corpo aqui e outro ali não é algo tão terrível. É isso que está dizendo?”

“Sim. E não há um desses democratas todos que dirá o contrário.”

“Acho que Alexander Woolf diria o contrário.”

“Grande coisa.”

Continuei olhando para o rio. Ele parecia denso e acolhedor.

“E repito, Lang. Grande merda. Um homem contra muitos. Ele perdeu a votação. Isso é democracia. E quer saber mais?” Me virei para Barnes e ele estava de frente para mim, com seu perfil iluminado pela luz do letreiro. “Tem mais 2 milhões de cidadãos americanos que ainda não mencionei. Sabe o que eles vão fazer este ano?”

Ele caminhava em minha direção, vagarosamente. Confidencialmente.

“Vão virar advogados?”

“Eles vão morrer”, ele falou, e a ideia não pareceu perturbar ele. “Velhice, acidente de carro, leucemia, ataque do coração, briga de bar, caindo da janela ou qualquer outra dessas coisas. Dois milhões de americanos vão morrer este ano. Agora me diga. Você vai derramar uma lágrima por cada um deles?”

“Não.”

“E por que não? Qual a diferença? Morte é morte, Lang.”

“A diferença é que eu não tive nada a ver com as mortes deles.”

“Você foi um soldado, pelo amor de Deus.” Estávamos cara a cara agora e ele gritava o máximo que dava sem tirar as pessoas de suas camas. “Você foi treinado pra matar pessoas pelo bem do seu povo. Não é verdade?” Comecei a responder, mas ele não deixou. “É ou não é verdade?” O bafo dele tinha um estranho cheiro adocicado.

“Essa é uma péssima filosofia, Rusty. De verdade. Por que não vai ler um livro, pelo amor de Deus?”

“Democratas não leem livros, Lang. O povo não lê livros. Tudo que eles se preocupam, que querem de seus governos, é uma renda que não pare de crescer. Ano sim, ano não, eles querem que seus salários aumentem. Se parar, eles arranjam novos governantes. É isso que o povo quer. É o que sempre quiseram. Isso, meu amigo, é democracia.”

Respirei fundo. Na verdade, respirei fundo várias vezes, porque o que eu queria fazer agora com Russell Barnes poderia resultar em eu não respirar por um bom tempo.

Ele continuava me olhando, testando para ver se eu teria alguma reação, alguma fraqueza. Então me virei e saí andando. Os Carls se moveram para me encontrar, vindo um de cada lado, mas continuei andando, pois percebi que não fariam nada até receberem um sinal de Barnes. Depois de alguns passos, ele deve ter dado a ordem.

O Carl da esquerda chegou perto e pegou meu braço, mas me soltei facilmente, virando o pulso dele e empurrando rápido para baixo, de modo que ele teve de seguir o movimento. O outro Carl pôs o braço em volta do meu pescoço por um segundo, até que pisei forte no pé dele e soquei de costas o saco dele. Ele me soltou, e então eu estava entre os dois enquanto eles me circundavam, e eu queria machucar tanto eles que nunca mais se esqueceriam de mim.

E de repente, como se nada tivesse acontecido, eles começaram a se afastar, arrumaram seus paletós e percebi que Barnes deve ter ordenado algo que não ouvi. Ele passou pelos Carls e chegou bem perto de mim.

“Bem, já entendemos tudo, Lang. Você está mesmo puto com a gente. Você não gosta nem um pouco de mim e meu coração está partido. Mas nada disso importa de verdade.”

Ele pegou outro cigarro para ele e não me ofereceu um.

“Se quer criar problemas para nós, Lang”, ele disse, exalando gentilmente fumaça pelo nariz, “é bom ficar sabendo qual será o custo disso.”

Ele olhou por cima do meu ombro e acenou com a cabeça para alguém.

“Assassino”, ele falou.

E então sorriu para mim.

OK, pensei. Isto pode ser interessante.

SAÍMOS DE LONDRES pela M4, e o carro andou uma hora, saindo dela, eu imagino, por algum lugar perto de Reading. Adoraria poder falar para você em qual saída e o número de estradas pequenas que pegamos, mas passei a maior parte da viagem no chão do Diplomata com a cara grudada no tapete, por isso o fluxo de dados do nosso roteiro ficou meio restrito. O tapete azul-escuro cheirava a limão, se isso ajudar em alguma coisa.

O carro diminuiu a velocidade nos últimos quinze minutos de viagem, mas isso podia ser por causa de tráfego, névoa ou girafas na estrada, quem sabe?

E então chegamos a uma estrada de cascalho, e pensei comigo mesmo – não falta muito agora. Você pode raspar os pedregulhos da maioria das estradas da Inglaterra e ter o suficiente para encher uma *nécessaire*. Já

chegamos, pensei. E vou sair com uma distância boa de grito para a estrada.

Mas essa não era uma estrada normal.

Essa continuava e não parava. E depois continuava mais ainda. E então, quando eu achava que faríamos uma curva e estacionaríamos, ela continuava mais ainda.

Eventualmente, acabamos parando.

E então andamos de novo, por muito, muito tempo.

Comecei a pensar que não era uma estrada; apenas aquele Lincoln tinha sido projetado com uma fantástica habilidade de manufatura e se desintegraria em pedaços bem pequenos quando ultrapassasse sua quilometragem de garantia. Talvez o barulho que eu ouvia de coisas batendo e pulando debaixo das rodas fosse apenas os pedaços do chassi se soltando.

E então paramos, finalmente. Sabia que dessa vez era verdade, pois o sapato 45 que ficou descansando atrás do meu pescoço já estava revigorado, me soltou e saiu do carro. Levantei a cabeça e olhei pela porta aberta.

Era uma casa grande. Uma casa bem grande. Claro que no fim de uma estrada como essa não haveria um sobradinho de dois quartos, mas, mesmo assim, ela era realmente enorme. Final do século 19, reconheci, mas copiando algumas mais recentes, com vários toques franceses. Muito bem colocados e adicionados à casa. Provavelmente feitos pelos mesmos caras que fizeram as grades da Casa dos Comuns.

Meu dentista deixa vários números da *Country Life* em sua sala de espera, então eu tinha uma ideia de quanto deveria custar um lugar desses. Quarenta quartos, uma hora de Londres. Uma quantidade de dinheiro inimaginável. Aliás, muito, mas muito além de qualquer imaginação, pra falar a verdade.

Eu tinha começado a calcular quantas lâmpadas um lugar como esse precisaria quando um Carl me pegou pelo pescoço e me puxou do carro, tão fácil como uma sacola de golfe sem muitos tacos dentro.

# treze

*Todo homem com mais de 40 é um salafrário*

GEORGE BERNARD SHAW

**Levaram-me** a uma sala. Uma sala vermelha. Papel de parede vermelho, cortinas vermelhas, carpete vermelho. Me disseram que era uma sala de estar, mas não sei por que deram apenas o propósito de estar a ela. Estar era apenas uma das coisas que se podia fazer em uma sala daquele tamanho; mas dava também para apresentar uma ópera, fazer corridas de bicicletas ou ainda um sensacional jogo de frisbee, tudo isso ao mesmo tempo e sem ter de mover nenhum móvel.

Podia até chover em uma sala grande como essa.

Fiquei perto da porta durante um tempo, olhando as pinturas, a parte de dentro dos cinzeiros, essas coisas, depois cansei e resolvi ir em direção à lareira e ao outro lado da sala. Na metade do caminho, precisei parar e sentar, afinal, não sou mais tão jovem quanto antigamente, e quando o fiz, uma outra porta dupla se abriu e um murmúrio surgiu entre um Carl e uma figura que parecia um mordomo, com calças risca de giz cinza e paletó preto.

Os dois olhavam em minha direção de vez em quando, então o Carl fez que sim com a cabeça e saiu da sala.

O mordomo veio em minha direção, de forma bem casual, pensei, e na marca de 200 metros falou:

“Gostaria de uma bebida, senhor Lang?”

Eu não pensava nisso a algum tempo.

“Uísque, por favor”, respondi.

Isto ensinaria ele.

Já na marca dos 100 metros, ele parou em uma mesinha e abriu uma pequena caixa prateada, tirando um cigarro dela sem nem olhar para baixo e ver se tinha algum. Ele acendeu e continuou vindo.

Quando foi chegando mais perto, pude ver que estava na casa dos 50, boa pinta daqueles que tem boa pinta dentro de casa, pois seu rosto tinha um estranho brilho. O reflexo das lâmpadas e dos candelabros dançavam em sua testa, por isso parecia que ele faiscava ao andar. Ainda assim eu sabia que não era óleo ou suor; era apenas um brilho.

Faltando uns 10 metros, ele sorriu e estendeu a mão para mim, e se manteve assim enquanto chegava, então, sem perceber, eu estava em pé e pronto para recebê-lo como se fosse um velho amigo.

O aperto de mão dele era quente, mas seco, e ele me pegou pelo cotovelo e me levou de volta ao sofá, sentando perto de mim ao ponto de os nossos joelhos quase se tocarem. Se ele sentasse assim tão perto de todos os seus convidados, eu diria que está desperdiçando dinheiro com uma sala grande como essa.

“*Murder*”\*, ele falou.

Houve uma pausa, e tenho certeza de que você entende por quê.

“Como?”

“Naimh Murdah”, ele falou, e assistiu com calma eu reajustar as palavras em minha mente. “Muito prazer. Muito prazer mesmo.”

A voz dele era calma, e o sotaque, educado. Eu tinha a impressão de que ele era tão bom em outras doze línguas quanto no inglês. Ele bateu a cinza do cigarro em um vaso e então se inclinou para mim.

“Russell me falou muito de você. E devo dizer que fiquei torcendo bastante por você.”

De perto, eu percebi duas coisas a respeito do senhor Murdah: ele não era o mordomo e o brilho em seu rosto era dinheiro.

Não causado pelo dinheiro ou comprado com o dinheiro. Era apenas o dinheiro. Dinheiro que ele comia, vestia, dirigia, respirava em quantidade tão grande e por tanto tempo que começou a ser secretado pelos poros dele. Você pode achar que isso não é possível, mas o dinheiro tornou-o mais bonito.

Ela estava rindo.

“Sim, é claro que sim. Sabe, Russell é uma pessoa notável. Muito notável realmente. Mas, às vezes, acho que ficar frustrado faz bem a ele. Eu diria que ele tem uma certa tendência à arrogância. E você, senhor Lang, tenho a impressão de que faz bem a esse tipo de homem.”

Olhos negros. Incrivelmente negros. Com bordas pretas nas pálpebras, que poderia ser maquiagem, mas não era.

“Eu acho que você”, ele continuou, sorridente, “frustrou muitas pessoas. Acho que talvez seja o motivo de Deus tê-lo colocado entre nós, senhor Lang. O que acha?”

E eu ri também. Vai saber por que, afinal, ele não tinha dito nada engraçado. Mas lá estava eu, gargalhando como um bêbado idiota.

Uma porta se abriu em algum lugar e de repente uma bandeja com uísque estava entre nós, trazida por uma empregada com uniforme preto. Murdah misturou o dele com muita soda, e eu quis o meu com apenas umas duas gotas. Ela saiu sem sorrir ou acenar com a cabeça. Também não emitiu nenhum som.

Dei um bom gole no uísque e quase me senti bêbado antes de engolir.

“Você é um vendedor de armas”, falei.

Não sei que tipo de reação eu esperava, mas sei que esperava algo. Achei que ele poderia hesitar, corar, ficar bravo, mandar atirar em mim ou todas as anteriores, mas não, nada aconteceu. Nem mesmo uma pausa. Ele continuou como se já soubesse o que eu ia dizer.

“Sou, sim, senhor Lang. Pelos meus pecados.”

Uau. Isso tinha sido muito sensível. Sou um vendedor de armas por causa dos meus pecados. Era uma frase tão rica quanto o tamanho da riqueza dele.

Ele baixou os olhos com aparente modéstia.

“Sim, eu compro e vendo armas, e acho que posso dizer que com muito sucesso. Você claramente desaprova o que faço, da mesma forma que muitos dos seus compatriotas, e isso é uma das desvantagens da minha profissão. É algo que devo suportar, se possível.”

Imagino que ele estava tirando um sarro da minha cara, mas não parecia. Ele falava como se realmente a minha desaprovação o fizesse infeliz.

“Tenho examinado minha vida, meu comportamento, com a ajuda de muitos amigos que são religiosos. Acredito que posso responder a Deus. E na verdade – se posso me antecipar às suas perguntas – estou certo de que devo responder *apenas* a Deus. Por isso, se importa se passarmos para o próximo assunto?” Ele sorriu de novo. Calorosa e charmosamente se

desculpando. Ele lidou comigo como um homem que está acostumado a lidar com pessoas como eu – como se ele fosse um famoso e educado ator e eu pedisse a ele um autógrafo em um mau momento.

“BELA MOBÍLIA”, FALEI.

Estávamos dando uma volta pela sala. Esticando as pernas, enchendo os pulmões de ar, digerindo uma enor cachorros lambendo nossos pés e mordendo nossos tornozelos e um portão para nos apoime refeição que não tínhamos comido. Para completar o quadro, precisávamos apenas de doisarmos. Mas não tínhamos, por isso tentei fazer funcionar com a mobília mesmo.

“É um Boulle”, ele falou, apontando para um grande armário de madeira abaixo do meu cotovelo. Fiz que sim com a cabeça, do mesmo jeito que faço quando as pessoas me dizem nomes de plantas, e polidamente inclinei minha cabeça para ver a decoração complexa de metal dele.

“Eles pegam uma folha de compensado e uma de metal, colam as duas e então cortam o molde direto dali. Aquele ali”, e ele apontou para outro armário aparentemente semelhante, “é um *contre* Boulle. Percebeu? É o negativo exato. Nada é desperdiçado.”

Concordei com a cabeça pensativo, e olhei para a frente e para trás pra ver as duas peças, tentando imaginar quantas motos eu precisaria ter para decidir que deveria começar a gastar com coisas como essas.

Murdah cansou de andar, aparentemente, e começou a voltar ao sofá. O jeito de ele andar dizia que a caixa de juventude dele estava quase vazia.

“Duas imagens exatamente opostas do mesmo objeto, senhor Lang”, disse, pegando outro cigarro. “Você poderia dizer, se quiser, que esses dois armários se assemelham ao nosso pequeno problema.”

“Sim, eu poderia.” Esperei, mas ele ainda não estava pronto para continuar. “Mas claro que eu precisaria, primeiro, saber do que você está falando exatamente.”

Ele se virou para mim. O brilho ainda estava lá, e a beleza em locais fechados também. Mas a intimidade estava morrendo, se transformando no quente e acolhedor desconhecido.

“Estou falando de Pós-Graduação, senhor Lang, é claro.”

“É claro”, concordei.

“ESTOU ENVOLVIDO”, ele começou, “com um certo grupo de pessoas”.

Ele estava em pé na minha frente, com as mãos abertas no gesto “bem-vindo a minha visão” que os políticos adoram usar atualmente, enquanto eu continuava sentado no sofá. Fora isso, quase nada tinha mudado, apenas alguém estava fritando iscas de peixe por perto. Era um cheiro que não combinava com aquela sala.

“Essas pessoas são, em sua maioria, meus amigos. Pessoas com as quais venho fazendo negócios há muitos anos. Elas confiam em mim e contam comigo. Entende o que estou dizendo?”

É claro. Ele não estava perguntando se eu entendia a relação exatamente. Queria saber apenas se palavras como “confiança” e “confiabilidade” ainda tinham algum significado de onde eu vinha. Acenei que sim com a cabeça, e poderia soletrá-las em uma emergência.

“Como uma mostra de amizade com essas pessoas, resolvi correr um risco, o que é algo raro para mim.” Acho que isso foi uma piada, então eu ri, e ele pareceu ficar satisfeito. “Eu garanti pessoalmente a venda de uma certa quantidade de mercadoria.” Ele fez uma pausa e olhou pra mim, esperando alguma reação. “Imagino que esteja familiarizado com a natureza desse produto.”

“Helicópteros”, respondi. Não havia razão para fingir ignorância no estágio em que estávamos.

“Helicópteros, exatamente. Devo dizer que não gosto deles, mas me disseram que executam extremamente bem algumas funções.” Ele estava começando a ficar meio excêntrico em relação a mim, pensei – demonstrando aversão pelas máquinas vulgares e oleosas que pagaram a casa e, pelo que eu imaginava, outras doze como aquela – então decidi aumentar um pouco as apostas em nome dos homens comuns.

“Eles com certeza são bons”, falei. “Esses que você está vendendo podem destruir uma vila de tamanho comum em menos de um minuto. Junto com todos os habitantes dela, é claro.”

Ele fechou os olhos por um segundo, como se pensar naquilo doesse nele, o que poderia mesmo ser verdade. Mas se era, não durou muito.

“Como já falei antes, senhor Lang, não acho que preciso me justificar para você. Não estou preocupado com o uso que farão dessa mercadoria. Minha preocupação, por causa dos meus amigos e de mim mesmo, é que

existam compradores para a mercadoria.” Ele juntou as mãos e esperou. Como se o problema fosse todo meu agora.

“Então faça publicidade”, falei, depois de um tempo. “Os classificados da revista *Woman’s Own* são uma boa opção.”

“Humf”, foi o som que ele fez, como se eu fosse um idiota. “Você não é um homem de negócios, senhor Lang.”

Dei de ombros.

“Eu sou, entende? Por isso acho que deve confiar em mim quando falo do mercado que atendo.” Uma ideia parece ter iluminado ele. “Não tenho a pretensão de tentar ensinar você a melhor maneira de...” E então ele percebeu que estava num beco sem saída, pois não havia nada no meu CV que mostrasse que eu sabia fazer algo melhor do que os outros.

“De dirigir uma moto”, ofereci gentilmente.

Ele sorriu.

“Isso mesmo.” Ele se sentou novamente. Não tão perto, dessa vez. “O produto que estou negociando requer uma atitude mais sofisticada do que os classificados de uma revista. Se você constrói uma nova armadilha para ratos, você a anuncia como uma nova armadilha para ratos, como você disse. Mas, por outro lado, se você quer vender uma armadilha para cobras, primeiro precisa mostrar por que as cobras são más. Porque precisam ser pegas. Está me entendendo? E então, muito, muito depois, você mostra o seu produto. Isso faz sentido para você?” Ele sorriu pacientemente.

“Então você vai patrocinar um ataque terrorista e deixar o seu brinquedinho salvar o dia no noticiário da TV. Já sei tudo isso. Rusty sabe que sei de tudo isto.” Olhei o relógio, tentando fazer parecer que iria me encontrar com outro vendedor de armas dali a uns dez minutos. Mas Murdah não era um uma pessoa que podia ser apressada.

“Isso, em essência, é exatamente o que pretendo fazer”, ele disse.

“E onde exatamente eu me encaixo nisso tudo? Quero dizer, agora que me contou, o que devo fazer com a informação? Escrever no meu diário? Fazer uma música? Ou o quê?”

Ele olhou para mim por um momento, respirou fundo e soltou o ar gentil e carinhosamente pelo nariz, como se tivesse tido aulas de como respirar.

“Você, senhor Lang, vai fazer o ataque terrorista para nós.”

UMA PAUSA. Uma longa pausa. Uma sensação de vertigem. As paredes da sala se fechando sobre mim, depois se afastando, fazendo eu me sentir menor e mais impotente, como jamais me senti antes.

“Ah, tá bom”, respondi.

Outra pausa. O cheiro de iscas de peixe estava mais forte do que nunca.

“Por acaso tenho direito a uma opinião nisso tudo?”, resmunguei. Minha garganta não estava querendo colaborar comigo. “Por exemplo, se eu resolver falar ‘vai se foder e que todos os seus parentes se fodam também’, o que posso esperar que aconteça, pelos preços de mercado de hoje?”

Foi a vez de ele fazer o lance de olhar para o relógio com impaciência. Parecia que tinha ficado entediado de uma hora para outra, e não sorria mais.

“Isso, senhor Lang, é uma opção que eu não acho que deve perder seu tempo considerando.”

Senti um vento gelado em meu pescoço, me virei e vi que Barnes e Lucas estavam parados na porta. Barnes parecia relaxado. Lucas não. Murdah fez um aceno de cabeça e os dois americanos vieram até nós, um de cada lado do sofá, e ficaram em pé, um de cada lado dele. De frente para mim. Murdah levantou uma mão, com a palma para cima, na frente de Lucas, mas sem olhar para ele.

Lucas abriu seu paletó e pegou uma automática. Acho que era uma Steyr, 9 mm. Não que isso importe. Ele a colocou gentilmente na mão de Murdah, então se virou para mim, com os olhos bem abertos querendo me passar uma mensagem que eu não conseguia decifrar.

“Senhor Lang”, disse Murdah, “você deve se preocupar com a segurança de duas pessoas. A sua e a da senhorita Woolf. Não sei que valor dá a sua própria segurança, mas imagino que seria galante se pensasse na dela. E gostaria que considerasse bastante a segurança dela.” E então ele sorriu, como se o pior já tivesse passado. “Mas claro que não espero que faça isso sem uma boa razão.”

Enquanto falava, ele armou a automática e levantou a cabeça para mim, com a arma pronta na mão. Minhas mãos começaram a suar e minha garganta parou de funcionar. Esperei. Afinal, era a única coisa que eu podia fazer.

Murdah me estudou por um momento. Então, levantou a arma, encostou o cano no pescoço de Lucas e atirou duas vezes.

Foi tão rápido e inesperado e absurdo que, por um milésimo de segundo, eu quis gargalhar. Havia três homens ali em pé, então houve um bang, bang, e então só sobraram dois. Era algo engraçado.

Percebi que tinha mijado nas calças. Não muito. Mas o suficiente.

Pisquei e então vi que Murdah tinha dado a arma para Barnes, que fazia um sinal para a porta que estava atrás de mim.

“Por que ele fez isso? Por que alguém faria algo tão terrível?”

Deveria ser a minha voz falando, mas não. Era a voz de Murdah. Leve, calma, totalmente controlada. “Foi uma coisa terrível, senhor Lang. Terrível, muito terrível, porque não teve um motivo. E devemos sempre tentar encontrar um motivo para a morte. Não concorda comigo?”

Olhei para ele, não consegui me concentrar. Eu via e não via, como a voz dele em meu ouvido e a milhas de distância ao mesmo tempo.

“Bem, vamos dizer que apesar de não haver um motivo para ele morrer, eu tinha uma razão para matá-lo. Acho que assim é melhor. Matei-o para mostrar uma coisa a você, senhor Lang. Apenas uma coisa.” Ele fez uma pausa. “Mostrar que eu podia fazer.”

Ele olhou para o chão, para o corpo de Lucas. Segui o olhar dele.

Era uma coisa suja. O cano estava tão perto da pele que os gazes tinham seguido a bala, ampliando e enegrecendo o ferimento horrivelmente. Não consegui olhar muito tempo.

“Entende o que estou dizendo?”

Ele se inclinava para a frente, com a cabeça para um lado.

“Este homem era um diplomata americano credenciado, funcionário do Departamento de Estado dos Estados Unidos. Tenho certeza de que devia ter muitos amigos, esposa, talvez filhos. Por isso não seria possível que um homem destes desaparecesse simplesmente? Sumisse?”

Homens se inclinavam na minha frente, com seus paletós roçando enquanto se abaixavam para pegar o corpo de Lucas. Me forcei a ouvir o que Murdah falava.

“Quero que veja a verdade, senhor Lang. E a verdade é que se eu quiser que ele desapareça, então isso acontecerá. Atirei nele aqui, na minha própria casa, e deixei que sangrasse no meu tapete, simplesmente porque

eu quis. E ninguém vai me deter. Nenhuma polícia, nenhum agente secreto, nenhum amigo do senhor Lucas. E você também não, com certeza. Está me ouvindo?”

Olhei para ele de novo e pude ver claramente o rosto dele. Os olhos negros. O brilho. Ele ajeitou a gravata.

“Senhor Lang, será que dei a você uma razão para se preocupar com a segurança da senhorita Woolf?”

Fiz que sim com a cabeça.

“ELES ME LEVARAM de volta para Londres espremido contra o carpete do diplomata, e me largaram em algum lugar ao sul do rio.

Passei pela Ponte Waterloo e segui pela Strand, parando de vez em quando sem nenhuma razão, dando moedas para pedintes de dezoito anos e querendo que esse pedaço de realidade fosse um sonho, mais do que já desejei que qualquer sonho se tornasse real.

Mike Luca disse para eu tomar cuidado. Ele se arriscou para dizer para eu ser cuidadoso. Eu não o conhecia e não falei para ele se arriscar por mim, mas ele fez isso mesmo assim, pois era um profissional decente que não estava gostando do rumo que seu trabalho estava tomando, e não queria que eu fosse levado para o mesmo rumo.

Bang, Bang.

Não havia volta. O mundo não parava.”

Estava sentindo pena de mim mesmo. Sentia pena de Lucas, sentia pena dos mendigos também, mas sentia muito mais pena de mim agora, e isso precisava parar. Comecei a andar para casa.

Não tinha mais motivo para me preocupar em ir para o meu apartamento, afinal, as pessoas que estavam fungando no meu cangote na última semana agora fungavam na minha cara. A oportunidade de dormir na minha própria cama era a única coisa boa de tudo isso. Então caminhei a passos largos por Bayswater e, enquanto caminhava, tentei ver o lado engraçado da coisa.

Não era fácil, e não sei se consegui fazer direito, mas é algo que gosto de fazer quando as coisas não vão bem. O que quer dizer que as coisas não vão bem? Comparado com o quê? Você poderia dizer: comparado com as coisas há umas duas horas, ou talvez há uns dois anos. Mas não é isso que eu quero dizer. Se dois carros estão indo em direção a um muro e eles não

têm freio, e um deles bate no muro um pouco antes do outro, você não pode passar aqueles momentos dizendo que o segundo carro está bem melhor do que o primeiro.

Morte e desastre estão sobre nossos ombros a cada segundo de nossas vidas, tentando nos acertar. A maior parte do tempo eles erram. Muitos quilômetros sem uma colisão central. Muitos vírus passam por nosso corpo sem nos atacar. Muitos pianos caem um minuto depois de você ter passado. Ou um mês depois, não faz diferença.

Então, a menos que a gente se ajoelhe e agradeça a cada vez que um desastre não nos acerta, também não faz sentido reclamar quando ele acerta. Nós ou qualquer pessoa. Porque não estamos comparando ele com nada.

E, de qualquer forma, estamos todos mortos, ou nem nascemos, e toda a vida é na verdade um sonho.

PRONTO. VIU SÓ? O lado engraçado da coisa.

---

\* O autor faz um trocadilho com o nome do personagem Murdah e a palavra inglesa *murder*, que em português quer dizer assassino (N. E.)

# catorze

*A liberdade é para poucos despertos.  
A única palpitação que ela causa  
é quando um coração indignado para,  
mostrando que ela continua viva.*  
THOMAS MOORE

**Havia duas** coisas estacionadas na minha rua que eu não esperava ver quando entrei nela. Uma era a minha Kawasaki, amassada e ensanguentada, mas fora isso até que em boa forma. A outra era um TVR vermelho brilhante.

Ronnie dormia no lugar do motorista, com um casaco cobrindo-a até o pescoço. Abri a porta do passageiro e entrei. Ela levantou a cabeça e piscou para mim.

“Boa noite”, falei.

“Olá.” Ela piscou algumas vezes e olhou para a rua. “Nossa, que horas são? Estou congelando.”

“Faltam quinze pra uma. Quer subir?”

Ela pensou naquilo.

“Isso é bem ousado, Thomas.”

“Ousado? Bem, isso depende, não?”

Abri a porta novamente.

“Depende do quê?”

“Se você dirigiu até aqui ou se eu reconstruí a minha rua em volta de onde seu carro estava parado.”

Ela pensou mais um pouco.

Eu mataria por uma xícara de chá.

SENTAMOS NA COZINHA sem falar muito, apenas tomando o chá e fumando. A cabeça de Ronnie estava pensando em outras coisas e, dando um chute, eu diria que ela tinha chorado. Ou ela tinha tentado um efeito bem diferente que simulava choro com sua maquiagem. Ofereci uísque, mas ela

não quis, então me servi dos últimos goles que havia na garrafa e tentei fazer com que durasse. Tentei me concentrar nela, expulsando Lucas, Barnes e Murdah da minha cabeça, porque ela estava na sala comigo e estava chateada. E os outros não estavam.

“Posso perguntar uma coisa, Thomas?”

“Claro.”

“Você é bicha?”

Fala sério. Foi uma bola fora. As pessoas devem conversar sobre filmes, peças e pistas de esqui favoritas e outras coisas desse tipo.

“Não, Ronnie, não sou bicha. E você?”

“Não.”

Ela ficou encarando a xícara dela. Mas eu tinha usado saquinhos de chá, então ela não ia encontrar a sorte no fundo da xícara.

“O que aconteceu com o sortudo que não sei o nome?”, falei, acendendo um cigarro.

“Philip. Ele está dormindo. Ou saiu para algum lugar. Na verdade, não sei. E também não ligo, pra ser sincera.”

“Ah, Ronnie, você está falando isso por falar.”

“Não, de verdade. Tô pouco me fudendo pro Philip”.

Há algo emocionante em ouvir uma mulher chique falar um palavrão.

“Vocês brigaram”, falei.

“Nós terminamos.”

“Vocês brigaram, Ronnie.”

“Posso dormir com você esta noite?”, ela perguntou.

Eu pisquei. E depois, só pra ter certeza de que não tinha imaginado, pisquei de novo.

“Você quer dormir comigo?”, perguntei.

“Quero.”

“Você não quer dizer dormir na mesma hora que eu, está dizendo na mesma cama que eu?”

“Por favor.”

“Ronnie...”

“Eu fico vestida, se você quiser. Não me faça implorar de novo, Thomas. Faz muito mal para o ego de uma mulher.”

“Mas faz muito bem para o do homem.”

“Ah, cala a boca.” Ela escondeu a cara atrás da caneca. “Vou deixar você em paz agora.”

“Arrá”, falei. “Funcionou.”

Depois de um tempo, nos levantamos e acabamos indo pra cama. ELA FICOU MESMO de roupa, no fim das contas, e eu também. Ficamos deitados lado a lado na cama, olhando para o teto durante um tempo, então decidi que já tinha passado tempo suficiente, daí levantei uma mão e peguei uma das mãos dela. Era quente e seca, e muito agradável de tocar.

“No que está pensando?”

Para falar a verdade, não sei quem de nós falou isso primeiro. Nós dois falamos essa frase umas 50 vezes até o dia amanhecer.

“Em nada.”

Nós dois dissemos isso muitas vezes também.

Ronnie não estava feliz, e isso resumia a história. Não posso dizer que ela contou toda a vida dela para mim. A coisa veio em pedaços, com grandes brancos na história, como pertencer a um clube do livro, mas no momento em que o dia começou o seu turno no lugar da noite, eu já sabia bastante sobre ela.

Ronnie era filha do meio, informação que provavelmente faria muita gente dizer “Ah, então é por isso”, mas também sou filho do meio e isso nunca me incomodou. O pai dela trabalhava no centro financeiro de Londres, oprimindo os menos favorecidos, e os dois irmãos pareciam ir pelo mesmo caminho. A mãe dela tinha desenvolvido uma paixão por pesca em águas profundas quando Ronnie era adolescente e desde então tem passado seis meses por ano no meio do oceano enquanto o pai arranja amantes. Ronnie não disse onde.

“No que está pensando?”, ela perguntou dessa vez.

“Nada.” Era eu respondendo.

“Ah, não pode ser.”

“Não sei. Apenas pensando.”

Dei uma pancadinha na mão dela.

“Está pensando na Sarah?”

Eu meio que sabia que ela iria perguntar isso. Mesmo eu tendo mantido meu segundo saque longo e não falado mais do Philip, para que ela não pudesse subir à rede.

“Entre outras coisas. Pessoas, quero dizer.” Dei um apertãozinho na mão dela. “Mas vamos falar a verdade, mal conheço ela.”

“Ela gosta de você.”

Não pude deixar de sorrir.

“Isso parece astronomicamente improvável. A primeira vez em que nos vimos ela achou que eu queria matar o pai dela. E na última, ela passou o tempo inteiro tentando me dizer que eu era um covarde que tinha medo do inimigo.”

Achei melhor deixar a parte do beijo de fora, pelo menos por enquanto.

“Que inimigo?”

“Essa é uma longa história.”

“Sua voz é bonita.”

Virei a cabeça no travesseiro e olhei para ela.

“Ronnie, neste país, quando alguém diz que é uma longa história, é uma maneira educada de falar que ela não vai contar para você.”

ACORDEI. O QUE sugere que dormi, mas não tenho ideia de quando aconteceu. Tudo que consigo lembrar é que pensei que o prédio estava pegando fogo.

Pulei da cama e corri para a cozinha, onde encontrei Ronnie queimando *bacon* em uma frigideira. A fumaça que saía de lá brincava com os raios de sol que entravam pela janela, e a Rádio 4 tocava em algum lugar por perto. Ela tinha colocado minha única camisa limpa, o que me deixou um pouco bravo, pois eu estava guardando para uma ocasião especial, como o 21º aniversário do meu neto – mas Ronnie ficava bem com ela, por isso deixei pra lá.

“Como você prefere o seu *bacon*?”

“Crocante”, menti, olhando por cima do ombro dela. Não tinha muito o que falar.

“Você pode fazer café, se quiser”, ela falou e se virou para a frigideira.

“Café, claro.” Comecei a procurar o pote de café instantâneo, mas Ronnie me chamou e apontou com a cabeça o aparador, onde a fada das compras tinha vindo à noite e deixado todo tipo de coisas boas.

Abri a geladeira e vi a vida de alguma outra pessoa. Ovos, queijo, iogurte, alguns bifos, leite, manteiga e duas garrafas de vinho branco.

Coisas que não tive em nenhuma geladeira dos meus 36 anos de vida. Enchi a chaleira e liguei.

“Você vai ter de me deixar pagar por tudo isso depois.”

“Ah, vê se cresce.” Ela tentou quebrar um ovo com uma mão só na borda da frigideira e fazer um café da manhã canino. Mas eu não tinha cachorro.

“Você não deveria estar na galeria?”, perguntei, enquanto pegava uma colher de café Melford com Moída Escura para Café da Manhã. Tudo isso era muito estranho.

“Eu liguei e disse a Terry que meu carro quebrou. Os freios não funcionavam e eu não sabia que horas iria chegar lá.”

Pensei no que ela falou durante um tempo.

“Mas, se os seus freios não estão funcionando, você deveria chegar lá mais cedo, não?”

Ela sorriu e me passou um prato com coisas pretas, brancas e amarelas dentro. Não dava pra dizer com o que se parecia, mas estava delicioso.

“OBRIGADA, THOMAS.”

Estávamos caminhando pelo Hyde Park, sem ir a nenhum lugar específico, ficando um pouco de mãos dadas, depois soltando como se andar de mãos dadas não fosse uma das grandes coisas da vida. O sol tinha resolvido aparecer aquele dia e Londres estava majestosa.

“Obrigado pelo quê?”

Ronnie olhou para o chão e chutou algo que provavelmente não estava lá.

“Por não tentar fazer amor comigo ontem à noite.”

“De nada.”

Eu realmente não sabia o que ela queria que eu dissesse, ou se isso era o começo ou o fim de uma conversa. “Obrigado por me agradecer”, acrescentei, o que fez parecer que era o fim de uma conversa.

“Ah, cala a boca.”

“Não, sério, eu achei legal mesmo. Eu não tento fazer amor com milhões de mulheres todos os dias, e não recebo nem um guincho da maioria delas. Esta foi uma boa mudança.”

Continuamos andando mais um pouco. Uma pomba voou em nossa direção e mudou de rumo no último instante, como se tivesse percebido na

última hora que não éramos quem ela pensava que éramos. Alguns cavalos trotavam por Rotten Row, com homens de jaqueta de cavaleiro sobre eles. Os cavalos pareciam bem inteligentes.

“Você tem alguém na sua vida, Thomas? Atualmente, quero dizer.”

“Imagino que esteja perguntando de alguma mulher.”

“Sim. Está dormindo com alguma?”

“Quando você diz dormindo, quer dizer...?”

“Responda a pergunta de uma vez ou eu chamo a polícia.” Ela estava sorrindo. Por minha causa. Eu a fiz rir, e isso me fazia bem.

“Não, Ronnie. Não estou dormindo com nenhuma mulher no momento.”

“Algum homem?”

“Nem um homem. Ou animal. Nem nenhuma árvore conífera.”

“Por que não? Se não se importa de eu perguntar. E mesmo que se importe, por quê?”

Suspirei. Na verdade, eu mesmo não sabia bem a resposta, mas responder isso não iria satisfazê-la. Comecei a falar sem ter uma ideia clara do que iria dizer.

“Porque sexo causa mais tristezas do que prazer”, falei. “Porque homens e mulheres querem coisas diferentes, e um deles sempre fica desapontado no final. Porque não me pedem isso muitas vezes e eu detesto pedir para alguém. Porque não sou muito bom nisso. Porque estou acostumado a ficar só. E porque não consigo pensar em outras razões.” Fiz uma pausa para respirar.

“Tá bom”, ela disse e se virou e começou a andar de costas, assim conseguia olhar bem para o meu rosto. “Qual delas é a razão verdadeira?”

“A resposta B”, falei, depois de pensar um pouco. “Nós queremos coisas diferentes. Os homens querem transar com uma mulher. Depois, querem transar com outra mulher. E depois outra. E então querem comer Corn Flakes e dormir um pouco, e então transar com outra mulher e mais outra, até que a morte chegue. As mulheres...”, e achei melhor escolher palavras mais gentis para descrever um gênero ao qual eu não pertencia, “querem um relacionamento. Pode ser que não consigam, pode ser que durmam com muitos homens até conseguirem, mas no fim é o que elas querem. É a meta delas. Homens não têm metas. Não é algo natural. Então eles

inventam metas. E colocam duas metas em uma campo de futebol, uma de cada lado. E então inventam o futebol. Ou arranjam briga, ou tentam ficar ricos, ou começam guerras, ou inventam um número imenso de coisas loucas e sangrentas diferentes para compensar o fato de não terem metas de verdade.”

“Besteira”, ela disse.

“Esta é claramente outra grande diferença.”

“Você acha mesmo que eu quero ter um relacionamento com você?”

Pergunta difícil. Rebatida rápida, passando por cima dos recebedores.

“Não sei, Ronnie. Não vou tentar adivinhar o que você quer da sua vida.”

“Ah, mais besteira. Seja homem, Thomas.”

“Eu mostro como sou homem com você?”

Ela parou. Então sorriu.

“Assim já me agrada mais.”

ACHAMOS UMA CABINE telefônica e Ronnie ligou para a galeria. Ela disse que estava muito cansada com o estresse de resolver o problema do carro quebrado, e que precisava ficar deitada o resto da tarde. Então entramos no carro e fomos almoçar no Claridges.

Eu sabia que em algum momento teria de contar para Ronnie um pouco do que tinha acontecido e um pouco do que eu pensava que poderia acontecer. Provavelmente, envolveria algumas mentiras, pelo bem dela e pelo meu, e também envolveria Sarah. E por isso posterguei a conversa o máximo que pude.

Eu gostava bastante de Ronnie. Talvez se ela fosse a donzela em perigo, presa no castelo negro da montanha negra, eu poderia ter me apaixonado por ela. Mas não era o caso. Ela estava sentada na minha frente conversando rapidamente e pedindo uma salada Rocket e um linguado, enquanto um quarteto de cordas vestido com o uniforme nacional austríaco tocava Mozart na sala atrás de nós.

Olhei cuidadosamente à nossa volta para descobrir onde alguém que me seguia pudesse estar, sabendo que poderia ser mais de uma pessoa. Não havia qualquer candidato próximo, a não ser que a CIA estivesse contratando viúvas de 70 anos com muita maquiagem na cara.

Em todo caso, estava mais preocupado em ser ouvido do que em ser seguido. Escolhemos o Claridges ao acaso, por isso não houve tempo de eles instalarem algum equipamento de escuta. Fiquei de costas para o resto do salão, evitando assim que um microfone direcional segurado por alguém na minha direção captasse alguma coisa. Servi uma taça para cada um de nós do ótimo Pouilly-Fuissé, vinho escolhido por Ronnie, e então comecei a falar.

Comecei contando que o pai de Sarah estava morto e que eu tinha visto ele morrer. Queria acabar logo com a pior parte, jogá-la dentro de um buraco e depois puxá-la para fora aos poucos, dando tempo para que ela entendesse as coisas. Também não queria que pensasse que eu estava com medo, pois isso não ajudaria nenhum de nós.

Ela aguentou bem a história, melhor do que o linguado, que ficou intocado no prato dela com um olhar “falei alguma coisa errada?”, até que o garçom o retirou.

Quando terminei, o quarteto de cordas já tinha trocado Mozart pela música tema de *Superman* e a garrafa de vinho estava de ponta-cabeça no balde de gelo. Ela olhava para a toalha e fazia uma careta. Sei que Ronnie queria ligar para alguém ou bater em alguma coisa, talvez sair na rua e gritar que o mundo era um lugar terrível e como alguém poderia sair por aí e comer, fazer compras e sorrir. Sabia disso porque era exatamente o que eu queria fazer quando vi Alexander Woolf perfurado de balas do outro lado de um quarto por causa de um idiota com uma arma. Ela resolveu falar, e sua voz tremia de raiva.

“Então você vai em frente com isso, não? Você vai fazer o que eles mandarem?”

Olhei para ela e encolhi o ombro.

“Sim, Ronnie, é o que vou fazer. Não quero fazer isso, mas acho que as alternativas são um pouco piores.”

“E você acha que isso é um bom motivo?”

“Acho. É o motivo pelo qual muitas pessoas fazem muitas coisas. Se não fizer o que querem, provavelmente eles vão matar Sarah. Já mataram o pai dela, por isso não acho que vão se preocupar muito em matar novamente.”

“Mas desse jeito pessoas vão morrer.” Havia lágrimas nos olhos dela e se o garçom não tivesse aparecido tentando nos empurrar outra garrafa de

Pouilly bem naquela hora, eu provavelmente teria a abraçado. Em vez disso, peguei sua mão por cima da mesa.

“Pessoas vão morrer de qualquer jeito”, falei e me odiei por soar parecido com o discurso nojento de Barnes. “Se eu não fizer, eles vão achar outra pessoa, ou algum outro jeito. O resultado será o mesmo, mas Sarah acabará morta. É assim que eles são.”

Ela abaixou a cabeça e voltou a olhar para a toalha, e percebi que ela sabia que eu tinha razão. Ela estava checando tudo, como quando vamos ficar muito tempo longe de casa. Se o gás está desligado, a TV desconectada e a geladeira descongelada.

“Mas e você?”, perguntou, depois de um tempo. “Se eles são assim, o que vai acontecer com você? Eles vão matar você, né? Ajudando eles ou não, pretendem matar você no final.”

“É o que eles provavelmente vão tentar fazer, Ronnie. Não posso mentir para você em relação a isso.”

“E em relação a quê você pode mentir?”, falou rapidamente, mas não acho que tenha falado por mal.

“Outras pessoas já tentaram me matar antes, Ronnie, e não conseguiram. Sei que você pensa que sou um preguiçoso que nem consegue comprar coisas para a própria casa, mas sei cuidar de mim em outras áreas.” Fiz uma pausa para ver se ela sorria. “Se tudo o mais falhar, arranjo uma garota chique com um carro esporte para cuidar de mim.”

Ela levantou a cabeça e quase sorriu.

“Você já tem uma dessas”, falou e pegou a bolsa.

TINHA COMEÇADO A chover enquanto estávamos lá dentro e Ronnie havia deixado a capota do TVR abaixada, por isso tivemos de andar o mais rápido possível pela Mayfair pelo bem-estar dos acentos Connolly-hide dela.

Eu estava tentando montar a capota que obviamente tinha vários truques e detalhezinhos que faziam com que as coisas não se encaixassem, quando senti uma mão no meu ombro. Me mantive o mais calmo que pude.

“Quem seria você, seu bosta?”, disse uma voz.

Endireitei-me devagar e olhei para trás. Ele tinha mais ou menos a minha altura, passava um pouco da minha idade, mas era bem mais rico. Sua camisa era uma Jermyn Street, seu terno era Savile Row e sua voz era

proveniente de uma de nossas escolas mais caras. Ronnie levantou a cabeça da traseira do carro, de onde ela levantava a capota em um compartimento atrás dos bancos traseiros.

“Philip”, ela falou, e era exatamente o que eu esperava que ela dissesse.

“Quem é esse bosta?” disse ele, ainda olhando para mim.

“Como vai você, Philip?”

Tentei ser legal. Juro que tentei.

“Vai se foder”, falou e se virou para Ronnie. “É este bosta que tem tomado minha vodca?”

Um grupo de turistas com seus casacos com capuz brilhantes pararam e sorriram para nós, torcendo para que todos fôssemos bons amigos. Eu também tinha essa esperança, mas, às vezes, ter esperança não é o suficiente.

“Ah, Philip, não seja um chato, por favor.” Ronnie bateu a porta e deu a volta no carro. A dinâmica entre nós mudou, e tentei escapar de mansinho dali. A última coisa que eu queria era me meter no rolo do namoro de outras pessoas, mas Philip não iria me deixar.

“Onde você pensa que vai, caralho?”, ele falou, levantando o queixo mais um pouco para mim.

“Embora”, respondi.

“Philip, por favor.”

“Seu merdinha. Quem você pensa que é?” Ele esticou a mão e segurou minha lapela, segurando firme. Mas não firme o suficiente para demonstrar que queria mesmo brigar comigo. O que era um alívio. Olhei para a mão dele e depois para Ronnie. Queria dar a ela a chance de acabar com isso.

“Não seja estúpido, Philip, por favor”, ela falou.

Isso foi a coisa mais errada que ela poderia ter escolhido para falar. Quando um homem está encurralado em um canto, a última coisa que fará ele parar e desistir é uma mulher falando que ele é um estúpido. Se fosse eu, teria pedido desculpas, levantando a sobrancelha, sorrido ou feito qualquer outra coisa que dissipasse os hormônios em ebulição.

“Eu fiz uma pergunta”, disse Philip. “Quem você pensa que é, bebendo as minhas bebidas e se pavoneando na minha casa?”

“Me solte, por favor”, falei. “Você está amassando minha roupa.” Fui racional outra vez, percebe? Não falei mal dele, não o xinguei, não levantei ele nem nada que envolvesse briga. Apenas uma preocupação direta e justa com minha roupa. De homem para homem.

“Tô pouco me fudendo pra sua roupa, seu vagabundo.”

Pronto, agora já era. Com todas as possibilidades de diplomacia tentadas e recusadas, resolvi partir para a violência.

Empurrei ele primeiro e Philip resistiu, e isso é o que a maioria das pessoas faz. Usei o empurrão dele para ir para trás e esticar seu braço, e me virei de lado, assim ele tinha que girar o pulso se quisesse manter a pegada da minha lapela. Coloquei minha mão sobre a dele, para que ele não soltasse mais, e desci meu outro antebraço gentilmente sobre o cotovelo dele. Se você quer saber, isso é uma técnica de *aikido* chamada *nikkyo*, e ela causa uma quantidade estupenda de dor sem esforço nenhum.

Os joelhos dele se dobraram e seu rosto ficou pálido enquanto ele desabava no chão, tentando desesperadamente soltar a pressão em seu pulso. Soltei-o antes que seus joelhos tocassem o chão, porque achei que, quanto menos eu fizesse, menos razões ele teria para tentar mais alguma coisa. Também não queria ver Ronnie ajoelhada ao lado dele dizendo “pronto, pronto, você é um cara corajoso” pelo resto da tarde.

“Desculpe-me”, falei e sorri com incerteza, como se não soubesse direito o que tinha acontecido. “Você está bem?”

Philip torceu sua mão e me lançou um olhar de ódio, mas nós dois sabíamos que ele não iria tentar mais nada. Mesmo que ele não tivesse certeza de que eu o tinha machucado de propósito ou não.

Ronnie ficou entre nós e gentilmente pôs a mão no peito dele.

“Você entendeu tudo errado, Philip.”

“É mesmo?”

“Sim, é mesmo. Isto são só negócios.”

“Porra nenhuma. Você tá transando com ele. Não sou idiota.”

Esta última afirmação poderia muito bem ser discutida mais a fundo, mas Ronnie virou para mim e deu uma piscadela rápida.

“Este é Arthur Collins”, ela falou e esperou que Philip fizesse cara de interrogação, o que aconteceu logo em seguida. “Ele pintou aquele tríptico que vimos em Bath, lembra? Você me disse que tinha gostado.”

Philip olhou para ela, depois pra mim e pra ela de novo. Parte dele estava envergonhada com a possibilidade de ter cometido um erro, mas uma parte bem maior estava aliviada por agora ter uma boa razão para não tentar mais brigar comigo – lá estava eu, sabe como é, pronto pra mostrar do que era capaz e fazer o cara implorar por misericórdia, mas então descobri que era o cara errado. Um bom papo de festa. Risadas para todos os lados. Philip, você é um cara muito divertido.

“Aquele que tinha ovelhas?” Ele falou, arrumando a gravata e ajeitando suas mangas em um movimento bem planejado. Olhei para Ronnie, mas ela não ia me ajudar nessa.

“Na verdade, eram anjos”, falei. “Mas muita gente acha que são ovelhas.”

Aquela resposta pareceu deixar Philip satisfeito, e um sorriso se espalhou por seu rosto.

“Deus do céu, me desculpe. O que você vai pensar de mim? Pensei que... ah, acho que nem interessa o que pensei, não? Tem um sujeito... ah, não, deixa pra lá.”

Tinha mais papo ali, mas apenas abri minhas mãos mostrando que entendia e que já tinha cometido o mesmo erro umas três ou quatro vezes.

“Pode nos dar licença um minuto, senhor Collins?”, ele falou, e então pegou no cotovelo de Ronnie.

“Claro”, respondi. Philip e eu éramos melhores amigos agora.

Eles andaram alguns metros e percebi que já fazia uns cinco minutos desde que eu tinha fumado, então decidi fazer algo a respeito. Os turistas coloridos ainda estavam próximos de nós, então acenei para eles pra mostrar que, sim, Londres é um lugar maluco, mas eles poderiam ir em frente e aproveitar o dia do mesmo jeito.

Philip estava tentando fazer as pazes com Ronnie, era óbvio, mas parecia que ele estava usando a carta “eu te perdoo”, em vez da muito mais forte “pode me perdoar, por favor?”, que sempre achei que resolvia muito mais as coisas no fim. A boca de Ronnie estava torcida em um formato meio aceitando e meio entediada, e ela olhava para mim de quando em quando para mostrar o quanto aquilo era cansativo.

Eu sorri para ela em retorno, bem no momento em que Philip tirou um pedaço de papel do bolso. Longo e fino. Uma passagem aérea. Um

sinônimo para “vamos escapar pelo final de semana, transar o tempo todo e tomar barris de champanhe”. Ele deu a passagem para ela e a beijou na testa, o que era outro erro, acenou para Arthur Collins, o distinto pintor de West Country e então partiu.

Ronnie assistiu a partida dele e então veio até onde eu estava.

“Anjos”, ela disse.

“Arthur Collins”, respondi.

Ela olhou para a passagem e suspirou. “Ele acha que devemos tentar de novo, que nossa relação é muito importante, etc.”

Eu fiz um “ah” e depois fiquei olhando a calçada durante um tempo.

“Então ele vai te levar pra Paris, não? O lado romântico de lá, eu diria, se tivesse que chutar.”

“Praga”, ela falou, e um alarme tocou em algum lugar da minha cabeça. Ela abriu a passagem. “Praga é a nova Veneza, de acordo com Philip.”

“Praga”, repeti e acenei com a cabeça. “Me disseram que fica na Checoslováquia nesta época do ano.”

“Na verdade, fica na República Tcheca. Philip foi bem preciso quanto aos detalhes. A Eslováquia está tomada por cachorros e não é tão bonita. Ele reservou um hotel perto da praça da cidade.”

Ela olhou para a passagem de novo e ouvi a respiração parando na garganta dela. Segui o seu olhar, mas não havia nenhuma tarântula subindo pela blusa.

“Tem alguma coisa errada?”

“CED”, ela falou, fechando o papel da passagem.

Fiz cara de interrogação.

“O que é que tem ele?” Eu não consegui entender de onde ela estava tirando aquilo, apesar do alarme continuar tocando na minha cabeça. “Você descobriu quem é CED?”

“Ele é OK, não?”, ela falou. “De acordo com o diário de Sarah, CED é OK, certo?”

“Certo.”

“Muito bem.” Ela me deu a passagem. “Veja a companhia aérea.”

Olhei.

Talvez eu já soubesse. Talvez todo mundo, menos Ronnie e eu, já soubesse. Mas, de acordo com o itinerário impresso da agência Sunline, a

companhia aérea nacional da República Tcheca era a CEDOK.

# quinze

*Na guerra, independentemente do lado que se possa chamar de vitorioso, não há ganhadores, todos são perdedores.*

N. CHAMBERLAIN

Os dois fios condutores da minha vida se encontravam em Praga.

Sarah tinha ido para lá e Praga também era onde os norte-americanos haviam me mandado para o primeiro estágio do que eles insistiam em chamar de Operação Galho Seco. Falei pra eles de cara que achava que era um nome terrível, mas alguém muito importante tinha escolhido aquele nome ou eles já tinham impresso os papéis timbrados com ele, pois se recusaram terminantemente a mudar. Galho Seco é o nome da operação e pronto, Tom.

A operação era, pelo menos oficialmente, um esquema básico de se infiltrar em um grupo terrorista e, uma vez lá, se inteirar da vida deles, de seus fornecedores, patrocinadores, simpatizantes e familiares o máximo possível. Nada nem remotamente especial até aqui. Agências de inteligência do mundo todo tentam esse tipo de coisa sempre, com variados graus de fracasso.

O segundo fio condutor, o fio de Sarah, de Barnes, de Murdah e da Pós-Graduação, tinha a ver com vender helicópteros para governos terríveis e despóticos, e para essa operação eu dei o nome de “Oh, meu Deus”.

Os dois fios se encontravam em Praga.

Eu iria pegar o voo na sexta, o que significava seis dias de instruções dadas pelos americanos e cinco noites tomando chá de mãos dadas com Ronnie.

O menino Philip foi para Praga no dia em que eu quase quebrei o pulso dele para fazer negócios milionários, deixando Ronnie confusa e mais do que miserável. A vida dela podia não ser uma montanha-russa de emoções antes de eu aparecer, mas também não era uma roda de tortura, e essa

entrada repentina no mundo do terrorismo e de assassinatos ao mesmo tempo que seu relacionamento amoroso se desintegrava não fez com que ela se sentisse calma e relaxada.

Beijei ela uma vez.

AS REUNIÕES DE instruções da operação aconteceram em uma mansão de tijolos vermelhos nas redondezas de Henley. O chão era de tacos, e a cada três, um estava levantado por causa da umidade, e apenas em um banheiro a descarga funcionava.

Eles trouxeram os móveis com eles, algumas cadeiras, mesas e camas de montar, e as espalharam pela casa sem pensar muito. A maior parte do meu tempo foi gasta na sala de multimídia vendo *slides*, ouvindo fitas, memorizando procedimentos de contato e lendo a respeito da vida de fazendeiro em Minnesota. Não posso dizer que era como voltar à escola, pois eles me fizeram estudar muito mais do que eu me esforçava quando adolescente, mas era uma atmosfera estranhamente familiar do mesmo jeito.

Eu ia até lá todo dia com a minha Kawasaki, que eles consertaram pra mim. Queriam que eu dormisse por lá, mas falei que eu precisava de mais algumas doses de Londres antes de partir, e eles pareceram gostar daquilo. Americanos respeitam patriotismo.

A equipe mudava sempre e nunca havia menos do que seis pessoas. Tinha um “faz tudo” chamado Sam, Barnes ia e vinha e alguns Carls estavam sempre pela cozinha, tomando chá de ervas e fazendo alguns levantamentos de queixo em algumas portas. E tinha também os especialistas.

O primeiro se chamava Smith e isso parecia tão improvável que acreditei nele. Ele era um baixinho e gordinho de óculos que usava um colete apertado, falava muito dos anos 1960 e 1970, os grandes anos do terrorismo para quem trabalhava no mesmo ramo dele – que consistia em seguir Baaders e Meinhofs e classificar Brigadas Vermelhas ao redor do mundo como se fosse uma adolescente procurando lugares onde o Jackson Five iria se apresentar. Pôsteres, botons, fotografias autografadas e tudo o mais.

Os revolucionários marxistas tinham sido um enorme desapontamento para Smith. A maioria deles juntou suas coisas, arranjou um emprego,

salário e seguro de vida no começo dos anos 1980. Já as Brigadas Vermelhas italianas ainda voltaram à ativa algumas vezes. O Shining Pat e seus similares na América Central e América do Sul não eram a praia dele. Fiz algumas perguntas sobre o IRA que achei que seriam interessantes, mas ele fez uma cara de tédio e mudou de assunto.

Goldman foi o próximo, alto e magro, ele gostava do fato de não gostar do seu trabalho. A preocupação dele era a etiqueta. Goldman tinha o jeito certo e o errado de fazer cada coisa, de atender ao telefone a lamber um selo, e não fazia nenhuma exceção. Depois de um dia com ele, me senti como Eliza Doolittle.

Goldman me falou que dali em diante eu iria me chamar Durrell. Perguntei se poderia escolher meu novo nome e ele respondeu que não, Durrell já estava nos arquivos da Operação Galho Seco. Perguntei se ele já tinha ouvido falar de Toppex, e a resposta foi que era um nome idiota e que era melhor eu me acostumar com Durrell.

Travis era o cara do combate corpo a corpo, e quando disseram a ele que teria apenas uma hora comigo, ele suspirou, disse “olhos e genitais” e foi embora.

Os planejadores chegaram no último dia; dois homens e duas mulheres vestidos como banqueiros e carregando pastas executivas enormes. Tentei flertar com as mulheres, mas não funcionou. Já com o mais baixo dos homens teria funcionado, se eu tivesse tentado.

O mais alto, Lois, era o mais amistoso dos quatro e foi o que falou a maior parte do tempo. Ele parecia saber bem o trabalho dele, sem nem mesmo explicar direito o que era esse trabalho, e isso mostrava o quanto ele sabia da coisa. Ele me chamava de Tom.

Apenas uma coisa ficava bem clara com tudo isso. A Operação Galho Seco não era improvisada e essas pessoas não se sentaram um dia antes com uma enciclopédia de terrorismo internacional na mão. Este trem já estava nos trilhos muito tempo antes de eu ser trazido a bordo.

“KINTEX QUER DIZER alguma coisa para você, Tom?” Louis cruzou as pernas e se inclinou paimra m como se fosse David Frost.

“Não, Louis”, respondi. “Sou uma tela em branco.” Acendi outro cigarro apenas para irritá-los.

“Tudo bem. A primeira coisa que precisa saber, e imagino que já saiba – não há mais idealistas no mundo.”

“A não ser eu e você, Louis.”

Uma das mulheres olhou para o relógio.

“Sim, Tom, eu e você. Mas guerreiros da liberdade, libertadores, arquitetos de uma nova era e tudo o mais foram pelo mesmo caminho das calças boca de sino. Os terroristas de hoje em dia são homens de negócios.” Uma mulher limpou a garganta em algum lugar no fundo da sala. “E mulheres de negócios. E o terror é uma carreira bem atraente para os jovens. Sério. Boas perspectivas, muitas viagens, dinheiro para as despesas e aposentadoria rápida. Se eu tivesse um filho, sugeriria que fosse advogado ou terrorista. Vamos falar sério aqui, provavelmente os terroristas causem menos estragos.”

Era uma piada.

“Talvez esteja se perguntando de onde vem o dinheiro.” Ele levantou as sobrancelhas para mim, e eu acenei que sim com a cabeça, como um aluno prestativo. “Bom, existem os caras maus, os sírios, os líbios e os cubanos, que veem o terror como uma indústria estatal. Eles fazem cheques gordos de vez em quando, e se uma Embaixada Americana tiver uma janela quebrada por um tijolo como resultado disso, já ficam felizes. Mas nos últimos dez anos eles meio que viraram retardatários. Hoje, o que importa é o lucro, e quando se fala em lucro, todos os caminhos levam à Bulgária.”

Ele se recostou na cadeira, e isso claramente era um sinal para que uma das mulheres viesse à frente e lesse um discurso em um cartão, apesar de ela saber aquilo de trás para frente e ter o cartão apenas por uma questão de conforto.

“Kintex”, ela começou, “é aparentemente uma agência de negócios comerciais com base em Sofia, onde emprega 529 pessoas que tratam de importação e exportação. Secretamente, Kintex cuida de 80% do tráfico de narcóticos do Oriente Médio para o oeste da Europa e para a América do Norte, normalmente em troca de remessas de armas revendidas para grupos insurgentes do Oriente Médio. A heroína também é revendida para grupos de tráfico selecionados no centro e no oeste europeu. A maioria das pessoas envolvidas nessas operações não são búlgaras, mas recebem

acomodações em Varna e Burgas, no Mar Negro. A Kintex, operando sob o nome de Globus, também participa da lavagem de dinheiro dos lucros obtidos com as drogas na Europa inteira, trocando dinheiro por ouro e pedras preciosas e redistribuindo fundos aos seus clientes através de uma rede de operações e negócios na Turquia e no leste europeu.”

Ela levantou a cabeça e olhou para Louis, tentando saber se deveria continuar, mas ele olhou pra mim e, vendo que eu estava começando a perder o interesse, acenou que não bem de leve com a cabeça.

“Caras legais, não?”, ele disse. “Foram eles que forneceram a arma para Mehmet Ali Agca.” Aquilo também não significava nada para mim. “O cara que atirou no Papa João Paulo II em 1981. Acho que saiu em um jornal ou dois.”

Respondi com um “Ah, sim” e chacoalhei a cabeça para mostrar o quanto eu tinha ficado impressionado.

“Kintex”, ele continuou, “é uma simples loja de conveniência, Tom. Se você quer causar algum tumulto no mundo, detonar alguns países, ferrar com alguns milhões de vidas, é só pegar seu cartão de crédito e ir até a Kintex. Ninguém tem preços melhor que os deles”.

Louis estava sorrindo, mas dava para perceber que ele estava ardendo com uma raiva justificada. Olhei em volta e percebi que os outros três tinham o mesmo fogo ardoroso no olhar.

“E a Kintex”, falei, esperando desesperadamente que eles respondessem não, “é a empresa com a qual Alexander Woolf estava fazendo negócios.”

“Sim”, respondeu Louis.

FOI QUANDO EU percebi, em um péssimo momento, é claro, que nenhuma dessas pessoas, nem mesmo Louis, tinha a menor ideia do que era Pós-Graduação – ou o propósito verdadeiro da Operação Galho Seco. Eles acreditavam realmente que estavam lutando uma bela batalha contra o narcoterrorismo ou como quer que eles chamassem isso, em favor do Tio Sam e da Tia Resto do Mundo. Esse era uma negócio limpo da CIA sem nenhuma mancha à vista. Iriam me colocar em um grupo terrorista de segunda linha com a simples e descomplicada esperança de que, no meu dia de folga, eu achasse uma cabine telefônica e mandasse muitos nomes e endereços para eles.

Estava tendo aulas de direção com um monte de instrutores cegos, e essa descoberta mexeu um pouco comigo.

ELES EXPLICARAM O plano de infiltração e me fizeram repetir cada estágio pelo menos um milhão de vezes. Imagino que isso aconteceu porque sou inglês e eles se preocupavam em que eu não conseguisse guardar um pensamento de cada vez, mas quando viram que eu estava aprendendo tudo facilmente, deram tapinhas nas costas uns dos outros e disseram “bom trabalho” várias vezes.

Depois de um repulsivo jantar de almôndegas e Lambrusco, servida por um Sam com cara de incômodo, Louis e seus colegas arrumaram suas pastas, deram tapinhas em minhas mãos e acenaram com a cabeça, então entraram em seus carros e foram embora pela estrada de tijolos amarelos. Eu não acenei.

Em vez disso, disse aos Carls que faria uma caminhada e fui em direção ao jardim nos fundos da casa, onde um gramado ia até o rio e que tinha a mais bela vista de toda a extensão do Tâmis.

Era uma noite quente e na outra margem casais de jovens e idosos com seus cachorros ainda caminhavam. Alguns barcos tinham ancorado por ali e batiam gentilmente contra o balanço da água, enquanto as luzes de suas janelas brilhavam com um leve e acolhedor tom amarelo. Pessoas riam e eu podia sentir o cheiro de suas sopas de lata.

Eu estava muito fodido.

BARNES CHEGOU LOGO depois da meia-noite e era uma visão bem diferente de quando nos encontramos pela primeira vez. O estilo Brooks Brothers não existia mais e agora ele parecia pronto para entrar na floresta da Nicarágua e lançar uma bomba. Usava calças cáqui, camisa de sarja verde-escuro e botas Red Wing. Um relógio estilo militar com pulseira de lona substituía o Rolex. Eu tinha a impressão de que ele tinha ficado alguns segundos na frente do espelho passando maquiagem de guerra. As rugas estavam mais profundas do que nunca.

Ele dispensou os Carls e nós dois nos acomodamos na sala multimídia, onde ele sacou uma garrafa de Jack Daniels, um maço de Marlboro e um isqueiro Zippo com pintura camuflada.

“Como está Sarah?”, perguntei.

Parecia uma pergunta idiota, mas tinha de ser feita, afinal, ela era a razão pela qual eu estava passando por tudo isso – e se por acaso ela tivesse sido atropelada por um ônibus naquela manhã, ou morrido de malária, eu com certeza desistiria da operação. Claro que Barnes não me contaria, se essas coisas tivessem acontecido, mas eu poderia captar algo do rosto dele quando respondesse.

“Bem”, ele começou. “Ela está bem.” Ele colocou uísque em dois copos e empurrou um pelo chão de tacos para mim.

“Quero falar com ela”, falei. Ele não se mexeu. “Preciso saber se ela está bem. Se está viva e se está bem.”

“Estou dizendo a você que ela está bem.” Ele tomou um gole de uísque.

“Sei que está me dizendo, mas você é um psicopata e a sua palavra não vale nada.”

“Também não gosto muito de você, Thomas.”

Estávamos sentados de frente um para o outro, tomando uísque e fumando, mas a atmosfera não parecia muito com a ideal de uma boa relação entre agente secreto e seu contato, e piorava a cada segundo.

“Sabe qual é o seu problema?”, disse Barnes, depois de um tempo.

“Sim, sei exatamente qual é o meu problema. Ele compra roupas do catálogo da L.L. Bean e está sentado bem na minha frente.”

Ele fingiu que não ouviu. Talvez nem tenha prestado atenção mesmo.

“O seu problema, Thomas, é que você é Britânico.” Ele começou a rodar a cabeça em movimentos estranhos. Aconteceram alguns estalos em seu pescoço, o que pareceu deixá-lo satisfeito. “As coisas que estão dando errado com você são culpa desta ilha que é uma grande privada abandonada por Deus.”

“Espere um minuto”, falei. “Pode esperar um bom e completo minuto. Isto não está certo. Não acredito que um americano de merda está dizendo o que há de errado com o meu país.”

“Vocês não tem culhões, Thomas. Você não tem culhões. Seu país não tem. Talvez você já tenha tido um dia, mas perdeu. Não sei e não tenho a menor vontade de saber.”

“É melhor tomar cuidado, Rusty. Preciso te explicar que por aqui as pessoas usam a palavra “culhão” como sinônimo de coragem. Não entendemos o significado norte-americano para ela, que é falar demais e

ter uma ereção quando fala as palavras “Delta”, “ataque” e “detonar”. Esta é uma importante diferença cultural. E quando digo diferença cultural”, acrescentei, porque meu sangue estava fervendo, eu admito, “não quero dizer diferença de valores, mas, sim, vão se foder e enfiem uma escova de arame no cu.”

Ele riu. Não era a reação que eu esperava. Uma grande parte de mim queria que ele tentasse bater em mim, assim eu poderia dar um soco na garganta dele e dirigir pela noite com a cabeça mais leve.

“Bem, Thomas, espero que tenhamos esclarecido as coisas aqui. Espero que esteja se sentindo melhor agora.”

“Muito melhor, obrigado”, falei.

“Eu também.”

Ele se levantou para botar mais bebida para mim e deixou o maço de cigarros e o isqueiro no meu colo.

“Vou ser direto com você, Thomas. Você não pode ver ou falar com Sarah Woolf agora. Não é possível. Mas ao mesmo tempo, não espero que você mova um dedo para mim antes de vê-la. Que tal isso? Parece justo?”

Dei um gole no uísque e peguei um cigarro do maço.

“Ela não está com você, é isso?”

Ele riu de novo. Eu tinha de fazer ele parar com isso.

“Nunca disse a você que estava com ela, não é mesmo? O que pensou? Que algemamos ela a uma cama em algum lugar por aí? Vamos lá, dê algum crédito a nós. Este é o nosso trabalho. Não estamos perdidos.” Ele voltou à cadeira e a estralar o pescoço, e eu gostaria de poder ter ajudado. “Sarah está em um lugar que podemos alcançar se precisarmos. Mas, por enquanto, como você está sendo um inglesinho bem comportado, não precisamos fazer isso. Entendeu?”

“Não, não entendi.” Joguei o cigarro e fiquei em pé, o que não pareceu incomodar Barnes. “Até eu ver e ter certeza de que ela está bem, não farei a operação. Alias, não só não farei como talvez mate você para provar o quanto não vou fazer isso. Entendeu?”

Comecei a ir na direção dele devagar. Imaginei que ele pudesse gritar chamando os Carls, mas aquilo não me incomodava. Se eu fosse até o fim, precisaria de apenas alguns segundos, enquanto os Carls precisariam de

uma hora para fazer com que aqueles corpos ridículos começassem a se mover. Então percebi porque ele estava tão relaxado.

Ele pôs a mão em uma pasta que estava ao seu lado e vi um reflexo de metal quando sua mão emergiu de lá. Era uma arma grande que ele segurava sem muita firmeza sobre sua cintura, apontada para minha cintura a dois metros e meio de distância.

“Bom, Jiminy Cricket”, falei. “Você está próximo de ter uma ereção, senhor Barnes. Não é um Colt Delta Elite no seu colo?”

Ele não respondeu, apenas olhou para mim.

“Dez milímetros”, falei. “Uma arma para alguém que tem um pinto pequeno ou não acredita que vai conseguir acertar o meio do alvo.” Estava imaginando como cobrir os dois metros e meio sem que ele me acertasse. Não iria ser fácil, mas era possível. Mostrava que eu tinha culhões. E eu queria continuar a ter depois do movimento.

Ele deve ter sentido o que eu estava pensando, pois engatilhou a arma. Bem devagar. E fez um clique bem interessante, tenho de admitir.

“Sabe o que é uma Glaser Slug, Thomas?” Ele falou suavemente, como em um sonho.

“Não, Rusty, não sei o que é uma Glaser Slug. Mas me parece algo que fará você me matar de tédio em vez de atirar em mim. Vamos, me diga.”

“A bala da Glaser Safety Slug, Thomas, é um pequeno recipiente feito de cobre, recheado por um bom chumbo e teflon líquido.” Ele esperou eu digerir a informação, sabendo que eu entendia o que aquilo significava. “No impacto, é garantido que 95% da energia da Glaser bate no alvo. Nada de atravessar, nada de ricochetear, apenas um bom nocaute.” Ele fez uma pausa e tomou um gole do uísque. “Faz buracos grandes, bem grandes no corpo.”

Acho que ficamos como estávamos durante um bom tempo. Barnes aproveitando o uísque e eu aproveitando a vida. Podia sentir que estava suando e meus ombros começaram a coçar.

“Certo”, falei. “Talvez eu não tente matar você exatamente agora.”

“Bom ouvir isso”, Barnes falou depois de um tempo, mas sem mexer a Colt.

“Fazer um grande buraco em mim também não vai ajudar você.”

“Mas também não me fará mal algum.”

“Preciso falar com ela, Barnes”, falei. “É por causa dela que estou aqui. Se eu não falar com ela, não faz sentido eu continuar com tudo isso.”

Mais uns 200 anos se passaram, e então comecei a achar que Barnes estava sorrindo. Mas eu não sabia por que e nem quando tinha começado. Era como estar sentado no cinema antes de o filme começar tentando adivinhar que horas as luzes iriam se apagar.

E então me acertou. Ou me acariciou. Fleur de Fleurs, da Nina Ricci, uma parte por bilhão.

ESTÁVAMOS NA MARGEM do rio. Só nós dois. Os Carls estavam por perto, mas Barnes disse a eles para manterem distância e eles mantiveram. A lua tinha aparecido e se refletia na água perto de onde sentamos, iluminando o rosto dela com um brilho leitoso.

Sarah parecia horrível e maravilhosa. Tinha emagrecido um pouco e tinha chorado mais do que seria bom para ela. Tinham contado a ela que o pai estava morto doze horas antes, e naquele momento eu queria abraçar ela mais do que já quis fazer qualquer coisa na vida. Mas não teria sido certo. Não sei por quê.

Ficamos sentados em silêncio durante um tempo, olhando para a água. Os barcos tinham apagado suas luzes e os patos tinham ido dormir fazia tempo. A lua brilhava e o rio estava escuro e silencioso.

“Então”, ela falou.

“É”, respondi.

Houve outro longo silêncio, enquanto pensávamos no que precisava ser dito. É como uma grande bola de concreto que você sabe que precisa levantar. Pode dar voltas e mais voltas nela procurando um lugar de apoio para encaixar a mão, mas esse lugar não existe.

Sarah fez a primeira tentativa.

“Diga a verdade. Você não tinha acreditado na gente, tinha?”

Ela quase riu, então eu quase respondi que ela não tinha acreditado que eu não estava tentando matar o pai dela. Mas consegui parar a tempo.

“Não, não tinha”, respondi.

“Achou que éramos uma piada. Uma dupla de americanos pirados que viam fantasmas no escuro.”

“Sim, algo assim.”

Ela começou a chorar de novo, então fiquei esperando que a tempestade acabasse. Quando acabou, acendi dois cigarros e dei um para ela. Ela tragou forte e então ficou batendo as cinzas inexistentes no rio a cada cinco segundos. Fiquei olhando para ela e fingindo que não estava olhando.

“Sarah”, falei. “Sinto muito. Por tudo. Pelo que aconteceu. E por você. Eu quero...” Não conseguia pensar na coisa certa para dizer. Sentia apenas que precisava dizer algo. “Quero consertar as coisas de algum jeito. Quero dizer, sei que seu pai...”

Ela olhou pra mim e sorriu, como que dizendo para eu não me preocupar.

“Mas sempre existe uma escolha”, continuei, “entre fazer a coisa certa e a errada, não importa o que aconteça. E quero fazer a coisa certa, entende o que estou dizendo?”

Ela fez que sim com a cabeça. O que foi absurdamente simpático da parte dela, pois eu não tinha a menor ideia do que eu queria dizer. Tinha tantas coisas para falar e um cérebro pequeno demais para conseguir expressá-las direito. O correio faltando três dias para o Natal. Era como estava a minha cabeça.

Ela suspirou.

“Ele era um bom homem, Thomas.”

Bem, o que eu podia dizer?

“Tenho certeza de que era. Eu gostava dele”, falei. E era verdade.

“Eu não sabia disso até um ano atrás”, ela falou. “Você meio que não pensa em seus pais sendo algo, não? Tipo bom ou mau. Eles apenas estão ali.” Ela fez uma pausa. “Até não estarem mais.”

Ficamos olhando o rio durante um tempo.

“Seus pais estão vivos?”

“Não”, respondi. “Meu pai morreu quando eu tinha 13 anos. Ataque cardíaco. E minha mãe, há quatro anos.”

“Sinto muito.” Eu não podia acreditar. Ela estava sendo cortês no meio disso tudo.

“Tudo bem. Ela já tinha 68 anos.”

Ela se inclinou em minha direção e percebi que eu estava falando de modo bem suave. Não sei por quê. Talvez por respeito pela dor dela ou

talvez porque eu não quisesse que minha voz acabasse com a postura dela.

“Qual a lembrança favorita que tem de sua mãe?”

Não era uma pergunta triste. E saiu como se ela quisesse mesmo saber, como se estivesse pronta para se deliciar com uma história da minha infância.

“Minha lembrança favorita.” Pensei um instante. “Todos os dias, entre sete e oito da noite.”

“Por quê?”

“Ela tomava gim-tônica. As sete em ponto. Apenas um copo. E durante uma hora ela se tornava a mulher mais feliz e engraçada que eu já conheci.”

“E depois disso?”

“Triste”, falei. “É a única palavra que a descreve. Minha mãe era uma mulher muito triste. Em relação ao meu pai, em relação a ela mesma. Se eu fosse o médico dela, prescreveria gim seis vezes ao dia.” Por um instante, senti que queria chorar. Mas passou. “E você?”

Ela não precisou pensar muito na dela, mas esperou um momento do mesmo jeito, passando a memória em sua cabeça e sorrindo.

“Não tenho nenhuma memória feliz da minha mãe. Ela começou a transar com o professor de tênis dela quando eu tinha 12 anos e sumiu no verão seguinte. Foi a melhor coisa que aconteceu para nós. Meu pai...”, e ela fechou os olhos com a lembrança, “ensinou meu irmão e eu a jogar xadrez. Quando tínhamos oito ou nove anos. Michael era bom e aprendeu bem rápido. Eu também jogava muito bem, mas ele era melhor. Porém, quando estávamos aprendendo, meu pai costumava jogar com a gente sem a rainha dele. Ele sempre ficava com as peças pretas e sempre sem a rainha. Mesmo quando fomos ficando cada vez melhores no jogo, ele não colocou a peça de volta. Jogava sem a rainha mesmo quando Michael começou a ganhar dele em dez jogadas. Chegou a um ponto em que Michael podia jogar sem a rainha dele e ainda assim ganhar. Entretanto, meu pai continuava perdendo um jogo atrás do outro, mas nunca jogou com todas as peças dele.”

Ela gargalhou e o movimento a alongou até que se deitou, apoiada nos cotovelos.

“Ah, no aniversário de 50 anos do meu pai, Michael deu uma rainha preta de presente em uma pequena caixa de madeira. Ele chorou. É estranho ver seu pai chorar. Mas acho que deu tanto prazer a ele ver a gente aprender e nos fortalecer que nunca quis perder essa sensação. Ele queria que a gente ganhasse.”

E então as lágrimas voltaram em uma grande onda, arrasando com ela e fazendo seu corpo magro tremer até ela mal conseguir respirar. Deitei e abracei-a, apertando-a forte para protegê-la de tudo.

“Está tudo bem”, falei. “Está tudo bem.”

MAS CLARO QUE nada estava bem. Nem um pouco bem.

# dezesseis

*Com habilidade, ela move sua língua eterna.*

*Para sempre, divinamente para o mal.*

EDUARD YOUNG

**Houve um** alarme de bomba no voo para Praga. Não havia bomba, mas houve muito alarme.

Estávamos nos arrumando em nossos assentos quando a voz do piloto apareceu nos alto-falantes pedindo para que desembarcássemos o mais rápido possível. Nada de “senhoras e senhores, em nome da British Airways”, ou algo assim. Apenas “saíam do avião agora”.

Ficamos esperando em uma sala pintada de lilás, com umas dez cadeiras a menos do que o número de passageiros e sem qualquer música, além de não ser permitido fumar. Mas eu estava fumando mesmo assim. Uma mulher de uniforme me disse para apagar, mas eu expliquei que era asmático e o cigarro era um remédio herbal dilatador que eu precisava usar sempre que estivesse em uma situação de estresse. Todos me odiaram por causa daquilo, principalmente os fumantes.

Quando finalmente pudemos embarcar de novo no avião, olhamos embaixo de nossas poltronas, preocupados com o cão farejador, que poderia estar resfriado naquele dia, e que talvez encontrasse um pequeno pacote preto que não tinha sido achado pela polícia.

ERA UMA VEZ um homem que foi a um psiquiatra por causa de seu enorme medo de voar. A fobia dele era baseada na crença de que haveria uma bomba a bordo de todos os aviões nos quais ele embarcava. O médico tentou acabar com essa fobia, mas não conseguiu, então mandou o paciente para um estatístico, que pegou sua calculadora e informou ao paciente que a chance de haver uma bomba no próximo voo que ele embarcasse era de uma em meio milhão. O homem ainda não tinha ficado satisfeito e ficou ali imaginando que ele estaria bem naquele um avião da

estatística. Então o estatístico fez outros cálculos e perguntou ao homem se ele ficaria feliz se a chance fosse de um para dez milhões. O homem disse que sim, com certeza. Então o estatístico disse: “A chance de haver duas bombas, separadas e sem relação uma com a outra, a bordo do próximo avião que você pegar é exatamente de uma em dez milhões.” O homem pareceu confuso e disse: “Tá bom, tudo ótimo e perfeito, mas como isso me ajuda?” O estatístico respondeu: “É simples. Leve uma bomba com você quando for embarcar.”

CONTEI ESTA HISTÓRIA para um homem de negócios que usava um terno cinza e estava sentado ao meu lado, mas ele não riu. Em vez disso, ele chamou a aeromoça e disse que achava que eu tinha uma bomba na minha bagagem. Tive de contar a história de novo para ela e depois de novo para o copiloto, que veio e se agachou ao meu lado com cara de bravo. Nunca mais tento puxar conversa por educação.

Talvez eu tenha julgado errado o que as pessoas sentem em relação a bombas em um avião. Era uma possibilidade. Uma outra boa explicação é que eu era o único que sabia de onde tinha vindo a denúncia de bomba e o que ela significava.

Era o primeiro movimento encenado da Operação Galho Seco. O AEROPORTO DE Praga era um pouco menor do que a placa que dizia “Aeroporto de Praga”, na parte da frente do terminal. A placa em escala colossalmente Stalinista me fez pensar se tinha sido feita antes dos voos com navegação por rádio, de modo que os pilotos pudessem ler a placa quando tivessem na metade do Atlântico.

Dentro... bom... um aeroporto é um aeroporto. Não importa em que lugar do mundo você está, precisa ter chão de pedra para os carrinhos de bagagem, deve ter carrinhos de bagagem e vitrines de vidro mostrando cintos de couro de jacaré que ninguém vai querer comprar nem em 1 milhão de anos.

A informação de que os tchecos haviam escapado das garras dos soviéticos não havia chegado aos oficiais da imigração, que se sentavam em suas caixas de vidro e reencenavam a Guerra Fria com olhares de nojo das fotos dos passaportes e depois dos imperialistas decadentes parados na frente deles. Eu era um imperialista e cometi o erro de usar uma camisa havaiana, o que imagino que enfatizou a minha decadência. Não

cometerei o mesmo erro da próxima vez. A menos que da próxima vez alguém já tenha achado a chave das caixas de vidro e conte a esses pobres insetos que agora eles dividem espaço cultural e econômico com a EuroDisney. Decidi que iria tentar aprender a falar em tcheco a frase: “já estou com saudades”.

Troquei dinheiro e saí para chamar um táxi. Era uma noite fria, e a vista, com mensagens stalinistas no estacionamento e um reflexo azul e cinza dos novos *outdoors* de néon no céu, faziam com que parecesse mais frio ainda. Virei uma esquina do terminal e o vento soprou forte para me dar as boas-vindas, lambendo minha cara com gosto de chuva de óleo diesel, passando por minhas bochechas e batendo em minha calça. Fiquei ali parado um momento, pensando na estranheza do lugar, totalmente consciente de que eu tinha passado de um estado para outro, em todos os sentidos.

Acabei achando um táxi e falei para o motorista em inglês fluente que queria ir a Wenceslas Square. Tá, eu sei que esse pedido era foneticamente igual a frase tcheca “Sou um turista bobão, por favor, roube tudo que tenho”. O carro era um Tatra, e o motorista, um bastardo; ele dirigia rápido, mas bem, zunindo feliz para si mesmo, como um homem que ganha nas corridas de cavalo.

FOI UM DOS cenários mais bonitos que vi em qualquer cidade. Wenceslas Square era uma grande avenida dupla que descia de uma pequena inclinação onde ficava o incrível Museu Nacional, que podia ser visto acima dela. Mesmo se eu não soubesse nada do lugar, teria sentido que esse era um lugar muito importante. História antiga e moderna tinham acontecido aos montes nesse quilômetro de pedras cinza e amarela, e deixaram um cheiro. *L’Air Du Temp de Praha*. Primaveras, verões, invernos e outonos de Praga tinham ido e vindo, e provavelmente viriam de novo.

Quando o motorista do táxi me disse o quanto de dinheiro ele queria, tive de perder alguns minutos explicando que não queria comprar o táxi, apenas pagar pelos quinze minutos que passei dentro dele. Ele me disse que era um serviço de limusine, ou pelo menos disse a palavra “limusine” e encolheu os ombros várias vezes, e acabou concordando em reduzir o que pedia para uma quantia apenas um pouco astronômica. Peguei minha mala e comecei a andar.

OS AMERICANOS ME disseram para que eu cavasse minhas próprias trincheiras, e a única maneira de parecer um homem que passa bastante tempo procurando um lugar para ficar é passar muito tempo procurando um lugar para ficar. Então parti em uma marcha confortável e andei por toda a Praga Um, que é o bairro central da cidade antiga, em mais ou menos duas horas. Vi 26 igrejas, 14 galerias e museus e uma casa de ópera – onde o menino Mozart encenou sua primeira performance de *Don Giovanni* – oito teatros e um McDonald's. Um dos lugares descritos acima tinha uma fila gigante na frente.

Parei em alguns bares para ir absorvendo o clima de lá, coisa que fiz absorvendo grandes copos de Budweiser e observando como os tchecos modernos andavam, falavam, se vestiam e se divertiam. A maioria dos garçons achava que eu era alemão, um erro bem fácil de ser cometido considerando que a cidade estava lotada de alemães. Eles viajavam em grupos de doze, com mochilas e grandes coxas grossas, e andavam em fila pelas ruas. Porém, mais uma vez, isso não era surpresa, visto que Praga fica a apenas algumas horas e um tanque cheio para muitos alemães, por isso é normal eles tratarem o lugar como o jardim de casa.

Comi um prato de carne de porco cozida e bolinhos em um café perto do rio. Depois, seguindo o conselho do casal galês da mesa ao lado, fui passear na Ponte Charles. O senhor e a senhora País de Gales me asseguraram de que era uma construção espetacular, mas graças aos milhares de cantores colocados no parapeito dela, todos cantando músicas do Bob Dylan, não consegui apreciar a beleza da ponte.

Achei uma acomodação em Zlata Praha, uma pequena e velha pensão em um morro perto do castelo. A senhoria me deu duas opções, um quarto grande e sujo ou um pequeno e limpo. Escolhi o grande e sujo, pensando que eu poderia fazer a limpeza. Depois que ela se foi, percebi que besteira tinha feito. Eu nunca tinha limpado nem o meu apartamento.

Desfiz minha mala, deitei na cama e fumei um cigarro. Pensei em Sarah, no pai dela e em Barnes. Pensei nos meus pais, em Ronnie, helicópteros, motocicletas, alemães e hambúrgueres do McDonald's.

Pensei em muitas coisas.

ACORDEI AS OITO e fiquei ouvindo os sons da cidade acordando e indo para o trabalho. O único som não familiar era o dos bondes, batendo e

assobiando enquanto andavam pelas ruas de pedra e por cima das pontes. Fiquei em dúvida se deveria continuar com a camisa havaiana ou não.

As nove eu já estava na praça da cidade, sendo incomodado por um baixinho de bigode que queria me vender um *tour* da cidade em uma carruagem. Eu seria chacoalhado levemente pela sua incrível condução autenticamente antiga, mas olhando por cima ela parecia bastante com a parte de baixo de um bugue que teve o motor arrancado e que as correias para o cavalo foram colocadas no lugar onde antes ficavam os faróis. Disse não obrigado umas doze vezes e vai se foder uma vez só.

Estava procurando um café com guarda-sóis da Coca-Cola sobre as mesas. Foi o que eles me disseram. Tom, quando chegar lá, vá ver um café com guarda-sóis da Coca-Cola sobre as mesas. O que eles não disseram, ou não sabiam, é que a Coca-Cola era muito bem representada por aqui e exibia seus guarda-sóis em uns 20 estabelecimentos ou mais, em um raio de 90 metros quadrados da praça. Já os cigarros Camel tinham apenas dois estabelecimentos, então imagino que o representante deles devia estar morto em algum beco enquanto o da Coca-Cola recebia placas de metal e uma vaga de estacionamento personalizada no quartel-general em Utah.

Achei o lugar depois de uns 20 minutos. The Nicholas. Duas libras por uma xícara de café.

Me falaram para entrar, mas era uma bela manhã e eu me sentia com vontade de não fazer o que me pediam, por isso me sentei fora com a vista da praça e dos alemães que passavam. Pedi café, e enquanto fazia isso vi dois homens saírem lá de dentro e se sentarem em uma mesa perto de mim. Os dois eram jovens e bem apessoados, e ambos usavam óculos escuros. Nenhum deles olhou em minha direção. Eles provavelmente estavam lá dentro há uma hora, tinham ficado bem posicionados para o encontro e então eu cheguei e estraguei tudo.

Perfeito.

Ajuste a posição da minha cadeira e fechei os olhos durante um tempo, deixando o sol bater nos meus pés de galinha.

“Chefe”, disse uma voz, “mas que prazer raro e especial”.

Olhei em volta e vi um sujeito com uma capa marrom com um olhar vesgo para mim.

“Tem alguém sentado aqui?”, perguntou Solomon. Ele se sentou sem esperar pela resposta.

Encarei ele.

“Olá, David”, acabei falando depois de um tempo.

PEGUEI UM CIGARRO do maço enquanto ele chamava o garçom. Olhei para os dois Óculos Escuros, mas eles estavam olhando para o mais longe possível de mim que podiam toda vez em que eu virava.

“*Kava, prosim*”, disse Solomon, no que me pareceu uma bela pronúncia. Ele se virou pra mim. “Bom café, péssima comida. É o que tenho escrito nos meus cartões postais.”

“Não é você”, falei.

“Não? Quem é então?”

Continuei encarando-o. Isso era bastante inesperado.

“Deixa eu colocar de outra forma. É você?”

“Você quer saber se sou eu sentado na sua frente ou se sou eu a pessoa com a qual você iria se encontrar?”

“David.”

“São as duas coisas, meu caro.” Solomon se recostou para o garçom pôr o café na mesa. Ele tomou um gole e estalou os lábios em aprovação. “Terei a honra de ser seu treinador pelo tempo que durar a sua estada neste território. Acredito que achará a nossa relação bastante vantajosa.”

Apontei com a cabeça na direção dos Óculos Escuros.

“Estão com você?”

“Essa é a ideia, chefe. Não é algo que gostem muito, mas é a vida.”

“Americanos?”

Ele fez que sim com a cabeça.

“Como torta de maçã. Esta operação é uma coisa conjunta. Como não se via faz tempo, pra falar a verdade. Pesando tudo é uma boa coisa.”

Pensei um pouco.

“Mas por que não me contaram? Eles sabiam que eu conhecia você, então deveriam ter me contado.”

Ele deu de ombros.

“Nós somos apenas pequenas peças de uma máquina gigante, não é meu caro?”

Bom, era verdade.

CLARO QUE EU queria perguntar a Solomon sobre tudo.

Queria voltar ao começo com ele – reconstruir tudo que sabíamos de Barnes, O’Neal, Murdah, Operação Galho Seco e Pós-Graduação – assim poderíamos triangular algum tipo de posição nessa grande confusão e talvez até conseguir um curso para sair dela.

Mas havia algumas razões que me impediam. Grandes e robustas razões que ficavam com as mãos levantadas no fundo da classe e me forçavam a ouvi-las. Se eu contasse tudo que sabia, Solomon poderia fazer duas coisas, o certo ou o errado. O certo seria, muito provavelmente, dar um jeito para que Sarah e eu fôssemos mortos e provavelmente não impediria o que estava por vir. Poderia atrasar as coisas, fazer com que acontecessem em outro lugar e em outro tempo, mas não evitaria. E o errado era melhor nem pensar. Significaria que Solomon era parte do time adversário, e quando chegamos a um ponto desses, ninguém sabe mais nada.

Então, por enquanto, fiquei quieto e ouvi Solomon discursar sobre o que deveria fazer nas próximas 48 horas. Ele falava rápido, mas calmo, e cobrimos uma boa parte das coisas em 90 minutos, graças a ele não precisar dizer “isto é muito importante” em várias frases, como os americanos faziam.

Os Óculos Escuros bebiam Coca.

EU TINHA A tarde livre, e como parecia ser a última que eu teria durante muito tempo, resolvi fazer extravagâncias. Bebi vinho, li jornais velhos, ouvi uma apresentação a céu aberto de Mahler e me diverti como se fosse um cavalheiro desocupado.

Encontrei uma francesa em um bar que me disse que trabalhava em uma companhia de softwares e perguntei se ela queria dormir comigo. Ela apenas deu de ombros, como boa francesa, e entendi aquilo como um não.

Oito da noite era o horário combinado, então enrolei em um café até dez pras oito, mandando ver em mais porco cozido com bolinhos e fumando sem parar. Paguei a conta e saí na noite fria, finalmente sentindo meu pulso acelerar com a perspectiva de alguma ação.

Sabia que não tinha nenhuma razão para me sentir bem. Sabia que o trabalho era quase impossível, que o caminho à frente era longo, duro e com pouquíssimos postos de gasolina e que minhas chances de viver por muitos e muitos anos tinham se reduzido drasticamente.

Mas, por alguma razão, eu me sentia bem.

SOLOMON ESTAVA ESPERANDO por mim na hora e no local marcados junto de um dos Óculos Escuros. Um dos pares de óculos escuros, quero dizer. Apesar de que agora ele não estava usando óculos escuros, afinal, era de noite, então precisei criar rapidamente um novo nome para ele. Depois de pensar alguns instantes, me decidi por Sem Óculos Escuros. Acho que existe um toque de índio Cree em mim.

Me desculpei pelo atraso e Solomon sorriu e disse que eu não estava atrasado, o que era irritante, e nós três entramos em um Mercedes a diesel cinza e sujo, com o Sem Óculos Escuros no volante, e partimos pela rua principal em direção ao leste da cidade.

Depois de meia hora, passamos pelos subúrbios de Praga e a estrada se dividiu em duas pistas rápidas menores, que pegamos a uma velocidade tranquila. Uma das piores maneiras de foder uma operação secreta em solo estrangeiro é ser multado por excesso de velocidade, e o Sem Óculos Escuros parecia conhecer bem essa regra. Solomon e eu fazíamos comentários esparsos sobre a vista do campo, como era verde, como algumas partes pareciam com o País de Gales – apesar de não ter certeza de que algum de nós já havia estado lá – mas fora isso não falamos muito. Em vez disso, desenhávamos nos vidros embaçados enquanto a Europa passava lá fora. Solomon fazia flores, e eu, rostos felizes.

Depois de uma hora, começaram a aparecer placas de Brno, que não parece bom se você escrever e também fica ruim quando dito em voz alta, mas eu sabia que não iríamos tão longe. Viramos para o norte em direção a Kostelec, e quase que imediatamente viramos novamente para leste em uma estrada mais estreita que a anterior e sem nenhuma placa. E isso resume as coisas.

Andamos por alguns quilômetros de floresta de pinheiros e então o Sem Óculos Escuros mudou para as luzes laterais do carro, o que diminuiu bastante a nossa velocidade. Depois de um tempo, ele apagou todas as luzes e mandou que eu apagasse o cigarro porque estava “ferrando com a visão noturna dele.”

E então estávamos lá.

Eles o estavam mantendo em um porão de uma fazenda. Por quanto tempo, eu não tinha como saber – sabia apenas que não seria por muito

mais tempo. Ele tinha mais ou menos a minha idade, minha altura e devia ter tido o meu peso antes de pararem de dar comida pra ele. Disseram que o nome dele era Ricky e que ele veio de Minnesota. Não disseram que ele estava mais do que assustado e louco para voltar para Minnesota assim que pudesse, pois não precisavam falar isso. Estava nos olhos dele, mais claro do que qualquer coisa que já estive nos olhos de alguém.

RICKY TINHA DESISTIDO aos 17 anos. Desistido da escola, desistido da família e de tudo que é possível um jovem desistir – mas então, logo depois, ele começou a entrar em outras coisas, algumas alternativas que fizeram ele se sentir melhor com ele mesmo. Pelo menos por um tempo.

Mas Ricky se sentia muito mal consigo mesmo naquele momento; muito provavelmente por ter conseguido se meter em uma dessas situações em que você está pelado no porão de um prédio estranho, em um país estranho, com estranhos olhando para você, sendo que alguns deles machucaram você durante um tempo, e outros que só estão esperando a vez deles. Passando pela cabeça de Ricky, eu tinha certeza, estavam imagens de mil filmes nos quais o herói, que se encontra na mesma situação, joga a cabeça para trás com um riso de escárnio e diz aos seus torturadores para irem pro inferno. E Ricky tinha se sentado no escuro, como milhões de outros adolescentes, e absorveu a lição de que é assim que os homens devem se comportar nas adversidades. Primeiro eles sofrem; depois se vingam.

Mas não sendo um cara brilhante – ele não era um cara nem um pouco fodão, ou qualquer que seja a palavra que eles usam para isso em Minnesota –, Ricky não tinha percebido algumas diferenças importantes que os deuses do cinema tinham sobre ele. Na verdade, havia apenas uma grande vantagem, mas que era importantíssima. Os filmes não são reais. Sério. Não são mesmo.

Na vida real, e me desculpe se estou acabando com alguma grande ilusão de alguém, homens na mesma situação de Ricky não mandam ninguém para o inferno. Eles não riem de forma insolente, não cospem em ninguém e eles com certeza e categoricamente não escapam na primeira oportunidade. O que fazem é ficar parados como uma pedra, tremendo, chorando e implorando, literalmente implorando por suas mães. O nariz

deles escorre, as pernas tremem e eles choramingam. É assim que os homens – todos os homens – são, e é assim que funciona na vida real.

Desculpe-me, mas é assim.

MEU PAI COSTUMAVA plantar morangos embaixo de uma rede. De vez em quando, um passarinho via aquelas coisas vermelhas e gordas no chão e tentava, por baixo da rede, pegar a fruta e fugir. Em geral, eles conseguiam as duas primeiras coisas – sem suar, era até bem fácil –, mas então viam que a terceira era muito difícil de conseguir. Ele ou ela ficaria preso na malha entrelaçada e haveria muito bater de asas e pios, então meu pai olhava da plantação de batatas, assobiava para mim e dizia para eu soltar o pássaro. Com cuidado. Pegar ele, soltar da rede e libertar o coitado.

Esse era o trabalho que eu mais odiava em todo o universo da minha infância.

O medo é assustador. É a emoção mais assustadora de se observar. Um animal em um estado de raiva é uma coisa, em geral, uma coisa bem alarmante, mas um animal em estado de terror – as sacudidas, os olhares, os movimentos nervosos de pânico – é algo que eu não queria ver nunca mais na vida.

Mesmo assim, lá estava eu, vendo tudo de novo.

“FILHO DA PUTA de merda”, disse um dos americanos que entrou na cozinha e logo se ocupou da chaleira.

Solomon e eu olhamos um para o outro. Ficamos sentados à mesa por uns 20 minutos sem trocar uma palavra depois de levarem o Ricky embora. Eu sabia que ele estava tão agitado quanto eu, e ele sabia que eu sabia, por isso ficamos lá sentados, eu encarando a parede e ele riscando linhas do lado de sua cadeira com a unha.

“O que vai acontecer com ele agora?”, perguntei, ainda olhando para a parede.

“Não é problema seu”, respondeu o americano, enquanto colocava pó de café em uma jarra. “Não será mais problema de ninguém depois de hoje.” Acho que ele riu ao dizer isso, mas eu não tenho certeza.

Ricky era um terrorista. Era como os americanos o viam e era por isso que o odiavam. Aliás, eles odiavam todos os terroristas, mas o que tornava Ricky especial, o que fazia com que eles o odiassem ainda mais, era o fato de ele ser um terrorista americano, e isso não parecia certo. Até o ataque

em Oklahoma,<sup>\*</sup> o norte-americano médio olhava o ato de se colocar bombas em locais públicos como uma tradição singular europeia, como as touradas. E se fosse se espalhar, a tradição iria para o leste, em direção aos jóqueis de camelos, os malditos árabes, os filhos e as filhas do Islã. Explodir shoppings e embaixadas, atirar em governantes eleitos e sequestrar 747's em nome de algo que não fosse o dinheiro era algo totalmente não americano e não de Minnesota. Mas Oklahoma mudou muitas coisas, todas elas para pior e, como resultado, Ricky iria pagar caro por sua ideologia.

Ricky era um terrorista americano e tinha envergonhado seu país. EU ESTAVA DE volta a Praga ao amanhecer, mas não fui para a cama. Bem, na verdade, fui, mas não me deitei, apenas sentei na ponta com um cinzeiro se enchendo e um maço de Marlboro se esvaziando, e fiquei encarando a parede. Se houvesse uma televisão no quarto, talvez eu tivesse assistido. Ou talvez não. Um episódio velho de *Magnum* dublado em alemão não é mais interessante do que a parede.

Eles me disseram que a polícia viria às 8 horas, mas na verdade ouvi a primeira bota na escada apenas alguns minutos depois das 7 horas. O pequeno erro deve ter ocorrido para garantir um certo ar de surpresa de minha parte, para o caso de eu não conseguir fingir tão bem. Que povo de pouca fé.

Eles eram mais ou menos uma dúzia, todos uniformizados, e fizeram o show completo, chutando a porta, gritando e quebrando coisas. O chefe da operação falava um pouco de inglês, mas aparentemente não o suficiente para entender “isto machuca”. Eles me arrastaram escada abaixo, passando pela senhoria pálida – que esperava que eu fosse o último delinquente preso e arrastado pela polícia daquele dia – enquanto outros olhavam nervosamente pelos buracos nas portas.

Na delegacia, fui colocado em uma sala durante um tempo – sem café, cigarros ou caras amistosas – e então, depois de mais gritos, alguns tapas e socos na barriga, fui jogado em uma cela; sem cinto nem cadarços.

Eles eram bem eficientes no geral.

Havia mais dois ocupantes na cela e eles não se levantaram quando eu entrei. Um deles não poderia se levantar nem se quisesse, pois estava mais bêbado do que jamais fiquei em toda a minha vida. Ele tinha uns 60 anos e

estava inconsciente, com álcool exalando por todos os poros do corpo dele e com a cabeça tão curvada sobre o peito que mal dava para acreditar que havia uma espinha ali, segurando tudo junto.

O outro homem era mais jovem, mais moreno e vestia uma camiseta e uma calça cáqui. Ele olhou pra mim uma vez, da cabeça aos pés e de volta à cabeça, depois voltou a estralar os ossos dos dedos e pulsos, enquanto eu levantava o bêbado de sua cadeira e o deitava, de forma nem um pouco gentil, no canto da cela. Me sentei exatamente em frente ao Camiseta e fechei meus olhos.

“ALEMÃO?”

Não sabia dizer quanto tempo tinha dormido porque tinham pego meu relógio também – provavelmente, para o caso de eu descobrir um jeito de me enforcar com ele –, mas a dormência nas mina mais lá e o Camiseta agora olhava para o has nádegas indicava pelo menos umas duas horas.

O bêbado não estava meu lado.

“Alemão?”, ele perguntou.

Fiz que não com a cabeça e fechei meus olhos de novo, aproveitando meus últimos momentos sendo eu mesmo, antes de entrar na personalidade de outra pessoa.

Ouvi o Camiseta se coçando. Arranhões longos, vagarosos e bem pensados.

“Americano?”, perguntou.

“Acenei que sim, ainda de olhos fechados, e senti um estranho momento de paz. Era tão mais fácil ser outra pessoa.

O CAMISETA FICOU lá preso por quatro dias e eu fiquei dez. Não podia me barbear nem fumar, e era desencorajado fortemente a comer porque quem quer que cozinhasse o fazia muito mal. Eles me interrogaram uma ou duas vezes sobre a ameaça de bomba no voo que veio de Londres e pediram que eu olhasse algumas fotos – umas duas ou três para começar e, quando começaram a perder o interesse, mostravam álbuns inteiros de facínoras –, mas fiz um grande esforço para não olhar cuidadosamente as fotos e bocejar sempre que eles me estapeavam.

Na décima noite, me levaram para uma sala branca e me fotografaram de uns cem ângulos diferentes, depois me devolveram meu cinto, meus cadarços e o meu relógio. Eles até me ofereceram uma lâmina de barbear,

mas como o cabo parecia mais afiado do que a lâmina e minha barba parecia ajudar na minha metamorfose, recusei a oferta.

ESTAVA DE NOITE lá fora, frio, escuro e uma chuva do tipo “ah, não me incomodo com isso” estava querendo cair. Andei devagar, como se não me incomodasse com a chuva nem com a maioria das coisas que a vida pudesse oferecer, e esperava que não precisasse esperar muito.

E não precisei esperar nada.

Era um Porsche 911 verde-escuro e não foi nada esperto eu ter visto e imaginado que era ele, pois os Porsches eram tão raros nas ruas de Praga quanto eu. Ele passou devagar ao meu lado durante uns 90 metros, então se decidiu, andou até o fim da rua e parou. Quando cheguei perto dele, a porta do passageiro foi aberta. Andei mais devagar, olhei a traseira e a frente dele e então coloquei a cabeça na janela e olhei para o motorista.

Ele tinha quarenta e poucos anos, um queixo quadrado e cabelo acinzentado que deu certo. Alguém do *marketing* da Porsche teria usado ele como “o típico dono” – se é que ele era mesmo o dono, o que não parecia ser o caso, considerando o trabalho dele.

Claro que, naquele momento, eu não deveria saber qual era o trabalho dele.

“Quer uma carona?”, ele falou, e poderia ser de qualquer lugar do mundo, e provavelmente era. Ele viu que eu estava pensando na oferta, por isso acrescentou um sorriso para tentar selar o negócio. Belos dentes.

Olhei atrás dele, onde o Camiseta repousava, sentado apertado no pequeno banco traseiro. Ele não vestia mais uma camiseta, claro, usava uma coisa roxa pálida que não tinha nenhuma dobra. Ele curtiu minha expressão de surpresa por alguns momentos e então acenou com a cabeça para mim – uma mistura de olá com entre no carro – e quando entrei, o motorista pisou no acelerador e soltou o freio com uma certa pressa, por isso precisei lutar para fechar a porta. Os dois pareceram se divertir com aquilo. O Camiseta, cujo nome real com certeza não era nem nunca tinha sido Hugo, colocou um maço de Dunhill na minha cara. Peguei um cigarro e apertei o isqueiro do carro para que ele ligasse.

“Para onde você vai?”, perguntou o motorista.

Encolhi os ombros e disse que talvez para o centro, mas na verdade realmente não importava. Ele fez que sim com a cabeça e continuou

sibilando para si mesmo. Acho que era Puccini. Ou talvez fosse Take That. Fiquei ali fumando, não falei nada, como se tivesse acostumado com esse tipo de coisa.

“Outra coisa”, falou o motorista. “Sou o Greg.” Ele sorriu e pensei comigo: “É claro que é.”

Ele tirou uma mão do volante e estendeu para mim. Nos cumprimentamos, curta, mas amigavelmente, e então fiquei em silêncio por um tempo, apenas para mostrar que eu mandava em mim e falava quando achasse que devia falar, não antes disso.

Depois de um tempo, ele se virou para olhar pra mim. Um olhar firme e não tão amigável. Então resolvi responder.

“Eu me chamo Ricky”, falei.

---

\* Esta obra foi escrita antes dos ataques terroristas de 11 de setembro de 2001 às torres do World Trade Center em Nova York; portanto, a maior referência que havia até então para os americanos era o ataque de Oklahoma, em 1995. (N. T.)

# P A R T E II

# dezessete

*Você não pode estar falando sério.*

JOHN MCENROE

Sou parte de uma equipe agora. Um elenco. Uma casta.

Representamos seis nações, três continentes, quatro religiões e dois gêneros. Somos um feliz bando de irmãos e uma irmã, que também é feliz e tem um banheiro só dela.

Trabalhamos pesado, jogamos pesado, bebemos pesado e até dormimos pesado. Na verdade, somos mesmo durões. Manuseamos armas de um jeito que mostra que sabemos mesmo manusear uma arma, e discutimos política de uma forma que mostra que olhamos o grande quadro das coisas.

Somos A Espada da Justiça.

NOSSO ACAMPAMENTO MUDA a cada duas semanas, e até agora já pegamos nossa água de rios na Líbia, na Bulgária, na Carolina do Sul e no Suriname. Não água para beber, claro, essas vinham em garrafas plásticas que chegavam duas vezes por semana junto com chocolates e cigarros. Até agora, A Espada da Justiça tem preferido a água Badoit, porque ela é “gentilmente com gás”, e com isso agrada (mais ou menos) os que preferem com gás e sem gás.

Não posso negar que os últimos meses operaram uma mudança em todos nós. A carga de treinos físicos, combate corpo a corpo, esquemas de comunicação, prática com armas, planejamento tático e estratégico, tudo isso havia começado com um espírito de sorrisos suspeitos e de competitividade. Essas coisas se foram, posso dizer feliz, e foram substituídas por um genuíno e formidável *esprit de corps* (*espírito de equipe*). Finalmente, começamos a entender algumas piadas depois de serem repetidas umas mil vezes; casos amorosos que acabaram amigavelmente; dividíamos a cozinha, completando um ao outro com coros de acenos e mmmms em nossas várias especialidades. A minha, que

acredito ser umas das mais populares, é hambúrguer com salada de batata. O segredo é o ovo cru.

Já estamos no meio de dezembro e em breve viajaremos para a Suíça – onde planejamos esquiar um pouco, relaxar um pouco e atirar um pouco em um político holandês.

Estamos nos divertindo, vivendo bem e nos sentindo importantes. O que mais alguém pode querer da vida?

NOSSO LÍDER, VISTO que conhecíamos o conceito de liderança, era o Francisco; Francis, para alguns, Chico, para outros, e o Zelador para mim, nas minhas mensagens secretas para Solomon. Francisco dizia que tinha nascido na Venezuela, o quinto de oito filhos, e que teve pólio na infância. Não tinha razões para duvidar de nenhuma dessas afirmações. A pólio é a suposta culpada pelos tremores da perna direita e pelo mancar teatral dele, que parecem ir e vir de acordo com o humor e com o quanto ele está pedindo para você dar ou fazer. Latifa diz que ele é bonito e acho que ela tem razão, desde que você goste de cílios de um metro e pele morena. Ele é pequeno e forte, e se eu estivesse escolhendo o elenco de Byron, provavelmente ligaria para ele, no mínimo porque ele é um ator absolutamente fantástico.

Para Latifa, Francisco é o heroico irmão mais velho – inteligente, sensível e que perdoa. Para Bernhard, ele é severo e um profissional imperturbável. Para Cyrus e Hugo, ele é um idealista inflamado que nunca acha que nada nem ninguém são suficientes. Para Benjamin, ele é o estudioso experiente, porque Benjamin acredita em Deus e quer ter certeza de cada passo. E para Ricky, o anarquista de Minnesota, de barba e sotaque, Francisco é um aventureiro roqueiro, bebedor de cerveja, que gosta de agradar aos outros e sabe todas as letras do Bruce Springsteen. Ele realmente sabe tocar tudo.

Se existir um Francisco de verdade, acho que o vi uma vez, em um voo de Marselha pra Paris. Temos um sistema de viajar em duplas, mas separados, e eu estava umas seis fileiras atrás dele, em um assento do corredor, quando um menino de uns cinco anos, sentado lá na frente, começou a chorar e resmungar. A mãe soltou o cinto de segurança dele e começou a levá-lo pelo corredor até o banheiro, quando o avião se

inclinou um pouco para um lado e o menino bateu no ombro de Francisco.

Francisco bateu nele.

Não foi forte, e não foi um soco. Se eu fosse o advogado do caso, eu conseguiria provar que não tinha passado de um empurrão, tentando ajudar o menino a se endireitar e ficar em pé. Mas não sou advogado, e o Francisco bateu nele, com certeza. Acho que ninguém, além de mim, viu aquilo, e o menino ficou tão surpreso que parou de chorar; mas aquela reação instintiva de “vai se foder”, com um garoto de cinco anos, me mostrou muito a respeito do Francisco.

Fora isso, e Deus sabe que todos nós temos dias ruins, nós sete nos dávamos muito bem uns com os outros. De verdade. Assobiávamos durante o trabalho.

A única coisa que poderia por à prova nossa união, como já aconteceu com várias operações coparticipativas ao longo da história, simplesmente não tinha acontecido. Isso porque nós, A Espada da Justiça, os arquitetos de uma nova ordem mundial e defensores da causa da justiça, na verdade, dividíamos a lavagem da louça.

Não ouvi falar de isso ter acontecido antes.

O POVOADO DE Mürren – nenhum carro, nem desordem ou atraso no pagamento de contas – ficava à sombra de três grandes e famosas montanhas: Jungfrau, Mönch e Eiger. Se você se interessa por lendas, pode querer saber que dizem que a montanha Mönch (Frade) passa seu tempo defendendo a virtude de Jungfrau (Jovem Garota) dos ataques da Eiger (Ogro) – um trabalho que parece fazer com muito sucesso e pouco esforço aparente desde o período Oligoceno, quando esses três montes de pedra, com uma inflexibilidade geológica, foram levantados e moldados ao que são hoje.

Mürren era uma pequena vila com pouquíssimas chances de crescer. Acessível apenas de helicóptero ou teleférico, há um limite para a quantidade de molhos e cerveja que consegue subir o morro e sustentar os residentes e os visitantes e, por maioria absoluta, os moradores daqui preferem assim. Há três grandes hotéis, mais ou menos uma dúzia de pequenas pousadas e umas cem fazendinhas e chalés espalhados, todos construídos com aqueles telhados exageradamente pontudos que faz com

que toda construção suíça pareça ter uma grande parte embaixo da terra. O que, dado o fascínio que eles tem por abrigos nucleares, pode bem ser verdade.

Apesar de a vila ter sido planejada e construída por um inglês, não é um local de férias inglesas atualmente. Alemães e austríacos vêm caminhar e andar de bicicleta por aqui no verão, e italianos, franceses, japoneses e americanos – basicamente qualquer um que fale a língua universal das roupas de esporte brilhantes e coloridas – vêm aqui para esqui no inverno.

Os suíços vêm aqui o ano todo para fazer dinheiro. As condições ideais de fazer dinheiro aqui vão de novembro a abril, com várias lojas de varejo fora da pista e muitas instalações de casas de câmbio, e a expectativa para o próximo ano – e já não era sem tempo – é de que fazer dinheiro se torne um esporte olímpico. Os suíços estão animados com as chances deles.

Mas havia uma coisa que tornava Mürren especialmente atraente para Francisco, essa era a nossa primeira excursão, e todos pegamos algumas borboletas. Mesmo Cyrus, e ele é duro como uma unha. Por ser muito pequena, suíça, obediente a lei e de difícil acesso, a vila de Mürren não tem uma força policial.

Nem mesmo por meio período.

BERNHARDE EU chegamos esta manhã e nos registramos em nosso hotéis; ele no Jungfrau e eu no Eiger.

A recepcionista examinou meu passaporte como se nunca tivesse visto um antes, e demorou vinte minutos para passar pela fenomenal lista de coisas que os hotéis suíços gostam de saber sobre você antes de deixar que durma em uma de suas camas. Acho que demorei para lembrar o nome do meio da minha professora de geografia, e com certeza hesitei no CEP da parteira que esteve presente no nascimento da minha bisavó, mas, fora isso, o resto foi tranquilo.

Desfiz a mala e vesti um pesado casaco fluorescente laranja, amarelo e lilás, que é o tipo de coisa que você tem de usar em uma estação de esqui se não quiser parecer suspeito, então saí do hotel e subi o morro até a vila.

Era uma bela tarde, daquelas que faz você perceber que Deus às vezes é muito bom com o clima e o cenário. As pistas infantis estavam bem vazias a essa hora, e ainda faltava uma hora para o sol se pôr atrás de Schilthorn.

De repente, as pessoas se deram conta de que estavam a uns 3 mil metros acima do nível do mar e no meio de dezembro.

Me sentei do lado de fora de um bar e fingi que escrevia cartões postais, olhando de vez em quando para uma fantástica horda de crianças francesas que seguiam a instrutora morro abaixo em uma formação de crocodilo. Eles tinham o tamanho de um extintor de incêndio, vestiam seus casacos de Gortex, deslizavam como cobras atrás da líder amazona, alguns deles totalmente eretos, outros bem curvados e uns eram pequenos demais para eu perceber se estavam eretos ou curvados.

Comecei a pensar quanto tempo demoraria para que mães grávidas aparecessem nas pistas, deslizando sobre suas barrigas, gritando instruções técnicas e assobiando Mozart.

DIRK VAN DER HOEWE, acompanhado de sua esposa escocesa Rhona e das duas filhas adolescentes, chegou ao Edelweiss às 8 horas daquela mesma noite. A jornada deles havia sido longa, seis horas de porta a porta, e Dirk estava cansado, irritado e gordo.

Os políticos em geral são gordos atualmente – tanto por trabalharem mais do que antes quanto pelo fato de modernas pesquisas dizerem que os eleitores preferem ver os dois lados da pessoa que estão votando sem ter de se inclinar –, mas Dirk parecia ser contra essa tendência. Fisicamente ele lembrava o começo do século 20, quando a política era algo que você fazia das duas às quatro da tarde, antes de entrar em uma calça bacana e partir para uma noite de carteado e patê de fígado de ganso. Ele vestia calça e jaqueta de agasalho e botas de camurça, o que não é considerado estranho se você for holandês, e um par de óculos que pendia sobre seu peito preso por um fio rosa.

Ele e Rhona ficaram parados no meio do saguão direcionando sua suntuosa quantidade de bagagens, que tinha a palavra Louis Vuitton escrita na maior parte delas, enquanto as filhas faziam cara de zangadas e batiam o pé no chão, mergulhadas em seu profundo inferno de rebeldia adolescente.

Eu observava do bar. Bernhard vigiava da banca de jornais. O DIA SEGUINTE foi um ensaio técnico, disse Francisco. Fale tudo em meia velocidade ou até mesmo em um quarto de velocidade e, se houver algum problema ou algo que pareça que vai virar um, pare e verifique. O dia

seguinte seria para o ensaio das roupas, a toda velocidade, usando o bastão do esqui como rifle, mas hoje era o ensaio técnico.

A equipe tinha eu, Bernhard e Hugo, com a Latifa como apoio; esperávamos não precisar, pois ela não sabia esqui. Dirk também não – não havia quase nenhum morro maior do que um maço de cigarros na Holanda –, mas ele havia pago pelas férias, tinha arranjado para que um fotógrafo de um jornal estivesse por lá para capturar as imagens de um cansado homem de estado se divertindo, e tudo estaria perdido se ele não fizesse uma tentativa de esqui.

Observamos Dirk e Rhona enquanto eles alugavam seus equipamentos, resmungando e batendo suas botas; continuamos observando quando subiram uns 40 metros pela pista infantil, parando às vezes para admirar a paisagem e recuperar o fôlego; vimos quando Rhona se preparou para descer e Dirk encontrou umas 150 razões para não ir a lugar algum; e então, finalmente, quando já estávamos com coceira de tanto ficar em um só lugar, parados, vimos o ministro das Finanças da Holanda, pálido com todo aquele estresse, descer uns três metros e sentar na neve.

Bernhard e eu trocamos um olhar. O único que nos permitimos desde que chegamos, então precisei me virar para coçar meu joelho.

Quando olhei de novo para Dirk, ele também estava rindo. Era uma risada que dizia “sou um louco por velocidade e adrenalina”, que deseja o perigo da mesma forma que outros homens desejam mulheres e vinhos. Sempre corro riscos fantásticos, e por causa disso eu nem deveria estar vivo. Estou vivendo um tempo extra.

Eles repetiram o exercício três vezes, subindo um pouco mais no morro a cada nova tentativa, até que a obesidade venceu a luta contra Dirk e ele resolveu ir almoçar em um café. Quando os dois iam se embarçando para sair da neve, olhei novamente para a montanha para checar as filhas, esperando poder julgar qual o nível delas de esqui e saber até onde elas iriam em um dia normal. Se elas fossem mais ou menos medrosas, provavelmente ficariam nas pistas mais baixas e passariam sempre pelos pais. Se fossem boas e odiassem os pais pelo menos metade do que demonstravam, já estariam na Hungria numa hora destas.

Não vi nenhum sinal delas e estava prestes a me virar para a parte de baixo da pista quando vi um homem em pé em uma crista acima de onde

eu estava, olhando para o vale abaixo. Ele estava longe demais para que eu pudesse ver suas feições, mas mesmo assim ele era absurdamente notável. E não era porque ele não tinha esquis, bastões, botas, óculos escuros e nem mesmo um gorro.

O que fazia dele uma pessoa notável era uma capa de chuva marrom, comprada nos classificados do *Sunday Express*.

# dezoito

*Acho que a noite não é mais do que a luz do dia doente.*

O MERCADOR DE VENEZA

“Quem vai puxar o gatilho?”

Solomon precisaria esperar para ouvir a resposta.

Na verdade, ele precisaria esperar cada uma das respostas, pois eu estava em um ringue de patinação, patinando, e ele não. Eu demorava uns trinta segundos para dar a volta completa e mandar a resposta, então eu tinha muito espaço para irritá-lo. Não que eu precisasse de muito espaço, você sabe. Me dê apenas um pedacinho de espaço e posso enlouquecer você até a morte.

“Você quer dizer o gatilho como uma metáfora?”, falei quando passei.

Olhei de leve sobre o ombro e vi que Solomon sorria e tinha levantado um pouco o queixo, como um pai bondoso, então se virou para o jogo de *curling* ao qual ele fingia assistir.

Outra volta. As caixas de som tocavam alguma música típica suíça.

“Quis dizer o gatilho de verdade, cavalheiro. O verda...”

“Eu.” E já tinha ido embora.

Estava pegando mesmo o jeito de patinar. Comecei copiando uma curva cruzando as pernas como alemã à minha frente, e funcionou muito bem. Eu estava quase conseguindo acompanhá-la, o que fez-me sentir bem. Ela devia ter uns seis anos.

“O rifle?”, outra pergunta de Solomon, falando por entre as mãos colocadas sobre a boca, como se estivesse soprando para esquentá-las.

Ele teve de esperar mais tempo por essa resposta porque eu caí do outro lado do ringue e por um momento ou dois me convenci de que tinha quebrado minha pélvis. Mas não tinha. O que foi uma pena, pois teria resolvido todos os problemas.

Finalmente, passei perto dele de novo.

“Chega amanhã”, falei.

Não era uma verdade completa, na verdade. Mas na circunstância daquela conversa, a verdade demoraria mais ou menos uma semana e meia para ser dita.

O rifle não chegaria na manhã seguinte. Alguns pedaços dele já tinham chegado.

COM MUITA INDUÇÃO da minha parte, Francisco tinha concordado em utilizar um PM L96A1. Não é um nome bonito, eu sei, e nem é fácil de lembrar; mas o PM, apelidado de “A Coisa Verde” pelo Exército Britânico – baseado no fato de ser uma coisa e ser verde –, faz sempre um bom trabalho; sendo que esse trabalho é o de atirar uma bala de 7,62 milímetros com precisão suficiente para dar a um bom atirador nas horas vagas, que definitivamente era o meu caso, uma garantia de acertar a uns bons 550 metros de distância.

Com as garantias que os fabricantes dão, disse a Francisco que se a distância fosse um centímetro a mais do que 180 metros – talvez até menos, se houvesse muito vento –, eu não atiraria.

Ele conseguiu uma “Coisa Verde” desmontada, ou, como os criadores gostavam de chamar, “um sistema de camuflagem de rifle”. O que querem dizer é que você recebe em partes, e a maioria delas já havia chegado lá. A mira comprimida tinha vindo com uma lente de 200 milímetros para a câmara de Bernhard, com o suporte escondido dentro. A culatra servia como uma parte da lâmina de barbear do Hugo, enquanto Latifa tinha conseguido colocar dois cartuchos de munição Remington Magnum em cada salto de um par de sapatos de couro caríssimo feito sob medida. Tudo que faltava era o cano, que estava passando por Wengen no teto do Alfa Romeo de Francisco – junto de outras muitas coisas de metal que as pessoas usam para esportes de inverno.

Eu mesmo trouxe o gatilho, no bolso da minha calça. Talvez eu simplesmente não seja um sujeito criativo.

Decidimos fazer aquilo sem o apoio traseiro para o ombro e nem o apoio para a mão, pois os dois eram mais difíceis de disfarçar e, francamente, eram dispensáveis. Como o tripé, que também não precisávamos. Uma arma, depois que tudo é dito e feito, não é nada mais do que um tubo, um pedaço de chumbo e um pouco de pólvora. Colocar

várias partes de fibra de carbono nela e umas listras de carro de corrida do lado não fará a pessoa na qual você vai atirar ficar mais morta. O único ingrediente extra que você precisa para fazer uma arma ser algo letal – e ainda bem que é algo bem difícil de se encontrar, mesmo neste mundo já meio ferrado – é alguém disposto a apontar e atirar.

Alguém como eu.

SOLOMON NÃO ME falou nada sobre Sarah. Nada mesmo. Como ela estava, onde estava – já ficaria feliz se ele dissesse o que ela estava vestindo na última vez que ele a viu, mas ele não disse uma palavra.

Talvez os americanos tenham dito para ele não falar nada. Coisas boas ou más. “Ouça uma coisa, David, mas ouça com atenção. Nossa análise de Lang mostra um perfil de negação de responsabilidade ao receber dados de caráter amoroso.” Alguma coisa assim. Acrescentando alguns “vamos detonar” jogados no meio do discurso. Mas Solomon me conhecia bem o suficiente para tomar suas próprias decisões a respeito do que me contar ou não. Então, ou ele não tinha nenhuma notícia a respeito de Sarah, ou as notícias que ele tinha não eram boas. Ou ainda, talvez a melhor razão de todas para ele não ter falado nada, uma que é simples e a melhor, é que eu não perguntei a ele.

Não sei por quê.

Deitado em minha banheira no Eiger, fico abrindo as torneiras com os pés e enchendo com um litro ou um pouco mais de água quente a cada quinze minutos e pensando nisso. Talvez eu tivesse medo do que poderia ouvir. Era possível. Talvez eu pensasse no risco do meu encontro camuflado com Solomon; ao estender demais o encontro, falando muito das pessoas lá do nosso país, estaria pondo em risco a vida dele e a minha. Isso também era possível.

Ou talvez – e essa é a explicação que pensei no fim, analisando com cuidado, circulando e encostando com uma graveto para ver se me mordida –, talvez, eu tenha parado de me importar. Talvez esteja fingindo pra mim mesmo que Sarah é a razão de eu fazer tudo isso quando, na verdade, agora seria uma boa hora para admitir que acabei fazendo bons amigos, descobri um propósito maior e tenho mais razões para levantar da cama de manhã depois que me juntei à Espada da Justiça.

Claro que isso não era nem um pouco possível.

Era absurdo, na verdade.

Escalei a cama e dormi o sono dos cansados.

ESTAVA FRIO. FOI a primeira coisa que notei quando abri as cortinas. Um frio do tipo cinza, seco e “lembre-se de que está nos Alpes, moleque”, e aquilo me preocupou um pouco. É verdade que isso manteria alguns esquiadores mais relutantes na cama, o que seria bom para nós. Mas também faria meu dedo ficar mais lento, a umas 33 rpm, e tornaria muito mais difícil a precisão do tiro, se é que não ficaria impossível. Pior que isso, faria o barulho do tiro ir mais longe.

Em relação a rifles em geral, a Coisa Verde não é um instrumento particularmente barulhento – nada como uma M16, que mata as pessoas de susto antes de a bala chegar nelas –, mas, mesmo assim, quando acontece de ser você segurando a coisa, e está ocupado alinhando sua mira para acertar um eminente estadista europeu, você começa a se preocupar com coisas como o barulho. A respeito de todas as coisas, na verdade. Você quer que as pessoas olhem para o outro lado por um momento, se elas não ligarem. Sabendo que, enquanto você puxa o gatilho, a um quilômetro dali, copos a caminho da boca vão parar, ouvidos vão se aprumar, sobrancelhas vão se levantar e “que foi isso, caralho” vai sair de umas cem bocas em umas doze línguas diferentes já dá uma certa paralisia de movimentos. No tênis, eles chamam isso de engasgar no golpe. Não sei como chamam isso em um assassinato. Talvez engasgar no tiro?

Tomei um bom café da manhã, acumulando calorias para o caso de a minha dieta mudar radicalmente nas próximas 24 horas e permanecer mudada até minha barba ficar cinza, e então fui para a sala de esqui no subsolo. Uma família francesa estava descendo até lá também discutindo sobre quem pegou a luva de quem, onde tinha ido o protetor solar e por que as botas de esqui machucam tanto – por isso me sentei no banco mais longe deles e resolvi não ter pressa para pegar o equipamento.

A câmera de Bernhard era pesada e desajeitada, batendo dolorosamente no meu peito e parecendo duas vezes mais falsa do que era realmente. A culatra e um cartucho de munição estavam guardados em uma bolsinha de *nylon* amarrada na minha cintura, e o cano continuava guardado dentro de um dos bastões de esqui – um ponto vermelho no cabo, para o caso de eu não conseguir saber a diferença entre um bastão que pesava uns 500

gramas e outros que chegavam a quase 2 quilos. Tinha jogado os outros três cartuchos pela janela do banheiro, razão pela qual era melhor que um cartucho fosse suficiente, pois, se não fosse, eu estaria com problemas ainda maiores – e acho que não conseguiria encarar mais problemas naquele momento. Gastei um minuto limpando minhas unhas na parte de baixo do gatilho, depois peguei a pequena peça de metal e embrulhei cuidadosamente em um guardanapo e guardei no bolso.

Me levantei, respirei fundo, passei rápido pela *família* e fui ao banheiro.

O condenado comeu um café da manhã completo.

LATIFA ESTAVA COM os óculos escuros na cabeça, que queria dizer que estava a postos, o que não queria dizer nada. Sem os óculos queria dizer que Van Der Hoes não sairia do hotel. Se tivesse com os óculos cobrindo os olhos, ele já estaria indo para as pistas.

Na cabeça, queria dizer que ele talvez, você talvez, eu talvez e tudo talvez.

Andei até a base da pista de crianças e fui em direção ao teleférico. Hugo já estava lá, vestido de laranja e turquesa, e também estava com seus óculos na cabeça.

A primeira coisa que fez foi olhar para mim.

Mesmo com todos os nossos treinos, todas as leituras de manuais, nossos acenos de cabeça de entendimento quando Francisco dava as instruções – apesar de tudo isso, Hugo olhava diretamente para mim. Soube de cara que ele continuaria me encarando até que nossos olhos se encontrassem, então olhei para ele também na esperança de que a coisa se resolvesse.

Os olhos dele brilhavam. Não há outra palavra que descreva aquilo. Brilhavam de emoção, alegria e “vamos lá”, como uma criança na manhã de Natal.

Ele colocou uma mão enluvada na orelha e ajustou seu fone de ouvido do *walkman*. “É um esquiador normal”, você teria pensado, se visse ele; mas ainda não era o suficiente para deslizar pelo mais belo cenário da paisagem desta terra de Deus. Ele tinha que colocar um Gun’s and Roses pra tocar. Eu provavelmente teria ficado irritado com os fones de ouvido, se não soubesse que na verdade estavam conectados a um pequeno receptor de ondas preso ao quadril dele e que Bernhard estava transmitindo sua previsão de tempo e embarque do outro lado da linha.

Tinha ficado combinado que eu não carregaria um rádio. A razão era que eu podia ser capturado – Latifa tinha vindo até mim e apertado meu braço quando Francisco disse isso –, mas ninguém tinha nenhum motivo para achar que teríamos alguma complicação.

Então, tudo que eu tinha era Hugo e seus olhos brilhantes.

NO ALTO DA montanha Schilthorn, a uma altitude de pouco mais de 3 mil metros, está o restaurante Piz Gloria; uma incrível construção de vidro e aço onde, pelo preço de um carro esporte decente, você consegue sentar, tomar um café e ter a vista de pelo menos seis países em um dia de céu limpo.

Se você for um pouco parecido comigo, deve levar a maior parte desse dia de sol claro descobrindo quais seriam esses seis países, mas se ainda sobrar algum tempo livre, pode gastar imaginando como os moradores de Mürren construíram o restaurante ali e quantos deles morreram durante o processo. Quando você vê uma construção dessa e lembra de quanto tempo um arquiteto britânico demora para mandar o orçamento de uma extensão para a sua cozinha, você passa a realmente admirar os suíços.

A outra coisa que torna o restaurante famoso é o fato de ele ter servido de locação para um filme do James Bond; o nome artístico de Piz Gloria virou o nome oficial do local, que ganhou também o direito de vender *memorabilia* do 007 para pessoas que não tenham falido ao pedir o café.

Resumindo, era um lugar que todo turista que fosse a Mürren deveria conhecer se pudesse, e os Van Der Hoewes decidiram, durante o jantar da noite passada, que eles podiam e iriam conhecer.

Hugo e eu descemos do teleférico no alto da montanha e nos separamos. Eu entrei e ofeguei, apontei e fiz que não com a cabeça para mostrar o quão espetacular era esta coisa de montanha, enquanto Hugo ficou lá fora fumando e brincando com seus brinquedinhos. Ele estava tentando cultivar uma personalidade de esquiador sério, que quer pistas inclinadas e boa neve, além disso, não fale comigo agora pois o baixo desta música é incrível. Eu estava feliz por bancar o turista idiota.

Escrevi mais alguns cartões postais – todos eles para um homem chamado Colin, por alguma razão – e às vezes olhava para a Áustria, ou a Itália, ou a França, ou algum outro lugar com neve, até que os garçons começaram a ficar irritados. Estava começando a imaginar se o orçamento

da Espada da Justiça poderia aguentar um segundo café quando um movimento de cores berrantes me chamou a atenção. Olhei para cima e vi que Hugo estava acenando do lado de fora.

Todo mundo do restaurante também o viu. Provavelmente milhares de pessoas na Áustria, Itália e França viram também. Somando-se tudo, era um ato grande de amorismo, e se Francisco estivesse lá teria estapeado Hugo com força, do mesmo jeito que teve de fazer muitas vezes durante o treinamento. Mas Francisco não estava lá e Hugo estava fazendo o papel de um idiota multicolorido e me deixando sem palavras. A única coisa boa de tudo isso é que ninguém ali tinha como saber com certeza para quem ou o quê ele estava acenando.

Isso porque ele estava usando óculos escuros.

FIZ A PRIMEIRA parte da descida em um ritmo tranquilo por duas razões: primeiro, queria que minha respiração estivesse tranquila quando chegasse a hora do tiro; em segundo lugar, e mais importante, porque não queria – decididamente, eu não queria – quebrar uma perna e ter de ser levado em uma maca para baixo com várias partes de um rifle ligadas a mim.

Então fiquei de lado e comecei a descer, fazendo curvas bem abertas e o mais devagar que conseguia, passando gentilmente pela pista preta até chegar a linha das árvores. A dificuldade da pista poderia ser um problema. Qualquer idiota podia ver que Dirk e Rhona não eram bons o suficiente para descer aquela pista sem cair muitas vezes, e talvez até levar um daqueles tombos de não se levantarem mais. Se eu fosse Dirk, ou um amigo dele ou até mesmo apenas um esquiador passando, diria a ele para não fazer isso. Pegue o teleférico para baixo e ache uma pista mais tranquila.

Mas Francisco confiava em Dirk. Ele sentia que conhecia seu homem. A análise de Francisco era de que Dirk era cuidadoso com o dinheiro dele – o que, imagino, é uma das qualidades que se busca em um ministro das Finanças – e que, se ele e a mulher desistissem, teriam de pagar uma taxa para que o teleférico os levasse para baixo.

Francisco estava pronto para apostar a minha vida que Dirk iria esqui.

Só para garantir, ele colocou Latifa no bar do Edelweiss na noite anterior, onde Dirk mandava alguns conhaques para dentro, e ela fez um charme dizendo o quanto admirava os homens preparados para enfrentar a

Schilthorn. Dirk pareceu preocupado no começo, mas os cílios piscantes de Latifa e seus peitos grandes o convenceram, e ele prometeu pagar uma bebida para ela na noite seguinte, se ele chegasse vivo no pé da montanha.

Latifa cruzou os dedos com as mãos nas costas e prometeu que estaria lá às 9 horas em ponto.

HUGO HAVIA MARCADO o local e agora estava lá parado, fumando um cigarro, sorrindo e normalmente se divertindo muito. Desci esquiando e passei por ele, parando para descansar alguns metros abaixo, mais no meio das árvores, apenas para lembrar a mim mesmo e a ele que eu ainda sabia tomar decisões. Me virei e olhei para cima na montanha, checando a posição, os ângulos e a camuflagem – então dei uma sacudida de cabeça para Hugo.

Ele jogou o cigarro fora, encolheu os ombros e partiu montanha abaixo, transformando uma pequena elevação e um salto desnecessariamente espetacular, mandando uma ondinha de neve para o ar enquanto parava de lado perfeitamente do outro lado da pista, por volta de 90 metros abaixo. Ele virou de costas para mim, abriu o zíper da calça e começou a mijar em uma pedra.

Eu também queria mijar. Mas sentia que, se começasse, nunca mais iria parar; continuaria mijando até que não sobrasse mais nada de mim, apenas uma pilha de roupas.

Soltei as lentes da frente da câmera, tirei a tampinha e treinei olhar para a montanha com a mira. A imagem estava embaçada por causa da condensação, então abri minha jaqueta e coloquei a mira dentro dela, tentando aquecê-la perto do meu corpo.

Estava frio e silencioso, e eu podia ouvir meus dedos tremerem quando comecei a montar o rifle.

ELE ESTAVA NA mira, e a uma distância de uns 800 metros. Estava mais gordo do que nunca, com uma silhueta que é o sonho de todo atirador. Se é que os atiradores sonham com alguma coisa.

Mesmo a uma distância como essa, dava para ver que Dirk estava tendo um péssimo dia. A linguagem corporal dele vinha em sentenças simples. Eu. Vou. Morrer. A bunda dele estava empinada, o peito, inclinado para a frente, as pernas, duras de medo e cansaço, e ele se movia em uma lentidão glacial.

Rhona fazia um trabalho um pouquinho melhor ao descer, mas não muito. Desajeitada e tremendo, mas fazendo um certo progresso, ela descia o mais devagar possível, tentando não ficar muito longe do seu marido miserável.

Esperei.

Chegando em 550 metros, comecei a respirar mais rápido, carregando meu sangue de oxigênio para estar pronto para a missão e continuar pronto depois dos 300 metros. Soltava o ar pelo canto da boca, gentilmente, para que o ar não batesse na mira.

Quando estavam em uns 370 metros, Dirk caiu pelo que eu achava que era a 15ª vez, e não parecia ter pressa nenhuma em se levantar. Enquanto ele ofegava, encaixei a mira na arma e ouvi o pino de segurança do tiro ficar preparado com um clique meio alto. Esse tiro iria ser barulhento, Jesus. Comecei a pensar em avalanches e tive de me obrigar a parar de entrar numa terrível fantasia na qual era enterrado sob toneladas de neve. E se meu corpo só fosse achado depois de uns dois anos? E se a roupa que eu estava usando estivesse muito fora de moda quando eu fosse encontrado? Pisquei cinco vezes, tentando acalmar minha respiração, minha visão e meu pânico. Estava muito frio para uma avalanche. Para acontecerem, elas precisam de muita neve e depois muito sol. Não tínhamos nenhum dos dois. Sem controle. Olhei na mira e vi que Dirk estava em pé novamente.

Em pé e olhando para mim.

Ou pelo menos olhava em minha direção, examinando as árvores enquanto tirava neve dos óculos de esqui.

Ele não tinha como me ver. Não era possível. Eu tinha me enterrado atrás de um monte de neve, cavando um caminho o mais estreito possível para apoiar o rifle, e qualquer forma que ele estivesse tentando discernir seria disfarçada pela ordem irregular das árvores.

Então, o que ele estava olhando?

Recuei mais para trás do morrinho onde eu estava escondido e olhei em volta, procurando por um solitário atleta de *cross-country*, talvez uma cabra perdida ou – quem sabe – o elenco do musical *No, No Nanette* – qualquer coisa que pudesse ter chamado a atenção dele. Segurei a respiração e olhei

devagar para a direita e para a esquerda, tentando ouvir algum som na montanha.

Nada.

Voltei à minha posição no morrinho e olhei pela mira novamente. Direita, esquerda, para cima e para baixo.

Nada de Dirk.

Levantei a cabeça do jeito que eles falam para você não fazer nunca e procurei desesperadamente algum sinal dele. Minha boca começou a ficar com gosto de sangue e meu coração começou a martelar meu peito, tentando sair de lá freneticamente.

Achei. A 270 metros. Descendo rápido. Ele vinha reto em uma parte lisa da pista, e isso já tinha o levado para o outro lado da descida. Pisquei de novo, coloquei meu olho direito na mira e fechei o esquerdo.

Dirk cruzava a pista agora. Descia em diagonal bem na minha linha de tiro. Fiquei com ele na mira facilmente – poderia ter atirado na hora em que quisesse –, mas eu sabia que esse tinha de ser o tiro mais certo de toda a minha vida. Descansei meu dedo no gatilho, tirando a folga do mecanismo e a folga da carne do dedo, e esperei.

Ele parou a mais ou menos 150 metros. Olhou para cima e para baixo. Estava suando muito e arfando com o esforço, o medo e pelo que sabia. Apontei exatamente para o centro exato do peito dele. Como tinha prometido ao Francisco. Como tinha prometido a todo mundo.

APERTE. NÃO PUXE. Aperte devagar e o mais amorosamente que conseguir.

# dezenove

*Boa-noite. Este é o  
Jornal das nove da BBC.*  
PETER SISSONS

**Não partiríamos** de Mürren nas próximas 36 horas. Isso tinha sido ideia minha.

Falei para o Francisco que a primeira coisa que todos fariam era checar as partidas de trem. Todos que partissem ou tentassem partir nas 12 horas seguintes ao atentado passariam por maus bocados independentemente de terem culpa ou não.

Ele pensou durante um tempo antes de sorrir gentilmente concordando. Acho que ficar no povoado pareceu a ele a opção mais descolada e desafiadora, e ser descolado e desafiador eram qualidades que Francisco gostaria de ver ligadas ao seu nome um dia em um perfil na revista *Newsweek*. Uma foto carrancuda com a chamada: “Francisco: descolado e desafiador”. Ou algo assim.

A verdadeira razão pela qual eu queria ficar em Mürren era porque assim eu teria chance de conversar com Solomon, mas achei que era melhor eu não dizer isso ao Francisco.

Ficamos por ali sozinhos e andamos junto com a multidão quando os helicópteros chegaram. Primeiro foi a polícia, depois a Cruz Vermelha, e então, inevitavelmente, as equipes de televisão. A notícia de um tiroteio se espalhou pela vila em quinze minutos, mas a maioria dos turistas parecia chocada demais para conversar entre si. Eles caminhavam aqui e ali, olhando, fazendo caretas e mantendo os filhos por perto.

Os suíços se sentavam nos bares e conversavam em voz baixa; eles podiam estar chateados ou preocupados com o efeito daquilo nos negócios. Era difícil dizer. É claro que eles não precisavam se preocupar. À noite, os bares e restaurantes estavam mais cheios do que nunca. Ninguém queria

perder os comentários, as teorias, os rumores ou qualquer interpretação a respeito desse terrível evento.

A primeira explicação foi que os culpados eram os iraquianos, o que parecia ser um procedimento padrão atualmente. Essa teoria durou uma hora, mais ou menos, até que os mais espertos começaram a dizer que não poderiam ter sido iraquianos, pois não conseguiriam entrar na cidade sem que alguém notasse. O sotaque, a cor da pele, se ajoelhar e rezar virado para Meca eram detalhes bem difíceis de passar despercebidos dos olhares atentos dos suíços.

A próxima teoria era de que poderia ter sido um atleta de pentatlo descontrolado; exausto depois de 32 quilômetros de *cross-country*, ele tropeça e cai, disparando acidentalmente seu rifle .22 e matando Herr Van Der Hoewe em um acidente astronomicamente improvável. Apesar de ser uma teoria esquisita, ela atraiu um grande número de adeptos, provavelmente porque não envolvia malícia, e isso era algo que os suíços simplesmente não queriam ver em seu paraíso de neve.

Os dois rumores andaram lado a lado durante um tempo, até que acabaram dando a luz, depois de um tempo, a uma teoria híbrida e bizarra: tinha sido um atleta iraquiano de pentatlo. Louco de inveja do sucesso dos escandinavos nas últimas Olimpíadas de Inverno, esse atleta iraquiano (alguém conhecia alguém que tinha ouvido o nome Mustapha mencionado por outro alguém) tinha enlouquecido e foi tomado pela fúria; e ainda devia estar solto por aí, escondido na montanha, esperando por esquiadores altos e loiros.

E então veio a calma. Os bares começaram a esvaziar, os cafés fecharam naquela noite e os garçons começaram a trocar olhares de surpresa enquanto recolhiam vários pratos intocados.

Demorou um pouco para eu também conseguir perceber o que estava acontecendo.

Os turistas, percebendo que não havia nada muito satisfatório nas explicações que circulavam pela cidade, voltaram aos seus quartos de hotel para, sozinhos ou em duplas, assistirem à todo-poderosa e assistida por todos CNN, cujo homem no local, Tom Hamilton, estava até agora dando ao mundo o benefício da frase “as últimas notícias acabaram de chegar”.

Reunidos em volta da televisão do bar Züm Wilden Hirsch, Latifa, eu e mais uns doze alemães bêbados ouvimos Tom expor a ideia de que “o assassinato provavelmente tinha sido trabalho de ativistas” – Tom recebia uns 200 mil dólares por ano para falar coisas daquele tipo. Queria perguntar a ele como poderia excluir tão rapidamente a possibilidade de ser um trabalho de pacifistas; e eu bem que poderia ter perguntado, pois Tom estava fazendo seu show em uma piscina de luzes fortes a menos de 200 metros de onde estávamos. Apenas 20 minutos antes, fiquei vendo um técnico da CNN prender um microfone de botão na gravata de Tom, que acenou para que ele fosse embora dizendo que faria aquilo ele mesmo, pois não queria que ninguém estragasse seu nó.

A nossa declaração seria mandada às 22 horas, horário local. Se Cyrus tivesse feito seu trabalho direito e a declaração tivesse chegado ao destino como planejado, então a CNN verificaria a autenticidade da coisa antes de soltar. Aliás, se o resto da equipe deles fosse como Tom, deviam estar lendo ainda a declaração. Francisco insistiu em colocar a palavra “hegemonia”, e isso provavelmente tinha os atrasado.

Finalmente, foi ao ar às 23h25, lida devagar e de forma clara, e com uma cara de “Deus, estes caras me enjoam” feita pelo âncora da CNN, Doug Rose.

A Espada da Justiça.

Mãe, vem rápido. Somos nós. O homem está falando de nós.

Acho que, se eu quisesse, poderia ter transado com Latifa naquela noite. O RESTO DA cobertura da CNN consistiu em muitas imagens de arquivo mostrando o terrorismo ao longo da história, fazendo os espectadores puxarem pela memória para lembrarem de um evento que ocorreu lá atrás na semana passada, quando um grupo de separatistas bascos bombardeou um prédio do governo em Barcelona. Um homem de barba apareceu tentando vender um livro que tinha escrito sobre fanatismo e então voltamos para a programação normal da CNN, que era dizer para as pessoas que estavam assistindo à CNN que o que elas deveriam mesmo fazer era assistir à CNN. De preferência em outro hotel, melhor do que aquele em que a pessoa estava.

Deitei na minha cama do Eiger sozinho, me enchendo de uísque e nicotina, apenas alternando o movimento das mãos, e comecei a pensar o

que aconteceria se você estivesse naquele belo hotel que eles faziam propaganda na hora em que a propaganda passasse. Isso significaria que você iria morrer? Ou ser jogado em um universo paralelo? Ou o tempo iria começar a andar pra trás?

Eu estava bêbado, entende? Foi por isso que não ouvi quando bateram. Ou talvez tenha ouvido, mas me convenci de que não tinha, e que as batidas tinham durado dez minutos, ou talvez dez horas, enquanto meu cérebro tentava sair do torpor causado pela CNN. Me levantei da cama.

“Quem é?”

Silêncio.

Eu não tinha uma arma, não tinha nenhum desejo de usar uma, então abri a porta e coloquei a cabeça para fora. O que for, será.

Um homem muito baixo estava parado no corredor. Baixo o bastante para odiar alguém da minha altura.

“Herr Balfour?”

Tive um momento de branco total. O tipo de branco que normalmente acontece com agentes trabalhando disfarçados – quando o prato que ele está equilibrando cai e então ele esquece quem deveria ser, quem é de verdade, com que mão escreve e como as portas funcionam. Beber uísque, acabei descobrindo, aumenta a frequência desses episódios.

Eu tinha consciência de que ele estava na minha frente, por isso fingi tossir e me esforcei para voltar a dominar minha mente. Balfour, sim ou não. Balfour era um dos nomes que eu usava, mas com quem? Eu era Lang para Solomon, Ricky para Francisco, Durrell para a maioria dos americanos e Balfour... pronto. Eu era Balfour para o hotel. E então, se eles quisessem me ver, e eu não tinha por que achar que queriam, também era Balfour para a polícia.

Fiz que sim com a cabeça.

“Venha comigo.”

Ele se virou e marchou pelo corredor. Peguei minha jaqueta e a chave do quarto e o segui, porque Herr Balfour era um bom cidadão que cumpria e respeitava todas as leis que conhecia e esperava que os outros também o fizessem. Quando entramos no elevador, olhei para baixo e vi que estava usando sapatos de salto. Ele era realmente muito baixo.

ESTAVA NEVANDO LÁ fora (o que, posso garantir, é onde neva normalmente, mas lembre-se de que eu estava meio bêbado ainda) e grandes discos de neve caíam do céu, como se fossem destroços de uma briga de travesseiros celestial, cobrindo tudo, deixando tudo mais suave e fazendo com que tudo importasse menos.

Andamos uns dez minutos durante os quais ele dava sete passos para cada um meu, até que chegamos a uma construção pequena nos limites da vila. Era uma casa de madeira plana e poderia ser muito velha, ou não. Tinha persianas soltas nas janelas e as marcas na neve mostravam que muitas pessoas tinham visitado a casa recentemente. Ou talvez apenas uma pessoa, que esqueceu várias coisas e teve de voltar diversas vezes.

Entrar naquela casa era uma experiência estranha, e acho que seria a mesma coisa se eu estivesse sóbrio. Me sentia como se precisasse ter trazido algo: ouro ou incenso, pelo menos. Mas não me sentia mal por não trazer mirra, porque nunca tive certeza do que era mirra.

O baixinho parou em uma porta lateral, olhou para mim sob o ombro e então bateu na porta. Depois do que pareceu um bom tempo, uma tranca se abriu, depois outra, depois mais uma e depois outra, e então, finalmente, a porta se abriu. Uma mulher de cabelo cinza examinou o baixinho por um momento, e a mim por uns três momentos, acenou com a cabeça e saiu de lado para que pudéssemos entrar.

DIRK VAN DER HOEWER estava sentado na única cadeira da sala e limpava seus óculos. Ele usava um sobretudo pesado, um cachecol no pescoço e seus pés gordos tentavam fugir pelas laterais do sapato. Eram sapatos caros, Oxfords pretos com cadarços de couro. Só notei isso porque ele parecia estudar seus sapatos também.

“Ministro, este é Thomas Lang”, disse Solomon, saindo das sombras e olhando mais para mim do que para Dirk.

Ele continuou limpando os óculos e então olhou para o chão enquanto os colocava delicadamente sobre o nariz. Finalmente, levantou a cabeça e olhou para mim. Não foi um olhar amistoso. Ele respirava pela boca, como uma criança que tentava evitar de provar os brócolis.

“Como vai você?”, perguntei e estendi a minha mão.

Dirk olhou para Solomon como se ninguém tivesse avisado que ele também teria de encostar em mim, e então, com muita má vontade, me

ofereceu uma coisa molhada com dedos nela.

Olhamos um para o outro durante um tempo.

“Posso ir agora?”, perguntou.

Solomon fez uma pausa, como se esperasse que nós três pudéssemos ficar juntos um tempo e jogar algum jogo de três pessoas.

“É claro, senhor”, respondeu.

Apenas quando Dirk se levantou eu percebi que ele era gordo – sim, ele era gordo com certeza –, mas não era tão gordo como quando chegou em Mürren.

É ISSO QUE os coletes salva-vidas da Life-Tec faziam com as pessoas, entende? É um negócio maravilhoso e faz tudo que você espera que ele faça para manter a pessoa com vida. Mas não realça o corpo. Da pessoa, quero dizer. Usado junto com roupas de esqui, pode fazer um homem parecer gordo. Já um homem como Dirk acaba parecendo um balão de barragem.

Não consegui imaginar que tipo de acordo tinham feito com ele. Ou com o governo Holandês, talvez. É claro que ninguém iria me contar. Talvez ele estivesse vindo para entrar em um ano sabático, se aposentar ou ser demitido – ou talvez tenham pego ele na cama com uma dúzia de meninas de dez anos. Ou apenas deram muito dinheiro a ele. Entendo que isso às vezes funciona com as pessoas.

Seja lá o que tenham feito, Dirk precisaria ser muito discreto nos próximos meses, pelo bem dele e pelo meu. Se ele aparecesse em uma conferência internacional na semana seguinte, discursando pela necessidade de flexibilização da taxa de câmbio entre os países do norte da Europa, a coisa iria parecer bem estranha e muitas perguntas iriam começar a ser feitas. Talvez até a CNN fosse atrás da história.

Dirk não pediu desculpas e saiu. A mulher de cabelo cinza o empurrou para que conseguisse passar pela porta e ele e o Homem Muito Baixinho desapareceram juntos na noite.

“COMO ESTÁ SE sentindo, senhor?”

Eu estava sentado e Solomon andava devagar à minha volta depois de falarmos da operação, estudando minha moral, minha fibra e minha sobriedade. Ele tinha levado um dedo aos lábios, e fingia não olhar para mim.

“Estou bem, obrigado, David. E você, como está?”

“Aliviado, chefe. É o que eu diria. Sim. Definitivamente aliviado.”  
Houve uma pausa. Ele estava pensando muito mais do que falando. “Falando nisso”, ele começou, “tenho de parabenizá-lo pelo belo tiro, chefe. Meus colegas americanos mandaram esta mensagem.”

Solomon sorriu para mim de um jeito um pouco estranho, como se tivesse chegado ao final da caixa de “Coisas Boas para Dizer” e agora tivesse de abrir a outra.

“Bem, estou muito contente de ter espalhado satisfação. E agora?”

Acendi um cigarro e tentei soltar anéis de fumaça, mas os passos de Solomon estragavam a brincadeira. Assisti à fumaça subir e se dispersar em uma forma meio indefinida, e então percebi que Solomon não havia me respondido.

“David?”

“Sim, chefe”, ele falou após uma pausa. “E agora? Esta é certamente uma pergunta inteligente e pertinente e que merece uma resposta clara e completa.”

Tinha algo errado ali. Com certeza. Solomon não fala desse jeito normalmente. Eu falo desse jeito, especialmente quando estou bêbado. Mas Solomon nunca fala assim.

“Então?”, falei. “Amarramos tudo? Trabalho feito, homens maus pegos com a mão na botija e tudo o mais?”

Ele parou em algum lugar perto do meu ombro direito.

“A verdade, chefe, é que as coisas vão ficar meio complicadas a partir de agora.”

Eu me virei para olhar pra ele e tentei sorrir. Ele não sorriu de volta.

“E qual seria o adjetivo para descrever como as coisas eram até agora? O que você diria? Se tentar atirar em alguém bem no meio do colete à prova de balas não é complicado...”

Mas ele não estava me ouvindo. E ele nunca fazia isso também.

“Eles querem que você continue.”

Bem, mas é claro que querem. Eu já sabia disso. Pegar terroristas não é o objetivo deste exercício e nunca foi. Querem que eu continue, que tudo continue até que o palco esteja montado para a grande demonstração. A

CNN bem ali, no local, com as câmeras rodando – não chegando quatro horas depois.

“Chefe”, disse, depois de um tempo, “tenho de fazer uma pergunta e preciso que me responda com sinceridade”.

Não gostei nem um pouco daquilo. Algo estava terrivelmente errado. Parecia peixe com vinho tinto. Era um homem com *smoking* e sapato marrom. Era o mais errado que as coisas poderiam ser.

“Manda”, falei.

Ele parecia mesmo preocupado.

“Vai me responder com toda a sinceridade? Preciso saber antes de perguntar.”

“David, não sei dizer.” Eu ri, esperando que ele soltasse os ombros, relaxasse e parasse de me assustar. “Se você me pedir para eu falar do seu bafo, se ele é bom ou ruim, posso responder honestamente. Se me perguntar... sei lá, qualquer outra coisa, então, sim, provavelmente eu vou mentir.”

Isso não pareceu deixá-lo satisfeito. Claro que não havia razão para o que eu falei deixar ele satisfeito, mas o que mais eu podia fazer?

Ele limpou a garganta, deliberadamente devagar, como se aquela fosse a última vez em que ele pudesse fazer isso durante um bom tempo.

“Qual é exatamente a sua relação com Sarah Woolf?”

Fiquei mais abalado com isso. Não sabia o que dizer. Então assisti a Solomon andar de um lado para o outro, devagar, mordendo os lábios, olhando para o chão e fazendo uma careta, como se alguém estivesse tentando falar sobre masturbação com seu filho adolescente. Não que eu tenha estado presente em uma situação como essa, mas acho que envolve muita vergonha e olhares para o chão e a descoberta de pedacinhos de poeira na manga do paletó que passam a exigir muita atenção de uma hora para outra.

“Por que está me perguntando isso, David?”

“Por favor, chefe. Apenas...” Dava para ver que não era o melhor dos dias para Solomon. Ele respirou fundo. “Apenas responda, por favor.”

Fiquei olhando para ele durante um tempo, odiando e sentindo pena de Solomon em partes iguais.

“Você ia dizer ‘pelos velhos tempos?’”

“Ou por qualquer outra coisa”, falou, “que faça você responder a pergunta, mestre. Velhos tempos, novos tempos, apenas me responda.”

Acendi outro cigarro e olhei para minhas mãos, tentando, como já havia tentado muitas vezes, responder para mim mesmo antes de responder para ele.

Sarah Woolf. Olhos cinzentos, com uma ponta de verde. Belos tendões. Sim, me lembro dela.

O que eu sentia? Amor? Bom, não podia saber isso com certeza, podia? Eu não sabia o bastante desse tipo de situação para saber se sentia isso mesmo ou não. Amor é uma palavra. Um som. A associação dela com um sentimento em particular é algo arbitrário, incomensurável e, por fim, sem sentido. Não, depois volto a esse pensamento, se não se importa.

E pena? Eu sentia pena de Sarah porque... por quê? Ela perdeu o irmão, o pai e agora estava trancada em uma torre negra enquanto Childe Roland\* se atrapalhava com uma escada não muito confiável. Poderia ter pena dela por causa do fato de, eu acho, ela acreditar que eu fosse o herói que iria resgatá-la.

Amizade? Pelo amor de Deus, nem conheço a mulher.

Então o que é que eu sinto?

“Estou apaixonado por ela”, ouvi alguém falar, e então percebi que tinha sido eu.

Solomon fechou os olhos por um segundo, como se aquela fosse a resposta errada, *de novo* – então se moveu devagar, relutantemente, até uma mesa perto da porta e pegou uma pequena caixa de plástico. Segurou por um momento, como se pensando se deveria me dar ou jogar lá fora, na neve; então começou a mexer nos bolsos. O que quer que ele estivesse procurando estava no último bolso que ele mexeu, e fiquei pensando que era legal ver isso acontecer com outra pessoa, pra variar, quando ele tirou uma lanterna do bolso. Ele me deu a caixa e a lanterna, então virou de costas e se afastou, para deixar eu examinar aquilo.

Bem, abri a caixa. É claro. É o que você faz quando alguém te dá uma caixa fechada. Você abre. Então levantei a tampa de plástico amarela e logo de cara meu coração parou um pouco.

A caixa continha *slides*, e eu sabia, tinha certeza absoluta de que não iria gostar do que quer que estivesse neles.

Peguei o primeiro e segurei na direção da luz da lanterna.

Sarah Woolf. Com certeza.

Um dia de sol, um vestido preto, saindo de um táxi londrino. Bom. Justo. Nada de errado com isso. Ela estava sorrindo – um sorriso grande e alegre – mas isso era permitido. Certo. Não esperava que ela ficasse chorando em seu travesseiro o dia todo. Então, próxima.

Pagando o motorista do táxi. Nada de errado mais uma vez. Você pega um táxi, anda nele e paga. É a vida. A foto foi tirada com uma lente longa, pelo menos uma 135, provavelmente maior. E a proximidade da sequência significava que tinha sido uma sequência automática. Por que alguém se importaria em tirar estas...

Vamos seguir em frente, do táxi para a calçada. Ela está rindo. O taxista olha a bunda dela, que é o que eu faria se fosse ele. Ela ficou olhando o pescoço dele e ele olha a bunda dela. Uma troca justa. Bem, não exatamente, mas ninguém disse que o mundo era perfeito.

Olhei para as costas de Solomon. Sua cabeça estava curvada.

E vamos para a próxima, por favor.

O braço de um homem. O braço e o ombro, na verdade, usando um terno cinza-escuro. Passando a mão pela cintura dela, enquanto ela joga a cabeça para trás, pronta para um beijo. O sorriso ainda é grande e feliz. Mais uma vez, quem ligava pra isso? Ninguém é puritano aqui. Uma mulher pode sair para almoçar com alguém, pode ser educada, feliz e ver a pessoa – não quer dizer que vamos precisar chamar a polícia nem nada assim, pelo amor de Deus.

Estão abraçados agora. A cabeça dela está de lado para a câmera, por isso seu rosto não aparece direito, mas estão definitivamente se abraçando. Um abraço apertado. Certo, ele não deve ser o gerente do banco dela. E daí?

Esta é quase igual, mas agora eles começaram a se virar. A cabeça dele se afastando do pescoço dela.

Estão vindo em nossa direção agora, ainda abraçados. Ainda não dava para ver a cara dele porque alguém passou na frente bem na hora. Mas o rosto dela, o que demonstra? O paraíso? Alegria? Prazer? Êxtase? Ou talvez apenas educação. Vamos para o próximo e último *slide*.

Olá, olá, pensei. Agora é a hora.

“Olá, olá”, falei em voz alta. “Agora é a hora.”

Solomon não se virou.

Um homem e uma mulher estão vindo em direção à câmera, e eu conheço os dois. Tinha acabado de admitir que estava apaixonado pela mulher, apesar de não ter certeza absoluta disso, enquanto o homem... sim, tá certo.

Ele é alto. É bonito de um jeito meio desgastado. Está vestindo um terno caro. E também está sorrindo. Os dois estão sorrindo. Daqueles sorrisos bem largos. Sorrindo tanto que parece que o alto de suas cabeças vai cair.

Claro que gostaria de saber por que, caralho, os dois estão sorrindo tanto. Se é por causa de uma piada, eu gostaria de ouvir – julgar por mim se valia a pena romper o pâncreas por ela ou não, se dava vontade de abraçar e apertar a pessoa que está do seu lado.

Claro que não é piada, e tenho certeza de que não iria rir. Certeza absoluta.

O homem na fotografia, o que está com o braço em volta de minha amada da torre negra, que está fazendo ela sorrir – a enchendo de risos, de prazer e de pedaços de si mesmo, pelo que eu saiba –, é Russell P. Barnes. VAMOS FAZER UMA pausa para respirar fundo aqui. Juntem-se a nós depois que eu jogar a caixa do outro lado da sala.

---

1 *Childe Roland to the Dark Tower Came* (*Childe Roland à Torre Negra Chegou*, em tradução livre) é um poema épico escrito por Robert Browning em 1855. (N. T.)

# vinte

*A vida é feita de choros,  
fungadas e sorrisos,  
com as fungadas predominando.*  
O. HENRY

**Contei tudo** para Solomon. Tive de contar.

Ele é um homem muito inteligente, entende? Um dos mais inteligentes que conheço, e teria sido estúpido tentar seguir em frente sem fazer uso do intelecto dele. Até ver estas fotos, eu estava basicamente por conta própria, cuidando da terra sozinho, mas já era hora de admitir que já tinha feito a minha parte e então correr para o celeiro.

Era quatro da manhã quando acabei de contar minha história e, muito antes disso, Solomon tinha aberto sua mochila e tirado de dentro dela coisas que o Solomon verdadeiro jamais ficaria sem. Tínhamos uma garrafa térmica com chá e dois copos de plástico: uma laranja para cada um e uma faca para cortá-las; e uma barra de chocolate ao leite Cadbury's de um quilo.

Então, enquanto comíamos, bebíamos, fumávamos e desaprovávamos o cigarro, contei a história da Pós-Graduação do começo até o meio: que eu não estava onde estava, fazendo o que estava fazendo, apenas em prol da democracia; não estava mantendo ninguém seguro em sua cama à noite ou fazendo do mundo um lugar mais livre e feliz; tudo que eu estava fazendo – o que estava fazendo desde que tudo isso começou – era vendendo armas.

O que significava que Solomon também estava vendendo armas. Eu era o vendedor de armas, o representante de vendas, e Solomon era alguém do departamento de marketing. Sabia que ele não iria gostar daquilo.

Solomon ouviu, acenou com a cabeça e fez as perguntas certas, na ordem certa, no momento certo. Não dava pra saber se ele acreditava ou

não em mim; mas, também, nunca pude saber estas coisas com Solomon, e provavelmente nunca conseguiria.

Quando terminei, me recostei e fiquei brincando com alguns quadrados de chocolate e imaginando se trazer Cadbury's para a Suíça era o mesmo que levar carvão para Newcastle, e decidi que não era a mesma coisa. Os chocolates suíços decaíram muito desde que eu era criança, e hoje em dia só servem para darmos de presente para as nossas tias. Além do mais, o chocolate Cadbury's dura mais, é melhor e mais barato do que qualquer outro chocolate do mundo. Mas isso é só minha opinião.

“É uma bela história, chefe, se não se importa que eu diga.” Solomon estava em pé, olhando para a parede. Se houvesse uma janela, ele provavelmente estaria olhando por ela, mas não havia.

“É”, concordei.

ENTÃO VOLTAMOS ÀS fotos e tentamos interpretar o que elas significavam. Fizemos suposições e proposições; alguns “talvez”, uns “e se” e também um “que tal?”; até que, quando a neve começou a receber uma luz não sei de onde e refleti-la através das persianas e por baixo da porta, decidimos que tínhamos coberto todos os ângulos.

Havia três possibilidades.

E muitas outras subpossibilidades, claro, mas naquele momento decidimos que queríamos trabalhar com as teorias completas, por isso juntamos tudo em três grandes pilhas, que eram as seguintes: ele estava enganando ela; ela estava enganando ele; nenhum deles estava enganando o outro, apenas se apaixonaram – dois colegas norte-americanos passando longas tardes em um uma cidade estranha.

“SE ELA ESTÁ enganando ele”, comecei pela centésima vez, “qual seria o propósito? O que ela espera ganhar com isso?”

Solomon concordou com a cabeça, depois ficou vermelho e fechou os olhos.

“Uma confissão pós-coito?” Ele se encolheu com o som das próprias palavras. “Ela poderia gravar, filmar ou algo assim e mandar para o *Washington Post*?”

Eu não gostei daquilo, e nem ele.

“Bem fraco isso, eu acho.”

Ele acenou com a cabeça, concordando. Ele continuava concordando comigo mais do que eu merecia – provavelmente porque eu não tinha ficado arrasado, como muita gente ficaria, e queria retribuir isso ao me massagear intelectualmente.

“Então ele está enganando ela?”, ele perguntou, botando a cabeça de lado, levantando as sobrancelhas e me empurrando através do portão como um cão pastor.

“Talvez”, falei. “Uma prisioneira feliz é melhor do que uma prisioneira infeliz. Ou talvez ele tenha contado uma história pra ela, falou que tudo iria ficar bem, que ele tinha o telefone do presidente, ou algo assim.”

Isto também não parecia bom.

O que nos deixava com a possibilidade número três.

Mas por que uma mulher como Sarah Woolf iria querer ficar com um homem como Russell P. Barnes? Por que ela andaria com ele, riria com ele e faria coisas horríveis com ele? Era isso mesmo que ela estava fazendo, e eu não tinha muitas dúvidas em minha cabeça a respeito disso.

Tá bom, ele era boa pinta. Estava em forma. Era inteligente, mas de uma forma estúpida. Ele tinha poder. Se vestia bem. Mas fora isso, o que mais ela tinha a ganhar? Quero dizer, ele tinha idade suficiente para ser um representante corrupto do governo dele.

Deliberei a respeito dos encantos sexuais de Russell P. Barnes enquanto voltava para o hotel. O dia estava mesmo amanhecendo agora e a neve começou a pulsar e a cair com um branco elétrico. Ela entrava pela boca da minha calça e passava por baixo das minhas botas. O pouco que ficava à minha frente sempre parecia dizer “não pise em mim, por favor, não... aah”.

Russell cuzão Barnes.

Voltei ao hotel e fui para o meu quarto o mais em silêncio que consegui. Destranquei a porta, entrei e congelei, parei imediatamente: congelei, com metade do casaco já tirado. Depois da viagem pela neve, com nada além de ar dos Alpes passando pelos meus pulmões, estava pronto para captar todos os aromas dentro de um lugar – a cerveja no bar, o xampu no carpete, o cloro da piscina no subsolo, o cheiro de protetor solar que vinha de todos os lados – e esse novo cheiro. O cheiro de algo que não deveria estar no meu quarto.

E não deveria porque estava pagando por um quarto de solteiro, e os hotéis suíços são conhecidos por serem muito observadores deste tipo de regra.

Latifa estava deitada em minha cama, dormindo, com o lençol serpenteando por cima de seu corpo nu, como uma obra de Rubens.

“ONDE VOCÊ ESTAVA, porra?”

Ela estava sentada e daí, segurando o lençol até seu queixo, enquanto eu me sentava na outra ponta da catirava minhas botas.

“Fui caminhar”, falei.

“Caminhar onde?”, ela continuou, ainda amassada de dormir e brava por eu vê-la daquele jeito. “Está nevando pra caralho. Por onde você anda com tanta neve? O que andou fazendo?”

Arranquei a última bota e me virei devagar para ela.

“Eu atirei em um homem hoje, Latifa.” Mas para ela eu era o Ricky, então pronunciava Laddifa. “Puxei o gatilho e matei um homem.” Me virei e fiquei olhando para o chão, o soldado-poeta, enojado com a fealdade da batalha.

Senti o lençol relaxar embaixo de mim. Um pouco. Ela ficou me olhando durante um tempo.

“Você andou a noite toda?”

Suspirei. “Andei. Sentei. Pensei. Sabe como é, era uma vida...”

Ricky, como eu o tinha pintado, não era um homem abençoado com a facilidade de falar bem, por isso esta resposta demorou um pouco para sair. Deixamos a vida no ar por um tempo.

“Muitas pessoas morrem, Ricky. A morte está em todo lugar. E assassinatos também.” O lençol relaxou um pouco mais, e vi sua mão se mover gentilmente até o lado da cama, perto da minha.

Por que eu continuava ouvindo esse tipo de argumento em todos os lugares que eu ia? Todo mundo faz isso, então você seria um idiota em não se juntar e ajudar o negócio. De repente, eu queria estapeá-la, contar quem eu era e o que eu realmente pensava daquilo; que matar Dirk, ou matar qualquer um, não iria mudar nada e só serviria para a porra do ego do Francisco, que já era grande o bastante para abrigar duas vezes os pobres do mundo e ainda alguns milhões de burgueses no quarto de hóspedes.

Felizmente, sou um bom profissional, então apenas concordei com a cabeça e baixei-a, suspirei mais um pouco e assisti sua mão se aproximar cada vez mais da minha.

“É bom que você se sinta mal”, ela falou depois de pensar durante um tempo. Não muito tempo, só um pouco. “Se não sentisse nada significaria que não tem amor, que não tem paixão. E não somos nada sem paixão.”

Não somos grande coisa com ela também, pensei, e comecei a tirar a camisa.

As coisas estavam mudando, entende? Na minha cabeça, quero dizer.

Foram as fotos que finalmente fizeram as coisas mudar – fizeram com que eu percebesse que fiquei pulando por aí e seguindo os argumentos de outras pessoas durante tanto tempo que cheguei no ponto de não ligar. Eu não ligava para Murdah e seus helicópteros; eu não ligava para Sarah e Barnes; eu não ligava para O’Neal e Solomon ou para Francisco e seu A Espada da Porra da Justiça. Eu não ligava pra quem tinha ganhado o argumento ou quem tinha ganhado a guerra.

E também não ligava muito para mim.

Os dedos de Latifa começaram a fazer carinho nas costas da minha mão.

QUANDO O ASSUNTO é sexo, acredito que os homens ficam presos entre uma pedra e um lugar macio e flexível.

Os mecanismos sexuais dos dois gêneros simplesmente não são compatíveis, essa é a horrível verdade. Um é um carrinho popular, bom para fazer compras, pequenas andanças pela cidade e muito fácil de estacionar; o outro é uma perua, feita para longas jornadas e para carregar muita carga – muito maior, mais complexo e de manutenção mais difícil. Você não vai comprar um Fiat Punto para mover antiguidades de Bristol para Norwich, e não vai comprar um Volvo por nenhuma outra razão que não essa. Não é que um é melhor do que o outro. Eles são apenas diferentes, só isso.

Esta é uma verdade que tentamos não admitir atualmente – porque igualdade é a nossa religião e os hereges não são bem vistos hoje do mesmo jeito que antigamente – mas preciso admitir, porque sempre senti que a humildade antes dos fatos é a única coisa que mantém um homem

racional inteiro. Seja humilde em relação aos fatos e orgulhoso em relação às opiniões, como George Bernard Shaw disse uma vez.

Bom, ele não disse isso, na verdade. Só queria colocar alguma autoridade por trás da minha observação, porque sei que você não vai gostar disso.

Se um homem se entrega totalmente a um momento sexual, então, bom, então é isso. Um momento. Um espasmo. Um evento sem duração. Se, por outro lado, ele se segura, e faz isso tentando lembrar de todos nomes que puder dos jogadores de futebol que conhece, ou qualquer que seja o seu método de se segurar, então ele é acusado de ser frio e técnico. Em qualquer uma das duas situações, se você for um homem heterossexual, sair de um encontro sexual moderno com algum tipo de crédito é uma coisa muito difícil de se fazer.

Tá, claro que os créditos não são o objetivo principal do exercício. Mas por outro lado é fácil falar isso quando você consegue se dar bem. Ganhando créditos, quero dizer. E os homens não estão conseguindo nenhum atualmente. Na área sexual, os homens são julgados pelos padrões femininos. Você pode chiar, bater o pé e fungar o quanto quiser, mas é a verdade. (É obvio que os homens julgam as mulheres em outras esferas – tratando-as de forma paternalista, tirana, excluindo, oprimindo e fazendo delas pessoas totalmente miseráveis –, mas em questões de natureza contorcionista, a palavra final é dada pelas mulheres. O Fiat Punto precisa tentar ser igual ao Volvo, e não o contrário.) Mas você não ouve um homem criticando as mulheres que levam quinze minutos para atingir o clímax; e se ouvir, não será com uma acusação implícita de fraqueza, arrogância ou egoísmo. Os homens, em geral, apenas abaixam a cabeça e dizem sim, é assim que o corpo dela funciona, é o que ela precisa de mim e não consigo fazer. Sou uma droga e por isso vou embora, assim que conseguir achar o outro pé dessa meia.

O que, pra ser bem honesto, é injusto, quase no limite com o ridículo. Do mesmo jeito que seria ridículo chamar o Fiat Punto de uma droga de carro apenas porque seu guarda-roupa não cabe no porta-malas. Pode ser uma droga por muitas outras razões – ele quebra, gasta muito óleo ou é verde limão com a palavra turbo escrita no vidro de trás –, mas não é uma droga por uma característica que ele foi feito para ter: ser pequeno. Nem o

Volvo é uma droga apenas porque não passa no canto da cancela do estacionamento e permite que você saia sem pagar.

Me queime em uma montanha de bichas se quiser, mas as duas máquinas são totalmente diferentes e pronto. Foram desenhadas para coisas diferentes, velocidades diferentes e tipos diferentes de estradas. Elas são diferentes. Não iguais.

Eu já havia dito isso. E não me sentia nem um pouco melhor.

Latifa e eu fizemos amor duas vezes antes do café da manhã e uma depois. No meio da manhã, me lembrei de Burnt Umber, que chegou a trinta e uma, um tipo de recorde pessoal.

“ME DIGA UMA coisa, Chico”, falei.

“Claro, Ricky. O que quer saber?”

Ele deu uma olhada para mim, depois pôs a mão no painel e pegou o acendedor de cigarros do carro.

Pensei por um longo e vagaroso momento em Minnesota.

“De onde vem o dinheiro?”

Viajamos uns dois quilômetros antes de ele responder.

Estávamos no Alfa Romeo de Francisco, só nós dois, viajando pela Autoroute de Soleil, vindos de Marselha e indo pra Paris. Se ele colocasse “Born In The USA” mais uma vez para tocar no rádio, provavelmente meu nariz começaria a sangrar.

Três dias haviam se passado desde o assassinato de Dick Van Der Hoewer e A Espada da Justiça estava se sentindo invencível agora, pois os jornais já tinham começado a discutir outros assuntos e a polícia estava coçando as cabeças de seu pessoal de inteligência com a falta de pistas a serem seguidas.

“De onde vem o dinheiro”, Francisco repetiu, dedilhando a direção do carro.

“Isso”, falei.

A estrada cantarolava. Larga. Reta. Francesa.

“Por que você quer saber?”

Dei de ombros.

“Só... estava... pensando, sabe?”

Ele riu como um cantor de rock enlouquecido.

“Não pense, meu caro Ricky. Apenas faça. Você é bom em fazer. Se atenha a isso.”

Também ri, pois este era o jeito de Francisco fazer que eu me sentisse bem. Se ele fosse um pouco maior, com certeza teria desarrumado meu cabelo como um grande e amoroso irmão mais velho.

“É. Mas eu só estava pensando se...”

Parei. Durante trinta segundos nos endireitamos em nossos assentos enquanto um Peugeot *Gendarme* azul-escuro passou por nós. Francisco soltou um pouco o acelerador e depois voltou ao normal.

“Estava pensando”, falei, “tipo, quando paguei o hotel, sabe... pensei que, bom, era dinheiro pacas... entende... nós somos seis... gastamos com hotéis e tudo mais... aviões... é muito dinheiro. Então fiquei imaginando... tipo, de onde vem? Alguém deve estar pagando isso, né?”

Francisco fez que sim com a cabeça com um ar de superioridade, como se tivesse me ajudando com um problema complicado que envolvesse namoradas.

“Claro, Ricky. Alguém está pagando. Alguém tem de pagar, sempre.”

“Certo. Foi o que pensei. Alguém tem de pagar. Então, tipo, pensei que... bom... quem paga?”

Ele manteve os olhos na estrada durante um tempo, depois foi se virando devagar e ficou olhando para mim. Durante um bom tempo. Tanto tempo que fiquei virando meus olhos para a pista pra ter certeza de que não havia uma frota de caminhões carregados de canivetes na nossa frente.

Entre esses olhares para a pista, encarei-o com o máximo de ingenuidade estúpida que consegui. Ricky não é perigoso, tentei dizer. Ricky é um soldado honesto. Ricky é uma alma simples que está curiosa para saber quem paga a conta. Ricky não é – nunca foi e nunca vai ser – uma ameaça.

Engasguei nervosamente.

“Você não vai olhar para a estrada?”, falei. “Quero dizer, tipo... você sabe.”

Francisco mordeu os lábios e então riu de mim e olhou de novo para a frente.

“Você lembra do Greg?”, falou em uma voz feliz e cantada.

Fiz uma careta daquelas, porque a menos que a coisa tivesse acontecido nas últimas horas, Ricky não teria certeza de que lembrava ou não dela.

“Greg”, ele repetiu. “Que tem um Porsche. E cigarros. E tirou sua foto para o passaporte.”

Esperiei um pouco e então fiz que sim com a cabeça vigorosamente.

“Greg, claro, lembro dele. Dirigia um Porsche.”

Francisco sorriu. Talvez ele estivesse pensando que não importava o que me dissesse, afinal, quando chegássemos em Paris, eu já teria esquecido.

“Ele mesmo. Bom, o Greg é um cara muito esperto.”

“É mesmo?”, falei, como se fosse um conceito novo para mim.

“Sim, com certeza. Muito esperto. Um cara esperto com dinheiro. E esperto com muitas outras coisas.”

Pensei por um instante.

“Pra mim ele parece um cuzão”, falei.

Francisco olhou para mim com surpresa, e então soltou uma gargalhada satisfeita e bateu na direção com o punho fechado.

“Ele é mesmo um cuzão”, gritou”. “Um cuzão filho da puta.”

Eu ri com ele, brilhando de orgulho por ter agradado o mestre. Aos poucos, fomos nos acalmando, então ele esticou a mão até o rádio e desligou o Bruce Springsteen. Eu poderia beijá-lo nessa hora.

“Greg trabalha com outro cara”, ele começou, ficando com a cara séria. “Zurique. São como homens de finanças. Eles têm dinheiro em volta deles, fazem negócios, cuidam de muitas coisas grandes. Coisas variadas. Sabe como é?” Ele olhou para mim e eu fiz uma careta, mostrando que estava tentando me concentrar ao máximo. Pareceu ser o que ele queria. “De vez em quando, Greg recebe um telefonema. Um dinheiro que vai entrar. Faça isto e aquilo com ele. Fique com ele. Gaste tudo. Tanto faz.”

“Quer dizer, tipo... que temos uma conta no banco?”, falei sorridente.

Ele também sorriu.

“Sim, temos conta no banco, Ricky. Temos várias contas.”

Chacoalhei a cabeça como que imaginando isso de forma ingênua, e então fiz cara de dúvida de novo.

“Então Greg paga nossas contas, mas o dinheiro não é dele?”

“Não, não é dele. Ele negocia com esse dinheiro e fica com uma parte. Uma parte grande, imagino, já que ele tem um Porsche e eu tenho esta

merda de Alfa. Mas não é mesmo o dinheiro dele.”

“De quem é?”, falei, talvez rápido demais. “Quero dizer, é de uma pessoa só? Ou várias, sei lá, como que é?”

“De um cara”, disse, e então me encarou uma última vez decisivamente, longamente, me auditando, medindo, tentando lembrar de todas as vezes que enchi o saco dele, todas as vezes que o agradei; se eu merecia receber este pedaço de informação que não tinha direito ou razão para saber. Então deu uma fungada, algo que Francisco sempre faz quando vai falar alguma coisa importante.

“Não sei o nome dele. O verdadeiro, quero dizer. Mas ele usa um nome para lidar com o dinheiro. Com os bancos.”

“É mesmo?”, falei.

Tentei fazer parecer que eu não estava ansioso pela resposta. Chico estava me provocando agora, segurando a coisa para se divertir.

“É mesmo?”, repeti.

“O nome dele é Lucas. Michael Lucas.”

Concordei com a cabeça.

“Legal”, falei.

Depois de um tempo, encostei a cabeça na janela e fingi que estava dormindo.

HAVIA ALGO ALI, pensei, enquanto viajávamos em direção a Paris, e Deus sabe que sim. Uma estranha filosofia estava em ação. Eu apenas não havia percebido antes.

Sempre pensei que Não matarás estava no topo da lista, e era “O Mandamento”. Cobiçar as coisas do vizinho, obviamente, era algo a se evitar; igual a não cometer adultério, não honrar teu pai e tua mãe e não adorar ídolos.

Mas “Não matarás”, isso sim é um mandamento. É aquele que todos se lembram, porque parece ser o mais correto, o mais verdadeiro, o mais absoluto.

O que todos se esquecem é o de não dar falso testemunho do próximo. Parece tolo se comparado a “Não matarás”. Parece menor. Uma ofensa de trânsito.

Mas quando está diante de você e suas entranhas reagem segundos mais rápido do que seu cérebro consegue digerir o que escutou, você percebe

que a vida, a moralidade, os valores – eles simplesmente não funcionam do jeito que você imaginava.

MURDAH ATIROU NO pescoço de Mike Lucas e isso foi uma das coisas mais cruéis que já vi, e olha que minha vida é marcada por muitas coisas cruéis. Mas quando Murdah decidiu, por razões de conveniência, diversão ou capricho administrativo, levantar um falso testemunho contra o homem que ele matou – tirar dele não só sua vida física, mas sua moral também; a existência dele, a memória, a reputação, usando o nome dele, sujando o nome dele apenas para cobrir seu rastro –, podendo assim jogar a culpa do que estava por vir em um agente da CIA de 28 anos que o sucesso subiu à cabeça, foi neste ponto que as coisas começaram a mudar.

Foi neste ponto que comecei a ficar bravo de verdade.

# vinte e um

*Acho que estourei um botão da minha calça.*

MICK JAGGER

**Francisco nos** deu dez dias de folga para descansarmos e nos divertirmos.

Bernhard disse que iria para Hamburgo e alguma coisa em seu rosto dizia que isso envolveria algo sexual; Cyrus ia para Evian Les Bains, pois sua mãe estava morrendo – apesar de sabermos depois que ela estava morrendo em Lisboa, e Cyrus queria estar o mais longe possível quando ela se fosse; Benjamin e Hugo foram para Haifa pra mergulhar; Francisco iria ficar na nossa casa em Paris, fazendo o papel de comandante solitário que cuida das coisas.

Eu disse que iria para Londres, e Latifa falou que iria comigo. “Vamos nos divertir pra caralho em Londres. Vou te mostrar um monte de coisas. Londres é uma baita cidade”, ela falou sorrindo e fez aquele joguinho com seus cílios.

“Vai se foder”, falei. “Não quero você me seguindo o tempo todo.”

Foram palavras bem duras, claro, e eu não queria ter colocado as coisas daquela forma. Mas o risco de estar em Londres com Latifa ao meu lado e um idiota na rua gritar para mim “Ei, Thomas, quanto tempo! Quem é a gata?” era ruim demais até de pensar. Eu precisava me mover livremente por lá e descartar a Latifa daquele jeito foi a única maneira que encontrei.

Claro que eu podia ter inventado uma história de que precisava visitar meus avós, ou meus sete filhos, talvez meu médico de doenças venéreas, mas no fim achei que “vai se foder” seria o menos complicado.

VOEI DE PARIS para Amsterdã com o passaporte de Balfour, depois passei uma hora tentando despistar qualquer americano que fosse esperto o suficiente para me seguir. Não que eles tivessem alguma razão em particular para me seguir. O atentado em Mürren tinha deixado eles bem

satisfeitos e os convenceu de que eu era um profissional sólido, além do que, Solomon tinha recomendado um bom espaço de tempo até o próximo contato.

Mesmo assim, queria que tudo corresse mais do que bem nos próximos dias, sem ninguém, de nenhum lado, aparecendo e falando “olá, o que está fazendo?” quando eu estivesse fazendo algo ou indo a algum lugar. No aeroporto de Schiphol, comprei uma passagem para Oslo e depois joguei fora, então comprei uma muda de roupas e um par de óculos, fiquei um tempo dentro do banheiro e então emergi de lá como Thomas Lang, o conhecido João Ninguém.

Cheguei no aeroporto de Heathrow às 18 horas e fiquei no hotel Post House, que é um lugar bom de ficar porque é bem perto do aeroporto, é um lugar horrível, mas é bem perto do aeroporto.

Tomei um longo banho, depois deitei na cama com um maço de cigarros e um cinzeiro e liguei para Ronnie. Eu precisava pedir um favor a ela, entende? Um favor daqueles que você precisa de um tempo antes de pedir – então eu estava preparado para um longo bate-papo.

Conversamos bastante, o que foi legal. Aliás, seria legal de qualquer forma, mas foi mais porque o Murdah, no longo prazo, iria pagar essa ligação. Da mesma forma que pagaria pelo champanhe e pelo filé que pedi no serviço de quarto e pelo abajur que eu quebrei quando tropecei no pé da cama. Claro que sabia que ele levava algo como um milésimo de segundo para ganhar o valor que eu estava gastando – mas, quando você entra em uma guerra, precisa estar preparado para viver de pequenas vitórias como essas.

Enquanto espera pela grande vitória.

“SENTE-SE, SENHOR COLLINS.”

A recepcionista apertou um botão e falou para o ar.

“O senhor Collins está aqui para ver o senhor Barraclough.”

Claro que ela não falava com o ar. Era um minúsculo microfone anexado ao fone de ouvido que ela usava, escondido em algum lugar dos longos cabelos dela. Mas demorei uns cinco minutos para perceber isso, tempo no qual quis chamar alguém e dizer que a recepcionista estava tendo uma séria alucinação.

“Não vai demorar mais do que um minuto”, ela disse. Não tenho certeza se foi para mim ou para o microfone.

Nós dois estávamos no escritório da Smeets Velde Kerkplein, que, se não servisse para mais nada, no mínimo me renderia muitos pontos em um jogo de caça-palavras; e eu era Arthur Collins, o pintor de Taunton.

Não tinha certeza se Philip iria se lembrar de Arthur Collins, mas isso realmente não importava agora; o que eu precisava era de uma desculpa para ir até lá, no décimo segundo andar, e Collins pareceu a melhor aposta. Melhor do que tentar o “Sou o cara que dormiu com sua noiva uma vez”.

Fiquei em pé e andei devagar pela sala, com a cabeça um pouco de lado, do jeito que um pintor faria, e analisei as obras de arte corporativa que cobriam as paredes. Elas eram, em sua maioria, grandes borrões de cinza e azul-turquesa, com estranho – aliás, muito estranho – traço de escarlate. Elas pareciam ter sido feitas em laboratório, e provavelmente foram mesmo, especialmente para maximizar os sentimentos de confiança e otimismo no investidor que vinha pela primeira vez na SVK. Isso não funcionou comigo, mas eu tinha ido lá por outras razões.

Uma porta de carvalho amarela se abriu e Philip pôs a cabeça para fora. Ele me encarou por um tempo, então saiu segurando a porta aberta.

“Arthur”, falou meio hesitante. “Como vai?”

Ele usava suspensórios amarelos brilhantes.

PHILIP ESTAVA DE costas para mim e começava a me servir um café.

“Meu nome não é Arthur”, falei, enquanto sentava em uma cadeira.

Ele olhou em volta e depois de novo para a frente.

“Merda”, falou e começou a chupar o café da camisa. Então se virou e gritou em direção à porta. “Jane, querida, traga um pano para mim, por favor?” Ele olhou para a bagunça que tinha feito com café, leite e os biscoitos e decidiu não se incomodar com aquilo.

“Desculpe”, falou, ainda lambendo a camisa, “você estava dizendo?” Ele passou por mim e foi se refugiar no santuário atrás de sua escrivaninha. Quando chegou lá, sentou bem devagar. Ou ele tinha uma hemorroida ou achava que eu poderia fazer algo perigoso. Sorri, mostrando que ele tinha mesmo uma hemorroida.

“Meu nome não é Arthur”, repeti.

Houve uma pausa e milhares de respostas passaram pela cabeça de Philip, rodando pelos seus olhos como uma máquina caça-níquel.

“Oh”, ele acabou dizendo.

Deu dois limões e um cacho de cereja. Puxe a alavanca novamente.

“Infelizmente, Ronnie mentiu para você aquele dia”, falei, meio que me desculpando.

Ele se recostou na cadeira com a cara fixa em um sorriso bacana, prazeroso e que dizia “nada que você disser pode abalar o meu sorriso”.

“Ela mentiu, não?” Uma pausa. “Mas que garota malvada.”

“Não foi por culpa. Quero dizer, você precisa entender que não aconteceu nada entre nós.” Fiz uma pausa – mais ou menos do tempo que se leva para dizer “fiz uma pausa” – e então joguei a bomba. “Não naquela época.”

Ele hesitou. Visivelmente.

Bom, mas é claro que foi visível. Senão eu não teria como saber. O que quero dizer é que ele hesitou tão fortemente que quase pulou da cadeira. Foi forte o suficiente para satisfazer um jogador de críquete.

Ele olhou para baixo, encarou seus suspensórios e arranhou um dos prendedores dele com a unha.

“Não naquela época. Entendo.” Depois olhou novamente para mim. “Desculpe, mas sinto que preciso perguntar qual é o seu nome antes de continuarmos. Já que não é Arthur Collins, entende?” Ele se arrastava, em pânico e desesperado, mas tentava não demonstrar. Não na minha frente.

“Meu nome é Lang, Thomas Lang. E deixe-me dizer que entendo perfeitamente o quanto isto é chocante para você.”

Ele acenou mandando pra longe a minha tentativa de me desculpar e ficou em silêncio um tempo, mordendo os nós dos dedos e pensando no que iria fazer em seguida.

Ele estava na mesma posição cinco minutos depois, quando a porta se abriu e uma garota com uma camisa listrada, presumivelmente Jane, apareceu com um pano de prato e Ronnie.

As duas mulheres ficaram paradas na porta, com os olhos correndo pela sala, enquanto Philip e eu nos levantamos e deixamos nossos olhos fazerem o mesmo. Se você fosse um diretor de cinema, teria um grande trabalho em decidir onde colocar a câmera agora. O cenário continuou o mesmo,

com a gente ainda parado em nosso inferno social, quando Ronnie quebrou o gelo.

“Querido”, ela falou.

O pobre Philip deu um passo à frente depois de ouvir isso.

Mas Ronnie veio em minha direção, então Philip teve que direcionar seu gesto para Jane, dizendo que aconteceu isso com o café e aquilo com os biscoitos, será que poderia me ajudar, por favor?

Quando ele acabou e se virou para nós, Ronnie estava em meus braços e me abraçava como um trem expresso. Também abracei-a, pois a ocasião pedia por isso, e também porque eu queria. Ela estava cheirosa.

Depois de um tempo, Ronnie me soltou e se inclinou para trás para olhar pra mim. Acho que talvez houvesse lágrimas em seus olhos, daí percebi que ela estava entrando de cabeça naquilo. Então ela se virou para Philip.

“Que posso dizer, Philip?”, que era o que ela poderia falar mesmo.

Philip coçou o a nuca, ficou um pouco vermelho e então voltou a dar atenção para a mancha de café na sua camisa. Ele era um homem inglês mesmo.

“Deixe isso pra depois, Jane”, ele falou sem olhar para cima. Aquilo foi música para os ouvidos dela, e Jane saiu da sala em um segundo. Philip tentou um riso galante.

“Então”, ele começou.

“É”, falei. “Então.” E ri também, do mesmo jeito desajeitado que ele. “Acho que é isso. Me desculpe, Philip. Sabe como é...”

Ficamos ali parados, os três, por mais uma década, esperando alguém dos bastidores sussurrar o texto para nós. Então Ronnie se virou para mim e os olhos dela diziam que a hora era agora.

Respirei fundo.

“Falando nisso, Philip”, eu disse, saindo de perto de Ronnie e indo até a mesa dele, “estava imaginando se poderia pedir... hum, você sabe, pedir um favor.”

Philip olhou para mim como se eu tivesse jogado um prédio nele

“Um favor?”, ele disse, e vi que estava pensando nos prós e contras de ser gentil.

Ronnie bateu o pé atrás de mim.

“Não faça isso, Thomas”, ela falou. Philip olhou para ela e se encolheu de leve, mas ela não prestou atenção. “Você prometeu que não faria isso”, ela sussurrou.

Aquilo funcionou bem.

Philip respirou e viu que o ar, se não era doce, também não era tão azedo quanto ele achava, pois se há trinta segundos mostramos que eramos o único casal feliz naquela sala, agora parecia que começaria uma briga.

“Que tipo de favor?”, ele quis saber, cruzando os braços.

“Eu falei que não, Thomas.” Era Ronnie de novo, desta vez muito brava.

Virei metade do corpo, falando para ela, mas ainda olhando para a porta, como se já tivéssemos tido aquela discussão algumas vezes.

“Olha, ele pode dizer se não quiser, não pode? Quero dizer, poxa vida, só vou perguntar.”

Ronnie deu alguns passos para a frente, chegando até a ponta da mesa, até estar no meio do caminho entre nós. Philip olhou para as coxas dela, e pude ver que ele julgava as posições que estávamos. Ainda não perdi o jogo, ele pensava.

“Você não vai se aproveitar dele, Thomas”, disse Ronnie, se aproximando da escrivaninha. “Não vai. Não é justo. Não neste momento.”

“Ah, pelo amor de Deus”, falei e baixei a cabeça.

“Que tipo de favor?”, Philip repetiu, e senti a esperança crescer dentro dele.

Ronnie chegou mais perto ainda.

“Não, Philip, não”, ela falou. “Não faça isso. Nós já vamos, vamos deixar você...”

“Olha”, falei, ainda com a cabeça baixa. “Talvez eu não tenha uma chance como esta de novo. Preciso perguntar pra ele. É o meu trabalho, lembra? Perguntar as coisas.” Comecei a ficar sarcástico e desagradável, e Philip estava adorando cada segundo daquilo.

“Não ouça ele, Philip, me desculpe...”, ela falou e lançou um olhar de raiva pra mim.

“Não, tudo bem”, ele falou e olhou para mim, pensando que tudo que precisaria fazer agora era não errar. “Qual é o seu trabalho, Thomas?”

Aquilo foi legal. Thomas. Um doce, amigável e sólido jeito de se dirigir ao homem que acabou de roubar sua noiva.

“Ele é jornalista”, respondeu Ronnie, antes de mim. A palavra jornalista saiu como se fosse uma ocupação terrível. O que, bem, na verdade...

“Você é jornalista e quer me perguntar algo?”, perguntou Philip. “Bom, manda bala.” Ele estava sorrindo agora. Um bom perdedor. Que cavalheiro.

“Thomas, se pedir para ele num momento como este, depois do que tínhamos concordado...” Ela deixou aquilo no ar. Philip queria que ela terminasse.

“O quê?”, falei, de forma bem truculenta.

Ronnie me olhou furiosa e virou nos saltos para olhar a parede. Ao fazer isso, ela esbarrou de leve no cotovelo de Philip, e percebi que ele arquejou levemente. Foi muito bem feito. Estou perto agora, ele pensou. Foi fácil.

“Fazer uma matéria a respeito do colapso das nações-estado”, comecei de forma cansada, quase bêbada. Os poucos jornalistas com quem conversei durante a minha vida pareciam ter uma coisa em comum: uma atitude de exaustão constante por ter de lidar com pessoas que não são tão fantásticas quanto eles. Estava tentando fazer igual, e a coisa estava funcionando bem. “A supremacia das multinacionais sobre os governos”, me arrastei, como se cada pateta desta terra devesse saber que esse era o assunto quente do momento.

“E para que jornal é a matéria, Thomas?”

Me larguei na cadeira. Agora os dois estavam em pé, juntos, do outro lado da escrivaninha, enquanto eu ficava sozinho. Tudo que precisava era arrotar algumas vezes e começar a tirar o espinafre dos meus dentes, então Philip saberia que era o vencedor.

“Qualquer um que quiser a matéria, basicamente”, falei, com um gesto rabugento.

Philip estava com pena de mim nesse momento, pensando em como pôde acreditar que eu seria uma ameaça para ele.

“E você quer o que... informações?” Ele se preparou para a vitória.

“Sim, isso. Sobre a movimentação financeira, na verdade. Como as pessoas passam por cima das leis de circulação financeira, levando dinheiro de um lugar para o outro sem que ninguém saiba. O que souber dos

bastidores disso em geral já está bom. E um ou dois casos específicos que me interessam.”

E até arrotei de leve quando falei aquilo. Ronnie ouviu e se virou pra mim.

“Ah, manda ele passear, Philip, pelo amor de Deus”, ela falou e me lançou um olhar assustador. “Ele invade seu escritório e...”

“Olha, será que você pode cuidar da sua vida?”, falei. Fiz cara feia pra ela também, e você poderia jurar que havíamos tido um casamento infeliz durante anos. “O Philip não se importa, não é mesmo, Phil?”

Ele estava prestes a dizer que não se importava nem um pouco, que tudo ia muitíssimo bem do ponto de vista dele, mas Ronnie não deixou que ele falasse. Ela estava cuspidando fogo.

“Ele só está sendo educado, seu idiota”, ela gritou. “O Philip tem boas maneiras.”

“Diferentemente de mim?”

“Você que está dizendo.”

“Você nem precisava dizer.”

“Ah, mas você é tããão sensível.”

Estávamos afiados. E mal tínhamos ensaiado.

Houve uma pausa longa e má, e talvez Philip tenha começado a pensar que as coisas poderiam começar a escapar do controle dele no último momento, porque falou:

“Você quer rastrear movimentações específicas de dinheiro, Thomas? Ou apenas os mecanismos que as pessoas usam para fazer essas movimentações?”

Bingo.

“Se possível os dois, Phil”, respondi.

DEPOIS DE UMA hora e meia, deixei Philip, o computador dele e uma lista de “bons amigos que deviam uma pra ele”, e fui em direção a Whitehall, onde tive um almoço absolutamente revoltante com O’Neal. Mas pelo menos a comida estava muito boa.

Falamos de repolhos e reis durante um tempo, então observei O’Neal mudar gradualmente de cor do rosa para o branco e depois verde, enquanto eu contava a história até aquele instante. Quando contei o que

achava ser um final razoavelmente excitante para a coisa toda, ele ficou cinza.

“Lang”, ele guinchou durante o café, “você não... quero dizer... eu não posso pensar em você fazendo...”

“Senhor O’Neal”, falei, “não estou pedindo sua permissão.”

Ele parou de guinchar e só ficou ali parado, com a boca abrindo e fechando vagamente. “Estou dizendo a você o que acho que vai acontecer. Como uma cortesia.” O que, tenho de admitir, era um palavra estranha de se usar em uma situação como aquela. “Quero que você, Solomon e o seu departamento sejam capazes de sair de tudo isso sem serem alvejados por muitos ovos. Use o que estou dizendo ou não. A decisão é sua.”

“Mas...”, ele falou meio confuso, “você não pode... quero dizer... eu posso denunciar você para a polícia.” Acho que até ele percebeu o quão tola era aquela afirmação.

“Claro que pode. Se quer que o seu departamento seja fechado em 48 horas, com seus escritórios sendo transformados em creche para o Ministério da Agricultura e Pesca, tudo bem, me denunciar a polícia seria um ótimo jeito de agir. Agora, tem o endereço ou não?”

Ele estreitou a boca e então se chacoalhou para acordar, tomou uma decisão e começou a dar olhares grandes e teatrais para o salão do restaurante, como que dizendo às outras pessoas que comiam lá: “Não Vou Dar a este Homem nenhum Pedaco de Papel Importante”.

Peguei o endereço, terminei meu café e me levantei da mesa. Dei uma olhada para trás quando já estava na porta e tive a impressão de que O’Neal estava pensando em como dar um jeito de tirar férias no próximo mês.

O ENDEREÇO ERA em Kentish Town, e acabou sendo um daqueles conjuntos de apartamentos de baixo custo construídos nos anos 1960, com partes de madeira recém-pintadas, floreiras, sebes aparadas e uma área lateral de garagens. O elevador ainda funcionava.

Fiquei em pé esperando no corredor aberto do segundo andar, tentando imaginar a série de erros burocráticos que levou aquele conjunto habitacional a ser tão bem cuidado. Em outras partes de Londres eles recolhiam as latas de lixo das ruas das pessoas de classe média e as levavam para dentro dos conjuntos, antes de botar fogo em alguns carros no meio

da rua. Mas não aqui, obviamente. Aqui o prédio tinha dado certo e as pessoas conseguiam viver com um bom grau de dignidade e não sentir que o resto da sociedade desaparecia no horizonte. Me senti com vontade de escrever uma carta formal para alguém. Depois rasgar a carta em pedacinhos e jogar no gramado lá embaixo.

A porta de vidro do apartamento 14 se abriu e uma mulher apareceu.

“Olá”, falei. “Meu nome é Thomas Lang. Estou aqui para falar com o senhor Rayner.”

BOB RAYNER DAVA comida para o peixe dourado enquanto eu dizia a ele o que queria.

Agora ele estava usando óculos e uma malha de golfe amarela, que imagino ser algo permitido aos homens durões quando eles estão de folga, e ele pediu a mulher que trouxesse chá e biscoitos. Nossos primeiros dez minutos foram estranhos, quando perguntei da cabeça dele e Rayner me disse que ainda tinha umas dores de cabeça chatas, e eu me desculpei por aquilo, ms ele disse para eu não me preocupar, porque ele já tinha essas dores de cabeça antes de eu bater nele.

E então essa parte tinha acabado. Água sob a ponte. Bob era um profissional, entende?

“Você acha que consegue?”

Ele deu um tapinha do lado do aquário, o que não pareceu impressionar o peixe nem um pouco.

“Vai custar caro”, disse depois de um tempo.

“Sem problema”, falei.

E não tinha problema mesmo. Porque era Murdah que iria pagar.

# vinte e dois

*Os espertos homens de Oxford  
Sabem tudo o que há para saber  
Mas nenhum deles sabe a metade  
Do que o inteligente Sr. Toad.*  
KENNETH GRAHAME

O resto do meu tempo em Londres foi gasto com preparações de um tipo ou de outro.

Escrevi na minha máquina uma longa e incompreensível declaração descrevendo apenas as partes da minha aventura nas quais eu me comportei como um homem bom e inteligente, depois a coloquei nas mãos do senhor Halkerston no Banco Nacional Westminster na Swiss Cotage. Ela era longa porque eu não tinha tempo de fazer uma versão curta e era incompreensível porque a minha máquina não tinha a letra “d”.

Halkerston me olhou preocupado, não sei se por minha causa ou pelo gordo envelope marrom que dei pra ele. Ele me perguntou se eu tinha alguma instrução especial a respeito de quando o envelope deveria ser aberto, e quando eu disse a ele que usasse o bom senso, ele colocou o envelope na mesa e chamou alguém para levar logo para o cofre.

Também converti o dinheiro que Woolf tinha depositado para mim em traveller’s cheques.

Me sentindo excitado, fui até a Blitz Eletronics, na Tottenham Court Road, onde passei uma hora com um homem muito simpático de turbante falando a respeito de radiofrequência. Ele me assegurou que o Sennheiser Mikroport SK 212 era absolutamente o equipamento, e que eu não deveria aceitar nada diferente dele, por isso eu não aceitei outro.

Depois fui para Islington me encontrar com o meu advogado, que apertou minha mão e ficou quinze minutos me dizendo que deveríamos jogar golfe novamente. Disse a ele que era uma ideia esplêndida, mas,

corrigindo a coisa, precisaríamos jogar golfe primeiro para depois podermos jogar de novo, o que fez com que ele ficasse vermelho e dissesse que deve ter me confundido com um Robert Lang. Respondi que sim, devia ter sido isso, e fui em frente em ditar e assinar meu testamento, no qual deixava tudo o que tinha para o Fundo de Apoio à Criança.

E então, faltando apenas quarenta e oito horas para eu voltar para a trincheira, trombei com Sarah.

QUANDO DISSE QUE trombei com ela, realmente quis dizer que trombei com ela.

Aluguei um Ford Fiesta por uns dois dias para circular por Londres e fazer as pazes com o Criador e os meus credores, e o curso das coisas a fazer acabou me levando às proximidades de Cork Street. Então, sem nenhuma razão pela qual eu aceite levar a culpa, virei à esquerda, depois à direita e esquerda de novo e me encontrei passando por várias galerias – a maioria fechada – e pensando em dias mais felizes. Claro que eles não tinham sido nem um pouco felizes. Mas foram dias, e Sarah estava neles, portanto, o cenário está perto o suficiente do que descrevi.

O sol estava fraco e brilhante, e acho que “Isn’t She Lovely?” tocava no rádio quando virei a cabeça, por apenas um segundo, para olhar o prédio todo de vidro. Quando olhei de novo para a frente, um *flash* de azul se lançou na frente do carro, saindo de trás de uma peruca.

Se atirou era a palavra que eu usaria se fizesse um boletim de ocorrência. Mas acho que caminhou, andou e passou – qualquer uma dessas palavras estaria perto da verdade.

Pisei no freio bem depois do que deveria e assisti aterrorizado quando o *flash* azul se afastou do carro, se equilibrou e depois bateu com as mãos fechadas no capô do carro quando o para-choques dianteiro deslizava em direção às suas canelas.

Sobrou um fio de cabelo de espaço. Sério. Se o para-choques estivesse sujo, eu teria acertado ela. Mas não estava, e não toquei nela, o que me permitiu ficar absolutamente furioso. Abri a porta e saí metade do corpo do carro, pensando em falar “o que você tá fazendo, caralho?”, quando percebi que as pernas que eu quase quebrei eram familiares. Olhei para cima e vi que o *flash* azul tinha um rosto e aqueles olhos cinzentos que

fazem os homens falarem bobagens, e belos dentes, alguns deles aparecendo agora.

“Jesus”, falei. “Sarah.”

Ela me encarou, pálida. Metade pelo choque e a outra metade também.

“Thomas?”

Nos encaramos.

E enquanto olhávamos um para o outro, parados em Cork Street, Londres, Inglaterra, com o sol brilhando, e Steve Wonder cantando de forma sentimental no rádio do carro, as coisas à nossa volta pareciam mudar.

Não sei como aconteceu, mas, naqueles poucos segundos, todos os compradores, homens de negócios, pedreiros, turistas e guardas de trânsito, com suas camisas e seus tênis e suas calças e seus vestidos e suas meias e malas e relógios e casas e carros e hipotecas e casamentos e apetites e ambições... tudo simplesmente desapareceu.

Deixando apenas Sarah e eu ali parados em um mundo muito silencioso.

“VOCÊ ESTÁ BEM?”, falei, uns mil anos depois.

Era apenas falar pra falar algo. Eu não sei o que queria dizer com aquilo. Será que eu queria saber se ela estava bem por eu não tê-la machucado ou por um monte de outras pessoas não a terem machucado?

Sarah olhou pra mim como se não soubesse também, mas depois de um tempo decidimos ir pelo caminho formal.

“Estou bem, obrigada.”

Então, como se estivessem voltando do almoço, os extras do nosso filme começaram a se mexer de novo, a fazer barulhos. Conversando, andando, tossindo, derrubando coisas. Sarah começou a recolher e apertar as mãos gentilmente. Me virei para olhar o capô. A impressão dela estava lá.

“Tem certeza? Quero dizer, você pode ter...”

“Tenho, Thomas, estou bem.” Houve uma pausa, que ela gastou ajeitando o vestido e eu assistindo a ela ajeitar o vestido. Então ela olhou para mim. “E você, como está?”

“Eu?”, falei. “Eu estou...”

Bem, foi o que quis dizer. Afinal, por onde eu devia começar?

FOMOS A UM *PUB*, o The Duke of Somewhereshire, que ficava em uma esquina perto de Berkeley Square.

Sarah se sentou à mesa e abriu a bolsa. Enquanto remexia dentro dela, fazendo o que as mulheres fazem normalmente, perguntei se queria uma bebida. Ela pediu um uísque duplo. Não lembrava se devemos ou não dar álcool para alguém que sofreu um grande choque, mas sabia que não estava a fim de pedir um chazinho quente em um *pub* londrino, então fui até o bar e pedi dois Macallans duplos.

Fiquei observando ela, a janela e a porta.

Eles tinham de estar seguindo ela. Tinham de estar.

Com as apostas altas como são, seria inconcebível que eles a deixassem andar por aí sem vigiá-la. Eu era o leão, se você pode por favor acreditar nisso por um momento, e ela era a ovelha esperando o abate. Seria loucura deixar que ela perambulasse assim.

A menos que...

Ninguém entrou, ninguém olhou para nós e ninguém passou e olhou de forma suspeita para dentro. Nada. Olhei para Sarah.

Ela tinha terminado de mexer na bolsa e agora estava sentada olhando para o meio do salão com o rosto completamente vazio. Ela estava em um estado hipnotizado de pensamento em branco. Ou ela estava em um grande ensaio para não pensar em nada. Eu não sabia dizer. Mas tinha certeza de que ela sabia que eu estava olhando para ela, então era estranho ela não olhar para mim também. Mas ser estranho não é um crime.

Peguei as bebidas e voltei para a nossa mesa.

“Obrigada”, disse, enquanto pegava o copo e virava de uma vez só.

“Calma”, falei.

Ela olhou para mim por um momento com um olhar muito agressivo, como se eu fosse mais um em uma longa fila a ficar no caminho dela, dizendo a ela o que fazer. Então ela se lembrou quem eu era – ou lembrou de fingir lembrar quem eu era – e sorriu. Sorri também.

“Envelhecido doze anos em um barril de carvalho”, falei de forma alegre, “guardado nas encostas das Highlands, esperando por seu grande momento – e então bang, não consegue nem tocar os cantos da boca. Coitado do pobre uísque puro malte”.

Eu estava falando besteira, é claro. Mas diante daquelas circunstâncias, me senti no direito de falar um pouco. Tinha levado um tiro, apanhado, fui derrubado da moto e obrigado a atirar em alguém que não conhecia. Arrisquei minha vida durante meses e estava a algumas horas de arriscar de novo, junto de muitas outras vidas, algumas das quais pertenciam a pessoas que eu gostava muito.

E a razão disso tudo – o prêmio final desse programa de TV japonês que eu estava vivendo desde sempre – estava sentada à minha frente agora, em um *pub* londrino acolhedor e seguro, tomando uma bebida. Enquanto lá fora as pessoas andavam pra cima e pra baixo, compravam abotoaduras e faziam comentários do bom tempo incomum.

Acho que você teria feito o mesmo que eu.  
VOLTAMOS AO CARRO e dirigi por aí.

Sarah não tinha falado quase nada ainda, apenas que tinha certeza de que não havia ninguém a seguindo, e respondi que ainda bem, é um alívio, mas não acreditei nisso nem por um segundo. Continuei dirigindo e olhando sempre os retrovisores. Nos levei por ruas de mão única, avenidas sem nenhum carro, fiquei mudando de pistas na Westway e não vi nada. Pensei em arcar com as despesas e entrar e sair de dois estacionamentos de grandes shoppings, o que é sempre o pesadelo de gente que segue gente. Mas nada aconteceu.

Deixei Sarah no carro enquanto procurava algum transmissor magnético, examinando os para-choques, os para-lamas e o resto do carro por uns quinze minutos até ter certeza. Eu até parei umas duas vezes e examinei os céus a procura de um helicóptero da polícia.

Nada.

Se eu fosse um homem de apostas, e tivesse algo para apostar, colocaria tudo em não estarmos sendo seguidos de maneira alguma.

Sozinhos em um mundo silencioso.

AS PESSOAS FALAM do anoitecer, do cair da noite ou ainda do crepúsculo, e isso nunca pareceu certo para mim. Talvez o melhor fosse dizer a noite apareceu. Ou que ela aconteceu. Talvez essas pessoas, quem quer que sejam, pensaram em um sol caindo. Mas daí precisariam ter pensado em um dia caindo também. O dia cai para Rupert, o Urso. Mas como

sabemos, se lemos pelo menos um livro na vida, o dia não cai nem se levanta. Ele nasce. Nos livros, os dias nascem e as noites caem.

Na vida real, a noite nasce do chão. O dia se segura o quanto pode, brilhante e ansioso, com certeza absoluta de que será o último convidado a ir embora da festa, enquanto o solo começa a escurecer, vazando a noite por seus tornozelos, engolindo para sempre as lentes de contato que foram derrubadas, fazendo você não enxergar a bola naquela última jogada do dia.

A noite começava com um céu ainda rosado em Hampstead Heath enquanto Sarah e eu caminhávamos juntos, às vezes de mãos dadas, às vezes não.

Andamos em silêncio a maior parte do tempo, apenas ouvindo o som dos nossos pés sob a grama, o barro e as pedras. Andorinhas voavam frescamente para cá e para lá, entrando e saindo das árvores e dos arbustos, como pequenos homossexuais furtivos, enquanto os homossexuais furtivos voavam frescamente pra cá e pra lá, exatamente iguais às andorinhas. Havia muita atividade por lá naquela noite. Ou talvez houvesse todas as noites. Havia homens por todos os lados. Sozinhos, em duplas, trios e grupos avaliando, acenando, negociando e fazendo acontecer: se atracando para receber, ou dar, aquele microssegundo de descarga elétrica que vai permitir que voltem para casa e se concentrem na trama do Inspetor Morse sem ficarem impacientes.

Mas os homens são assim, pensei. É a sexualidade masculina. Não sem amor, mas separada do amor. Curta, rápida e eficiente. O Fiat Punto, como já falei.

“No que está pensando?”, perguntou Sarah, olhando totalmente para o chão enquanto andávamos.

“Em você”, respondi, com um ato impróprio de propósito.

“Em mim?”, perguntou, e andamos mais um pouco. “Bem ou mal?”

“Ah, bem, com certeza.” Olhei para ela, mas Sarah estava séria e continuava olhando para o chão. “Com certeza bem”, repeti.

Chegamos a um lago e ficamos perto dele, olhamos para ele e jogamos pedras nele e agradecemos ao mecanismo antigo que por alguma razão faz as pessoas serem atraídas pela água. Pensei na última vez em que estivemos

juntos e a sós, nas margens do rio em Henley. Antes de Praga, antes do Espada, antes de muitas outras coisas.

“Thomas”, ela falou.

Me virei e olhei para a cabeça dela, pois tive a impressão de que ela esteve ensaiando algo em seus pensamentos e agora queria botar logo para fora.

“Sarah”, falei.

Ela continuou olhando para baixo.

“O que acha de fugirmos de tudo, Thomas?”

Ela fez uma pausa, e então, finalmente, levantou os olhos para mim – aqueles belos e grandes olhos cinza – e pude ver desespero neles, no fundo e na superfície também. “Juntos, quero dizer”, acrescentou. “Simplesmente desaparecer daqui.”

Olhei pra ela e suspirei. Em outro mundo, pensei comigo mesmo, aquilo talvez tivesse funcionado. Em outro mundo, em outro universo, em outro tempo, sendo duas pessoas tão diferentes, poderíamos deixar tudo o que aconteceu pra trás e partir para alguma ilha paradisíaca caribenha, transar e tomar suco de abacaxi sem parar durante um ano.

Mas agora não iria dar certo. Algumas coisas em que pensei durante um bom tempo eu agora sabia; e coisas que eu já sabia fazia tempo agora eu odiava saber.

Respirei bem fundo.

“Você conhece bem o Russell Barnes?”, perguntei.

Ela piscou.

“Como?”

“Perguntei se conhece bem Russell Barnes.”

Ela me encarou por um momento, depois soltou algo como uma risada; a mesma que dou quando sei que estou muito encrencado.

“Barnes”, ela falou, olhando para o outro lado e chacoalhando a cabeça, tentando se comportar como se eu tivesse perguntado se ela prefere Coca ou Pepsi. “Mas o que isso tem a ver com...”

Peguei o cotovelo dela e apertei, virando-a para que olhasse para mim de novo.

“Pode responder a porra da pergunta, por favor?”

O desespero nos olhos dela se transformou em pânico. Eu estava assustando-a. Pra falar a verdade, eu estava assustando até a mim mesmo.

“Thomas, não sei do que está falando.”

Bom, então era isso.

O último fio de esperança se foi. Quando ela mentiu pra mim, ali parada perto do lago com a noite nascendo, eu sabia mesmo o que eu sabia.

“Foi você que ligou pra eles, né?”

Ela lutou com o meu aperto por um instante, e então riu novamente.

“Thomas, você é... que diabos está acontecendo com você?”

“Por favor, Sarah”, falei, ainda segurando no cotovelo dela, “você não é atriz.”

Ela estava ficando bem assustada agora e começou a tentar se soltar de mim. Eu segurei firme.

“Jesus Cristo...”, ela começou, mas fiz que não com a cabeça e ela parou. Fiz a mesma coisa quando ela começou a fazer uma careta, e de novo quando ela tentou fazer cara de aterrorizada. Esperei até ela acabar com aquelas coisas.

“Sarah”, acabei falando. “Olha, você conhece a Meg Ryan, né?” Ela fez que sim. “Bom, a Meg Ryan ganha milhões de dólares para fazer o que você está tentando fazer agora. Muitos milhões. Você sabe por quê?” Ela me encarou. “Porque é uma coisa muito difícil de se fazer bem, e não tem mais do que uma dúzia de pessoas no mundo que consegue atuar a uma distância pequena dessas. Então, pare de atuar, pare de fingir, pare de mentir.”

Ela fechou a boca e de repente pareceu relaxar, então relaxei o aperto em seu cotovelo e a soltei. Ficamos ali parados como dois adultos.

“Foi você que os chamou. Você ligou pra eles na primeira noite em que fui à sua casa. Ligou do restaurante, na noite que me derrubaram da moto.”

Eu não queria falar a última parte, mas alguém tinha de fazer isso.

“Você ligou e eles vieram matar o seu pai.”

ELA CHOROU POR uma hora em um banco, sob a luz da lua, nos meus braços. Todas as lágrimas do mundo caíram pela face dela e encharcaram a terra.

Em um momento, o choro ficou tão violento e alto que começamos a ter uma audiência, meio distante, que sussurrava que alguém devia chamar a polícia, mas que depois pensou melhor no assunto. Por que eu a abracei? Por que fiz isso com uma mulher que traiu o pai e me usou como se eu fosse um pedaço de papel?

Sei lá.

Quando o choro finalmente começou a passar, continuei abraçando-a e senti seu corpo tremer e pular com aqueles soluções que as crianças têm depois das lágrimas.

“Não era para ele morrer”, ela falou de repente com uma voz limpa e forte, o que me fez pensar se não vinha de algum outro lugar. Talvez viesse. “Não era para acontecer nada daquilo, na verdade.” Ela limpou o nariz com a manga. “Eles me prometeram que ele ficaria bem. Disseram que se ele fosse impedido, nada aconteceria. Nós dois ficaríamos a salvo, e nós dois ficaríamos...”

Ela hesitou, e, por toda a calma na voz dela, pude perceber que estava morrendo de culpa.

“Vocês dois ficariam o quê?”, perguntei.

Ela jogou a cabeça para trás, esticando seu longo pescoço e oferecendo sua garganta para alguém que não era eu.

Então ela riu.

“Ricos”, falou.

Por um instante, fiquei tentado rir também. Aquela palavra soou absurdamente ridícula. Uma coisa ridícula de ser. Soou como um nome, um país ou um tipo de salada. O que quer que aquela palavra fosse, ela com certeza não poderia significar ter um monte de dinheiro. Era apenas e tão simplesmente ridícula demais.

“Prometeram que vocês ficariam ricos?”

Ela respirou fundo e suspirou, com sua risada desaparecendo tão rapidamente que talvez nunca tenha existido.

“Isso. Ricos. Dinheiro. Disseram que teríamos dinheiro.”

“Disseram pra quem? Pra vocês dois?”

“Não, Deus, não. Meu pai não teria...” Ela parou um momento e um violento calafrio percorreu o seu corpo. Então ela levantou o queixo e

fechou os olhos. “Ela já tinha passado do ponto de ouvir essas coisas há muito tempo.”

Vi a cara dela. Um olhar determinado e ansioso de um renascimento. O olhar de um homem que passa a vida juntando dinheiro, construindo seu caminho, pagando suas contas e então, uma hora, ele descobre que aquilo não era o objetivo do jogo. E ele vê uma chance de consertar as coisas.

Você é um bom homem, Thomas?

“Então eles ofereceram dinheiro a você.”

Ela abriu os olhos e sorriu, rapidamente, e então limpou o nariz de novo.

“Me ofereceram todos os tipos de coisas. Tudo que uma garota pode querer. Tudo que uma garota já tinha, na verdade, mas que seu pai resolveu tomar dela.”

Ficamos ali sentados durante um tempo, de mãos dadas, pensando e falando a respeito do que ela tinha feito. Mas não fomos longe.

Quando começamos, nós dois pensamos que aquela seria a maior, mais profunda e longa conversa que cada um de nós teria com outra pessoa. Quase que imediatamente percebemos que não seria assim. Porque não precisava. Havia tanto a ser dito, tantas explicações a serem dadas e, mesmo assim, de alguma forma, nada disso realmente precisava ser dito.

Então vou falar tudo.

SOB O COMANDO de Alexander Woolf, a Gaine Parker Inc. fabricou molas, alavancas, maçanetas, prendedores de carpete, fivelas de cinto e várias outras coisinhas pequenas para quem vive no oeste. Faziam coisas de plástico, de metal, eletrônicas e mecânicas, algumas para o mercado, outras como matéria-prima para outras fábricas e algumas para o governo dos Estados Unidos.

Isso, no começo, foi bom para a Gaine Parker. Se você consegue fazer um acento de privada que agrada o chefe de compras do Carrefour, você está dentro. Mas se conseguir fazer um que agrada o governo dos Estados Unidos, em conformidade com todas as especificações pedidas para um assento de privada militar – e posso garantir que existe esse tipo de coisa, e existem as especificações e, se tivesse de chutar, diria que essas especificações encheriam umas trinta folhas de papel A4 – se conseguir

fazer isso, bom, então você está dentro, fora, dando a volta por cima e dentro de novo, um milhão de vezes mais.

Mas a Gaine Parker não fazia assentos de privada. Eles faziam um interruptor eletrônico que era muito pequeno e que fazia algo inteligente com semicondutores. Além de ser indispensável para os fabricantes de termostatos para ar-condicionado, o interruptor também encontrou seu caminho até o mecanismo de resfriamento de um gerador a diesel feito pelos militares. E então, em fevereiro de 1972, Gaine Parker e Alexander Woolf viraram fornecedores do Departamento de Defesa dos Estados Unidos.

As vantagens desse contrato eram infinitas. Além de permitir, ou até mesmo encorajar, que a Gaine Parker cobrasse 80 dólares por uma peça que em qualquer outro mercado teria sorte de conseguir 5, o contrato também servia como um selo de garantia, sem dúvidas, fazendo com que quem precisasse de um interruptor pequeno e esperto corresse para a porta de Woolf.

Daquele momento em diante, nada mais poderia dar errado, e realmente não deu. A posição de Woolf no mercado cresceu e cresceu, e o acesso dele a pessoas muito importantes que dirigiam aquele mundo – e que também podemos dizer aqui que dirigem o mundo – cresceu. Eles sorriam para ele, brincavam com ele e o faziam virar sócio do clube de golfe St. Regis em Long Island. Eles ligavam para ele à meia-noite para longas conversas sobre isso e aquilo. Eles o convidavam para velejar com eles em Hamptons e, mais importante, aceitavam também os convites dele. Mandavam cartões de Natal para a família dele, depois presentes de Natal e então começaram a convidá-lo para jantares de duzentas cadeiras do Partido Republicano, onde rolavam muitas conversas sobre o déficit do orçamento e a recuperação da economia americana. E quanto mais ele subia, mais contratos apareciam em sua direção, e menores e mais íntimos foram se tornando os jantares. Até que, finalmente, pararam de ser festas relacionadas a políticos. Começaram a ter mais a ver com a política do senso comum, se entende o que quero dizer.

Foi no fim de um desses jantares que um camarada almirante de indústria, já com o julgamento abalado por muitos copos de bebida, contou a Woolf a respeito de um rumor que tinha ouvido. O rumor era

fantasioso, e Woolf, é claro, não acreditou. Aliás, ele achou até engraçado. Tão engraçado que resolveu dividir a graça com um dos homens importantes que ligavam regularmente à meia-noite para ele e descobriu que o telefone ficou mudo antes mesmo de ele chegar ao fim da história.

O dia em que Alexander Woolf resolveu ir contra o complexo industrial militar foi o dia em que tudo mudou. Para ele, sua família e os seus negócios. As coisas mudaram rapidamente e mudaram para sempre. Despertado de seu sono, o complexo industrial militar levantou sua pata enorme e preguiçosa e deu um peteleco nele, como se Woolf não fosse mais do que um ser humano.

Eles cancelaram seus contratos e tornaram impossível que outros fossem feitos. Levaram os fornecedores à falência, desmantelaram a força de trabalho dele e o investigaram por evasão fiscal. Compraram as ações da companhia dele durante alguns meses e depois venderam tudo em algumas horas, e, quando nada disso funcionou, o acusaram de ser traficante de drogas. Conseguiram até mesmo expulsá-lo do St. Regis por causa de um buraco que ele fez no campo.

Mas nada disso afetou Woolf nem um pouco, porque ele sabia que tinha visto a luz, e ela era verde. Mas incomodava a filha dele, e a besta sabia disso. A besta sabia que Alexander Woolf tinha começado a vida com o alemão como primeira língua e a América como sua primeira religião; que aos 17 anos vendia cabides na traseira de sua perua e vivia sozinho em um quarto de porão em Lowes, New Hampshire, com os dois pais já mortos e nem 10 dólares no bolso. Alexander Woolf veio daí e era para onde ele estava preparado para voltar, se fosse isso que precisasse fazer. A pobreza não era algo escuro e desconhecido para ele, nem nada a ser temido. Em qualquer ponto da vida.

Mas a filha dele era diferente. Ela só conhecia casas enormes, com piscinas enormes, carros enormes, tratamentos dentários enormes e a pobreza a assustava mais do que a morte. O medo do desconhecido foi o que a tornou vulnerável, e a besta sabia disso também.

E um homem fez uma proposta a ela.

“É MELHOR EU levar você para casa”, falei, enquanto me levantava.

Em vez de se levantar também, ela se curvou mais no banco com as mãos cruzadas sobre a barriga como se tivesse sofrendo. Porque ela estava

mesmo sofrendo. Quando falou, sua voz saiu incrivelmente baixa, e tive de me agachar perto dela para poder ouvir. Quanto mais eu me abaixava, mais ela se curvava para evitar meus olhos.

“Não precisa me castigar”, falou. “Não me castigue pela morte do meu pai, Thomas, porque posso fazer isso sem a sua ajuda.”

“Não estou castigando você, Sarah. Só vou levar você pra casa, e pronto.”

Ela levantou a cabeça e olhou pra mim, e pude ver um novo medo aparecendo nos olhos dela.

“Por quê? Quero dizer, estamos aqui agora, juntos. Podemos fazer qualquer coisa. Ir pra qualquer lugar.”

Olhei para o chão. Ela não tinha entendido ainda.

“E para onde você quer ir?”, perguntei.

“Bem, não importa, né?”, respondeu, com sua voz ficando mais alta pelo desespero que aumentava. “O que importa é que podemos ir. Quero dizer, Jesus, Thomas, você sabe... eles controlavam você porque me ameaçavam, e me controlavam porque ameaçavam você. É como eles faziam as coisas. Mas agora isso acabou. Podemos ir. Fugir.”

Fiz que não com a cabeça.

“Infelizmente, as coisas não são tão simples agora. Se é que já foram simples.”

Parei e pensei por um momento, imaginando quanto eu poderia contar pra ela. Zero é quanto eu poderia contar. Mas que se foda.

“Essa coisa toda não tem a ver só com a gente”, falei. “Se formos embora, outras pessoas vão morrer. Por nossa culpa.”

“Outras pessoas?” Ela falou. “Do que você tá falando? Que outras pessoas?”

Sorri para ela, porque queria que Sarah se sentisse bem, e não tão assustada, e também porque estava me lembrando de todas as pessoas.

“Sarah, você e eu...”

Hesitei.

“O quê?”, ela perguntou.

Respirei fundo. Não havia outro jeito de dizer aquilo.

“Temos de fazer a coisa certa”, respondi.

# vinte e três

*Mas não há Leste ou Oeste, fronteiras, nem raças, nem origens,  
Quando dois homens fortes estão frente a frente, penso que eles vêm dos*  
[confins da Terra.

RUDYARD KIPLING

**Não vá para Casablanca** achando que será como no filme.

Na verdade, se não estiver muito ocupado e sua agenda permitir, não vá para Casablanca.

As pessoas se referem muito à Nigéria e a sua vizinhança costeira como o sovaco da África; o que é algo injusto porque o povo, a cultura, a paisagem e a cerveja daquela parte do mundo são, pela experiência que tenho, de primeira. Mas também é verdade que quando você olha o mapa com os olhos semicerrados, em um quarto meio escuro, no meio do jogo “O que Aquele Pedaco de Costa Parece para Você”, pode ser que você pense e diga sim, certo, a Nigéria realmente parece vagamente um sovaco.

Azar da Nigéria.

Mas se a Nigéria é o sovaco, o Marrocos é o ombro. E se o Marrocos é o ombro, então Casablanca é uma grande, vermelha e desagradável espinha naquele ombro, daquelas que aparecem na manhã que você tinha planejado de ir à praia acompanhado. Do tipo que fica bem embaixo da alça do seu sutiã ou do suspensório, dependendo do seu gênero, e faz você prometer que dali em diante vai comer mais vegetais frescos.

Casablanca é gorda, vasta e industrial; uma cidade de pó de concreto e fumaça de diesel, onde a luz do sol parece descolorir as coisas em vez de colorir. Não há paisagens que valha a pena ver, a não ser que meio milhão de pessoas lutando para se manterem vivas em uma cidade-favela feita de papelão e ferro corrugados façam você querer arrumar a mala e pular em um avião. Pelo que sei, não tem nem museu lá.

Você pode estar achando que não gosto de Casablanca. Pode achar que estou tentando convencer você de que é ruim, decidir por você: mas não cabe a mim fazer isso. É só que, se você for um pouco parecido comigo – e passou sua vida toda observando as portas de um bar, café, *pub*, hotel ou cirurgião dentista em que aconteceu de você estar sentado, na esperança de que a Ingrid Bergman vai entrar apressada usando um vestido creme, olhar diretamente para você, corar e exhibir os seios de uma maneira que diz “Deus, a vida tem um significado no final das contas” – se alguma dessas coisas mexe com você, então Casablanca será um enorme desapontamento.

NOS DIVIDIMOS EM duas equipes. Pele clara e pele morena.

Francisco, Latifa, Benjamin e Hugo eram os morenos, enquanto Bernhard, Cyrus e eu éramos os claros.

Isso pode parecer fora de moda. Até mesmo chocante. Talvez você esteja ocupado imaginando que organizações terroristas são empregadores que dão oportunidades iguais para todos e que distinções baseadas na cor da pele não teriam lugar em nossa linha de trabalho. Bem, talvez, em um mundo ideal, os terroristas seriam assim. Mas em Casablanca, as coisas são diferentes.

Você não pode andar pelas ruas de Casablanca tendo pele clara.

Ou melhor, poder você pode, se estiver preparado para fazer isso na frente de uma multidão de umas cinquenta crianças correndo que gritam, pulam, apontam, riem e tentam vender dólares, bom preço, o melhor preço, e muito haxixe.

Se você é um turista de pele clara, você aguenta isso e pronto. Claro. Você sorri, sacode a cabeça, fala *la, shokran* – o que vai causar ainda mais risadas e gritos e dedos apontando, o que pode fazer com que mais cinquenta crianças apareçam e comecem a seguir a multidão e, estranhamente, todas elas terão o melhor preço para dólares americanos – e, geralmente, você se esforça para gostar daquela experiência. Afinal, você é um turista que parece estranho e exótico, provavelmente está usando bermuda e uma camisa havaiana ridícula, por que será que eles apontam pra você? Por que uma caminhada de 50 metros até a tabacaria dura 45 minutos, para o trânsito em todas as direções e acaba saindo na capa do

jornal da tarde de Marrocos? É por isso que você vai ao exterior. Para estar no exterior.

Isso se você for um turista.

Por outro lado, se você foi para o exterior para invadir um Consulado Americano usando armas automáticas, podendo assim manter o cônsul e sua equipe como reféns, pedir 10 milhões de dólares e a soltura imediata de trinta prisioneiros políticos e então fugir em um jato particular tendo deixado o prédio com 60 quilos de explosivo plástico C4 – se foi mais ou menos isso que você quase colocou como Propósito da Visita no quadradinho do formulário de imigração, mas não colocou porque é um profissional altamente treinado que não comete erros como estes – então francamente você pode ficar lá sem aquela bagunça toda.

Por isso os morenos trabalhavam na vigilância enquanto os claros se preparavam para a invasão.

ESTÁVAMOS EM UMA escola abandonada no distrito de Hay Mohammedia. Talvez um dia já tenha sido um subúrbio classudo e de grama muito verde, mas isso já acabou. A grama foi substituída por construtores de casas de ferro corrugado, os canos de esgoto foram direcionados para o lado da rua, e a rua é algo que talvez um dia pudesse ser construído. Inshallah.

Este era um lugar pobre onde a comida era ruim e escassa e água fresca limpa era algo que os avós contavam aos netos em longas noites de inverno. Não que houvesse muitas pessoas idosas em Hay Mohammedia. O papel dos idosos por aqui era feito por alguém de 45 anos e sem dentes, cortesia do chá de menta ridiculamente doce, que era um estilo de vida deles.

Essa escola era um prédio bem grande. Tinha dois andares e três lados construídos em volta de uma quadra de cimento onde as crianças devem ter jogado futebol um dia, ou feito preces, quem sabe tido aulas de como incomodar os europeus; em volta, havia um muro de cinco metros aberto apenas em uma parte, onde ficava um portão de ferro que levava à quadra.

Era um lugar onde podíamos planejar, treinar e relaxar.

E discutir violentamente uns com os outros.

Isso começou com pequenas picuinhas. Irritações com o cigarro, com quem tomou o último gole de café e quem vai sentar na frente no carro hoje. Mas, aos poucos, parece que foram piorando.

No começo, achei que era por causa do nosso nervosismo, afinal, o jogo que iríamos jogar ali era muito maior do que qualquer coisa que tínhamos feito antes. Aquilo fazia Mürren parecer uma brincadeira de criança, sem um adulto incomodando.

Mas em Casablanca havia um adulto, e ele era a polícia, e talvez ela tenha sido responsável pelo aumento da tensão entre nós e das brigas. Porque eles estavam em todos os lugares. Eles existiam em todos os tamanhos e todas as cores, usavam vários tipos de uniformes diferentes que indicavam poderes e autoridades diferentes, a maioria deles se apoiando no fato de que, se você olhasse para eles de um jeito que não gostassem, eles podiam foder sua vida para sempre.

Na entrada de cada delegacia de Casablanca, por exemplo, havia dois guardas com pistolas automáticas.

Dois homens. Com automáticas. Por quê?

Você podia ficar lá parado o dia todo observando aqueles homens que não prendiam nenhum bandido, não separavam uma briga e nem impediam nenhuma invasão de povos estrangeiros – na verdade, não faziam nada que melhorasse a vida do povo marroquino em geral.

Claro que seja lá quem for que tiver decidido gastar dinheiro com aqueles homens – quem quer que tenha decidido que seus uniformes deveriam ser criados por alguém da alta costura milanese e que seus óculos escuros deveriam ser do tipo que envolve todo o olho – diria: “Bom, claro que não fomos invadidos, pois temos dois homens do lado de fora de cada delegacia com pistolas automáticas e camisas que são dois números menores do que eles usam”. E você teria de baixar a cabeça e sair do escritório dele andando de costas, porque não há como lidar com uma lógica daquelas.

A polícia de Marrocos é uma expressão de seu país. É um país que podemos imaginar como um cara grande em um bar, e a população é o cara pequeno no bar. O grandão mostra seu braço tatuado e pergunta para o baixinho: “você derramou minha cerveja?”.

A polícia marroquina é a tatuagem.

E para nós eles eram um problema, com certeza. Muitos tipos, muitos guardas de cada tipo, muito bem armados, muito tudo.

Então talvez por isso fomos ficando irritadiços. Talvez por isso, há cinco dias, Benjamin – o fala mansa Benjamin, que ama xadrez e um dia pensou em se tornar um rabino – tenha me chamado de puta bastardo de merda. ESTÁVAMOS SENTADOS EM volta da mesa na sala de jantar comendo um ensopado tajine, feito por Cyrus e Latifa, e ninguém estava muito a fim de conversar. Os Claros tinham passado o dia construindo uma maquete em escala natural dos escritórios de entrada do consulado, por isso estávamos cansados e cheirando a madeira.

A maquete estava atrás de nós, como o cenário de uma peça escolar, e de quando em quando alguém olhava para ela e dava uma examinada, imaginando se iriam mesmo conseguir ver o verdadeiro um dia. Ou se, tendo visto o verdadeiro, conseguiria ver alguma outra coisa na vida.

“Você é um puta bastardo de merda”, disse o Benjamin, se levantando e ficando ali parado, abrindo e fechando os punhos.

Houve uma pausa. Demorou um tempo para todos perceberem com quem ele estava falando.

“Do que você me chamou?”, perguntou Ricky, se endireitando na cadeira – um homem difícil de ficar bravo, mas um terrível inimigo quando ficava bravo.

“Você me ouviu.”

Por um momento eu não tive certeza se ele iria me bater ou chorar.

Olhei para Francisco, esperando que ele falasse pro Benjamin se sentar, ou sair dali, ou fazer alguma coisa, mas ele apenas olhou para mim e continuou comendo.

“O que foi que eu fiz de errado, caralho?”, perguntou Ricky, agora se virando para Benjamin.

Mas ele apenas continuou ali parado, me encarando e estralando os ossos dos punhos, até que Hugo se levantou e disse que o ensopado estava ótimo. Todos embarcaram felizes nessa deixa e disseram que sim, não estava mesmo fantástico, e não, não estava salgado demais. Todos menos Benjamin e eu. Ele me encarava e eu o encarava de volta, e apenas ele parecia saber do que se tratava.

Então, ele girou nos calcanhares e saiu da sala. Depois de um tempo, ouvimos o portão de ferro se abrindo e o Land Rover sendo ligado.

Francisco continuou olhando pra mim.

CINCO DIAS SE passaram depois daquilo. Benjamin tinha conseguido sorrir pra mim umas duas vezes e agora estávamos preparados para agir.

Tínhamos desmontado a maquete, arrumado as malas, derrubado nossas pontes e feito nossas preces. Era algo muito excitante.

Amanhã de manhã, às 9h35, Latifa vai pedir um formulário de visto no Consulado Norte-Americano. Às 9h40, Bernhard e eu nos apresentaremos para uma reunião com o senhor Roger Buchanan, o adido comercial. Às 9h47, Francisco e Hugo vão chegar com um carrinho carregando quatro garrafas plásticas de água mineral e com o pedido feito por Sylvie Horvath, da seção consular.

Ela pediu mesmo a água – mas não as quatro caixas de papelão que estão embaixo das águas.

E às 9h55, um segundo antes ou depois, Cyrus e Benjamin vão bater com o Land Rover na parede oeste do consulado.

“MAS PRA QUÊ servirá isso?”, perguntou Solomon.

“Pra que servirá isso o quê?”, respondi.

“O Land Rover.” Ele tirou a caneta da boca e apontou para seus desenhos. “Vocês não vão conseguir passar pelo muro assim. Ele tem quase um metro de espessura, concreto reforçado e ainda há os postes de proteção na calçada. Mesmo que passe por eles, sua velocidade já vai diminuir bastante.”

Balancei a cabeça negativamente.

“É só uma distração”, falei. “Eles farão um grande barulho, tocarão a buzina, batem e tal, então Benjamin sai do carro cheio de sangue na camisa e Cyrus grita por socorro, por ajuda. Conseguiremos fazer com que o máximo possível de pessoas vá para a ala oeste do prédio para ver o que está acontecendo.”

“Eles têm enfermaria?”

“No térreo. Em uma despensa perto da escada.”

“Alguém qualificado para fazer primeiros socorros?”

“Toda a equipe americana fez o curso, mas Jack é o mais indicado.”

“Jack?”

“Webber”, falei. “Guarda consular. Foi fuzileiro naval da marinha americana por 18 anos. Carrega com ele uma Beretta 9mm normal do lado direito da cintura.”

Parei. Sabia o que Solomon estava pensando.

“E?”, ele falou.

“Latifa tem um *spray* de pimenta”, falei.

Ele anotou alguma coisa – mas bem devagar, como se soubesse que o que estava escrevendo não faria muita diferença.

Eu também sabia disso.

“Ela também vai estar com uma Micro Uzi na bolsa”, falei.

Estávamos no Peugeot alugado por ele estacionado em algum lugar alto perto de La Squala – um edifício em ruínas do Século 18 que já tinha sido o quartel-general da artilharia por causa de sua grande visão do porto. É uma bela vista – na medida do possível – que você pode encontrar em Casablanca, mas nenhum de nós estava aproveitando a vista.

“Então, o que acontece agora?”, falei e acendi um cigarro com o painel do carro dele. Digo o painel porque a maior parte dele veio junto quando puxei o acendedor de cigarros e demorou um pouco para conseguir colocar tudo de novo no lugar. Então traguei e tentei, sem sucesso, soltar a fumaça pela janela.

Solomon continuou olhando suas anotações.

“Bom, presumivelmente”, falei para ajudá-lo, “haverá uma brigada da polícia marroquina e de homens da CIA escondidos no sistema de ventilação. Ainda presumindo, quando entrarmos, eles vão aparecer e dizer que estamos presos. Então, A Espada da Justiça e todos que têm alguma ligação com ela aparecerão rápido diante de uma corte que fica a apenas uns 200 metros deste cinema. E, presumivelmente, tudo isso acontecerá sem ninguém nem ralar o joelho.”

Solomon respirou fundo e soltou o ar devagar. Então começou a esfregar a barriga de um jeito que eu não via há dez anos. A úlcera de duodeno dele era a única coisa capaz de fazer Solomon parar de pensar no trabalho.

Ele se virou para olhar pra mim.

“Eles vão me mandar pra casa”, falou.

Nos encaramos por um instante. E então comecei a rir. A situação não era exatamente engraçada – mas riso foi o que saiu da minha boca.

“Mas é claro que vão”, acabei dizendo. “Mas é claro. Faz todo sentido.”

“Olha, Thomas”, ele começou, e pude ver em seu rosto o quanto ele estava odiando aquilo.

“Obrigado pelo ótimo serviço, senhor Solomon”, falei usando a voz de Barnes. “Queremos agradecer pelo seu profissionalismo, comprometimento, mas nós assumimos a partir de agora, se não se importa”, continuei na voz de Barnes e então falei por mim mesmo. “Ah, isso é mesmo perfeito.”

“Thomas, me ouça.” Ele me chamou de Thomas duas vezes em trinta segundos. “Fuja daqui. Vá embora, por favor.”

Sorri para ele, o que fez com que falasse mais rápido.

“Posso te levar até Tanger. Então você dá um jeito de ir para Ceuta e depois pega um barco para a Espanha. Eu ligarei para a polícia local e pedirei para eles estacionarem uma perua na frente do consulado. O negócio todo que se dane. Como se nada tivesse acontecido.”

Olhei nos olhos de Solomon e vi todos os problemas que ele estava enfrentando. Vi a culpa e a vergonha dele – vi a úlcera de duodeno nos olhos dele.

Joguei o cigarro pela janela.

“Engraçado”, falei. “Foi o que Sarah me disse também. ‘Fuja’, ela falou. Praias ensolaradas bem longe dos loucos da CIA.”

Ele não me perguntou quando eu a vi, ou por que não tinha feito o que ela pediu. Ele estava ocupado demais com seu problema. Eu.

“Então, o que acha?”, ele falou. “Faça o que falei, Thomas, pelo amor de Deus.” Ele segurou meu braço. “Esta coisa toda é uma loucura. Se entrar naquele lugar não vai sair vivo. Você sabe disso.” Fiquei parado, e isso o deixou furioso. “Jesus, é você que falou isso o tempo todo, é você que sabia disso o tempo todo.”

“Ah, espere um pouco, David. Você também sabia.”

Olhei para a cara dele enquanto falava. Ele teve um milésimo de segundo para fazer uma careta ou abrir a boca surpreso, ou perguntar do que eu estava falando, mas perdeu a chance. Assim que esse milésimo de segundo passou, eu sabia que ele sabia que eu sabia.

“A foto de Sarah e Barnes juntos”, falei, e o rosto dele permaneceu pálido. “Você sabia o que significava. Você sabia que só havia uma explicação.”

Por fim, ele baixou os olhos e soltou meu braço.

“Como os dois poderiam estar juntos depois do que aconteceu? Só tinha uma explicação. Não foi depois. Foi antes. A foto foi tirada antes de Alexander Woolf ser morto. Você sabia o que Barnes estava fazendo e sabia, ou provavelmente adivinhou, o que Sarah estava fazendo. Apenas não me contou.”

Ele fechou os olhos. Se estava pedindo para ser perdoado, não era em voz alta e não era para mim.

“Onde está o ACUMO agora?”, perguntei depois de um tempo.

Solomon fez que não com a cabeça, gentilmente.

“Não sei nada a respeito disso”, respondeu, ainda com os olhos fechados.

“David...”, comecei, mas ele me cortou.

“Por favor”, ele falou.

Então deixei ele pensar o que quer que precisasse pensar e então decidir o que quer que precisasse decidir.

“Tudo que sei, chefe”, ele começou de um jeito que lembrava muito os velhos tempos, “é que um avião militar de carga dos Estados Unidos pousou na Base RAF de Gibraltar hoje na hora do almoço e desembarcou um monte de peças mecânicas.”

Fiz que sim com a cabeça. Solomon já estava com os olhos abertos.

“Qual a quantidade?”

Solomon respirou fundo novamente querendo falar tudo de uma vez.

“Um amigo de um amigo de um amigo que estava lá me contou que eram dois caixotes grandes de 5 metros por 3 e que estavam acompanhados por dezesseis homens, nove de uniforme, e que eles se encarregaram imediatamente dos caixotes, levando-os para o hangar perto da cerca, e que foram separados para uso exclusivo deles.”

“Barnes?”

Solomon pensou um pouco.

“Não sei dizer, mestre. Mas o amigo acha que reconheceu um diplomata americano no meio da festa.”

Diplomata o caralho. Diplomata cuzão, talvez.

“Ainda de acordo com meu amigo, havia também um homem em roupas civis distintas.”

Me ajeitei, sentindo minhas mãos suarem.

“Distintas como?”

Solomon pôs a cabeça de lado, tentando lembrar os detalhes de forma exata. Como se precisasse muito.

“Terno preto com calça preta listrada”, falou. “O meu amigo disse que ele parecia um garçom de hotel.”

E o brilho da pele. O brilho do dinheiro. O brilho de Murdah.

Certo, pensei. A turma está toda reunida.

ENQUANTO VOLTÁVAMOS PARA o centro, descrevi para Solomon o que eu ia fazer e o que precisava que ele fizesse.

Ele fazia que sim com a cabeça de vez em quando, não gostando nem um pouco daquilo, apesar de que ele já tinha percebido que eu também não ia cair na gandaia.

Quando chegamos no consulado, Solomon reduziu e conduziu o Peugeot em volta do quarteirão, até que ficamos perto de uma araucária do Chile. Olhamos para o alto dela, contando os galhos, então fiz que sim com a cabeça para Solomon. Ele saiu do carro e abriu o porta-malas.

Dentro havia dois embrulhos. Um retangular do tamanho de uma caixa de sapatos e o outro tubular com quase um metro e meio de comprimento. Os dois estavam embrulhados em papel marrom à prova de gordura. Não havia qualquer marca, número de série e nem data de validade.

Dava para ver que Solomon não queria tocar neles, então me inclinei e peguei os embrulhos.

Ele fechou a porta com força e ligou o carro enquanto eu andava em direção ao consulado.

# vinte e quatro

*Ouçá! Meu pulso como uma bateria*  
*Marcando minha chegada, dizendo a eles que estou indo.*  
BISPO HENRY KING

**O Consulado** Americano em Casablanca fica na metade da arborizada avenida Moulay Yousses, um minúsculo pedaço da grandeza do século 19 francês, construído para ajudar os cansados colonialistas a relaxarem depois de um duro dia de trabalho desenhando estruturas.

Os franceses vieram ao Marrocos para construir estradas, ferrovias, hospitais, escolas, um senso mínimo de moda – tudo que um francês médio sabe que é indispensável para uma civilização moderna –, e quando deu cinco da tarde e os franceses olharam para o trabalho deles e viram que eram bons, reconheceram que tinham todo o direito de viverem como marajás. E foi o que fizeram, durante um tempo.

Mas, quando a vizinha Argélia explodiu na cara deles, os franceses perceberam que, às vezes, é melhor deixar os outros querendo mais; então abriram suas lojas Louis Vuittons, arrumaram suas garrafas de loção pós-barba, suas outras garrafas de loção pós-barba e aquela outra garrafa que tinha caído atrás da privada, que quando examinada mostrou conter loção pós-barba e que tinha sido roubada em uma noite.

Os proprietários dos enormes palacetes deixados para trás pelos franceses não eram príncipes, sultões ou industriais milionários. Não eram cantores de boate, jogadores de futebol, bandidos ou atrizes de novela. Eles eram, por uma sorte incrível, diplomatas.

Digo que é uma sorte incrível porque hoje isso faz todo sentido. Em todas as cidades do mundo todo, os diplomatas vivem e trabalham nos lugares mais valorizados e desejados de lá. Mansões, castelos, palácios ou uma casa enorme com vista do parque; onde quer que seja, os diplomatas entram, olham e respondem sim, acho que posso aguentar isto.

Bernhard e eu ajeitamos nossas gravatas, checamos nossos relógios e caminhamos em direção à entrada principal.

“ENTÃO, O QUE podemos fazer por vocês, cavalheiros?”

Me-Chame-De-Roger-Buchanan tinha cinquenta e poucos anos e tinha chegado ao máximo que iria conseguir em sua carreira diplomática. Casablanca seria seu último posto, já estava lá havia três anos e, é claro, ele achava que estava bom. Bom povo, bom país, comida um pouco oleosa demais, mas fora isso tudo bem.

O óleo na comida não parece tê-lo deixado mais devagar, pois ele tinha cara de quem levantava bastante peso, e para um cara na idade dele, não era algo comum.

Bernhard e eu olhamos um para o outro com nossas sobrelhas levantadas, como se realmente não importasse quem falaria primeiro.

“Senhor Buchanan”, disse em uma voz séria, “como eu e meu colega explicamos em nossa carta, nós fabricamos as melhores luvas de cozinha de toda a região Norte da África.”

Bernhard concordou com a cabeça devagar, como se fosse dizer que eram as melhores do mundo, mas tudo bem.

“Temos fábricas em Fez, Rabat e logo vamos abrir outra nas proximidades de Marrakech. Nosso produto é de primeira. Temos certeza disso. É algo de que você já pode ter ouvido falar e pode já ter usado se for uma daquelas pessoas chamadas de ‘homem moderno’.”

Eu caí na gargalhada e os dois me acompanharam. Homens. Usando luvas de cozinha. Essa foi boa. Bernhard continuou a história, se inclinando na cadeira e falando com um sombrio e respeitável sotaque alemão.

“Nossa escala de produção chegou a um ponto em que nos interessaria bastante conseguir uma licença para exportar para o mercado norte-americano. E acho que o que nós queremos do senhor é uma ajuda a respeito de tudo que precisaremos fazer para conseguir isso.”

Me-Chame-De-Roger concordou com a cabeça e anotou algo em um pedaço de papel. Dava para ver que nossa carta estava na mesa à frente dele e parecia que ele tinha feito um círculo na palavra “borracha”. Eu gostaria de ter perguntado a ele por que, mas não era hora disso.

“Roger”, falei ficando em pé, “antes que nos aprofundemos no assunto...”

Ele olhou para cima.

“Descendo pelo corredor é a segunda porta à direita.”

“Obrigado”, falei.

O BANHEIRO ESTAVA vazio e cheirava a pinho. Tranquei a porta, olhei meu relógio e depois subi na privada e abri a janela.

À esquerda, havia um belo gramado sendo molhado por um irrigador que lançava bons jatos d’água em arco. Uma mulher de vestido brincava com as unhas enquanto um pouco adiante um cão fazia suas necessidades. Lá no canto, um jardineiro usando bermuda e uma camiseta amarela estava ajoelhado podando uns arbustos.

À direita, não havia nada.

Mais muro. Mais gramado. Mais flores.

E uma araucária do Chile.

Desci da privada, olhei novamente o meu relógio, destranquei a porta e saí para o corredor.

Estava vazio.

Andei rápido até a escada e subi dois degraus por vez, batendo meus dedos no corrimão sem nenhuma música na cabeça. Passei por um homem sem paletó carregando papéis e disse um “bom-dia” antes que ele pudesse falar algo.

Cheguei ao primeiro andar, virei à direita e vi que o corredor estava cheio.

Duas mulheres estavam paradas na metade dele batendo papo e um homem à minha esquerda estava trancando ou destrancando uma porta.

Olhei no relógio e desacelerei, procurando no meu bolso algo que, talvez, eu tivesse deixado ali; não, não, talvez em outro lugar, mas talvez eu não estivesse com ele, ou nunca tivesse tido, não, eu tinha, será que era melhor voltar e procurar? Fiquei parado no corredor em dúvida, enquanto o homem à minha esquerda tinha aberto a porta do escritório e estava olhando para mim, pensando em me perguntar se eu estava perdido.

Tirei a mão do bolso e sorri pra ele, segurando uma chave em minha mão.

“Achei”, falei, e ele me deu um aceno incerto e entrou no escritório.

Uma campainha tocou no fim do corredor e acelerei o passo fazendo barulho com as chaves em minha mão. As portas do elevador se abriram e

um pequeno carrinho começou a sair dele em direção ao corredor.

Francisco e Hugo, usando seus macacões azuis, tiraram o carrinho com cuidado do elevador; Francisco empurrava e Hugo descansava as duas mãos em cima dos garrafões. Relaxa, queria dizer pra ele quando reduzi a velocidade para que o carrinho passasse por mim. É só água, pelo amor de Deus. Você está seguindo o carrinho como se sua vida dependesse disso.

Francisco ia devagar, conferindo os números nas portas dos escritórios, examinando com todo o cuidado, enquanto Hugo continuava se virando e lambendo os lábios.

Parei em um quadro de avisos e o examinei. Tinha três folhas de papel, duas eram da brigada de incêndio e a outra era um convite para o churrasco de Bob e Tina, domingo, na hora do almoço. Fiquei ali parado, lendo, como se esses papéis tivessem de ser lidos, então olhei para o meu relógio.

Eles estavam atrasados. Quarenta e cinco minutos atrasados.

Eu não acreditava naquilo. Depois de tudo que combinamos, praticamos, xingamos e praticamos de novo, os viadinhos estavam atrasados.

“Sim”, disse uma voz.

Cinquenta e cinco segundos.

Olhei o corredor e vi que Francisco e Hugo tinham chegado na área aberta da recepção. Uma mulher estava em sua escrivaninha e olhava para eles com seus grandes óculos.

Sessenta e cinco segundos do caralho.

“*Salem alicoum*”, disse Francisco em uma voz suave.

“*Alicoum salem*”, ela respondeu.

Setenta.

Hugo bateu a mão no topo dos galões de água e então se virou e olhou para mim.

Comecei a andar para a frente, dei dois passos e então ouvi.

Ouvi e senti. Era como uma bomba.

QUANDO VOCÊ VÊ carros batendo na televisão, você recebe uma certa quantidade de som por causa das caixas, e provavelmente pensa que é assim mesmo, que é assim que é uma batida de carros. Você esquece, ou, com um pouco de sorte, nunca fica sabendo quanta energia é liberada

quando meia tonelada de metal bate em outra meia tonelada de metal. Ou na lateral de um prédio. Uma grande quantidade de energia, capaz de chacoalhar seu corpo dos pés à cabeça, mesmo que você esteja a cem metros de distância.

A buzina do Land Rover, presa pela faca de Cyrus, cortou o silêncio como um animal agonizando. E então desapareceu rapidamente, sendo abafada pelo som de portas abrindo e batendo, cadeiras sendo empurradas, corpos andando até as portas – olhando uns para os outros e olhando para o corredor.

E então começaram a falar, e a maioria deles dizia Jesus e maldição e que porra foi isso e de repente eu estava assistindo a muitas costas se afastarem de nós, trombando, se espremendo e se batendo para conseguirem chegar às escadas.

“Acha que devemos ir ver?”, perguntou Francisco para a mulher atrás da escrivaninha.

Ela olhou para ele e depois para o corredor.

“Não posso... você sabe...”, ela falou, e sua mão se moveu para o telefone. Não sei para quem ela pensou que pudesse ligar.

Francisco e eu olhamos um para o outro por um milésimo de segundo.

“Isso foi...”, comecei a falar, olhando nervosamente para ela. “Quero dizer, por acaso aquilo pareceu uma bomba?”

Ela pôs a mão no telefone e outra para a frente com a palma aberta, como que pedindo ao mundo que parasse e esperasse um pouco enquanto ela se recompunha.

Houve um grito em algum lugar.

Alguém tinha visto o sangue de Benjamin, ou caiu, ou talvez estivesse apenas com vontade de gritar, e aquilo fez com que a mulher começasse a se levantar.

“O que será que foi isso?”, Francisco perguntou e Hugo começou a andar até o outro lado da escrivaninha.

Desta vez ela não olhou para ele.

“Eles vão nos dizer o que fazer”, ela falou, olhando para o corredor atrás de mim. “Ficamos onde estamos e eles vão nos dizer o que fazer.”

Quando ela falou isso, houve um clique metálico, e na hora ela soube que algo estava errado, muito errado; existem bons e maus cliques, e

aquela com certeza era um dos piores cliques.

Ela se virou para olhar pro Hugo.

“Moça”, ele falou, com os olhos brilhando. “Você teve sua chance.”

Então, aqui estamos nós.

Sentados e nos sentindo muito bem.

Controlamos o prédio há 35 minutos e, levando em conta tudo que aconteceu, poderia ter sido muito pior.

Os funcionários marroquinos tinham saído do térreo e Hugo e Cyrus limpavam o segundo e o terceiro andares de cabo a rabo, levando homens e mulheres pela escada principal até a rua com desnecessários gritos de “vamos logo” e “andem rápido”.

Benjamin e Latifa estão instalados no primeiro saguão, de onde podem se mover rapidamente da frente do prédio até os fundos, se precisarem. Apesar de sabermos que não precisarão. Pelo menos por enquanto.

A polícia apareceu. Primeiro foram os carros, depois os jipes e agora os caminhões. Eles estão agrupados do lado de fora em camisas apertadas, gritando e movendo os veículos, e ainda não decidiram se andam de forma desinteressada do outro lado da rua ou correm mais perto com as cabeças abaixadas para evitar os atiradores. Provavelmente, eles conseguem ver Bernhard no telhado, mas ainda não sabem quem ele é ou o que está fazendo lá.

Francisco e eu estamos no escritório do cônsul.

Temos oito prisioneiros no total – cinco homens e três mulheres, presos pelas algemas de Benjamin – e perguntamos se não se importariam de se sentar em impressionante tapete Kelim. Se algum deles saísse do tapete, explicamos, correria o risco de levar um tiro de mim ou de Francisco, com a ajuda de um par de subautomáticas Steyr AUG que fomos espertos em lembrar de trazer conosco.

A única exceção é o cônsul, afinal, não somos animais – temos conhecimento de hierarquia e protocolo e não queremos fazer um homem importante se sentar de pernas cruzadas no chão – além do que, ele precisa estar em um lugar onde possa falar ao telefone.

Benjamin estava mexendo na telefonia do prédio e prometeu que qualquer ligação para qualquer aparelho do consulado cairia naquela sala.

ENTÃO O SENHOR James Beamon, apontado como representante do governo dos Estados Unidos em Casablanca e o segundo em comando em solo marroquino, atrás apenas do embaixador que ficava em Rabat, estava sentado em sua mesa olhando para Francisco com um olhar de avaliação positiva.

Beamon, como sabemos bem pelas nossas pesquisas, é um diplomata de carreira. Ele não é um vendedor de sapatos aposentado como você esperaria encontrar neste fim de mundo – um homem que deu 50 milhões de dólares para o fundo de campanha do presidente e foi recompensado com uma grande escrivania e trezentos almoços grátis por ano. Beamon tem quase sessenta anos, é alto e bem construído e tem um cérebro rápido. Ele vai lidar bem e de forma sábia com a situação.

O que é exatamente o que queremos.

“E para usar o banheiro?”, Beamon perguntou.

“Uma pessoa a cada meia hora”, disse Francisco. “Vocês decidem a ordem entre vocês, a pessoa vai com um de nós e não poderá trancar a porta.” Então ele foi até a janela e olhou para a rua. Daí levantou o seu binóculo.

Olho pro meu relógio. São 10h41.

Eles vão vir quando anoitecer, penso comigo mesmo. É o jeito das pessoas que atacam, desde que o ataque foi inventado.

Droga. Quando estivermos cansados, com fome, entediados e assustados.

Eles vão vir ao anoitecer, e vão vir do leste, com o sol baixo atrás deles. Às 11h20, o CÔNSUL recebeu o primeiro telefonema.

Wafiq Hassan, delegado da polícia, se apresentou a Francisco e então deu um alô para o Beamon. Ele não tinha nada específico para falar, apenas que esperava que todos agissem com bom senso e que assim toda essa situação poderia ser resolvida sem problemas. Francisco disse depois que ele falava um inglês muito bom, e Beamon falou que ele tinha ido jantar na casa de Hassan dois dias atrás. Os dois tinham conversado sobre o quanto Casablanca era calma.

Às 11h40, foi a imprensa que ligou. Se desculpendo por nos incomodar, claro, mas será que não tínhamos uma declaração a fazer? Francisco

soletrou seu nome duas vezes e disse que entregaríamos uma declaração por escrito para um representante da CNN assim que eles chegassem lá.

Às 11h55, o telefone tocou de novo. Beamon atendeu e disse que não poderia falar no momento e se era possível que a pessoa ligasse de novo no dia seguinte ou talvez dali a dois dias. Francisco tomou o telefone dele e ouviu durante um tempo, caindo na gargalhada com o turista da Carolina do Norte que queria saber se o consulado achava que ele poderia beber a água do Hotel Regency.

Até Beamon riu daquilo.

Às 14h15, eles mandaram o almoço para nós. Um ensopado de carneiro e vegetais e uma grande panela de cuscuz. Benjamin foi pegar enquanto Latifa mostrava e balançava nervosamente sua Uzi na porta de entrada.

Cyrus encontrou pratos de papel em algum lugar, mas nenhum talher, então nos sentamos e esperamos a comida esfriar antes de comer com as mãos.

Foi bem legal, considerando a situação.

Às 15h10, ouvimos os caminhões começando a andar e Francisco correu para a janela.

Nós dois assistimos aos motoristas acelerar, passar as marchas e andar pra frente e para trás para fazer a volta com umas dez viradas.

“Por que estão saindo?”, Francisco perguntou apertando o binóculo contra os olhos.

Dei de ombros.

“Para controlar o trânsito?”

Ele me olhou com raiva.

“Não sei, caralho”, falei. “Estão tentando fazer algo. Talvez precisem fazer barulho enquanto cavam um túnel. Não podemos fazer nada a respeito.”

Francisco mordeu o lábio por um tempo e então foi até a mesa, pegou o telefone e ligou para baixo. Latifa deve ter atendido.

“Lat, fique atenta. Se ouvir ou vir algo, me ligue.”

Ele bateu o telefone um pouco forte demais.

Você nunca consegue ser tão legal quanto finge ser, pensei.

A PARTIR DAS 16 horas o telefone começou a ficar bastante ocupado, com os marroquinos e os americanos ligando a cada cinco minutos, sempre

pedindo para falar com uma pessoa diferente da que atendia o telefone.

Francisco decidiu que era hora de mudarmos de posição, por isso chamou Cyrus e Benjamin para o primeiro andar e eu desci para ficar com Latifa.

Ela estava em pé no meio da sala olhando pelas janelas e pulando de um pé para o outro, jogando a pequena Uzi de uma mão para a outra.

“Que foi?”, perguntei. “Precisa dar uma mijada?”

Ela olhou pra mim e fez que sim com a cabeça, então falei pra ela ir logo e não se preocupar demais com aquilo.

“O SOL ESTÁ começando a se pôr”, ela falou, meio maço de cigarros depois.

Olhei pro meu relógio, depois pela janela, e lá estava o sol se pondo e a noite nascendo.

“Sim”, falei.

Latifa começou a arrumar o cabelo, usando o reflexo do vidro da janela da recepção.

“Vou lá fora”, falei.

“Quê? Ficou louco?”

“Quero dar uma olhada, só isso.”

“Olhar o quê?”, ela perguntou, e pude ver que estava furiosa comigo, como se eu fosse ir embora pra sempre. “Bernhard está no telhado e tem uma visão melhor do que todos nós. Pra que você quer ir lá fora?”

Pensei um momento e olhei o meu relógio.

“Aquela árvore está me incomodando”, falei.

“Quer ir olhar a porra de uma árvore?”

“Os galhos passam por cima do muro. Só quero checar se está tudo bem.”

Ela veio até o meu ombro e olhou pela janela. O irrigador ainda estava ligado.

“Qual árvore?”

“Aquela ali. A araucária do Chile.”

ERAM 17h10.

O sol estava na metade de sua descida.

Latifa estava sentada na escada principal, raspando o mármore do chão com a bota e brincando com sua Uzi.

Olhei pra ela e pensei, obviamente, em quando transamos – mas também nas risadas, nas frustrações e no espagete que dividimos. Latifa podia ser louca às vezes. Ela era uma fodida e sem esperança pra muita coisa, mas também era uma ótima pessoa.

“Vai ficar tudo bem”, falei.

Ela levantou a cabeça e olhou pra mim.

Imaginei se ela estava pensando no mesmo que eu.

“E quem falou que não ficaria, caralho?”, ela respondeu, e passou os dedos pelos cabelos, puxando um pouco sobre o rosto para se esconder de mim.”

Eu ri.

“Ricky”, Cyrus gritou, aparecendo na escada vindo do primeiro andar.

“Quê?”, falei.

“Sobe aqui. Chico chamou você.”

OS REFÉNS ESTAVAM espalhados pelo tapete agora com as cabeças no colo e de costas um para o outro. A disciplina tinha relaxado ao ponto de alguns deles estarem com as pernas esticadas e os pés para fora do tapete. Três ou quatro cantavam “Swanee River” de um jeito silencioso e apaixonado.

“O que foi?”, falei.

Francisco fez um gesto para Beamon, que esticou o telefone para mim. Fiz cara de interrogação e acenei que não queria aquilo, como se fosse minha esposa ligando e eu já estivesse indo pra casa em meia hora de qualquer jeito. Mas Beamon continuou segurando o fone em minha direção.

“Eles sabem que você é americano”, ele falou.

Dei de ombros para aquilo.

“Fale com eles”, disse Francisco. “Por que não?”

Dei de ombros de novo de um jeito que dizia “Jesus, que perda de tempo”, e fui em direção à mesa. Beamon olhou pra mim quando peguei o fone.

“Um maldito americano”, ele sussurrou.

“Vai se foder”, falei e coloquei o fone no ouvido. “Sim?”

Houve um clique, um chiado e depois outro clique.

“Lang”, disse uma voz.

Aqui vamos nós, pensei.

“Sim”, respondeu Ricky.

“Como vai você?”

Era a voz do cuzão do Russell P. Barnes, e mesmo com a interferência da linha, a voz dele soava confiante como um tapa.

“O que você quer, caralho?”, disse Ricky.

“Acene, Thomas”, ele falou.

Fiz um sinal pedindo o binóculo de Francisco e ele me passou por sobre a mesa. Fui até a janela.

“Você quer olhar para a esquerda?”

Na verdade eu não queria.

Na esquina do quarteirão, em um amontoado de jipes e caminhões, estava um amontoado de homens. Alguns de uniforme e outros não.

Levantei o binóculo e vi árvores e casas grandes por causa da escala aumentada, e então Barnes apareceu no caminho das lentes. Voltei e firmei o olhar. Lá estava ele, com um telefone no ouvido e também usando um binóculo. E ele acenou mesmo pra mim.

Dei uma olhada no resto do grupo, mas não achei ninguém em calças listradas.

“Estou ligando só pra dar um oi, Tom”, ele falou.

“Claro”, Ricky respondeu.

A linha sempre estralava e sumia quando esperávamos o outro falar. Eu sabia que podia esperar mais que ele.

“Então, Tom, quando podemos esperar que você saia daí?”, Barnes falou.

Tirei o binóculo dos olhos e olhei para Francisco, Beamon e os outros reféns. Olhei para eles e pensei nos outros.

“Nós não vamos sair”, Ricky respondeu, e Francisco concordou com a cabeça.

Olhei pelo binóculo e vi que Barnes estava rindo. Eu não podia ouvir porque ele segurava o telefone longe da cara, mas vi ele jogar a cabeça para trás e mostrar os dentes. Então se virou para o grupo de homens atrás dele e disse algo, e alguns deles riram também.

“Claro, Tom. Quando você...”

“Falei sério”, Ricky falou e Barnes continuou sorrindo. “Quem quer que você seja, nada que fizer vai funcionar.”

Barnes chacoalhou a cabeça apreciando a minha performance.

“Você pode ser um cara esperto”, falei e vi ele concordar com a cabeça. “Pode ser um homem educado. Talvez tenha até um diploma universitário.”

O riso falhou de leve no rosto dele. Gostei disso.

“Mas nada que fizer vai funcionar.” Ele soltou o binóculo e ficou me encarando. Não porque queria me ver, mas porque queria que eu visse ele. O rosto dele era uma pedra. “Acredite em mim, senhor Pós-Graduado”, falei.

Ele ficou parado com os olhos soltando fogo através dos 200 metros que nos separavam. Então vi ele gritar algo e colocar o telefone de novo no ouvido.

“Ouça aqui, seu merdinha, não ligo se você vai sair daí ou não. E se você sair, não me interessa se vai ser andando, em um saco mortuário ou em vários saquinhos pequenos. Mas vou te avisar, Lang...” Ele pressionou o telefone de encontro à boca e pude ouvir o cuspe em sua voz. “É melhor não se intrometer no progresso. Entendeu o que eu falei? O progresso é algo que você apenas deixa acontecer.”

“Com certeza”, disse Ricky.

“Com certeza”, disse Barnes.

Eu o vi olhar para o lado e concordar com a cabeça.

“Olhe para a direita, Lang. No Toyota azul.”

Fiz o que ele falou, e uma janela apareceu na minha linha de visão. Mantive o binóculo nela.

Naimh Murdah e Sarah Woolf estavam lá, nos bancos da frente do Toyota, tomando algo quente em canecas de plástico. Esperando o pontapé inicial da final do campeonato. Sarah olhava para baixo, para alguma coisa ou pro nada, e Murdah olhava a si mesmo no espelho retrovisor. Ela não pareceu ligar para o que viu.

“O progresso, Lang”, disse Barnes. “O progresso é bom pra todo mundo.”

Ele fez uma pausa e eu virei o binóculo de novo, a tempo de ver que ele sorria.

“Olha”, falei. Colocando uma certa preocupação na minha voz, “deixa eu falar com ela?”

Pelo canto do olho eu vi Francisco se endireitar em sua cadeira. Eu tinha de lidar com ele, mantê-lo focado, então afastei o fone do ouvido e sorri nervosamente por cima do ombro.

“É a minha mãe”, falei. “Está preocupada comigo.”

Nós dois rimos daquilo.

Voltei a olhar pelo binóculo e vi que agora Barnes estava do lado do Toyota. Dentro, Sarah estava com o telefone e Murdah tinha virado de lado para olhar para ela.

“Thomas?”, ela falou. A voz dela saiu baixa e doente.

“Oi”, falei.

Ouve uma pausa, na qual trocamos um ou dois pensamentos interessantes através da linha que chiava, e então ela falou: “Estou esperando por você.”

Era o que eu queria ouvir.

Murdah disse algo que não consegui entender e então Barnes esticou a mão e pegou o telefone.

“Não temos tempo para isso, Tom. Pode falar o quanto quiser depois que sair daí.” Ele sorriu. “Então, quer falar mais alguma coisa, Thomas? Uma palavra, talvez? Uma palavrazinha como sim ou não?”

Fiquei ali parado vendo Barnes me ver e esperei o máximo que pude. Queria que ele sentisse o peso da minha decisão. Sarah estava esperando por mim.

Por favor, Deus, isso tem de funcionar.

“Sim”, falei.

# vinte e cinco

*Tome cuidado com essa coisa,  
porque ela é muito grudenta.*

VALERIE SINGLETON

**Convenci** Francisco a segurar nossa declaração mais um pouco.

Ele queria que ela já fosse entregue e liberada, mas falei pra ele que mais algumas horas de incerteza não fariam mal para a gente. Assim que soubessem quem nós éramos e soubessem nossos nomes, a história poderia esfriar um pouco. Mesmo que houvesse fogos depois, o mistério já teria acabado.

“Apenas mais algumas horas”, falei pra ele.

Então esperamos durante a noite, nos revestando nas diferentes posições de guarda.

O telhado era a posição menos popular, porque era frio e solitário, por isso ninguém ficava nele mais de uma hora. Fora isso, a gente comeu, conversou, ficou em silêncio, e pensamos em nossas vidas e como elas nos trouxeram aqui, fôssemos captores ou reféns.

Eles não mandaram comida para a gente à noite, mas Hugo achou pães de hambúrguer congelados na cantina, então os colocamos na mesa de Beamon para que descongelassem e nos estimulassem e o que quer mais que conseguíssemos pensar em fazer com eles.

Os reféns cochilavam e ficavam de mãos dadas a maior parte do tempo. Francisco tinha pensado em separá-los e espalhá-los pelo prédio, mas, no fim, decidiu que aquilo só daria mais trabalho de vigilância, e ele provavelmente tinha razão. Aliás, Francisco estava acertando em muitas coisas. E ouvindo conselhos também, o que era uma boa mudança. Imagino que não existem muitos terroristas no mundo que têm tanta experiência em situações com reféns que podem se dar ao luxo de serem dogmáticos e dizer “não, o jeito de fazer isso é assim”. Francisco estava em

águas desconhecidas do mesmo jeito que a gente, e isso, de alguma forma, fez dele uma pessoa melhor.

FOI APENAS DEPOIS das quatro, e eu tinha fixado esse horário para estar lá em baixo, no térreo, com Latifa, que Francisco desceu as escadas com nossa declaração para a imprensa nas mãos.

“Lat”, ele falou com um sorriso charmoso, “vá contar ao mundo sobre nós”.

Latifa devolveu o sorriso, excitada por nosso irmão mais velho inteligente ter conferido essa honra a ela, mas não querendo demonstrar demais isso. Ela pegou o envelope e assistiu de forma amorosa ele subir de volta pelas escadas.

“Eles estão esperando por você”, ele continuou sem se virar. “Entregue para eles e diga que a mensagem deve ir direto para a CNN e mais ninguém, e que se eles não lerem palavra por palavra na TV, haverá algumas mortes de americanos aqui dentro.” Ele parou ao chegar no meio da escada e se virou para nós: “Cubra ela direito, Ricky.”

Concordei com a cabeça e fiquei olhando-o subir, e então Latifa suspirou. Que homem, ela estava pensando. É o meu herói, e ele me escolheu.

É claro que a verdadeira razão para Francisco escolher Latifa é que ele sabia que as chances de uma invasão poderiam diminuir um pouco se os galantes policiais marroquinos soubessem que tínhamos uma mulher no grupo. Mas eu não queria estragar o momento dela falando isso.

Latifa se virou e olhou para as portas principais, apertando o envelope e piscando com as luzes brilhantes das equipes de TV. Ela passou a mão no cabelo.

“Fama, finalmente”, falei, e ela fez uma careta pra mim.

Ela foi até a mesa da recepção e começou a arrumar sua camisa, olhando o reflexo no vidro. Fui atrás dela.

“Eu ajudo”, falei e peguei o envelope dela e a ajudei a arrumar o colarinho da camisa de um jeito bacana. Tirei o cabelo dela de trás das orelhas e tirei um pedaço de algo que ela tinha na bochecha. Ela ficou ali parada e me deixou fazer essas coisas. Não como uma intimidade. Foi mais como um boxeador em seu canto, sendo preparado para o próximo assalto

enquanto os segundos passam e o esfregam, massageiam, enfeitam e enxaguam.

Peguei o envelope do meu bolso e dei para Latifa enquanto ela respirava fundo algumas vezes. Botei a mão em seu ombro e apertei de leve.

“Você vai ficar bem.”

“Nunca apareci na TV antes”, ela disse.

ALVORADA. NASCER DO SOL. Amanhecer. Todas as anteriores.

Ainda havia uma escuridão no horizonte, mas já com uma mancha laranja nele. A noite estava encolhendo de volta para a o chão enquanto o sol lutava para colocar uma mão nos limites do horizonte.

A maioria dos reféns estava dormindo. Eles se aproximaram mais uns dos outros durante a noite, porque ficou mais frio do que todos tinham pensado, e não havia mais pernas esticadas até os limites do tapete.

Francisco parecia cansado enquanto segurava o telefone para mim. Ele estava com os pés sobre a mesa de Beamon e assistia à CNN com o som bem baixinho, em respeito a Beamon, que dormia.

Também estava cansado, claro, mas tinha um pouco mais de adrenalina correndo em meu sangue naquele momento. Peguei o fone e coloquei no ouvido.

“Sim?”

Alguns barulhos eletrônicos. E depois Barnes.

“Este é seu despertador das 5h30”, ele falou com um sorriso na voz.

“O que você quer?”, falei e percebi na hora que tinha sido com sotaque britânico. Olhei para o Francisco, mas ele não parecia ter percebido. Então voltei para a janela e ouvi Barnes durante um tempo e, quando ele terminou, respirei fundo, desesperadamente esperançoso e não ligando a mínima, sentindo essas duas coisas ao mesmo tempo.

“Quando?”, perguntei.

Barnes riu. Eu também ri e não usei qualquer sotaque desta vez.

“Cinco minutos”, ele falou e desligou.

Quando me virei para a sala, Francisco estava me encarando. Os cílios dele pareciam mais compridos do que nunca.

Sarah está esperando por mim.

“Eles vão mandar café da manhã pra gente”, falei, usando todo o meu sotaque de Minnesota dessa vez.

Francisco apenas concordou com a cabeça.

O sol vai nascer em breve, se levantando aos poucos através da janela. Deixo os reféns, Beamon e Francisco que está hipnotizado pela CNN. Saio do escritório e pego o elevador até o teto.

Três minutos depois, 47 faltando, e as coisas estão o mais prontas que poderiam estar. Começo a descer até o térreo pelas escadas.

Corredor vazio, escadas vazias, estômago vazio. O sangue em meus ouvidos é barulhento, muito mais do que o som dos meus pés no carpete. Paro no segundo andar e olho para a rua.

Ótima audiência para esta hora da madrugada.

EU ESTAVA PENSANDO no que vinha pela frente e por isso me esqueci do agora. O presente ainda não tinha acontecido, não estava acontecendo, apenas o futuro existia. Vida e morte. Vida ou morte. Você percebe que estas são coisas grandes, não? Muito maiores do que passos, que são coisas minúsculas, se comparados ao esquecimento.

Eu tinha descido metade da escada e acabado de chegar ao mezanino quando ouvi os passos e percebi o quanto estavam errados – errados porque eram passos que corriam, e ninguém deveria estar correndo naquele prédio. Não naquela hora. Não faltando apenas 46 minutos.

Benjamin apareceu do canto do corredor e parou.

“E aí, Benji?”, falei, o mais tranquilo que consegui.

Ele me encarou por um momento. Respiração pesada.

“Onde caralho você estava?”, falou.

Eu franzi a testa.

“No teto. Eu fui...”

“Latifa está lá no teto”, ele me interrompeu.

Nos encaramos. Ele respirava pela boca, em parte pelo esforço, em parte pela raiva.

“Bom, Benji, fui falar para ela descer até o térreo. Vamos ter café da manhã...”

E então, em um movimento raivoso, ele levou a Steyr ao ombro e encostou a bochecha no cabo, com suas mãos abrindo e fechando ao segurar a arma preparada.

Mas o cano da arma tinha desaparecido.

Como isso poderia ter acontecido, pensei? Como o cano de uma Steyr, 420 milímetros de tamanho, seis estrias e com giro para a direita – como poderia desaparecer?

Bom, é claro que não poderia e não desapareceu.

Esse era só o meu ponto de vista.

“Seu bastardo de merda”, ele disse.

Fiquei ali parado olhando para um buraco negro.

Faltavam 45 minutos, e aquele, vamos falar sério, era o pior momento de todos para o Benjamin resolver falar de um assunto grande, intenso e importante como traição. Sugeria a ele, ponderadamente, eu imagino, que poderíamos falar sobre aquilo mais tarde: mas Benjamin achava que aquela era a melhor hora.

“Seu bastardo de merda”, foi o argumento dele.

UMA PARTE DO problema é o fato de Benjamin nunca ter confiado em mim. E foi exatamente o que moveu a coisa. Ele suspeitou de mim desde o começo e queria que eu soubesse daquilo naquele instante, para o caso de eu sentir vontade de discutir com ele.

“Tudo começou”, ele me conta, “com meu treinamento militar.”

“É mesmo, Benji?”

“É mesmo.”

Benjamin ficava acordado à noite, olhando para o teto de sua tenda e imaginando como um retardado de Minnesota tinha aprendido a desmontar uma M16, vendado, e na metade do tempo de todos os outros. A partir daí, aparentemente, ele começou a duvidar do meu sotaque e dos meus gostos para roupa e música. E como o Land Rover ficava com tanta quilometragem quando eu só tinha saído para tomar uma cerveja?

Tudo isso é trivial, claro, e até agora Ricky poderia rebater as acusações tranquilamente.

Mas a outra parte do problema – a maior parte naquele momento – é que Benjamin estava na linha e ouvindo minhas conversas com Barnes.

Quarenta e um minutos.

“E O QUE faremos, Benji?”, falei.

Ele apertou o rosto mais ainda contra a arma, e acho que consegui ver o dedo dele ficando mais nervoso no gatilho.

“Você vai atirar em mim?”, falei. “Agora? Vai puxar esse gatilho?”

Ele passou a língua nos lábios. Ele sabia o que eu estava pensando.

Ele se contraiu um pouco e então afastou a cabeça da arma, mantendo seus grandes olhos em mim.

“Latifa”, ele chamou por cima do ombro. Alto. Mas não o suficiente. Ele parecia estar com problemas com a voz.

“Se eles ouvirem tiros, Benji, vão pensar que você matou um refém. E vão invadir o prédio e matar a todos nós.”

A palavra “matar” acertou ele, e por um momento eu achei que ele fosse atirar.

“Latifa”, ele fala de novo, mais alto desta vez e tem que ser agora. Não posso deixar ele gritar de novo. Começo a me mexer, bem devagar, em direção a ele. Minha mão esquerda está leve e solta, o máximo que uma mão pode ficar.

“Para um monte de gente lá fora, Benji”, falei enquanto me movia, “um tiro é tudo que eles querem de nós agora. Você vai dar isso a eles?”

Ele passa a língua nos lábios novamente. Uma. Duas vezes. E vira a cabeça para a escada.

Eu seguro o cano com a mão esquerda e empurro com força mais ainda no ombro dele. Não tinha escolha. Se puxasse a arma dele, o gatilho seria puxado e eu seria empurrado. Então empurro pra cima dele e para o lado, e quando seu rosto se vira para mim eu dirijo meu punho direito de baixo para cima direto no nariz de Benjamin.

Ele cai como uma pedra – mais rápido do que uma pedra, como se uma força enorme o empurrasse para baixo – e por um momento eu acho que posso ter matado Benjamin. Mas então, sua cabeça começa a se mexer de um lado para o outro e o sangue começa a borbulhar de sua boca.

Tiro a Steyr dele e aciono a trava de segurança, bem na hora em que Latifa grita da escada.

“Fala.”

Posso ouvir os passos dela subindo as escadas agora. Nem rápidos e nem lentos.

Olho para Benjamin.

Isto é democracia, Benji, um homem contra muitos.

Latifa termina de subir a escada e vira a esquina do corredor com a Uzi ainda pendurada no ombro dela.

“Jesus”, ela fala quando vê o sangue. “O que aconteceu?”

“Não sei”, respondo, sem olhar para ela. Estou inclinado sobre o Benji, examinando ele ansiosamente. “Acho que ele caiu.”

Latifa passa por mim e se agacha ao lado dele e, quando ela faz isso, olho para o meu relógio.

Trinta e nove minutos.

Latifa se vira e olha para mim.

“Eu cuido disto. Vá ficar na entrada principal, Ricky.”

E é o que faço.

Desço até o térreo, ando até a entrada, desço os degraus e ando até o cordão de isolamento da polícia.

Minha cabeça está quente na hora que chego lá, porque estou com minhas mãos levantadas e colocadas atrás dela.

NÃO É SURPRESA que me revistem como se estivessem fazendo uma prova de revista. Para entrar na Escola Real de Revista. Da cabeça aos pés, boca, ouvidos, saco e solas dos sapatos. Cinco vezes. Eles rasgam a maior parte das minhas roupas e me deixam parecendo um presente de Natal aberto.

Eles demoraram 16 minutos.

E me deixaram mais cinco encostado na lateral de um carro de polícia com os braços e as pernas abertos enquanto gritavam e empurravam uns aos outros. Eu fiquei olhando para o chão. Sarah estava me esperando.

Cristo, é bom que ela esteja mesmo.

Mais um minuto se passou, mais gritaria, mais empurrões e comecei a olhar em volta pensando que, se nada mudasse logo, eu teria de fazer algo para as coisas mudarem. Maldito Benjamin. Meus ombros começaram a doer por causa do peso de ficar encostado com os braços abertos e estendidos.

“Bom trabalho, Thomas”, disse uma voz.

Olhei para a esquerda, por baixo do meu braço, e vi um par de botas Red Wing. Um pé no chão e o outro em um um ângulo reto que permitia à ponta do pé estar enterrada no chão. Levantei a cabeça devagar e achei o resto de Russell Barnes.

Ele estava encostado na porta do carro, sorrindo e oferecendo seu maço de Marlboro para mim. Usava uma jaqueta de aviador de couro com o

nome Connor costurado sobre o peito esquerdo dele. Quem diabos era Connor?

Os homens da revista tinham se afastado um pouco, mas só um pouco, em respeito a Barnes. Muitos deles continuavam me encarando, pensando que talvez tivessem deixado algo passar.

Fiz que não com a cabeça para os cigarros.

“Me deixe vê-la”, falei.

Porque ela estava esperando por mim.

Barnes ficou me olhando por um instante e então sorriu de novo. Ele estava se sentindo bem, relaxado e solto. Fim do jogo, ele pensava.

Ele olhou para a esquerda.

“Claro”, falou.

Ele se afastou casualmente do carro, fazendo com que o metal que estava amassado pelo seu corpo pulasse, e fez um gesto para que eu o seguisse. O mar de camisas apertadas e óculos escuros se abriu enquanto caminhávamos devagar até o Toyota azul.

À nossa esquerda, atrás de uma cerca de aço, estavam as equipes de televisão com seus cabos enrolados nos pés e suas luzes brancas azuladas ainda incomodando o pouco da noite que tinha sobrado. Alguns câmeras viraram para mim enquanto eu caminhava, mas a maioria continuou filmando o prédio.

A CNN parecia ter a melhor posição.

MURDAH SAIU PRIMEIRO do carro, enquanto Sarah continuava sentada e esperando, olhando pela janela do carro, com as mãos uma sobre a outra e as duas sobre a coxa. Chegamos até a uns dois metros de distância antes que ela olhasse para mim e tentasse sorrir.

“Estou esperando por você, Thomas.”

“Senhor Lang”, disse Murdah, vindo por trás do carro e ficando entre mim e Sarah. Ele usava um sobretudo cinza-escuro e uma camisa branca, sem gravata. O brilho da testa dele parecia mais apagado do que eu me lembrava, e havia uma barba a fazer começando a aparecer em seu rosto, mas fora isso ele estava bem.

E por que não estaria?

Ele me encarou por um segundo ou dois e então fez um rápido e satisfeito aceno de cabeça, como se eu não tivesse feito nada mais do que

cortar a sua grama por um preço razoável.

“Ótimo”, ele falou.

Eu também o encarei. Um olhar vazio, pois não queria mostrar nada a ele naquele momento.

“O que é ótimo?”, perguntei.

Mas ele olhava por cima do meu ombro, fazendo algum sinal, e senti movimento atrás de mim.

“Vejo você por aí”, disse Barnes.

Me virei e vi que ele estava se afastando, andando casualmente de costas em um estilo solto que dizia “vou sentir sua falta”. Quando nossos olhos se encontraram, ele fez uma pequena e irônica saudação, se virou e foi em direção a um jipe militar, parado perto do fim do monte de veículos que ali estavam. Um homem loiro em roupas civis ligou o motor quando ele se aproximou, então tocou a buzina duas vezes para abrir caminho. Me virei para Murdah.

Ele me examinava agora, mais de perto, com uma visão mais profissional. Como um cirurgião plástico.

“O que é ótimo?”, perguntei de novo e esperei que a pergunta viajasse a enorme distância que existia entre nossos mundos.

“Você fez o que eu desejei que fizesse”, ele finalmente respondeu. “Como eu previ.”

Ele fez outro aceno com a cabeça. Uma esticadinha aqui, um puxão ali – sim, acho que podemos fazer umas coisas no seu rosto.

“Algumas pessoas, senhor Lang, alguns amigos meus, disseram que você seria um problema. Que era um homem que poderia não dançar a música.” Ele respirou bem fundo. “Mas eu tinha razão. E isso é ótimo.”

Então, ainda olhando para o meu rosto, ele deu um passo de lado e abriu a porta do passageiro do Toyota.

Olhei Sarah girar de lado devagar e sair do carro. Ela se endireitou, com os braços cruzados como se estivesse se protegendo do frio da madrugada, e levantou o rosto para mim.

Estávamos tão perto.

“Thomas”, ela falou, e por um segundo me permiti mergulhar fundo nos olhos dela e tocar o que quer que fosse que tinha me levado até ali. Eu nunca me esqueceria daquele beijo.

“Sarah”, falei.

Fui em direção a ela e a abracei – protegendo, embrulhando, escondendo ela de tudo e de todos – e ela só ficou ali parada, mantendo os braços cruzados.

Então soltei minha mão direita, abaixei e a coloquei entre nossos corpos, bem entre nossas barrigas, sentindo, procurando o contato.

E toquei. E peguei.

“Adeus”, sussurrei.

Ela levantou a cabeça para me olhar.

“Adeus”, ela falou.

O metal estava quente por causa do contato com o corpo dela.

Soltei-a e me virei, devagar, para Murdah.

Ele falava calmamente em um celular, olhando para mim e sorrindo, com a cabeça tombada um pouco para o lado. Quando viu a expressão no meu rosto, percebeu que havia algo de errado. Ele deu uma olhada para minha mão e o sorriso sumiu de seu rosto como um carro de corrida acelerando.

“Jesus Cristo”, disse uma voz atrás de mim, e imagino que mais alguém tinha visto a arma também. Mas eu não podia ter certeza, pois agora olhava ferozmente nos olhos de Murdah.

“Acabou”, falei.

Ele me encarou também, baixando o telefone celular.

“Acabou”, falei de novo. “Nada de música.”

“O que... o que você está dizendo?”, ele perguntou.

Ele ficou ali parado, olhando para a arma, e o que estava acontecendo, a beleza do nosso pequeno cenário, se espalhou como ondas em um mar de camisas apertadas.

“A expressão é dançar *conforme* a música”, falei.

# vinte e seis

*O sol já colocou seu chapéu,  
Hip hip hurra.*

L. ARTHUR ROSE E DOUGLAS FURBER

## Estamos de volta ao teto do consulado.

O sol já está colocando a cabeça para fora do horizonte, evaporando a escuridão em uma tira de névoa, e penso comigo que, se eu fosse o responsável, mandaria o helicóptero decolar agora. O sol é tão forte, tão brilhante e tão cegante que, pelo que sei, o helicóptero pode até já estar no céu – poderiam ter uns cinquenta helicópteros voando a uns 20 metros acima e se escondendo de mim por causa do sol, me assistindo a desembulhar meus dois pacotes de papel marrom e a prova de gordura.

O único detalhe, é óbvio, é que eu os ouviria.

Eu acho.

“O QUE VOCÊ quer?” perguntou Murdah.

Ele está atrás de mim, por volta de uns seis metros. Algemei-o à saída de incêndio enquanto cumpria minhas tarefas, e parecia que ele não estava gostando muito daquilo. Ele parece agitado.

“O que você quer?”, ele grita.

Eu não respondo, e por isso ele continua gritando. Não palavras. Ou pelo menos nenhuma que eu conheça. Assobio algumas notas de algo para bloquear o barulho e continuo ligando a peça A ao conector B, verificando se o cabo C não está atrapalhando o suporte D.

“O que quero”, acabei falando, “é que você veja ele chegando. Só isso.”

Virei para olhar pra ele, ver o quão mal estava se sentindo. Muito mal, e descobri que eu não ligava nem um pouco.

“Você é louco”, ele gritou, batendo seus pulsos. “Eu estou aqui, está vendo?”, ele riu, ou quase riu, pois não conseguia acreditar no quanto eu

sou idiota. “Eu estou aqui. O Pós-Graduado não vem porque eu estou aqui.”

Eu me virei novamente e olhei para a grande parede de luz solar.

“Bom, espero que não, Naimh”, falei. “Espero que você tenha direito a mais do que um voto.”

Houve uma pausa e, quando me virei para ele, vi que o brilho tinha se transformado em uma carranca.

“Um voto”, ele repetiu em uma voz calma.

“Um voto”, falei de novo.

Murdah me olhou com cuidado.

“Não entendo você”, ele falou.

Então, respirei fundo e tentei explicar para ele como as coisas funcionavam.

“Você não é um vendedor de armas, Naimh. Não mais. Eu tirei este privilégio de você. Por causa dos seus pecados. Você não é rico, não é poderoso, não tem conexões e não é membro do Clube Garrick.” Aquilo combinava com ele, então talvez ele nem tenha sido membro mesmo. “Neste momento você é apenas um homem. Como o resto de nós. E como um homem você tem direito a apenas um voto. Às vezes, nem isso.”

Ele pensou com cuidado antes de responder. Ele sabia que eu estava bravo e que precisaria ir com calma comigo.

“Não entendo o que quer dizer”, ele falou.

“Entende, sim”, falei. “Você só não sabe se *eu sei* o que estou dizendo.” O sol subiu mais um pouco, ficando na ponta dos pés para conseguir ver a gente melhor. “Estou falando das outras 26 pessoas que vão ganhar algo diretamente com o sucesso do Pós-Graduado, e das centenas, talvez milhares de pessoas que ganham indiretamente. Pessoas que trabalharam e fizeram *lobby* e subornaram, e ameaçaram e até mesmo mataram para chegar assim tão perto. Todos eles têm direito a voto. Barnes está falando com eles neste momento, perguntando sim ou não, e quem pode dizer o que eles vão decidir?”

Murdah estava imóvel agora, com olhos e boca abertos, como se não estivesse gostando do gosto de algo.

“Vinte e seis”, ele repetiu bem baixo. “Como sabe esse número? Como sabe dessas coisas?”

Faço uma cara de modesto.

“Eu já fui um jornalista que cobria finanças. Durante uma hora. Um homem da Smeets Velde Kerplein seguiu o seu dinheiro para mim. E me falou muitas coisas.”

Ele baixou o olhar, se concentrando. Seu cérebro o trouxe até aqui, então deve conseguir achar uma saída.

“É claro que”, falei, forçando ele de volta ao caminho, “você pode estar certo. Talvez os outros 26 decidam que não, cancelem a coisa, sei lá. Eu só não apostaria a minha vida nisso.”

Fiz uma pausa porque senti que, de um jeito ou de outro, tinha feito por merecer aquela pausa.

“Mas fico feliz em apostar a sua vida nisso”, falei.

Isso o abalou. Tirou-o de seu torpor.

“Você está louco”, ele gritou. “Sabia disso? Sabia que você está louco?”

“Certo. Ligue pra eles então. Liga pro Barnes e peça pra ele cancelar tudo. Você está no teto com um louco e é melhor cancelar a festa. Use o seu voto solitário.”

Ele negou com a cabeça.

“Eles não virão”, ele disse. E depois, em uma voz bem mais baixa, “eles não virão porque eu estou aqui.”

Dei de ombros, pois foi a única coisa que consegui pensar em fazer. É como me sinto. E é como eu me sentia sempre que estava para pular de paraquedas.

“Me diga o que você quer”, ele gritou de repente e começou a raspar o ferro da saída de incêndio com as algemas. Quando olhei de novo para trás, pude ver um sangue brilhante em seus pulsos.

Que “pena”.

“Quero assistir ao sol nascer”, falei.

FRANCISCO, CYRUS, LATIFA, Bernhard e o ensanguentado Benjamin se juntaram a nós no teto, porque era lá que as pessoas interessantes estavam agora. Eles variavam de assustados a confusos, sem conseguir pegar o fio da meada; tinham perdido o lugar deles no filme e esperavam ser chamados para um papel menor em breve.

Benjamin, nem preciso dizer, fez o máximo que pôde para envenenar os outros contra mim. Mas o máximo dele não foi o suficiente quando me

viram voltar para o consulado segurando uma arma no pescoço de Murdah. Eles acharam estranho. Peculiar. Nem um pouco consistente com as teorias extremas de Benjamin que falavam em traição.

Então, agora estavam parados diante de mim, com os olhos indo de mim para Murdah e voltando. Eles estavam sentindo o clima, enquanto Benjamin tremia pelo esforço que fazia para não atirar em mim.

“QUE MERDA TÁ acontecendo aqui, Ricky?”, pergunta Francisco.

Fico em pé devagar, sentindo coisas estralarem no meu joelho e ando para trás pra admirar o resultado dos meus esforços.

Então me viro e aponto para Murdah. Ensaiei esse discurso algumas vezes e acho que decorei a maior parte.

“Aquele homem era um vendedor de armas.” Chego mais perto de onde ele está. “O nome dele é Naimh Murdah e ele é o diretor-executivo de sete companhias diferentes, e acionista principal em outras quarenta e uma empresas. Ele tem casas em Londres, Nova Iorque, Califórnia, no sul da França, no oeste da Escócia e no norte de algum lugar, e são casas com piscina. Ele tem uma rede que no total vale um pouco mais de um bilhão de dólares”, e ao dizer isso me viro para Murdah, “e passar do bilhão deve ter sido um momento excitante, Naimh. Imagino que tenha tido bolo e tudo.” Olho para trás, para a audiência. “Mais importante do que tudo isso, para o nosso ponto de vista, é ele ser dono de mais de noventa contas bancárias, uma das quais vem pagando nossas despesas nos últimos seis meses.”

Ninguém ainda parecia animado para entrar na conversa, então resolvi atijar mais um pouco.

“Este é o homem que concebeu, organizou, armou e financiou o grupo A Espada da Justiça.”

Uma pausa.

Apenas Latifa fez um som, um pequeno som de “não acredito”, ou medo ou raiva. De resto, silêncio.

Eles ficaram olhando para Murdah durante um bom tempo, e eu fiz o mesmo. Percebi que agora ele também tinha um pouco de sangue no pescoço – talvez eu tenha pegado um pouco pesado ao trazer ele escada acima –, mas, fora isso, ele parecia bem. Por que não pareceria?

“Quanta merda”, disse Latifa.

“Tá certo”, falei. “Falei merda. É tudo mentira, senhor Murdah? Concorda com o que ela disse?”

Murdah olha para nós, tentando desesperadamente descobrir quem é o menos louco de todos.

“Concorda com o que ela disse?”, repeti.

“Somos um movimento revolucionário”, disse Cyrus, de repente, o que me fez olhar para o Francisco, pois era o trabalho dele dizer aquilo. Mas Francisco ficou carrancudo, olhando para os lados, e sei que estava pensando na diferença entre uma ação planejada e a ação de verdade. Não se parece nada com isto quando está no papel, imagino que fosse a reclamação de Francisco.

“É claro que somos”, falei. “Somos um movimento revolucionário com um patrocinador comercial, é isso. Este homem”, e apontei o mais dramaticamente que consegui para Murdah, “armou para vocês, armou pra nós, armou pro mundo, tudo para vender suas armas”. Eles balançaram. “Isso se chama marketing. Marketing agressivo. Criar uma demanda para o produto em um lugar onde antes só cresciam narcisos. É o que este homem faz.”

Eu me viro e olho para “este homem”, torcendo para que ele se entregue e diga “sim, é tudo verdade, cada palavra do que ele falou”. Mas Murdah não parece querer falar nada, e por isso temos uma longa pausa. Vários pensamentos Brownianos correndo e trombando uns com os outros.

“Armas”, Francisco acabou falando. A voz dele era baixa e calma, e ele poderia estar ligando de muito longe. “Que armas?”

Pronto. Este é o momento em que tenho de fazê-los entender e acreditar.

“Um helicóptero”, falei, e agora todos olhavam para mim. Até Murdah. “Estão mandando um helicóptero para nos matar.”

Murdah limpou a garganta.

“Não vai vir”, ele falou, não sei dizer se queria me convencer ou a ele mesmo. “Eu estou aqui, por isso ele não virá.”

Eu me virei de novo para os outros.

“A qualquer momento, um helicóptero vai aparecer daquela direção.” Apontei em direção ao sol, e percebi que Bernhard foi o único que se virou. Os outros continuaram olhando para mim. “Um helicóptero que é

menor, mais rápido e mais bem armado do que qualquer outra coisa que já tenham visto na vida. Vai estar aqui em breve e acabará com todos nós, em cima do teto. Provavelmente, destruirá o teto também, além dos próximos dois andares, porque é uma máquina de poder inimaginável.”

Outra pausa, e alguns deles olharam para os próprios pés. Benjamin abriu a boca para dizer algo ou, mais provavelmente, gritar algo, mas Francisco levantou uma mão e a colocou no ombro dele. E então olhou pra mim.

“Nós sabemos que eles vão mandar um helicóptero, Ricky”, ele falou.

Opa.

Isto não parece certo. Não parece nem remotamente certo. Olho para os outros e, quando chego em Benjamin, ele não consegue se controlar.

“Não entende, seu filho da puta de merda”, grita, e está quase rindo. “Nós conseguimos.” Ele começa a pular no lugar, e posso ver que o nariz dele começou a sangrar de novo. “Conseguimos, e sua traição não adiantou nada.”

Olho para o Francisco.

“Eles nos ligaram, Ricky. Há dez minutos.”

“E?”

Todos olham para mim enquanto Francisco fala.

“Eles vão mandar um helicóptero”, diz. “Para nos levar ao aeroporto.” Ele solta um suspiro e seus ombros se soltam um pouco. “Nós vencemos.”

Ah, caralho, penso comigo mesmo.

ENTÃO AQUI ESTAMOS, em um deserto de manta asfáltica, com alguns poucos ventiladores como se fossem palmeiras, enquanto esperamos por viver ou morrer. Um lugar ao sol ou um lugar sombrio.

Tenho de falar agora. Tentei ser ouvido umas duas vezes, mas parece que está rolando um papo meio estranho entre meus camaradas a respeito de me jogarem daqui de cima, por isso fico na minha. Mas agora o sol está perfeito. Deus conseguiu, colocou o sol em seu lugar perfeito, e agora está procurando pela máquina fotográfica na mochila dele. Este é o momento perfeito e tenho de falar.

“Então, o que acontece agora?”, falei.

Ninguém respondeu pela simples razão de que ninguém podia. Todos nós sabemos o que queremos que aconteça, mas querer não é mais o

bastante. Entre a ideia e a realidade existe uma sombra e tudo o mais. Recebo alguns olhares do todos. Absorvo os olhares.

“Vamos simplesmente ficar aqui, é isso?”

“Cala a porra da boca”, diz Benjamin.

Eu o ignoro. Preciso fazer isso.

“Esperamos aqui, no teto, pelo helicóptero. Foi o que eles pediram?” Sem respostas ainda. “Por acaso, eles pediram que ficássemos em linha e colocássemos alvos-laranja brilhantes à nossa volta?” Silêncio. “Só fico imaginando como poderíamos deixar a coisa mais fácil para eles.”

Direciono a maior parte do que estou falando para Bernhard, porque sinto que ele é o único que não tem certeza. Os outros morderam a isca. Estão excitados, esperançosos e ocupados pensando se vão sentar na janela ou não, se vai dar tempo de ir ao *free-shop* – mas, como eu, Bernhard tem virado de vez em quando e olhado para o sol, talvez pensando que este seria de fato um bom momento para alguém atacar. Este é o momento perfeito e Bernhard está se sentindo vulnerável aqui em cima.

Me viro para Murdah.

“Fala pra eles.”

Ele faz que não com a cabeça. Não é uma negação. Apenas confusão, medo e outras coisas mais. Dou alguns passos em direção a eles, o que faz Benjamin socar o ar com a Steyr.

Tenho de continuar.

“Diga pra eles que eu falei a verdade. Diga a eles quem você é.”

Ele fecha os olhos por um momento e depois os abre bem abertos. Talvez ele esperasse encontrar gramados verdes e serviços de terno branco ou o teto de um de seus banheiros; quando tudo que ele vê é um monte de pessoas sujas, famintas, assustadas e armadas, ele se encolhe e encosta no parapeito.

“Você sabe que estou certo. O helicóptero está vindo. Você sabe o que ele vai fazer. O que vai acontecer. Você precisa contar pra eles.” Dou mais alguns passos. “Conte pra eles o que aconteceu e por que eles vão morrer. Use o seu voto.”

Mas Murdah está exausto. Seu queixo está encostado no peito e seus olhos se fecharam de novo.

“Murdah...”, começo, e então paro porque alguém fez um silvo curto. Foi Bernhard, e ele está parado, olhando para o chão, com a cabeça inclinada para um lado.

“Estou ouvindo”, ele falou.

Ninguém se mexeu. Estávamos congelados.

E então eu também ouvi. E depois Latifa e então Francisco.

Uma mosca lá longe voando dentro de uma garrafa lá longe.

Murdah ouviu também, ou acreditou que estávamos ouvindo. O queixo dele levantou e os olhos se abriram de novo.

Mas não posso mais esperar por ele. Ando até o parapeito.

“O que está fazendo?”, Francisco pergunta.

“Aquela coisa vai matar a gente”, falei.

“Ela vai nos resgatar, Ricky.”

“Matar, Francisco.”

“Seu cuzão do caralho”, gritou Benjamin. “Que porra está fazendo?”

Todos me observavam agora. Ouvindo e observando. Porque cheguei na minha pequena tenda armada de papel marrom à prova de gordura e descobri os tesouros que se encontravam dentro dela.

O JAVELIN FEITO pelos britânicos é um sistema de mísseis portátil, leve e automático do tipo terra-ar e de médio alcance. Ele tem um motor de combustível sólido com dois estágios, o que dá a ele um alcance de cinco a seis quilômetros, pesa 60 e poucos quilos no total e pode vir na cor que você escolher, desde que você escolha verde-oliva.

O sistema tem duas peças, o cano de lançamento que contém o míssil e a outra é o sistema semiautomático de controle do alvo, que tem vários componentes eletrônicos muito pequenos, muito espertos e muito, muito caros dentro dele. Quando montado, o Javelin é capaz de fazer um trabalho excelente.

Ele derruba helicópteros.

É por isso que quis um destes, entendeu? Bob Rayner teria conseguido uma empregada, um secador de cabelo ou um BMW conversível pra mim se eu pagasse o que ele queria.

Mas disse a ele não, Bob. Não quero essas coisas tentadoras. Quero um brinquedo grande. Quero um Javelin.

Esse modelo em particular, segundo o Bob, caiu da traseira de um caminhão que partia de um teste de artilharia do exército, perto de Colchester. Você pode estar imaginando como algo assim pode acontecer nos dias de hoje, com máquinas computadorizadas, receptores e guardas nos portões – mas acredite, o exército não é diferente de uma loja muito grande. Coisas que somem do estoque são um problema constante.

O Javelin foi removido do caminhão por alguns amigos de Rayner, que o transferiram para um micro-ônibus VW onde ele ficou, graças a Deus, até terminar sua viagem de 22 mil quilômetros até Tânger.

Não sei se a dupla que dirigia sabia que ele estava lá. Só sei que eram da Nova Zelândia.

“PARE DE MEXER com isso”, gritou Benjamin.

“Ou o quê?”, respondi.

“Ou eu te mato, caralho”, ele gritou, se movendo mais pro canto do teto.

Houve uma pausa recheada de zumbidos. A mosca da garrafa estava ficando nervosa.

“Não ligo”, falei. “Não ligo mesmo. Se parar o que estou fazendo, morrerei do mesmo jeito. Então vou continuar, obrigado.”

“Chico”, gritou Benjamin, desesperado. “Nós ganhamos. Você disse que ganhamos.” Ninguém respondeu, então ele começou a pular de novo. “Se ele atirar no helicóptero, eles vão matar todos nós.”

Há mais gritos agora. Muito mais. Mas é difícil dizer de quem, pois o zumbido está ficando mais alto e começa a parecer um barulho. Um barulho que vem do sol.

“Ricky.” Era Francisco, e percebi que ele estava bem atrás de mim agora. “Pare com isso.”

“Ele vem pra nos matar, Francisco.”

“Pare agora, Ricky. Vou contar até cinco. Ou você para ou eu atiro. Tô falando sério.”

E acho que ele estava mesmo falando sério. Acho que ele acreditava no que estava dizendo, que o bater das asas era a redenção, e não a morte.

“Um”, ele começou.

“Agora é com você, Naimh”, falei, ajustando meu olhar para ver o máximo possível a minha volta. “Conte pra eles a verdade. Conte o que

essa máquina é e o que ela vai fazer.”

“Ele vai nos matar”, gritou Benjamin, e acho que consigo vê-lo pulando em algum lugar à minha esquerda.

“Dois”, disse Francisco. Liguei o sistema de controle de alvo. O zumbido sumiu, afogado pelo som de baixa frequência emitido pelo helicóptero. Notas graves. O bater de asas.

“Conte pra eles, Naimh. Se atirarem em mim, todos vão morrer. Conte pra eles a verdade.”

O sol cobria o céu, branco e cruel. Só havia o céu e o barulho.

“Três”, disse Francisco, e de repente tem algo de metal atrás da minha orelha. Poderia ser uma colher, mas eu não apostaria nisso.

“Sim ou não, Murdah? O que vai ser?”

“Quatro.”

O barulho está muito alto agora. Tão alto quanto o sol.

“Mate-o”, diz Francisco.

Mas não era Francisco. Era Murdah. E ele não estava dizendo, estava gritando. Ele estava se cortando com as algemas, sangrando, gritando, pulando e chutando a volta do espaço em que estava. E acho que Francisco começou a gritar com ele, dizendo pra calar a boca, enquanto Bernhard e Latifa gritavam um com o outro, ou comigo.

Acho, mas não tenho certeza. Eles todos começaram a desaparecer, entende? Sumindo e me deixando em um mundo silencioso.

Porque agora eu já podia ver.

PEQUENO, PRETO, RÁPIDO. Podia ser um inseto na frente da mira.

O Pós-Graduado.

Foguetes Hydra, mísseis ar-terra Hellfire, metralhadoras calibre .50, velocidade de 650km/h se precisasse. Apenas uma chance.

Vai vir e escolher seus alvos. Não tem nada a temer de nós. Um bando de terroristas doidos atirando com suas armas automáticas. Não acertariam nem a porta do celeiro.

Enquanto o Pós-Graduado poderia destruir o andar inteiro de um prédio apenas com o apertar de um botão.

Apenas uma chance.

Sol do caralho. Me queimando, queimando a minha visão do que vem aí.

Lágrimas se formam nos meus olhos por causa do brilho da imagem que estou vendo, mas os mantenho abertos.

“Larga isso”, Benjamin está falando. Gritando no meu ouvido, há muitos quilômetros de distância. “Larga isso.”

Jesus, ele é rápido. Vem rasgando por cima dos outros prédios, deve estar a 800 metros.

Seu bastardo de merda.

Algo frio e duro no meu pescoço. Alguém está mesmo tentando me fazer parar. Apertando um cano no meu pescoço.

“Vou atirar e te matar”, gritava Benjamin.

Remova a cobertura de segurança e deixe o gatilho preparado. O seu Javelin está armado, cavalheiro.

Engasgar no tiro.

Larga isso.

O TETO DO prédio explodiu. Simplesmente se desintegrou. E então, uma fração de segundo depois, veio o som do disparo. Um incrível e ensurdecedor barulho de fazer qualquer um tremer. Pedacos de pedra voaram para todos os lados, cada um tão mortal quanto o tiro que os fez voar. Poeira, violência e destruição. Estremeci e me virei. As lágrimas caíram dos meus olhos agora que eu não olhava mais para o sol.

Ele tinha dado seu primeiro passo. A uma velocidade incrível. Mais rápido do que tudo que já vi, a não ser um caça. E a volta que ele fazia era inacreditável. Reduzia a velocidade e girava. Está indo para um lado, gira e já vem pro outro lado. Nada entre uma coisa e outra.

Eu podia sentir o cheiro de fumaça que saía dele.

Levantei o Javelin e, ao fazer isso, vi a cabeça e os ombros de Benjamin a dez metros de mim. Não tenho ideia de onde estava o resto dele.

Francisco gritava para mim de novo, mas agora era em espanhol, e nunca vou saber o que ele queria dizer.

Lá vem ele. Quatrocentos metros.

E dessa vez eu realmente podia ver ele.

AGORA O SOL estava atrás de mim, subindo, acelerando para o céu, brilhando com força total em cima do pequeno embrulho preto de ódio que vinha em nossa direção.

Alças de mira. Pontinho preto.

Voando direto para nós. Sem manobras evasivas. Pra que se incomodar? Um bando de terroristas loucos, nada a temer deles.

Posso ver o rosto do piloto. Não pela mira, claro. Na minha cabeça. Desde seu primeiro passo, posso ver a imagem de seu rosto na minha cabeça.

Vamos lá.

Puxo o gatilho, acionando a bateria térmica e me preparando para o primeiro estágio do motor que me joga pra trás de encontro ao parapeito com a força do lançamento do foguete.

Newton, pensei.

Lá vem ele. Rápido como nunca, mais rápido do que tudo, mas desta vez consigo te ver.

Consigo ver você, seu bastardo de merda.

O segundo estágio do motor é acionado, empurrando o Javelin pra frente, afiado e impetuoso. Deixe o cão ver o coelho.

Apenas me seguro. É só o que posso fazer. Seguro as alças de mira.

A câmera da unidade de mira estuda os sinais de calor da cauda do foguete, comparando com os sinais do alvo – se houver algum erro de trajetória, um sinal é enviado para o foguete.

Tudo que tenho de fazer é me segurar nas alças de mira.

Dois segundos.

Um segundo.

A BOCHECHA DE Latifa foi cortada por algo que voou e estava sangrando bastante.

Estávamos sentados no escritório de Beamon e eu tentava estancar o sangue com uma toalha, enquanto Beamon vigiava a gente com a Steyr de Hugo.

Alguns dos outros reféns também tinham conseguido armas e estavam espalhados pela sala, olhando nervosamente pela janela. Olhei em volta para os rostos nervosos e, de repente, me senti exausto. E faminto. Avidamente faminto.

Havia um barulho no corredor. Passos. Gritos em árabe, francês e inglês.

“Pode aumentar, por favor?”, falei para o Beamon.

Ele olhou por cima do ombro para a televisão, onde uma loira falava para nós. As letras abaixo dela diziam “Connie Fairfax – Casablanca”. Ela

estava lendo alguma coisa.

Beamon foi até lá e aumentou o volume.

Connie tinha uma bela voz.

Latifa tinha um belo rosto. O sangue do corte na bochecha estava começando a parar de escorrer.

“... entregue há três horas por uma mulher jovem de aparência árabe”, Connie falou, então apareceram imagens de um pequeno helicóptero preto que parecia estar com sérias dificuldades. Ela continuou lendo.

“Meu nome é Thomas Lang”, ela falou. “Fui coagido a participar desta ação por oficiais da inteligência norte-americana, obrigado a entrar em um grupo terrorista, A Espada da Justiça.” A imagem voltou para Connie, que apertou o fone em seu ouvido.

Uma voz masculina disse: “Não são os mesmos responsáveis pelo atentado na Áustria, Connie?”

Ela respondeu que sim, era isso mesmo, apesar de ter sido na Suíça.

Ela olhou de novo para o papel.

“O grupo A Espada da Justiça é, na verdade, financiado por um vendedor de armas ocidental, em conjunto com um grupo de renegados da CIA.”

Os gritos no corredor diminuíram, e quando olhei para a porta, vi Solomon ali parado, olhando para mim. Ele acenou com a cabeça e veio avançando devagar no meio da mobília destróçada. Um grupo de camisas apertadas apareceu atrás dele.

“É verdade”, gritou Murdah, e me virei para ver o que eles tinham conseguido gravar da confissão dele no telhado. Não era muito, tenho de ser sincero. O alto de algumas cabeças e uns movimentos ocasionais. A voz de Murdah está distorcida e misturada com ruídos de fundo. Isso porque eu não consegui posicionar o microfone perto o suficiente da saída de incêndio. Mas eu sabia que era ele, o tempo todo, então os outros conseguiriam perceber também.

“O senhor Lang terminou sua declaração dando à CNN um comprimento de onda de 254.125 megahertz, a frequência de VHF da qual esta filmagem foi feita. As vozes envolvidas ainda não foram identificadas, mas parece que...”

Fiz um gesto para o Beamon. “Pode desligar agora, se quiser.” Mas ele não quis, e eu não ia discutir com ele.

Solomon se empoleirou na ponta da mesa de Beamon. Ele olhou para Latifa por um momento, e depois se virou pra mim.

“Você não devia estar cuidando de alguns suspeitos?”, falei.

Solomon deu um sorriso tímido.

“Já tem bastante gente cuidando do senhor Murdah neste momento. E a senhorita Woolf está em boas mãos. Já o senhor Russell P. Barnes...

“Ele estava pilotando o Pós-Graduado”, falei.

Solomon levantou uma sobrancelha. Bom, na verdade ele a manteve onde estava e abaixou seu corpo. Ele olhou como se não precisasse de mais surpresas hoje.

“Rusty era piloto de helicóptero em sua época de fuzileiro naval. Foi assim que se envolveu com este assunto todo.” Tirei gentilmente a toalha da bochecha de Latifa e vi que o sangramento tinha parado. “Acha que posso dar um telefonema daqui?”

VOAMOS DE VOLTA para a Inglaterra dez dias depois, em um Hércules da RAF. Os assentos eram duros, a cabine, barulhenta, e não passava qualquer filme. Mas eu estava feliz.

Estava feliz em ver Solomon dormir, largado do outro lado da cabine, usando sua capa marrom dobrada como travesseiro e com as mãos cruzadas em cima da barriga. Solomon era uma bom amigo de todas as horas, mas dormindo, eu sentia que quase amava ele.

Ou talvez eu estivesse apenas aquecendo meu mecanismo do amor para que ele ficasse pronto para alguma outra pessoa.

É, provavelmente era isso.

POUSAMOS NA BASE da RAF em Coltishall logo após a meia-noite, e um bando de carros nos seguia ansiosamente enquanto o avião taxiava na pista até o hangar. Depois de um tempo, a porta se abriu, e o ar gelado de Norfolk subiu a bordo. Respirei fundo aquele ar.

O’Neal esperava lá fora com as mãos seguras nos bolsos de seu sobretudo e seus ombros tentando proteger as orelhas. Ele sacudiu a cabeça para mim e Solomon, e o seguimos até o Rover.

O’Neal e Solomon foram na frente, e eu atrás, devagar, querendo aproveitar o momento.

“Olá”, falei.

“Olá”, respondeu Ronnie.

Houve uma daquelas pausas boas e Ronnie e eu sorrimos um para o outro e acenamos nossas cabeças.

“A senhorita Crichton queria muito estar aqui para a sua volta”, disse O’Neal, passando a luva no vidro para tentar desembaçá-lo.

“É mesmo?”, falei.

“É mesmo”, ela disse.

O’Neal ligou o motor, enquanto Solomon ligava o ar quente.

“Bom”, falei, “tudo que a senhorita Crichton quiser, com certeza ela tem de conseguir.”

Ronnie e eu continuamos sorrindo enquanto o Rover saía da base e adentrava a noite de Norfolk.

Nos seis meses que se seguiram ao evento, as vendas mundiais do sistema de míssil terra-ar Javelin aumentaram cerca de quarenta por cento.

FIM

Encontramos nesta história muito do que se vê em um episódio de *House*, o mau espírito salvador e a réplica assassina de Hugh Laurie, a serviço de uma intriga apaixonante e de um personagem que não será esquecido tão cedo. Um ator que saiba escrever bem é algo raro, mas Hugh Laurie, misturando humor com uma eficácia hollywoodiana, faz uma entrada talentosa no mundo da literatura.



[hughlaurie.net/divulgação](http://hughlaurie.net/divulgação)

**Hugh Laurie** nasceu em Oxford em 1959. Na Universidade de Cambridge, participou de uma das edições da revista acadêmica, sendo que a última delas ganhou o Perrier Award no Festival Fringe de Edimburgo em 1981.

Desde a universidade, ele tem sido escritor, ator, diretor e músico.

Em sua carreira, tem se destacado em diversos filmes como *Stuart Little*, *O homem da máscara de ferro* e *Razão e sensibilidade*.

Como protagonista da aclamada série *House*, Hugh Laurie tem conquistado milhares de fãs ao redor do mundo.

**É possível ter um caráter duvidoso**, respostas afiadas, humor destruidor e, ainda assim, ser uma pessoa genial. Hugh Laurie, formidável intérprete do Dr. House, soube se afirmar na TV e

continua seu excelente trabalho com esta história de tirar o fôlego na qual é visível todo o seu consagrado estilo.

Quando Thomas Lang, ex-militar de elite, recebe uma proposta de 100 mil dólares para assassinar um empresário norte-americano, ele decide, imediatamente, alertar a suposta vítima – uma boa ação que não ficará impune.

Em questão de horas, Lang terá de se defender com uma estátua de Buda, jogar cartas com bilionários impiedosos e colocar sua vida (entre outras coisas) nas mãos de muitas mulheres fatais, enquanto tenta salvar uma linda moça e impedir um banho de sangue mundial.

**“Como escritor, Hugh Laurie é brilhante, fascinante, envolvente e cheio de humor.”**

*NEW YORK TIMES BOOK REVIEW*

**“Uma estreia extraordinária. Thomas Lang é um James Bond dos dias atuais com humor extremamente aguçado.”**

*DAILY TELEGRAPH*